

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

VALDOMIRO DE OLIVEIRA

**O PROCESSO ENSINO-TREINAMENTO DA
TÉCNICA E DA TÁTICA NO
BASQUETEBOL DO BRASIL: UM ESTUDO
SOB A ÓTICA DE PROFESSORES DO
ENSINO SUPERIOR E TÉCNICOS DE ELITE**

VOLUME I

Campinas

2007

VALDOMIRO DE OLIVEIRA

**O PROCESSO ENSINO-TREINAMENTO DA
TÉCNICA E DA TÁTICA NO
BASQUETEBOL DO BRASIL: UM ESTUDO
SOB A ÓTICA DE PROFESSORES DO
ENSINO SUPERIOR E TÉCNICOS DE ELITE**

VOLUME I

Tese de Doutorado apresentada à Pós-Graduação da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título de Doutor em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Roberto Rodrigues Paes

Campinas

2007
VALDOMIRO DE OLIVEIRA

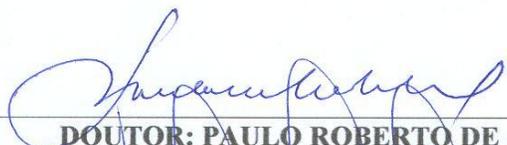
**O PROCESSO ENSINO-TREINAMENTO DA
TÉCNICA E DA TÁTICA NO BASQUETEBOL DO
BRASIL: UM ESTUDO SOB A ÓTICA DE
PROFESSORES DO ENSINO SUPERIOR E
TÉCNICOS DE ELITE**

VOLUME I

Este exemplar corresponde à redação final da Tese de Doutorado defendida por Valdomiro de Oliveira e aprovada pela Comissão julgadora em: 26/03/2007.

Prof. Doutor Roberto Rodrigues Paes
Orientador

Campinas
2007



DOUTOR: PAULO ROBERTO DE OLIVEIRA



DOUTOR: JOSÉ LUIZ LOPES VIEIRA



DOUTOR: ANTONIO CARLOS GOMES



DOUTOR: PAULO CÉSAR MONTAGNER



DOUTOR: JOÃO PAULO BORIN



DOUTOR: ROBERTO RODRIGUES PAES - ORIENTADOR

DEDICATÓRIA

“Aos meus familiares Paulo, Celeste, João, Nilza, Nilson e aos seres superiores que nos conduzem nesta vida”

“Ao meu orientador, Professor *Roberto Rodrigues Paes*, que me orientou com muita dedicação desde quando nos conhecemos no Mestrado e, posteriormente, no Doutorado, me incentivando, motivando e ensinando coisas simples que sempre acrescentaram ao meu saber pessoal e me acompanhará eternamente por onde eu andar”. Muito obrigado, *Amigo!*

“Aos estudiosos do desporto, Professores Doutores: Paulo Roberto de Oliveira, Antonio Carlos Gomes, José Luiz Lopes Vieira, Paulo César Montagner, João Paulo Borin. Acredito que temos missões importantes aqui, e percebi nesse pouco tempo de convivência que suas capacidades, aliadas às competências e serenidade que os senhores realizam seus trabalhos, me deram certeza para acreditar na Educação Física e no desporto como um aliado da vida social, me fazendo buscar dentro da alma toda a crença para nunca desistir de contribuir para o basquetebol brasileiro”.

“A todos os meus professores, e amigos que, pela convivência de muitos anos, me motivaram a cursar Educação Física e me dedicar aos cursos de Especialização, Mestrado e Doutorado, conhecendo e admirando os maestros brasileiros das ciências do desporto e realizar este trabalho com muita dedicação e tranquilidade”.

“A minha esposa Gislaine, e aos meus filhos Caio e Giovana, pelo amor que temos entre nós”

E, por fim,

“A todos os técnicos e atletas na qual conheci enquanto técnico e atleta de basquetebol. Agradeço por todos os duelos travados”.

... “Não existem fórmulas mágicas para formar equipes campeãs no basquetebol, o que pode existir são encaminhamentos científicos e muito trabalho, trabalho árduo, por parte daqueles que atuam no dia-a-dia nos treinamentos e competições. Aprendi que pessoas que compartilham um objetivo comum, com um sentido de equipe, podem chegar ao seu destino mais depressa e mais facilmente do que se fizessem sozinhas, porque elas se apóiam na confiança e na solidariedade uma das outras”.

AGRADECIMENTOS

À Universidade Estadual de Maringá e todos os professores e funcionários do Departamento de Educação Física pela convivência durante a licenciatura e posteriormente na docência.

Ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Desporto da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas e, em especial, a todos os funcionários, que me receberam com muito carinho e atenção.

Aos professores do Mestrado, em especial ao professor Miguel, Denise, pelos ensinamentos que transmitiram durante as discussões fantásticas em suas disciplinas.

Aos companheiros de orientação do professor Roberto Paes pelos momentos de discussão e aprendizagem: Wagner Bergamo, José Carlos Moreno- Cacao, Hermes Balbino, Paulo César Montagner, Laurita Schiavon, Larrissa Galati e Henrique Barcelos e todo o grupo de Pedagogia do Esporte.

Ao Prof. Dr. José Luiz Lopes Vieira, que durante o processo de doutoramento me fez compreender as novas possibilidades de orientação diante de uma Tese de Doutorado.

Aos queridos e amigos professores da velha guarda: Vanildo, Maria, Noriko, Lenamar, Wellington, Joaquim, Umeda, Fred, Carraro, Jair, Celso e Macoto, pela convivência de muitos anos e troca de conhecimentos importantes para a vida acadêmica e a todos os professores da jovem guarda, entre esses: Larrissa, Giuliano, Wilson, Ieda.

Aos companheiros do basquetebol maringaense e paranaense: Técnico Saulo e Sergio Abujanrra, Cambará, Nino, Paraná, César, Profeta, Laurindo, Primo, Claudião, Rosa, Sergio Prati, Luis Prati.

Aos comparsas do basquetebol veterano: Gê, Gilmar, Luizão, Cuculo, Heitor, Mauricio, Ricardo, Marcelo, Ogawa, pela convivência e desenvolvimento do basquetebol veterano, que dá continuidade à prática do basquetebol em âmbito nacional.

Aos amigos da jovem guarda: Eduardo, Tião, Renata, Marchi, Roger, Jéferson, Ricardinho, Rodrigo, Graziela, Palpitz e Osler, pelos maravilhosos momentos que vivemos juntos.

À família Tarnhovi: Eugenio, Terezinha, Alessandra, Elton e Evandro, pelo apoio e incentivo durante toda a minha caminhada em Maringá.

Aos amigos de apoio: Flávio, Alexandre da K2, Josias, Rodrigo da Prestel, professora Anie e professor Manoel do departamento de letras e lingüística da UEM, que colaboraram de forma decisiva para o término deste trabalho.

Aos companheiros do Mestrado: Ciro, Wilton, Cris, Fernanda, Tania Bandera, Roberto Alegria, Mauricio, Gustavo, Zé e Dê, pela amizade e momentos filosóficos, que vivemos juntos.

A todos aqueles que direta ou indiretamente estiveram ao meu lado nos momentos mais difíceis da vida.

Agradecimentos e homenagens especiais

Fica fácil tirar algumas conclusões quando se tem a possibilidade de conhecer e conviver, mesmo que por pouco tempo, com pessoas que há tempos contribuem para o desenvolvimento do basquetebol brasileiro. Entre estes, professores e técnicos que colaboraram com a minha pesquisa, meu amadurecimento humano e até por minha permanência no Mestrado e no Doutorado. Posso então lhes afirmar queridos companheiros que muitas saudades ficam expressas nessas pequenas falas e fico muito orgulhoso ao saber que muitos de vocês hoje são meus amigos. Obrigado professores e técnicos pela imensa colaboração que deram e tornaram realidade um sonho de muitos: “A união dos seus conhecimentos descritos em um trabalho científico e a contribuição do mesmo para professores e técnicos menos experientes”. E lembrando que todos vocês já deixaram em suas práticas pedagógicas nos diversos cantos do nosso País e do mundo suas idéias, ou melhor, suas teses. Assim sendo, agradeço:

Aos professores: Dante de Rose Junior; Dartagnan Pinto Guedes; Arli Ramos de Oliveira; Vagner Roberto Bergamo; Valdir Pagan Peres; Silvia Cristina Madrid Finck; Ângelo Diniz; Marcelo Bandiera Sálvio; Carlos Alberto de Oliveira; Dagmar Hunger; Mario Roberto Guarizi.

Aos técnicos: Aluisio Elias Xavier Ferreira; Antonio Carlos Barbosa; Antonio Carlos Vendramini; Maria Helena Cardoso; José Roberto Lux - Zé boquinha; Antonio José Paterniane - Tom Zé; Jorge Guerra - Guerrinha; Maria do Carmo M. Ferreira; José Alves dos Santos Neto; Flávio Davis furtado; Hélio Rubens Garcia.

E ao **Professor Moacir Daiuto** *in memoriam*. Não poderia ser diferente professor, pois, tenho certeza que se estivesse entre nós (vida terrena), estaria fazendo parte de alguma forma deste estudo. Agradeço de forma especial ao seu labor profissional enquanto em vida e seus trabalhos científicos que nos deram luz e inspiração para avançar nas pesquisas em basquetebol.

OLIVEIRA, Valdomiro de. **O processo ensino-treinamento da técnica e da tática no basquetebol do Brasil**: um estudo sob a ótica de professores do ensino superior e técnicos de elite. 2007. 357 f. Dissertação (Doutorado em Educação Física)-Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

RESUMO

O objetivo geral da pesquisa foi explorar o conhecimento acumulado de técnicos brasileiros e professores do ensino superior em relação ao processo ensino-treinamento da técnica e da tática no basquetebol do Brasil. De forma específica, buscou-se contextualizar os conteúdos e as estratégias metodológicas utilizadas por técnicos e professores do ensino superior para o processo ensino-treinamento dos fundamentos técnicos e dos sistemas defensivos e ofensivos nas diferentes categorias da formação desportiva:- pré-mini, mini, mirim, infantil, infante, cadete, juvenil e sub-21. A amostra foi constituída por 11 técnicos de basquetebol com representação em nível nacional e internacional e 11 professores universitários que atuam com basquetebol em universidades brasileiras. Como critério de seleção, os técnicos deveriam ser considerados referência no País e, para a seleção dos professores universitários, o critério foi a titulação mínima de Mestre e Doutor na área de Ciência do Desporto e/ou Mestre e Doutor que atuassem no ensino do basquetebol em universidades brasileiras. O instrumento de medida utilizado foi a entrevista embasada num questionário semi-estruturado com perguntas abertas. Os dados foram analisados de forma qualitativa, através da análise de conteúdo e descrito de forma quantitativa em nível de frequência e percentual. Os resultados mostraram que em relação ao ensino-treinamento do basquetebol na etapa de iniciação e especialização, considerando os fundamentos técnicos do jogo de basquetebol e os sistemas defensivos e ofensivos, há convergências, divergências, sob a ótica de técnicos e professores do ensino superior quanto aos conteúdos de ensino bem como as estratégias metodológicas a serem utilizadas. Por exemplo, há fortes indícios para conflitos entre os métodos de ensino dos fundamentos técnicos na iniciação, no qual os métodos analíticos sofrem críticas, enquanto os métodos de jogo parecem ser mais apropriados, principalmente para manter um maior nível de motivação dos praticantes. Já na etapa de especialização, ficou evidenciado que os exercícios produzem uma adaptação mais eficiente da técnica motora e tem maior aceitação entre os entrevistados. Em relação ao ensino-treinamento dos sistemas defensivos, pode-se confirmar que a defesa individual é a mais indicada na etapa de iniciação e, na etapa de especialização, todas as defesas equiparam-se. Com relação ao ensino-treinamento dos sistemas ofensivos, pode-se dizer que, na etapa de iniciação, deve-se evitar jogadas complexas privilegiando o ensino baseando-se nos exercícios em situações de jogo. Contudo, na etapa de especialização, há de se firmar as qualidades de conjunto com a utilização de estratégias mais complexas. Com base nos resultados do estudo, podem-se tecer algumas considerações: o ensino do basquetebol deve ser concebido num processo longo, no qual seus conteúdos e métodos variem no transcorrer do processo de ensino da técnica e da tática dos atletas, e haja um modelo de iniciação para o basquetebol brasileiro que ainda precisa de muitos estudos, principalmente longitudinais. No que tange à especialização, etapa de treinamento, firma-se a idéia de que é imprescindível a periodização embasada num planejamento dos conteúdos e métodos de treinamento em longo prazo, principalmente após 15 anos de idade, categoria infante e cadete, com o pensamento em nível nacional e internacional. Sendo assim, tornou-se possível sinalizar algumas possibilidades pedagógicas para as diferentes fases das etapas do processo de formação técnica e tática no basquetebol brasileiro, considerando uma periodização em longo prazo dos conteúdos e estratégias pedagógicas de ensino-treinamento.

Palavras-chave: Pedagogia. Basquetebol. Ensino-Treinamento.

OLIVEIRA, Valdomiro de. **The teaching-training process of technique and tactics in basketball practiced in Brazil:** a study based on the viewpoint of college professors and elite coaches. 2007. 357 f. Dissertação (Doutorado em Educação Física)-Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

ABSTRACT

The objective of this study was to explore the acquired knowledge of Brazilian coaches and college professors in relation to the teaching-training process of technique and tactics in the Brazilian basketball. The work tried to contextualize the contents of the methodological strategies used by coaches and college professors for the teaching-training of fundamentals as well as defensive and offensive systems in all different Brazilian basketball categories. The sample group was constituted of 11 basketball coaches and 11 university basketball professors of Brazilian universities. The elected coaches had to be considered as national reference and for the elected university professors, the criterion was their master and doctor degrees in the sports scientific field, and/or basketball experts with teaching experience in Brazilian universities. The measuring instrument was an interview based in an open questionnaire. The data were analyzed qualitatively - through the analysis of the content; and quantitatively, by means of the frequency and percentage of similar answers. Results showed that, in regard to basketball teaching-training, in all stages of the process, considering the fundamentals of basketball and the offensive and defensive systems, there are convergences and divergences when it comes to teaching contents as well as methodological strategies, according to the interviewed participants' point of view. For instance, there are strong indications of conflicts between the teaching methods of the basketball foundations for beginners, when analytical methods are criticized, while the game method seems to be more appropriate, mainly to keep the children highly motivated. In the specialization stage, on the other hand, there was evidence that individual exercises may produce a more efficient adaptation to the motor technique, having greater acceptance among the interviewees. Regarding the defensive systems, it can be confirmed that the man-to-man defense is recommended in the initial stage, whereas in the specialization stage, the zone defense starts to be a strong tactical possibility. However, the predominance of the man-to-man defense is still observed. Regarding the offensive systems, it can be observed that in the initial stage, complex games should be avoided, privileging exercises based on game situations and individual conditions. Nevertheless, in the specialization stage, exercises should focus teamwork and more complex strategies. Based in the results of the study it is important to consider that basketball teaching must be conceived in a long term process whose contents and methods may vary according to athletes' fundamentals and tactics, with a model of initial stage for the Brazilian basketball that still needs further longitudinal studies. With reference to the specialization stage, it is mandatory that contents and training methods be planned in a long term basis, mainly after the age of 15, targeting national and international levels. Thus, it is possible to signal some pedagogical possibilities for the different phases from the two stages of the basketball learning process in Brazil, taking in consideration the contents and pedagogical strategies of the teaching-training process, in a long-term basis.

Keywords: Pedagogy. Basketball. Teaching-Training.

LISTA DE GRÁFICOS

<u>Gráfico 1</u> – Distribuição das respostas coletivas em relação ao ensino-treinamento dos conteúdos – fundamentos técnicos.	87
<u>Gráfico 2</u> – Distribuição das respostas coletivas em relação aos métodos de treinamento dos fundamentos técnicos	97
<u>Gráfico 3</u> – Distribuição das respostas coletivas em relação ao ensino-treinamento dos conteúdos – sistemas defensivos	104
<u>Gráfico 4</u> – Distribuição das respostas coletivas em relação à metodologia de treinamento dos conteúdos – sistemas defensivos.	113
<u>Gráfico 5</u> – Distribuição das respostas coletivas em relação ao ensino-treinamento dos conteúdos – sistemas ofensivos	118
<u>Gráfico 6</u> – Distribuição das respostas coletivas em relação à metodologia de treinamento dos conteúdos – sistemas ofensivos	125
<u>Gráfico 7</u> – Distribuição das respostas coletivas em relação ao treinamento dos conteúdos – fundamentos técnicos.	131
<u>Gráfico 8</u> – Distribuição das respostas coletivas em relação à metodologia de treinamento dos conteúdos – fundamentos técnicos.	137
<u>Gráfico 9</u> – Distribuição das respostas coletivas em relação ao treinamento dos conteúdos – sistemas defensivos	142
<u>Gráfico 10</u> – Distribuição das respostas coletivas em relação à metodologia de treinamento dos conteúdos – sistemas defensivos	151
<u>Gráfico 11</u> – Distribuição das respostas coletivas em relação ao treinamento dos conteúdos – sistemas ofensivos	155
<u>Gráfico 12</u> – Distribuição das respostas coletivas em relação à metodologia de treinamento dos conteúdos – sistemas ofensivos	164

LISTA DE QUADROS

<u>Quadro 1 – Periodização do processo de ensino-treinamento da técnica e tática para o basquetebol na etapa de Iniciação.</u>	43
<u>Quadro 2 – Formas didático-metodológicas de ensinar e treinar o basquetebol.</u>	49
<u>Quadro 3 – Fases de aprendizagem do basquetebol propostas por Garganta (1995).</u>	51
<u>Quadro 4 – Distribuição percentual dos conteúdos da técnica e tática geral e especial na etapa de iniciação em basquetebol e suas fases de desenvolvimento.</u>	61
<u>Quadro 5 – Periodização do processo de especialização da técnica e da tática no basquetebol e os aspectos biológico, escolar, cronológico e as categorias de competição.</u>	65
<u>Quadro 6 – Percentual da preparação técnica e tática geral e especial na etapa de especialização em basquetebol e suas fases de desenvolvimento.</u>	66
<u>Quadro 7 – Ambiente A: Técnicos de basquetebol do Brasil</u>	75
<u>Quadro 8 – Ambiente B: Professores universitários</u>	75
<u>Quadro 9 – Perfil dos sujeitos do ambiente A - Professores universitários envolvidos na pesquisa.</u>	78
<u>Quadro 10 – Perfil dos sujeitos do ambiente B - Técnicos renomados envolvidos na pesquisa.</u>	78
<u>Quadro 11 – Distribuição dos conteúdos e métodos de ensino-treinamento para as diferentes fases de aprendizagem na etapa de iniciação em basquetebol, segundo a preparação geral e especial</u>	172
<u>Quadro 12 - Distribuição dos conteúdos e métodos de ensino-treinamento para as diferentes fases de aprendizagem na etapa de especialização em basquetebol, segundo a preparação geral e especial</u>	175

SUMÁRIO

<u>LISTA DE GRÁFICOS</u>	9
<u>LISTA DE QUADROS</u>	10
<u>INTRODUÇÃO</u>	16
<u>CAPÍTULO I</u>	
<u>PEDAGOGIA DO TREINAMENTO DESPORTIVO: FATORES FUNDAMENTAIS PARA O ENSINO-TREINAMENTO DA TÉCNICA E DA TÁTICA NO BASQUETEBOL NA INFÂNCIA E NA ADOLESCÊNCIA</u>	24
<u>1. CARACTERÍSTICAS DOS JOGOS DESPORTIVOS COLETIVOS – BASQUETEBOL</u>	24
<u>CAPÍTULO II</u>	
<u>PEDAGOGIA DO TREINAMENTO DESPORTIVO: REFERENCIAL TEÓRICO SOBRE O PROCESSO ENSINO-TREINAMENTO DA TÉCNICA E DA TÁTICA NO BASQUETEBOL NA INFÂNCIA E NA ADOLESCÊNCIA</u>	41
<u>1. ETAPA DE INICIAÇÃO EM BASQUETEBOL E SUAS FASES DE DESENVOLVIMENTO</u>	41
<u>2. ETAPA DE ESPECIALIZAÇÃO EM BASQUETEBOL E SUAS FASES DE DESENVOLVIMENTO</u>	64
<u>CAPÍTULO III</u>	
<u>PROCESSO E OS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA</u>	73
<u>1. O CONTEXTO DA PESQUISA</u>	73
<u>2. PROCEDIMENTOS PARA ANALISAR OS DADOS DA PESQUISA</u>	78
<u>CAPÍTULO IV</u>	
<u>DESCRIÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS DA PESQUISA</u>	85
<u>1. ETAPA DE INICIAÇÃO: A ÓTICA DE TÉCNICOS E PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS EM RELAÇÃO AO ENSINO-TREINAMENTO DA TÉCNICA E DA TÁTICA NO BASQUETEBOL</u>	85
<u>2. ETAPA DE ESPECIALIZAÇÃO: ANÁLISE DAS ENTREVISTAS SOB A ÓTICA DE TÉCNICOS E PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS EM RELAÇÃO AO ENSINO-TREINAMENTO DA TÉCNICA E DA TÁTICA</u>	128
<u>CONSIDERAÇÕES FINAIS</u>	169
<u>INDICATIVOS PEDAGÓGICOS PARA O ENSINO-TREINAMENTO TÉCNICO E TÁTICO DO BASQUETEBOL</u>	177

<u>1. ETAPA DE INICIAÇÃO EM BASQUETEBOL E SUAS FASES DE DESENVOLVIMENTO</u>	177
<u>2. ETAPA DE ESPECIALIZAÇÃO EM BASQUETEBOL E SUAS FASES DE DESENVOLVIMENTO</u>	183
<u>REFERÊNCIAS</u>	190
ANEXOS	200

APRESENTAÇÃO

No início da década de 80, eu estava na escola, na quinta série, e, em uma aula de Educação Física, um professor aplicou um jogo que ele chamava de basquetebol; esse jogo não era conhecido por mim, pois eu só brincava os jogos que aprendi na rua com os vizinhos. Após conhecer o basquetebol na escola, nas aulas de Educação Física, passei a praticá-lo nos intervalos, no recreio e também após o final das aulas, no quintal de casa. Ao final dos treze anos de idade, estava passando em frente ao ginásio de desportos da cidade de Rolândia, no norte do Paraná, quando avistei um técnico ministrando treinamento de basquetebol. Ao me aproximar, ele me disse: por que você não treina? Respondi: não posso... minha família quer que eu trabalhe para ajudar em casa. Todavia, não resisti e fui, às escondidas, no outro dia ao treino e, a partir daí, não mais abandonei o basquetebol, me especializando e me tornando um atleta, participando de vários torneios nacionais e internacionais.

Aos 16 anos, assumi o cargo de técnico na cidade de Rolândia e comecei a estudar basquetebol nos cursos em vídeos, com diferentes técnicos do basquetebol brasileiro, espanhol, americano, entre outros. Participei também em eventos como técnico nas diferentes categorias, como mirim, infantil e infante, cadete e juvenil no Estado do Paraná e no interior de Santa Catarina e São Paulo. Resolvi prestar o vestibular para o curso de Educação Física e acabei, após muita insistência, entrando na Universidade Estadual de Maringá. Graduei-me em quatro anos; o curso estava de encontro com meus interesses. Após a graduação, fiz especialização na cidade de

Londrina, onde havia jogado em algumas temporadas. Em uma das disciplinas, conheci o professor Paulo Roberto de Oliveira, que me disse: “o basquetebol precisa de estudantes”. Essa frase simplesmente me deu asas para aprofundar mais ainda meus conhecimentos em basquetebol e procurei, ao final do curso de especialização, o professor Antônio Carlos Gomes, que havia voltado do Doutorado, para discutir os problemas da preparação física dos basquetebolistas brasileiros. Naquela ocasião, a preocupação era a preparação física de nossos jogadores, visto que acreditava que poderíamos ser melhores se jogássemos mais rápido com e sem a bola, principalmente.

Iniciei, então, a busca pelo Mestrado em várias universidades, quando acabei, após três concursos seguidos, por entrar na Unicamp, sob a orientação do ilustre professor Roberto Rodrigues Paes que, além de orientador, que passei a admirar, considerando-o hoje como um fiel escudeiro e amigo. Compartilhamos o pensamento de que só a parte física não é suficiente e que, juntos, poderíamos construir um trabalho ampliando as possibilidades de preparação; estruturamos então uma proposta de ensino para os jogos desportivos coletivos, dividida em seis fases, visando, especificamente, à aprendizagem das habilidades e estratégias tático-cognitivas e também ao desenvolvimento das capacidades físicas específicas para o basquetebol na iniciação e no treinamento especializado, com a intenção de contribuir para a melhora do desporto coletivo e do basquetebol no Brasil.

Após a conclusão do Mestrado, publicamos nossos trabalhos no Brasil e em alguns países do exterior, como Portugal, Espanha, Argentina e lançamos livros e capítulos de livros, com bases científicas mais consistentes. No entanto, ainda faltava algo que eu não conseguia ver, até que tive a oportunidade de ir à Espanha participar do II Congresso Ibérico de Baloncesto, promovido pela universidade de Extremadura em Cáceres, norte da Espanha. Naquela ocasião, percebi a importância da ciência e a prática de se ter uma maior aproximação com ela. Na volta, tive o meu ingresso aprovado no Doutorado da Unicamp e a felicidade de continuar meus estudos sob a orientação do professor Roberto Rodrigues Paes, que com uma frase, dentre outras marcantes, me disse: “o aro não vai ser mais alto que 3,5 metros, e os atletas de

basquetebol dificilmente atingirão mais velocidade ou mais estatura do que o que vimos, nestes últimos 100 anos, desde que o basquetebol foi inventado pelo professor canadense James Naismith”. Porém, a título de curiosidade, avançamos na literatura internacional para investigar como estava a produção científica sobre a inteligência tática do jogo e sobre os procedimentos de intervenção da técnica motora. Durante o Exame de Qualificação do Doutorado, o professor Paulo Roberto de Oliveira, com uma idéia brilhante, nos sugeriu o apoio de estudiosos e técnicos de renome nacional, para concluirmos nossos estudos em nível de doutoramento. Posso afirmar que dificilmente minha idéia inicial seria apagada de vez da minha memória, que era “colocar dois grupos controle e testar diferentes métodos de ensino e conteúdos em diferentes faixas etárias realizando filmagens para produzir tecnologias mais avançadas sobre o ensino-treinamento do basquetebol”. No entanto, tenho certeza que fui privilegiado com a idéia do professor e o apoio da banca como um todo e agora poderei realizar novos estudos de diferentes ordens metodológicas, com maior embasamento da realidade do basquetebol brasileiro. Afinal, pude conhecer muitos professores e técnicos de nível indiscutível, aprender mais do que havia feito no Mestrado e ainda fazer muitos amigos. A defesa da tese no dia 26/03/2007 ocorreu tudo muito bem, e então fui aprovado e finalmente recebi o título de Doutor em Educação física na área de Ciências do desporto.

INTRODUÇÃO

1. Caracterizando a problemática do tema

Estudiosos de diversas áreas das ciências aplicadas ao esporte, principalmente a pedagogia do esporte no Brasil, têm analisado as questões que envolvem o sistema de preparação dos atletas dos esportes coletivos – especificamente nas questões técnicas e táticas, estudando e transportando teorias gerais para modalidades específicas, como o basquetebol, nos quais se destacam Paes (1989), Greco (1998), Oliveira e Paes (2002, 2003, 2004a, 2005) e Balbino (2001 e 2005). No exterior, Garganta (1995 e 1998), Barreto (2001), Nascimento (2003), Cardenas (2003), Calatayud (2003) e Delgado (2003).

Para estes autores, atualmente existe um aumento considerável nas discussões sobre o processo de formação técnica e tática nos esportes coletivos. São vários os assuntos a serem debatidos como: quais conteúdos e quais estratégias de ensino-treinamento devem ser priorizados em diferentes momentos da formação desportiva, principalmente as metodologias de treinamento em longo prazo?

A problemática inicial está nos enfoques teóricos que abordam o processo de formação técnica e tática dos atletas de basquetebol no Brasil e no exterior, porque parecem ainda não se mostrarem suficientes para sustentar os anseios dos técnicos no seu trabalho na prática do basquetebol. Assim sendo, recorreu-se aos estudos publicados na teoria dos jogos desportivos coletivos, no treinamento desportivo, na pedagogia do esporte, na aprendizagem e desenvolvimento motor, no crescimento, maturação e desenvolvimento físico e ainda em estudos sobre o ensino-treinamento do basquetebol. Esses estudos, por sua vez, podem ser compreendidos em uma etapa que abrange a iniciação e a especialização desportiva. No basquetebol, esse entendimento reflete as categorias de disputas nos campeonatos estaduais pré-mini, mini e mirim, e nacionais infante, cadete e juvenil, competições estas que formam a base desse esporte no País.

Além disso, entende-se que os problemas aumentam em função da distância existente entre teoria e prática, ou seja, os técnicos que atuam no dia-a-dia têm pouco ou quase nenhum acesso às produções acadêmico-científicas e, por outro lado, a academia tem discutido os temas que abordam a iniciação e a especialização em basquetebol de maneira distante das realidades práticas dos técnicos.

No Brasil, segundo Vidal (1997), a cobrança dos clubes e dos dirigentes, na maioria das situações práticas pelo resultado no basquetebol em curto prazo, é um procedimento que tem ocorrido com frequência em todas as categorias, e esse fator pode refletir principalmente na categoria adulta masculina, pois se tem verificado, em pesquisas realizadas por Oliveira e Paes (2002, 2003d), que nos últimos quatro campeonatos mundiais os resultados pioraram gradativamente e não agradaram aos especialistas das ciências do esporte no Brasil: 1990, quinto lugar; 1994, décimo quarto lugar; 1998, décimo primeiro lugar; 2002, oitavo lugar; 2006, décimo sétimo lugar (CBB, 2002). Apesar da conquista do último torneio pan-americano em 2005, os resultados anteriores demonstram uma queda do basquetebol brasileiro masculino ante o cenário internacional, quando se trata de resultados olímpicos e mundiais.

O que se tem observado com base nos resultados competitivos é que as equipes de outros países, como Espanha, Itália, Estados Unidos, Lituânia, França, entre outras, principalmente da Europa, têm seu foco principal nas competições mundiais e olímpicas. Além desse quadro, percebe-se ainda nos resultados das competições (CBB 2000) que a Argentina, principal rival do Brasil na América do Sul, não tem utilizado o pan-americano como competição principal, priorizando a preparação para mundiais e olimpíadas. Pode-se ver nos resultados das últimas olimpíadas, por exemplo, em 2000, que a Argentina foi vice-campeã mundial e, em 2004, foi campeã olímpica, enquanto nesse período o Brasil sagrou-se campeão pan-americano por duas vezes, porém sem boas classificações em mundiais e, pior, não participa de olimpíadas há 12 anos. Talvez os resultados do basquetebol masculino em âmbito mundial e olímpico estejam refletindo nos resultados pouco expressivos também nas categorias de base, como infante, cadete e juvenil.

Atrelado a esses problemas estão outros fatores que nos intrigam: as dificuldades

na formação continuada dos profissionais que atuam com o basquetebol nos diferentes cenários, e a não estruturação das seleções permanentes de base quando se trata de seleção brasileira. Todos esses podem ser fatores fundamentais e responsáveis pelos resultados pouco expressivos, principalmente no masculino nas categorias de base e até na adulta. Ainda sobre esse assunto, um outro problema pode ser a não organização e planejamento na aplicação dos conteúdos do sistema de treinamento técnico e tático de forma sistematizada e permanente, em longo prazo, foco esse de maior preocupação nesse estudo.

Oliveira e Paes (2002; 2003c; 2004b) observaram em seus estudos sobre o contexto desportivo do basquetebol um distanciamento entre a produção científica com a prática recaindo, por exemplo, nas fases sensíveis da aprendizagem, segundo as teorias desenvolvimentistas, a especialização desportiva precoce, o ensino tecnicista proposto de forma fragmentada, o treinamento tático realizado somente por jogadas estereotipadas, não valorizando as capacidades cognitivas importantes nas resoluções de problemas causados pela imprevisibilidade do basquetebol, ou seja, a tomada de decisão diante das ações dos adversários, fazendo a leitura do jogo e agindo de acordo com as situações casuais. Além dessas preocupações, os autores têm enfatizado, ainda, a importância do basquetebol ser oferecido e utilizado no ensino fundamental e médio, como um aliado da Educação Física para a educação geral das crianças e adolescentes de todos os segmentos sociais, uma vez que sua prática pode promover intervenções quanto à cooperação, convivência, participação, inclusão, entre outras, como possibilidades de identificação de talentos.

São várias as questões problematizadas nesse estudo, mas o desinteresse dos praticantes mais jovens pelo ingresso na aprendizagem e, posteriormente, no treinamento sistemático no basquetebol, pode estar atribuído principalmente na forma como as aulas e/ou treinamentos são aplicados ao ensinar a técnica e a tática e é aqui que estarão delimitadas as investigações. Sendo assim, foi elaborada a seguinte questão norteadora do estudo: Qual a ótica de técnicos e professores universitários (Mestres e Doutores) em relação ao processo ensino-treinamento da técnica e da tática no basquetebol do Brasil?

Diante dessa questão norteadora, outra questão se construiu para o estudo: Quais são os conteúdos e as estratégias pedagógicas que poderiam ser utilizadas no ensino-treinamento dos aspectos técnicos e táticos para as diferentes categorias do basquetebol no Brasil: pré-mini, mini, mirim, infantil, infanto-juvenil, cadete, juvenil e sub-21?

Com base nos problemas levantados e nas questões norteadoras sobre o processo de ensino-treinamento da técnica e tática no basquetebol em longo prazo, apresenta-se a seguir a importância e as justificativas para a realização do estudo.

2. Importância e justificativas para a realização do estudo

A importância da realização deste estudo é ampla, partindo da idéia de criar condições freqüentes para analisar o processo de formação desportiva – técnica e tática no basquetebol do Brasil e com eficácia levar o conhecimento das discussões sobre os procedimentos para a aprendizagem, para as competições e para as metodologias de ensino-treinamento, aplicadas ao basquetebol de forma eficiente aos professores, técnicos, dirigentes das federações, alunos das universidades nacionais, bem como aos atletas das escolas e dos clubes desportivos, ampliando-se as possibilidades e melhorando-se o intercâmbio teórico-prático dessa modalidade.

Assim sendo, autores da área das Ciências do Desporto da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas, particularmente da linha de Estudos em Pedagogia do Desporto, discutem essas possibilidades visando a apresentar propostas metodológicas de ensino-aprendizagem e treinamento nos desportos coletivos e, nesse caso específico, para o basquetebol.

São necessárias alternativas teóricas para o oferecimento do basquetebol no Brasil, na qual a elaboração de um modelo de ensino da técnica e da tática é importante para a etapa de iniciação e de especialização com a participação de técnicos, porque são eles que atuam no dia-a-dia nas escolas e nos clubes, bem como a participação de acadêmicos, que estudam o assunto mais profundamente e discutem nas suas universidades nos cursos de Educação Física.

No caso do basquetebol, deve-se focar o ensino nas escolas e nos clubes e nas universidades como um processo na busca da aprendizagem do basquetebol e não apenas nos resultados mais expressivos, segundo Garganta (1998). Já em etapas posteriores, como na etapa de treinamento especializado que deve ocorrer entre 15-19 anos, segundo Greco (1998;1999), aí sim solidifica-se o processo de preparação em longo prazo, com vistas às competições nacionais e internacionais. Deve-se, no entanto, evitar nas categorias iniciais o resultado desportivo a qualquer preço.

Portanto este estudo se justifica pela necessidade de aprofundar estudos com o respaldo de professores universitários e técnicos renomados do basquetebol nacional com vistas a produzir um material conjugando teoria e prática a exemplo de países mais desenvolvidos, como a Espanha, na qual esse procedimento já é comum a muitos anos, a julgar pela realização do I, II e III Congresso Ibérico de Baloncesto (2001, 2003, 2005)

Justifica-se também a importância dessa pesquisa porque pode-se perceber (I, II, III Congresso Ibérico de Baloncesto, 2001, 2003, 2005) a relevância da aproximação entre os cientistas e os técnicos debatendo o futuro do basquetebol de diversos países e provavelmente ampliando as possibilidades de aprendizagem e treinamento do basquetebol. Percebe-se ainda que no Brasil esse tipo de procedimento de pesquisa não é comum ou não existe, pois a aproximação da teoria com a prática ainda é tênue, apesar dos esforços realizados no I Congresso Mundial de Medicina e Ciências do Desporto no Basquetebol, promovido pela CBB em 2006. Em relação aos técnicos entende-se que poucos acreditam no desenvolvimento científico e os estudiosos não encontram facilidades no acesso à prática dos técnicos. Assim sendo, com essa aproximação, entende-se que poderia ser possível levar os conhecimentos das produções científicas e das práticas pedagógicas de muitos técnicos renomados com mais coerência e confiabilidade através dos meios de comunicação para os técnicos e para as universidades nacionais de ensino do basquetebol e ainda abrir portas para novas pesquisas no basquetebol e em outras modalidades desportivas.

Salienta-se ainda que parte dessas informações serão posteriormente organizadas e divulgadas para a comunidade científica e para os técnicos em todo o

Brasil, mediante diferentes meios de comunicação, como o *site* da Pedagogia do Basquetebol (www.pedagogiadobasquete.com.br), entre outros meios, além dos impressos e CD-ROM.

Levando-se em consideração a realidade brasileira bem como a temática cuja abordagem traça o eixo do estudo sobre o sistema de treinamento dos atletas brasileiros de basquetebol, justifica-se também a realização desta pesquisa pela necessidade e carência de propostas pedagógicas e metodológicas que ampliem as possibilidades de discussão acerca do basquetebol, com o respaldo da experiência de professores universitários e da cultura esportiva especializada de nossos técnicos. Entende-se que nos dias atuais novas propostas pedagógicas e metodológicas devem ser apresentadas à comunidade científica, visando ao oferecimento do basquetebol em diferentes níveis de atuação, de forma organizada, planejada e sistematizada em seus conteúdos e métodos, assegurando a promoção do basquetebol com mais qualidade para os jovens e principalmente para o fortalecimento da base Mirim, Infantil, Infante, cadete e juvenil, identificando, selecionando e promovendo o talento do basquetebol para representar os estados em âmbito nacional e o País em âmbito internacional, recuperando o prestígio de outrora em nível olímpico e mundial em um futuro próximo.

Este estudo foi delimitado a técnicos que possuem reconhecimento nacional e/ou internacional e professores universitários com titulação de Mestre ou Doutor, caracterizando-se como valores reconhecidos pela cultura de onde vivem e atuam.

O sistema de treinamento desportivo envolve a preparação física – técnica e tática - psicológica e social dos atletas de uma determinada cultura, segundo Matveev (1980). No entanto, este estudo limita-se aos conhecimentos produzidos sobre a etapa de iniciação e especialização em basquetebol, que busca orientar como deve ocorrer o ensino-treinamento dos fundamentos técnicos, dos sistemas defensivo e ofensivo e também as estratégias pedagógicas em um período que abrange o início da prática na modalidade basquetebol até o início da fase adulta, que visam aos resultados superiores.

Com o intuito de organizar o estudo sobre o ensino-treinamento do basquetebol, na iniciação e na especialização, optou-se pela divisão do estudo em quatro capítulos.

No primeiro, são abordados os fatores fundamentais que envolvem o treinamento técnico e tático no basquetebol, tais como as características dos desportos coletivos, os aspectos do crescimento físico e da maturação para a elaboração das cargas de treinamento para jovens atletas, os princípios do treinamento desportivo e sua importância para o treinamento do basquetebol, os métodos e os meios que são utilizados para a realização do treinamento do basquetebol na infância e na adolescência, na qual norteia o processo de preparação da base dos atletas brasileiros para as competições nacionais e internacionais no futuro.

No segundo capítulo, o destaque principal é com os referenciais teóricos que tratam do processo de formação desportiva – basquetebol. Destaca-se a etapa de iniciação em basquetebol e suas fases de desenvolvimento, passando pela fase de conhecer brincando o jogo de basquetebol, a importância do aspecto lúdico, depois pela fase de aprendizagem inicial dos sistemas e fundamentos do jogo de basquetebol e, para finalizar, pela fase de automatização e refinamento da aprendizagem inicial ao jogo de basquetebol e aprendizagem de novos conteúdos. Deste modo, a exemplo de como se procedeu na etapa de iniciação em basquetebol, e visando a melhor explanação, dividiu-se a etapa de especialização dos atletas de basquetebol em duas fases: a) fase de aperfeiçoamento inicial da técnica e da tática; b) fase de aperfeiçoamento profundo da técnica e da tática. Finalizando este capítulo, discute-se alguns aspectos sobre a preparação dos jovens atletas de basquetebol para as competições nacionais e internacionais.

O terceiro capítulo do estudo ficou reservado para os procedimentos metodológicos, que compreende o contexto da pesquisa realizada com o intuito de ter um melhor conhecimento de causa sobre o processo de ensino-treinamento do basquetebol no Brasil. A pesquisa de campo buscou explorar o conhecimento acumulado de técnicos que atuam com as principais equipes nacionais e seleções brasileiras. Nesse caso, os técnicos brasileiros de renome nacional e muitos deles com renome internacional e professores mestres e doutores com atuação acadêmica no ensino superior e que atuam com basquetebol em diferentes universidades brasileiras.

No quarto capítulo, descreve-se, analisa-se e discute-se os resultados da

pesquisa para enfim apresentar as considerações finais e apresentar alguns indicativos pedagógicos e metodológicos para o ensino-treinamento da técnica e da tática no basquetebol para as etapas de iniciação e especialização, considerando as diferentes categorias do basquetebol presentes na cultura competitiva nacional, reservada aos conteúdos e aos métodos de trabalho.

São apresentados a seguir os objetivos da pesquisa que norteou o processo de formação desportiva – basquetebol no Brasil.

OBJETIVOS

Objetivo Geral

Explorar o conhecimento acumulado de técnicos brasileiros e professores do ensino superior em relação ao processo ensino-treinamento da técnica e da tática no basquetebol do Brasil.

Objetivos Específicos

Contextualizar os conteúdos e as estratégias metodológicas utilizadas por técnicos e professores do ensino superior para o ensino-treinamento dos fundamentos técnicos e dos sistemas defensivos e ofensivos nas diferentes categorias da formação desportiva – basquetebol: pré-mini, mini, mirim, infantil, infante, cadete, juvenil e sub-21, e apresentar indicativos pedagógicos para o ensino da técnica e da tática para as diferentes categorias considerando os conteúdos e os métodos de ensino-treinamento..

CAPÍTULO I

PEDAGOGIA DO TREINAMENTO DESPORTIVO: FATORES FUNDAMENTAIS PARA O ENSINO-TREINAMENTO DA TÉCNICA E DA TÁTICA NO BASQUETEBOL NA INFÂNCIA E NA ADOLESCÊNCIA

O principal enfoque de preocupação nesse capítulo é com os fatores fundamentais que envolvem o ensino-treinamento técnico e tático dos jogos desportivos coletivos – basquetebol, tais como as características dos desportos coletivos, os aspectos do crescimento físico e da maturação para a elaboração das cargas de treinamento para jovens atletas, os princípios do treinamento desportivo e sua importância para o ensino-treinamento do basquetebol, os métodos e os meios que se utilizam para realizar o treinamento do basquetebol na infância e na adolescência, que norteia o processo de preparação da base dos atletas brasileiros para as competições nacionais e internacionais no futuro.

1. Características dos jogos desportivos coletivos – basquetebol

A área das Ciências do Desporto tem estudado esse processo e a linha de pesquisa - Pedagogia do Desporto em algumas universidades brasileiras em suas distintas dimensões identificou vários problemas pertencentes à modalidade basquetebol. Entre eles, menciona-se a busca de resultados em curto prazo, a especialização precoce, a carência de planejamento, a fragmentação do ensino dos conteúdos do treinamento e outros aspectos relevantes que tratam da compreensão do fenômeno em sua função social, mas principalmente a continuidade no processo de treinamento desportivo – basquetebol. Os principais autores desta linha, entre outros, são: Paes (1989); Greco (1998); Oliveira (2002); Oliveira e Paes (2003a, 2004a e 2005); Balbino (2005).

O jogo de basquetebol desde sua origem é praticado por crianças, adolescentes e adultos dos mais diferentes povos e nações e sua evolução é constante, ficando

cada vez mais evidente seu caráter competitivo, regido por regras e regulamentos (TEODORESCU, 1984). O basquetebol caracteriza-se, entre outros fatores, pela predominância da variação técnica e tática, além das solicitações e efeitos cumulativos morfológicos funcionais e motores, provocados por um intenso envolvimento das habilidades e estratégias mentais e da manifestação-emoção. Também estão envolvidos outros fatores, como alimentação, temperatura, diversificação de ambientes, condições socioeconômicas. Essas exigências, que estimulam os processos adaptativos, influenciam diretamente no desenvolvimento multifacetado do indivíduo em variadas dimensões e níveis de adaptação (WEINECK, 1999), bem como permitem, através dessas exigências e estímulos, o desenvolvimento integral do indivíduo (BALBINO, 2004).

De acordo com Balbino (2005), uma outra característica que o jogo desportivo coletivo possui diz respeito à exigência da habilidade espacial do sujeito em relação a bola, aos colegas e adversários no espaço de jogo. No basquetebol, a aleatoriedade do contexto, somada à imprevisibilidade seqüencial de ações, provoca a constante necessidade do atleta projetar, nos possíveis momentos do jogo, posteriores combinações, formadas pelos vários modelos de jogo e não teria outra forma, senão uma ótima preparação tanto técnica como tática, pois uma necessita da outra para uma melhor compreensão do jogo. Essa condição de intersubjetividade, ou seja, a trama de experiências internas que cada indivíduo estabelece ao jogar, é um dos elementos provocadores da alternância imprevisível de situações e resultados das ações de jogo (GARGANTA, 1995). Dessa forma, pode-se dizer que a preparação técnica e tática no processo de formação em longo prazo tem variância de performance e torna-se necessário verificar quais conteúdos e métodos devem ser utilizados nas diferentes fases de desenvolvimento dos jovens atletas. De qualquer forma, torna-se imprescindível fundamentar a pesquisa antes das indicações teóricas:- pedagógicas e metodológicas para o ensino-treinamento do basquetebol embasado nas ciências do desporto.

Assim sendo, apresentam-se a seguir estudos que tratam do desenvolvimento físico e sua relação com o treinamento no basquetebol. Depois, serão apresentados os

princípios científicos que dão suporte teórico à preparação dos atletas de basquetebol e, em seguida, os métodos de treinamento e, conseqüentemente, os meios de sua aplicação. Inicialmente, mostram-se alguns estudos de especialistas da área de desenvolvimento e crescimento físico que discutem as suas respectivas faixas de maturação biológica relacionadas às idades cronológicas aproximadas e sua relação com a aplicação de cargas de treinamento. No entanto, torna-se necessário um breve entendimento sobre crescimento, maturação e desenvolvimento do organismo humano durante o processo de treinamento do basquetebol, entendendo que o desenvolvimento humano tem amplas formas de vida como: desenvolvimento social, cultural, emocional e econômico. Quando se trata do desporto, todos entram em ação ao mesmo tempo, porém o objetivo nesse tópico é apenas dissertar sobre o desenvolvimento físico e sua relação com o treinamento técnico e tático, no qual entram os aspectos crescimento e maturação, que são os principais fenômenos de discussão e dúvidas entre os especialistas do desporto, quando se trata de preparação desportiva e, nesse caso específico, dos(as) atletas de basquetebol.

1.1. Desenvolvimento físico e sua relação com o treinamento técnico tático no basquetebol

No ensino da técnica e da tática dos desportos coletivos - basquetebol, torna-se muito valioso discutir como ocorre o desenvolvimento físico das crianças e adolescentes com o intuito de planejar os conteúdos e as cargas de treinamento com vistas a não especialização precoce de alguma capacidade física, bem como aos fatores motivacionais, que envolve a prática do basquetebol. Dessa forma, busca-se o entendimento sobre o desenvolvimento físico e sua relação com as idades biológicas e cronológicas, no que diz respeito às metodologias de ensino dos conteúdos técnicos e táticos do basquetebol no processo de iniciação e especialização, com respaldo de autores renomados nessa área citados a seguir.

Para Guedes e Guedes (1997), o desenvolvimento físico é definido como um conjunto de fenômenos que, de forma inter-relacionada, permitem ao indivíduo uma

seqüência de modificações evolutivas, da maturidade até a morte, em toda a complexidade da vida humana. Isso demonstra que, apesar das fases de desenvolvimento serem seqüenciais ao desenvolvimento, as experiências e o ambiente de cada aluno/atleta são diferenciados. Por exemplo, há atletas que não se alimentam muito bem em função das condições socioeconômicas de suas famílias. Por outro lado, há atletas que não se motivam muito para o treinamento porque suas condições socioeconômicas lhes possibilitam muitas outras atividades, como estudar idiomas, viajar, namorar, entre outras, tendo o treinamento de basquetebol como apenas uma de suas possibilidades de sucesso, enquanto outros fazem desse artifício sua única forma de vida (WEINECK, 1999).

Assim sendo, torna-se necessário conceituar tais fenômenos, a fim de se obter uma melhor compreensão dos mesmos no processo de ensino do basquetebol.

O técnico de basquetebol, ao programar seu treinamento técnico e tático, pode ser menos ou mais criterioso na escolha dos recursos físicos-materiais, e vai depender é claro do seu cenário de atuação. Mas quando se trata de aprendizagem de algum conteúdo, seja ele técnico ou tático, entre outros, torna-se valioso o conhecimento básico dos aspectos do crescimento e da maturação dos jovens atletas, principalmente por diferenciarem-se nas curvas do crescimento durante a adolescência, (ASTRAND, 1997).

Nesse sentido, recorreu-se aos estudos de Malina e Bouchard (1991) que asseveraram que o crescimento físico é fruto de um complexo mecanismo celular que envolve basicamente três fenômenos: a) *hiperplasia* – aumento no número de células a partir da divisão celular; b) *hipertrofia* – aumento no tamanho das células a partir da elevação das unidades funcionais destas, como relação principal entre proteínas e substratos; c) *agregação* – que é o aumento na capacidade das substâncias intercelulares em agregar células.

Nesse contexto, Nahas (1991) ressalta o crescimento físico como um fenômeno complexo e dependente de inúmeros fatores, como a bagagem genética, o estado nutricional, o nível socioeconômico, as doenças na infância e adolescência, a atividade física, a região geográfica e as condições climáticas. Para Tani (1998), o crescimento

físico é o aumento do número e/ou tamanho das células que compõem os diversos tecidos do organismo, sendo que sua mensuração pode ser realizada através das medidas antropométricas de estatura, massa corporal, dobras cutâneas, circunferências e diâmetro. Com a avaliação desses fatores, talvez a prescrição das atividades possa tomar um novo rumo quando se trata de treinamento com jovens.

Em relação à maturação, Malina (1994) argumenta que esta se apresenta como sendo o andamento, a seqüência e o processo em direção ao estado biológico maduro. Entretanto, apesar da maturação ser um fenômeno essencialmente biológico, não se deve descartar a possibilidade desse fenômeno sofrer influência do contexto sociocultural e ambiental no qual vivem os seres humanos. Em relação a esse assunto, Guedes e Guedes (1997) entendem que a “experiência”, fator originado do meio ambiente, pode alterar ou modificar o surgimento de algumas características predeterminadas geneticamente do desenvolvimento físico por meio do processo de aprendizagem. Neste sentido, Weineck (1999) revela a existência da interação entre maturação, aprendizagem e o ambiente, tidos como um processo proveniente da prática e dos esforços físicos realizados pelos indivíduos na atividade desportiva, nesse caso o basquetebol.

Enfim, é importante destacar que os aspectos relacionados ao crescimento, maturação e experiência e o ambiente estão intimamente ligados, sendo que sua percepção separadamente no treinamento técnico e tático do basquetebol é praticamente impossível. No caso do basquetebol, onde as estaturas se diferenciam muito, deve-se tomar muito cuidado para selecionar as funções dos atletas no jogo, podendo cometer sérios equívocos de avaliação, pois “crianças” que crescem demasiadamente durante o período da puberdade podem não ser as mais altas na fase adulta e, no entanto, poderão não ser pivôs na fase de profissionalização. Assim sendo, deve-se dar oportunidade às crianças adolescentes na prática do basquetebol de uma vivência multifacetada em todas as funções que o jogo possibilita e, então, buscar a formação técnica e tática especializada em uma determinada função após o pico da velocidade de crescimento, que em alguns meninos acontece por volta dos 15/16 anos e nas meninas por volta dos 14-15 anos, fase esta que já é mais propícia a

uma especialização para os atletas (WEINECK, 1999).

Outro fator de preocupação, por parte dos técnicos, deve ser a relação do treinamento técnico e tático com as idades cronológica e biológica, às quais, na maioria das vezes, diferem de atleta para atleta (OLIVEIRA e ARRUDA, 2000). Esses dois conceitos são imprescindíveis para a compreensão na elaboração das cargas de treinamento no processo de ensino da técnica e da tática no basquetebol

No que tange especificamente à idade biológica, Gallahue e Osmum (1995) concebe a idade cronológica como determinada pela diferença entre determinado dia e a data do nascimento do indivíduo, apresentando a seguinte classificação: vida pré-natal: entre a concepção e 8 semanas do nascimento; primeira infância: um mês a 24 meses do nascimento; segunda infância: 24 meses a 10 anos; adolescência: 10-11 a 20 anos; adulto de meia idade: 40-60 anos; adulto mais velho: acima de 60 anos. Para o autor, a idade biológica corresponde à idade determinada pelo nível de maturação dos diversos órgãos que compõem a formação corporal do ser humano. Dessa forma, a determinação da idade biológica, quesito relevante para o treinamento técnico e tático na adolescência, pode ser efetuada por meio de avaliação da idade óssea, morfológica, neurológica, dental e sexual, o que possibilita a compreensão do fenômeno, possibilitando a classificação em grupos pré-púbere, púbere e pós-púbere, facilitando, para os técnicos, a compreensão do fenômeno ao aplicarem as cargas de treinamento.

Malina e Bouchard (1991) sugerem para os técnicos a estimativa da maturação biológica por meio da maturação sexual proposta por Tanner (1975), a qual faz uso das características sexuais secundárias: pêlos auxiliares, pêlos pubianos e desenvolvimento escrotal, e desenvolvimento mamário, podendo ser de grande valia para a prescrição do treinamento. Essa classificação, em função da idade biológica, é positiva na distribuição das cargas de treinamento para crianças e adolescentes, possibilitando a distinção de forma mais clara e segura das adaptações fisiológicas e morfológicas resultantes do programa de trabalho e das transformações que ocorrem no organismo, principalmente durante a puberdade, haja vista que o início da adolescência é marcado por um período de aumento acelerado no peso e na estatura.

A idade de início, duração e intensidade do estirão de crescimento é determinada geneticamente e varia consideravelmente de indivíduo para indivíduo. Isso ocorre porque o genótipo estabelece limites com o crescimento individual, e as condições de aprendizagem e experiências, no ambiente em que a pessoa vive, têm influência primordial sobre esse fator (GALLAHUE, 2000).

De acordo com os estudos do crescimento e da maturação que determinam o desenvolvimento físico, pode-se afirmar que os treinamentos de crianças e jovens no basquetebol devem ser diferenciados dos adultos, tendo em vista que cada faixa etária possui determinada função didática e pedagógica em função da especificidade do desenvolvimento do organismo (períodos sensíveis para a aprendizagem). Weineck (1999) afirmou que os estímulos e as possibilidades do aprendizado podem ser avaliados de acordo com a fase sensitiva, ou seja, existe um período ótimo ou sensível do desenvolvimento das pessoas para receberem cargas específicas de treinamento de onde os atletas de basquetebol podem ter como referência (OLIVEIRA e PAES, 2004).

Weineck (1999) aponta alguns fatores como determinantes para a continuidade, enfatizando a coerência entre treinamento físico e técnico-tático, sobretudo em relação às disponibilidades do treinamento intenso. Dessa maneira, ao especializar os atletas no basquetebol, pode-se ter um melhor diagnóstico obtido por intermédio das avaliações médico-fisiológicas, sobre o crescimento e o desenvolvimento biológico e assim melhor inferir na distribuição das cargas e acompanha-se de perto o desenvolvimento físico motor dos atletas e não se sobrepõem as cargas.

A seguir, e baseado em uma discussão antiga na área do treinamento desportivo e atualmente ampliada na linha de estudos em Pedagogia do Desporto na Unicamp, será apresentada a compreensão dos princípios pedagógicos e biológicos aplicados ao processo de iniciação e treinamento na infância e na adolescência, dirigido de forma a contemplar o processo de ensino do basquetebol, como sendo complexo e plural e se manifesta em múltiplas dimensões.

1.2. Princípios do treinamento desportivo fundamentais para o ensino-treinamento da técnica e da tática no basquetebol

Para discutir a importância dos princípios do treinamento desportivo e sua aplicação ao ensino-treinamento da técnica e da tática no basquetebol, é fundamental o apoio de autores de distintas áreas do conhecimento científico, como: Weineck, (1991), Zakharov e Gomes (1992), Gallahue e Osmum (1995), Filin (1996), Matveev (1997), Gomes (2002) e Granell e Cervera (2003), que procuravam compreender o desempenho total do indivíduo, integrando os aspectos físico, mental, emocional, social e cultural dos jovens atletas.

Nesse sentido, são inúmeros os fatores que influenciam o processo de preparação técnico e tático dos atletas em longo prazo: biológicos, psicológicos, pedagógicos, sociais, culturais e outros relativos ao desempenho humano como experiência vivida, desenvolvimento físico e a genética (GALLAHUE, e OSMUN, 1995). De qualquer forma, os princípios do treinamento desportivo representam a estrutura primária da organização do processo de preparação e servem para otimizar a escolha e a execução de meios e métodos pelos atletas e técnicos (WEINECK, 1999).

Os princípios científicos aplicam-se em todos os desportos coletivos, especialmente o basquetebol, e determinam o programa dos métodos e meios que são utilizados durante a preparação e formação técnica e tática dos jovens atletas de basquetebol, bem como a organização dos conteúdos do treinamento, relacionando-se à utilização consciente, considerando um grande número de variáveis que interferem no processo. Os princípios científicos representam a metaestrutura do processo de treinamento esportivo, sustentado pelo processo de adaptação biológico e pedagógico (BALBINO, 2004).

Os princípios pedagógicos e biológicos são advindos de outras áreas do conhecimento, como a fisiologia, biologia, bioquímica, das áreas biológicas, e ainda de outras áreas, como a educação, história, psicologia, pedagogia. Matveev (1980) dividiu os princípios do treinamento desportivo, asseverando que os mesmos constituem regras gerais, os quais são extraídos de diversas ciências, particularmente as

biológicas e pedagógicas e argumenta que a aplicação dos princípios dependerá da experiência dos técnicos e professores para facilitar a organização da preparação desportiva de forma geral e especial visando às competições.

Gomes (2002) descreveu sobre vários princípios, entre eles o princípio da conscientização que entende-se ser fundamental no processo de formação técnica e tática do atleta de basquetebol, para que os mesmos compreendam e reflitam sobre sua prática. Neste, a utilização dos conhecimentos teóricos norteiam o treinamento, podendo auxiliar os atletas na compreensão dos objetivos e metas no decorrer do processo, durante uma ou mais temporadas. No sistema de treinamento do jogo desportivo coletivo basquetebol, ocorre a inter-relação diária com muitas informações teóricas por parte do técnico e dos atletas e essas informações, por sua vez, compõem um conjunto de conhecimentos necessários ao atleta, completando as atividades práticas. Nas informações, são contemplados os conhecimentos acerca da história do basquetebol, como o basquetebol situa-se socialmente, sobre as técnicas e metodologias adotadas nos treinamentos e competições, sobre a filosofia dos técnicos em relação às formas de jogar, à higiene, ao controle médico, à alimentação, às regras específicas, à periodização do trabalho, entre outros.

Referindo-se a esse assunto, Matveev (1997) cita que a preparação teórica para os atletas de basquetebol vai contribuir para o desenvolvimento intelectual dos atletas e

a preparação teórica é por sua vez, uma das condições, mais importantes da eficácia do desporto como meio de aperfeiçoamento harmônico da personalidade e confirma que as leis da atividade vital e do desenvolvimento do organismo bem como um elevado nível intelectual, convertem-se cada vez mais não só em premissas, mas também em fatores diretos aos resultados desportivos (MATVEEV, 1997, p. 27).

Em conformidade com a prerrogativa do autor, e analisando o contexto do ensino do basquetebol no Brasil, Oliveira e Paes (2002), constatou-se que os aspectos teóricos que permeiam o treinamento técnico-tático, principalmente na etapa de especialização que o valor atribuído à inter-relação entre os conhecimentos dos

atletas com os dos técnicos são insuficientes, prejudicando sobremaneira a evolução intelectual dos atletas, importante para as tomadas de decisão exigidas pela atividade competitiva. Os estudos de Oliveira e Paes (2002), com atletas da seleção masculina que disputaram o Mundial nos Estados Unidos, mostraram que um dos fatores de pouca atenção por parte dos agentes que dirigem o treinamento ou a preparação dos atletas foi a preparação teórica.

Nas fases iniciais do treinamento, busca-se por intermédio dos meios didático-pedagógicos, a autonomia dos atletas. Esses conhecimentos teóricos podem ser apresentados através de filmes, conferências, palestras, seminários, estudo individual, dentre outros, possibilitando o crescimento intelectual e facilitando a compreensão dos conteúdos que norteiam a preparação técnica-tática bem como a inter-relação entre os atletas do grupo, melhorando, também, o ambiente complexo da atividade competitiva desportiva, o árbitro, a torcida, o técnico, o adversário e a imprensa (BALBINO, 2001). Os conhecimentos teóricos oportunizam também aos atletas serem mais autônomos em suas decisões e não reproduzirem sempre o que técnico fala, contribuindo, assim, para o desenvolvimento de sua autonomia e de sua personalidade. Assim, a conscientização é uma das principais contribuições ao sistema de treinamento e ao sistema de fatores que complementam a preparação técnico-tática dos atletas.

Deste modo, todos os itens fundamentais do treinamento técnico-tático estão estreitamente inter-relacionados com a preparação teórica dos atletas no processo de preparação para as competições. A preparação física cria premissas para a técnica e a tática. O próprio processo de treinamento técnico-tático, por sua vez, pode ser usado para desenvolver o potencial físico. A atitude do atleta, sua motivação, inter-relação, vontade, determinação e tenacidade são quesitos determinantes para o sucesso no desenvolvimento de suas capacidades e no aperfeiçoamento técnico-tático em toda a atividade que envolva o processo de treinamento e competições do basquetebol. No entanto, a preparação teórica é indispensável para potencializar o trabalho. O destaque principal está em realizar determinadas atividades consciente dos seus benefícios bem como o porquê e para que estar se dedicando. No caso do basquetebol

seria os jovens conhecerem os sistemas de preparação, os objetivos do desporto como um todo bem como seus significados no âmbito social.

O princípio da saúde mostra que o indivíduo, na prática desportiva coletiva basquetebol, pode não apenas ser para as competições e, quando for, deverá estar apto a sua prática, mas para a ocupação do tempo livre, melhorar a estética corporal para conseqüentemente maximizar sua capacidade funcional e neuro-muscular ou até em situações terapêuticas, melhorando sua saúde como um todo. Já o princípio da utilidade mostra que a aprendizagem do basquetebol e seu treinamento em longos anos podem e devem ter como principal objetivo a formação do cidadão útil para a sociedade, tendo em vista suas limitações de estatura, peso e características pessoais com o intuito de preparar-se para o desporto e também para a sua vida útil na sociedade.

O princípio das diferenças individuais é um dos principais princípios da preparação desportiva de grande relevância que Tubino (1979), Dantas (1995) e Weineck (1991) destacam também como principio da individualidade biológica, que são as diferenças individuais. Cada ser humano é geneticamente diferente do ponto de vista biológico, mas também social e psicológico, em função do ambiente onde vivem e das tarefas que lhes são proferidas. Dessa forma, o técnico deve conhecer os conceitos para com inteligência saber explorar as reais capacidades dos seus educandos/atletas. O princípio da durabilidade e da continuidade esclarece que toda carga de treinamento que os jovens recebem em programas de preparação melhoram com o tempo as capacidades e as qualidades do organismo frente às competições desportivas. No entanto, elas devem ter uma programação contínua para evitar a estabilização e principalmente a reversibilidade das competências adquiridas. Sendo assim, as cargas devem ser programadas em muitos anos de preparação (GOMES, 2002).

O princípio da especialização das cargas é apresentada também por Tubino (1979) e Weineck (1991) como principio especificidade. No processo de preparação em muitos anos, as cargas de treinamento vão se alterando com o tempo e, no momento em que os atletas decidem por uma ou outra modalidade, as cargas vão

ficando cada vez mais específicas. Isso implica especializar as cargas e as ações motoras às condições psicológicas das atividades, às competências técnico-táticas, bem como aos aspectos funcionais dependentes das possibilidades fisiológicas dos praticantes e das características de cada modalidade.

O princípio da unidade entre a preparação geral e especial é conhecido também como princípio da proporcionalização das cargas, que tem como base o princípio da especialização das cargas, na qual os desportistas dos jogos desportivos coletivos – basquetebol, necessitam receber estímulos diferenciados, em distintos momentos da preparação em cada sessão de treinamento e a cada período de competição nos diferentes anos de prática. Essas diferenças nos conteúdos das cargas podem ser chamadas de cargas gerais, especiais que antecedem as competitivas. Já o princípio das cargas ondulatórias foi descrito por Weineck (1999) como princípio da ciclização. Essas cargas gerais e especiais tomam proporções diferentes no decorrer do processo, pois nas fases mais iniciais da prática desportiva há o predomínio das cargas mais generalizadas, e nas fases mais especializadas do treinamento as cargas passam a ter predomínio mais específico, com vistas ao aumento do desempenho competitivo.

O princípio da elevação progressiva das cargas, como nos princípios anteriores, indica que a melhoria da performance dos atletas jovens em muitos anos de treinamento está relacionada com o aumento progressivo das cargas. O princípio da sobrecarga, segundo Weineck (1991), passa por diferenças significativas no decorrer do processo de formação desportiva elencando a carga progressiva mais efetiva, sobrecarga individualizada, sobrecarga crescente, sobrecarga seqüencial, sobrecarga variada, sobrecarga e tempo de recuperação do organismo, progressão da sobrecarga, periodização da sobrecarga, sobrecarga geral e especial. À medida que o atleta recebe certos estímulos, estes devem estar sendo aplicados levando em consideração todos os itens citados acima bem como buscando um controle através das avaliações freqüentes, principalmente no que diz respeito à intensidade e ao volume do treinamento nas diferentes fases do processo de preparação técnica e tática, tanto nos aspectos biológicos quanto no psicológico e social.

Assim, os princípios do treinamento servem como base para a elaboração dos conteúdos e métodos de maneira eficiente, nos quais os estímulos direcionados aos atletas jovens no processo são ações que sustentam a obtenção de informações nas práticas referentes ao desenvolvimento e à aquisição da melhoria continuada do indivíduo no processo de preparação, onde, na etapa de iniciação desportiva, o ensino-aprendizagem é a prioridade e, na etapa de especialização desportiva, o ensino-treinamento passa a ser a prioridade quando se trata de formação técnica e tática. Entende-se ainda que, no caso de uma preparação em longo prazo ou na preparação dos atletas de desportos coletivos basquetebol, os técnicos podem diminuir os erros pedagógicos na elaboração dos métodos e dos meios para a aplicação das cargas nas quais os princípios do treinamento servem como elementos fundamentais para o entendimento do processo de melhoria do indivíduo em todas as suas dimensões de competências na prática desportiva aqui estudada, especificamente para a técnica e tática do basquetebol.

Na seqüência, apresentam-se os métodos e os meios utilizados na elaboração do treinamento, que estão altamente relacionados aos princípios que norteiam o processo de treinamento.

1.3. Métodos e meios pedagógicos aplicados ao ensino-treinamento técnico e tático do basquetebol

Os métodos de influência pedagógica têm importância para a composição de práticas no treinamento desportivo. Autores clássicos do treinamento desportivo (MATVEEV, 1980 e 1997; WEINECK, 1991 e 1999; BOMPA, 2002; GOMES, 2002) buscaram sistematizar e classificar os métodos pedagógicos para compreender sua estrutura funcional aplicada à preparação de atletas, com fins determinados de melhoria em sua modalidade específica. Matveev (1997) classificou os métodos pedagógicos em três grupos: influência prática, verbal e demonstrativa. É válido ressaltar que, embora essa visão se revele aplicada e com destaque nas capacidades de condicionamento, existe um processo de aprendizagem na execução de sua prática

à medida que algum problema a ser resolvido significa um desafio a ser vencido, mesmo que se subtraia daí, aparentemente, a resolução que envolve a lógica e sua verbalização (BALBINO, 2001 e OLIVEIRA e PAES, 2004).

Matveev (1980) e Gomes (2002) propuseram a caracterização dos métodos, organizando-os a fim de estimular as várias dimensões de desempenho. São eles o método de influência prática ou programada que podem ter seqüência e intensidade em variadas combinações e se justificam pelos métodos orientados para o ensino da técnica das ações motoras, nas quais se destacam os enfoques do método de ensino integral, que pressupõe o estudo da técnica das ações motoras de uma só vez e em caráter integral, e o método de ensino dividido, que pressupõe a divisão da atividade motora em elementos ou fases relativamente independentes.

Nesse sentido, cabe ressaltar as preocupações de Fernandez et al, (2002) quando estes autores afirmaram que as ciências do desporto como qualquer outra área do conhecimento humano, vem adotando uma abordagem holística no pensamento metodológico, na qual o ser humano é focado de uma maneira global, dentro dos diferentes campos de estudos e análises. Este enfoque, segundo o autor, busca o despreendimento dos conceitos cartesianos, onde se dividia o todo em partes e a análise era calcada sobre cada parte de forma independente, por exemplo, treinar primeiro as passadas da bandeja e depois o salto para somente na seqüência a empunhadura, o encaixe da bola na mão predominante e só na última parte ensinar como arremessar para a criança. Desta forma, a metodologia cartesiana não buscava a integração dos diferentes aspectos do treinamento desportivo, visando a um enfoque global das diferentes variáveis que influenciavam a aprendizagem do desporto coletivo e no basquetebol via de regra ainda tem ocorrido atualmente. Basta analisar as pesquisas realizadas por Garganta (1995), Oliveira e Graça (1998), Oliveira e Paes (2002, 2004) sobre as metodologias de ensino dos desportos coletivos, principalmente sobre o ensino-treinamento da técnica e da tática no basquetebol no processo de formação desportiva.

Dessa forma, o treinamento das capacidades motoras técnicas e táticas do basquetebol pode estar respaldado pelas referências de diversas áreas do

conhecimento e não apenas pelos métodos de exercício de regime em caráter contínuo (permanente) ou intervalados importados do atletismo. De acordo com Bompa (2002, p. 391),

o método de jogo tem em seu caráter emocional grandes vantagens para desenvolver a coordenação e a velocidade de movimentos principalmente nas etapas iniciais de preparação técnica e tática porque promove o contentamento e o divertimento dos desportistas.

Pode-se pensar principalmente no método de jogo que se realiza através das modalidades desportivas coletivas na qual o basquetebol está inserido e pelos diversos tipos de jogos existentes, buscando criar analogias com situações vividas na competição, exigindo desempenho conjugado à emotividade, com ausência de rígida programação de êxitos porque nesses desportos muitos erros acontecem durante o treino e jogos e a preparação global se torna mais fidedigna pela diversidade das situações de jogo e independência criadora na escolha de soluções mais eficazes de tarefas motoras (GRANELL e CERVERA, 2003)

No entanto, parece que o complexo de diversas habilidades e capacidades motoras exigidas e manifestadas nos jogos e nas competições torna o método de jogo de elevado valor metodológico, no processo de treinamento tanto para a iniciação quanto em alto nível de exigência. Nesse sentido, Weineck (1991) destaca vários métodos, como variativo na movimentação, em condições externas, de movimentos automatizados por exercícios, por tempo determinado, sem tempo determinado, por percepção das informações, depois de grandes cargas, porém ressalta que o método competitivo é o melhor parâmetro para se fazer as análises mais profundas da real performance dos atletas e indica o método psicológico para eliminar fatores desfavoráveis que podem influenciar no desempenho dos jovens. Sobre esse assunto, Granell e Cervera (2003) sugerem os estímulos positivos como principal conteúdo da preparação psicofisiológica dos jovens, defendendo que o reforço negativo pode não ser benéfico em função das fases de desenvolvimento, principalmente social dos adolescentes que parece estar totalmente relacionado com a auto-estima.

Além dos métodos tradicionais de utilização prática, Gomes (2002) com base em

Matveev (1980) apresentou outros métodos que são muito relevantes para a preparação técnica e tática de jovens atletas de basquetebol, como o método de influência verbal. Este se manifesta através da comunicação verbal entre o técnico e o atleta. Explicação, diálogo, comando positivo, indicação corretiva, análise verbal, avaliação e outras manifestações mediante a verbalização, pautadas pelo conteúdo emocional e pelo sentido lógico da informação. Podem ser citados nesse método os métodos de influência demonstrativa, os quais utilizam as possibilidades de diferentes sistemas sensoriais do homem, relativos aos sistemas visuais, auditivos e sinestésicos.

Matveev (1980) e Gomes (2002) indicam possibilidades desse tipo de estimulação, através dos métodos que se utilizam. Os métodos demonstrativos visuais são orientados pela apresentação da atividade motora, demonstrando o que deve ser feito, provocando a imitação. Podem se dar pela demonstração de materiais didáticos, permitindo ao atleta perceber a possível solução de uma tarefa motora através de vídeos, fotos, cartazes, desenhos, esquemas gráficos, etc. Uma outra maneira de aplicá-lo é através da orientação visual, que auxilia a executar corretamente o movimento no espaço e no tempo, utilizando pontos visuais de referência, com objetos para marcações, auxiliando o atleta na execução de uma tarefa motora. Os métodos demonstrativos auditivos indicam a criação de pontos de referência necessários ao fim ou ao começo de determinados movimentos, ou a marcação de alguma variação de intensidade na ação motora que seja significativa, indicando o esforço principal, por exemplo. A demonstração sonora pode auxiliar na assimilação do ritmo de execução das ações motoras. Os métodos demonstrativos *sinestésicos* têm como objetivo estimular a organização pelo atleta das sensações vindas do aparelho motor, que pode ser feita com a intervenção do técnico, em ajuda dirigente, na condução do segmento corporal na ação motora.

Assim, os jogos e os exercícios constituem a base da iniciação e da preparação técnica e tática do atleta de basquetebol, constituindo-se na principal forma de utilização das ações motoras no treinamento em função da facilitação e do estímulo específico orientados para a solução de tarefas nas práticas de preparação dos atletas

(BALBINO, 2001). Gomes (2002) ressalta que os exercícios físico-motores estão obrigatoriamente ligados ao método do treinamento técnico e tático, estabelecendo interligações necessárias para a solução das tarefas motoras propostas, com características de repetição, de forma definida e objetiva. Fica convencionado aqui que meio é o que o técnico utiliza (exercícios técnicos através dos movimentos, um meio geral de treinamento para o basquetebol, utilizado principalmente nas fases iniciais da preparação) e método é como se utiliza (número de séries, número de repetições de determinados exercícios de forma intervalada, contínua, ou mistas entre outras).

Gomes (2002) cita alguns meios que são utilizados: equipamentos especiais – material desportivo, instalações, aparelhos de treino, aparelhagem de avaliação, etc; fatores da natureza: influência do ar e da água, radiação solar, condições climáticas especiais; condições sociais e ecológicas de vida dos atletas: condições de vida cotidiana, regime de sono, estudos, trabalho, fator social, econômico; alimentação do atleta: adequação de quantidades necessárias de nutrientes; fatores de recuperação – massagem, fisioterapia, suplementação alimentar, sauna, etc; influências informativas: sistemas de informação a fim de se obter maior variedade possível de dados.

Como forma de aplicação de exercícios, na perspectiva de que possam atender às exigências especiais da modalidade em questão, Matveev (1997) classificou os exercícios em: competitivo: atividade motora integral, dirigida no sentido da solução da tarefa motora específica de competição, realizada de acordo com as regras da modalidade; preparatório especial: análogo aos competitivos, porém sem características contextuais da competição, representando de forma mais intensa da modelagem seletiva competitiva; preparatório geral: pode ser ou não análogo ao competitivo, mas tem características referenciadas à modalidade de desenvolvimento multifacetada. Dessa forma, os meios apoiados nos princípios que regem o treinamento dão suporte para os métodos de ensino do basquetebol.

Apresenta-se a seguir, pautado pela pedagogia do treinamento desportivo, as etapas e fases do desenvolvimento desportivo e estudos que tratam do ensino do basquetebol, bem como suas propostas teóricas e metodológicas.

CAPÍTULO II

PEDAGOGIA DO TREINAMENTO DESPORTIVO: REFERENCIAL TEÓRICO SOBRE O PROCESSO ENSINO-TREINAMENTO DA TÉCNICA E DA TÁTICA NO BASQUETEBOL NA INFÂNCIA E NA ADOLESCÊNCIA

Nesse capítulo, o destaque principal é com os referenciais teóricos que tratam do processo de ensino-treinamento da **técnica e da tática** no basquetebol. Destaca-se, no entanto, a etapa de iniciação em basquetebol e suas fases de desenvolvimento, passando pela fase de conhecer brincando o jogo de basquetebol, ou seja, a importância do aspecto lúdico; depois, pela fase de aprendizagem inicial dos sistemas e fundamentos do jogo de basquetebol e, para finalizar, pela fase de automatização e refinamento da aprendizagem inicial ao jogo de basquetebol e aprendizagem de novos conteúdos.

1. Etapa de iniciação em basquetebol e suas fases de desenvolvimento

Matveev (1997) afirmou que toda proposta teórica que visa à realização de um modelo de planejamento da prática do desporto em longo prazo em seus diferentes significados prioriza o desenvolvimento dos seus praticantes em etapas e fases que percorrem desde a iniciação até o profissionalismo. Fernández et al, (2002) corroboram com a idéia e afirmam que a maioria dos autores está de acordo em estabelecer um modelo piramidal, sendo esse universalmente aceito, considerando uma fase de fundamentação básica que antecede a iniciação desportiva, seguida da especialização desportiva em uma ou até mais modalidade e por fim a prática do desporto em alto rendimento. Destacam-se ainda outros autores que demonstraram essa preocupação no decorrer de sua produção científica, entre os quais Carl (1988), Hahn (1989), Krebs (1992), Zakharov e Gomes (1992), Gallahue e Ozmun (1995), Bompa (1995, 2001 e 2002), Filin (1996), Borin (1997), Greco (1998), Bhome (1999), Weineck (1999),

Schimidt (2001), Paes (2001), Gomes (2002), Fernández (2002) e Oliveira e Paes (2004).

Grosser *et. al* (1989) apontam que são vários os fatores que condicionam a preparação técnica e tática desportiva em longo prazo no basquetebol. Por isso, defende que se torna necessário, na elaboração do planejamento da preparação desportiva em longo prazo, considerar fatores de diversas naturezas que determinam os ajustamentos e reformulações dos modelos teóricos e referências, como os objetivos, a estrutura do processo, os conteúdos, os meios e os métodos. Primeiramente, os aspectos socioculturais de cada país, depois a organização científica e metodológica, em seguida os princípios que regem os métodos e por fim a estrutura temporal que, neste estudo, são compreendidos em etapas e fases. Apesar desse entendimento, deve-se pensar que no Brasil, além da sua dimensão territorial, há diferenças culturais significativas (ARRUDA, 2000) e é preciso nas diversas regiões adaptar os modelos teóricos de preparação desportiva. Nesse sentido, muitos autores apresentaram suas teorias e modelos de preparação desportiva em longo prazo para o desporto em geral, mas entende-se que o basquetebol nacional ainda busca um modelo teórico que sirva para as suas características e para as diferentes regiões e cenários e que possibilite uma melhor compreensão do ensino-treinamento da técnica e da tática dessa modalidade por todo o País (OLIVEIRA e PAES, 2004). Esse modelo deve abranger o ensino técnico e tático do basquetebol desde que a criança inicia no esporte até a fase adulta quando for o caso, com diferentes enfoques pedagógicos, meios e métodos de ensino, entre outros aspectos teóricos, enfatizando o respeito ao desenvolvimento físico, compreensão, participação, co-educação, emancipação, autonomia, integração, socialização e os princípios e valores morais na formação da cidadania, principalmente quando se tratar de crianças em fase de iniciação ao basquetebol.

Oliveira e Paes (2004) destacaram uma periodização dos conteúdos e dos métodos e meios, na qual se pudesse ensinar a técnica e a tática do basquetebol (Etapa de Iniciação) e posteriormente aperfeiçoar e aprofundar a aprendizagem (Etapa de Especialização) para as competições, respeitando as idades cronológicas,

principalmente ao desenvolvimento biológico de cada desportista, porque nos dias atuais, para se atingir os resultados desportivos superiores, os atletas dedicam-se à essa atividade desportiva durante muitos anos e nessa trajetória há diferentes momentos no desenvolvimento físico dos jovens atletas, na qual os técnicos precisam desse conhecimento para aplicar o ensino-treinamento. Por isso, tornou-se necessária uma subdivisão metodológica de longo prazo, relacionada à preparação técnica e tática dos atletas, sendo que as etapas e fases não têm prazos definidos de início e finalização, pois dependem não só da idade, mas também do potencial genético do desportista e do ambiente no qual está inserido e das particularidades de seu crescimento, maturação e ainda da qualidade dos técnicos, entre outros, e também das características do basquetebol.

Assim sendo, apresenta-se no Quadro 1 um modelo teórico de formação desportiva para o basquetebol em muitos anos considerando os aspectos técnicos e táticos.

Quadro 1 – Periodização do processo de ensino-treinamento da técnica e tática para o basquetebol na etapa de Iniciação.

Idade Biológica	Idade Escolar	Fases de aprendizagem na etapa de iniciação em basquetebol	Idade Cronológica	Categorias do Basquetebol
Primeira e Segunda Infância	Primeira a Quarta Série	Fase de conhecer brincando o jogo de basquetebol: a importância do aspecto lúdico	7-10 anos	Pré-mini
Primeira Idade Puberal	Quinta e Sexta Séries	Fase de aprendizagem inicial dos sistemas e fundamentos do jogo de basquetebol	11-12 anos	Pré-mini e Mini
Pubescência	Sétima e Oitava Séries	Fase de automatização e refinamento da aprendizagem inicial ao jogo de basquetebol e aprendizagem de novos conteúdos	13-14 anos	Mini/Mirim

Fonte: Adaptado de Oliveira e Paes (2004). As categorias de disputas nos campeonatos do ensino não formal como os clubes e federações variam suas idades de Estado para Estado. Neste estudo, os dados foram extraídos das disputas dos campeonatos no Estado de São Paulo.

Oliveira e Paes (2002) afirmaram que as pessoas envolvidas com o contexto desportivo, como dirigentes, amigos, professores e, por fim, os patrocinadores também podem entender sua importância no processo e contribuir para que os atletas possam incorporar alguns princípios, haja vista que serão submetidos ao processo de treinamento e competições específicos e esse entendimento é fundamental para a continuidade dos jovens na prática do basquetebol, evitando assim o abandono precoce.

Assim, apresenta-se a seguir a base teórica da proposta com os métodos, meios e conteúdos para a etapa de iniciação em basquetebol, baseado nos estudiosos da área do treinamento desportivo, dos desportos coletivos e do basquetebol, entre outras.

A etapa de iniciação em basquetebol segue três fases de desenvolvimento desportivo: a) fase de conhecer brincando o jogo de basquetebol; b) fase de aprendizagem inicial dos conteúdos do basquetebol; c) fase de automatização e refinamento da aprendizagem inicial e aprendizagem de novos conteúdos do basquetebol, sendo que cada fase possui objetivos específicos para o ensino e está de acordo com as idades biológica, escolar e cronológica e com as categorias disputadas nos campeonatos municipais e estaduais, diferenciando-se em seus conteúdos (OLIVEIRA e PAES, 2004).

1.1. Fase de conhecer brincando o jogo de basquetebol: a importância do aspecto lúdico

O envolvimento inicial das crianças nas atividades do basquetebol deve ter caráter lúdico, participativo e alegre no que diz respeito à técnica e à tática a fim de oportunizar o ensino dos fundamentos e sistemas do basquetebol, estimulando principalmente o pensamento tático. Todas as crianças devem ter a possibilidade de acesso aos princípios educativos dos jogos e brincadeiras, influenciando positivamente

o processo ensino-aprendizagem. Podem-se utilizar as competições como facilitadora do ensino da técnica e da tática nas fases iniciais principalmente, porém devem-se evitar cobranças exageradas pelo resultado desportivo e também a perfeição dos movimentos ou gestos motores, além das grandes soluções táticas, ou seja, jogadas estereotipadas, com vistas principalmente à motivação e à prática (KREBS, 1992; ZAKHAROV e GOMES, 1992; FILIN, 1996; MATVEEV, 1997; OLIVEIRA e PAES, 2004).

Paes (1989) pontua que, no processo evolutivo, essa fase tem a participação no minibasquetebol com atividades variadas com caráter recreativo e visa à educação do movimento, buscando-se o aprimoramento dos padrões motores e do ritmo geral, que pode ser por meio das atividades lúdicas ou recreativas. Hahn (1989) propõe, com base nos estudos de Grosser (1981), o desenvolvimento das capacidades de coordenação, velocidade e flexibilidade, pois esse é o período propício para o início de desenvolvimento. As crianças encontram-se favorecidas, aproximadamente entre 7 a 11 anos, em função da plasticidade do sistema nervoso central, e as atividades devem ser desenvolvidas sob diversos ângulos: complexidade, variabilidade e continuidade durante todo o seu processo de desenvolvimento.

Weineck (1991) pontua que as crianças dessa faixa etária (7 a 11 anos) demonstram grande determinação para as brincadeiras com variação de movimentos e ocupam-se de um percentual significativo de jogos, que formam de maneira múltipla. Esse fato indica que se deve proporcionar, então, um ambiente agradável durante o oferecimento do minibasquetebol para que o desenvolvimento ocorra sem maiores prejuízos, ou seja, as crianças devem aprimorar o padrão de movimento cuja execução objetiva apenas a estimulação para que, assim, a criança construa o seu próprio repertório motor, sem nenhuma sobrecarga.

Desta maneira, ao relacionar a participação da criança em atividades motoras na infância, constatou-se que as mesmas gostam de brincar (VIEIRA, 1999 e OLIVEIRA, 2001). Ao entrevistar talentos da modalidade basquetebol, Oliveira (2002) confirmou que os atletas, quando crianças, gostavam de caçar, brincar de super-herói, cabo de guerra, amarelinha, demonstrando, assim, interesse pelas atividades lúdicas.

Nesse contexto, Greco (1999) e Paes (2001) afirmam que a função primordial do basquetebol é assegurar a prática no processo ensino-aprendizagem, com valores e princípios voltados para uma atividade gratificante, motivadora e permanente, reforçada pelos conteúdos desenvolvidos pedagogicamente, respeitando-se as fases sensíveis do desenvolvimento, com carga horária suficiente para não prejudicar as demais atividades, como o descanso, a escola, a diversão, dentre outras; caso contrário, será muito difícil atingir os objetivos em cada fase do período de desenvolvimento infantil.

Oliveira (1997) corrobora essa tese ao afirmar que, nessa fase, as principais tarefas são os gestos motores, necessários à vida, e deve-se procurar assegurar o desenvolvimento harmonioso do organismo por meio de atividades de saltos, corridas, lançamentos que aproximam ao basquetebol, mas que não apresse a especialização do jogo de basquetebol ainda. Os iniciantes devem praticar aproximadamente de 150 a 300 horas anuais, o que corresponde a aproximadamente 4 – 6 horas semanais de prática e de preferência nas escolas, sendo que o trabalho geral deve predominar em relação às cargas específicas. Isso significa que a especialização precoce, nesse momento, pode não ser adequada quando se trata de grandes cargas especializadas (FILIN, 1996).

Em relação ao basquetebol adaptado às condições físicas e psicológicas das crianças, as atividades lúdicas em forma de brincadeiras e pequenos jogos podem contribuir para desenvolver as capacidades técnico-físicas, tais como a coordenação, a velocidade e a flexibilidade – propícias nessa fase – e também as habilidades básicas para futuras especializações, como agilidade, mobilidade, equilíbrio e ritmo. Não deve haver apreensão com a execução errônea do gesto técnico, pois cada forma diferente de movimento em relação ao modelo técnico pode ser aceita, deixando para a fase posterior as cobranças em relação à perfeição dos gestos motores do basquetebol (GALAHUE e OZMUM, 1995).

A seguir, mostram-se os conteúdos do ensino da técnica e da tática e as considerações gerais sobre a segunda fase da etapa de iniciação em basquetebol, que foi denominada de fase de aprendizagem inicial dos sistemas e fundamentos

específicos do desporto basquetebol.

1.2. Fase de aprendizagem inicial dos fundamentos e sistemas do jogo de basquetebol

São discutidos nesse tópico assuntos referentes à aprendizagem inicial dos conteúdos de ensino da técnica e da tática no basquetebol, haja vista que o objetivo é apenas comentar sobre os conceitos e os conteúdos durante a aprendizagem inicial, fase esta em que os adolescentes buscam o basquetebol com o principal objetivo de jogar.

A fase de aprendizagem inicial dos sistemas e fundamentos do jogo de basquetebol visa a oportunizar a todas as crianças e adolescentes interessados em aprender o basquetebol e corresponde da 5^a a 6^a séries do ensino fundamental, com idades aproximadas de 11 a 12 anos, correspondente também à primeira idade puberal do sistema biológico. No caso do basquetebol, essa fase, nos campeonatos das federações, corresponde à categoria pré-mini. Partindo do princípio de que a fase aprendizagem inicial visa à estimulação e à ampliação do repertório motor, por intermédio das atividades variadas gerais e específicas, essa fase dá início à aprendizagem diversificada dos conteúdos do basquetebol dentro de suas particularidades na qual se defende o jogo como principal instrumento de ensino, onde os fundamentos básicos vão sendo aprendidos pelos iniciantes através de jogos, brincadeiras, situações reais de jogo como, por exemplo, 2x2, 3x3 (OLIVEIRA e PAES, 2002).

Apresenta-se, então, o crescente no diálogo, almejando a busca de novos procedimentos pedagógicos e metodológicos, com vistas à ampliação e facilitação do aprendizado e à preparação dos jovens praticantes de basquetebol para as competições infantis no exterior e no Brasil do ponto de vista teórico.

Bayer (1994) afirmou existir duas correntes pedagógicas de ensino para o basquetebol: uma utiliza-se dos métodos tradicionais e sua didática prevê o ensino dos elementos técnicos de forma fragmentada, na qual a memorização e a repetição

permitem moldar a criança e o adolescente ao modelo adulto; outra corrente destaca que os métodos de ensino devem levar em conta os interesses dos jovens e que, a partir de situações vivenciadas, iniciativa, imaginação e reflexão possam favorecer a aquisição de um saber adaptado às situações causadas pela imprevisibilidade que ocorrem no jogo de basquetebol. Essa abordagem pedagógica, citada também por Teodorescu (1984), deve promover aos indivíduos a cooperação com seus companheiros, a integração ao coletivo, opondo-se aos adversários, mostrando ao aprendiz as possibilidades de percepção das “situações de jogo”, interferindo na tomada de decisão, elaborando uma “solução mental”, buscando resolver os problemas que surgem com respostas motoras mais rápidas, principalmente nas interceptações e antecipações, frente às atividades dos adversários.

Teodorescu (1984) defende ainda a diversificação e a aprendizagem de várias modalidades desportivas, além do basquetebol nessa fase. Bayer (1994) postula que, em nível de aprendizagem, o “transfer” é admitido, ou seja, a transferência se encontrará facilitada logo que um jogador a perceba na estrutura dos jogos desportivos coletivos. Assim, os praticantes transferem a aprendizagem de um gesto como o arremessar ao gol no handebol, a cortada do voleibol ou o arremesso da cesta no basquetebol. Trata-se, então, de isolar estruturas semelhantes que existem em todos os jogos coletivos desportivos para que o aprendiz reproduza, compreenda e delas aproprie-se. Entretanto, o autor adverte: “ter a experiência numa estrutura não é recebê-la passivamente, é vivê-la, retomá-la e assumi-la, reencontrando seu sentido constantemente” (BAYER, 1994, p. 629). De acordo com a literatura, os iniciantes devem participar de jogos e exercícios advindos dos desportos específicos e de outros, que auxiliem a melhorar sua base multilateral e no preparo com a base diversificada para o basquetebol.

Estudos teóricos desenvolvidos sobre o ensino do basquetebol em vários países, como nos Estados Unidos por Musch & Mertend (1990); em Portugal, por Garganta (1995), Oliveira e Graça (1998), Brandão, (2000) Janeira (2000) e Barreto e Nascimento (2003); na Espanha, por Delgado (2003), Calatayud (2003) e Ibanez (2003); e na Argentina, por Cesare (2003), são utilizados nesse momento para

fortalecer e dar um maior suporte ao referencial teórico nacional.

Nos Estados Unidos, Musch & Mertend (1990) apresentaram uma proposta para o ensino do basquetebol tomando como referência a idéia do jogo, na qual as situações de exercícios da técnica aparecem claramente nas situações táticas, simplificando o jogo formal para *jogos reduzidos* e relacionando situações de jogo com o jogo propriamente dito. Essa forma de jogo deve preservar a autenticidade e a autonomia dos praticantes, respeitando-se o jogo formal. Sendo assim, devem-se manter as estruturas específicas, como a finalização, a criação de oportunidades para o drible, passe e lançamentos nas ações ofensivas. O posicionamento defensivo é generalizado, enfatizando primeiramente a formação individual, na qual almeja-se dificultar a organização ofensiva dos adversários, principalmente nas interceptações dos passes, estabelecendo uma dinâmica entre as fases de defesa – transição e ataque. Os autores afirmam existir duas abordagens pedagógicas principais de ensino naquele país: uma centrada na técnica e outra centrada nas combinações de jogo.

Na proposta teórica de Garganta (1995), aparecem três formas didático-metodológicas de ensinar o basquetebol, as quais são demonstradas no Quadro 2. São elas: forma centrada nas técnicas, forma centrada no jogo formal e forma centrada nos jogos condicionados. A primeira é mecanicista, centrada na técnica, na qual o jogo é decomposto em elementos técnicos: passe, drible, recepção e arremesso. Os gestos são aprimorados, especializados e, entre suas conseqüências, mostram o jogo pouco criativo, com comportamentos estereotipados e problemas na compreensão do jogo, com leituras deficientes do ponto de vista tático. As situações-problema, ocasionadas pelas reais situações de jogo, são pobres quando se trata de pensar, ler o jogo e resolver os problemas, podendo provocar desvios negativos de ordem tática na evolução do aluno/atleta.

Quadro 2 – Formas didático-metodológicas de ensinar e treinar o basquetebol.

Forma centrada nas técnicas	Forma centrada no jogo formal	Forma centrada nos jogos condicionados
<u>Características:</u> Das técnicas analíticas para o jogo	<u>Características:</u> Do jogo para as técnicas sem decompor em partes;	<u>Características:</u> Do jogo para as situações particulares; o jogo é decomposto

formal; o jogo é decomposto em elementos técnicos; hierarquização das técnicas.	a técnica surge para responder situações globais não orientadas.	em unidades funcionais (de complexidade crescente); os princípios do jogo regulam a aprendizagem.
<u>Conseqüências:</u> Ações de jogo mecanizadas, pouco criativas, comportamentos estereotipados; problemas na compreensão do jogo.	<u>Conseqüências:</u> Jogo criativo, com base individualista, anarquia tática; descoordenação das ações coletivas.	<u>Conseqüências:</u> Técnicas surgem em função da tática, de forma orientada e provocada; inteligência tática, correta interpretação - aplicação dos princípios do jogo, viabilização das técnicas e criatividade nas ações de jogo.

Fonte: Garganta (1995, p.20).

A segunda abordagem é a das combinações de jogo contidas na tática por intermédio dos jogos condicionados, voltados para o todo, nos quais as relações das partes são fundamentais para a compreensão do jogo de basquetebol, facilitando o processo de aprendizagem da técnica. O jogo é decomposto em unidades funcionais sistemáticas de complexidade crescente, nas quais os princípios do jogo de 5x5 regulam a aprendizagem.

Na terceira abordagem, as ações técnicas são desenvolvidas com base nas ações táticas, de forma orientada e provocada através do jogo propriamente dito. Cabe-nos ressaltar que, nesse contexto, o objetivo principal é a etapa de iniciação em basquetebol, que ocorre no início da aprendizagem, provavelmente na quinta e sexta séries do ensino fundamental. Dessa forma, as fases seguintes não devem limitar-se exclusivamente a esses métodos, ou seja, tornam-se necessárias outras possibilidades de ensino.

Garganta (1995) propõe ainda que o ensino do basquetebol não deva ser estruturado a partir de elementos técnicos, mas sim a partir de diversos níveis de relação, que garantam ao aluno a compreensão da lógica do jogo. Desta forma, as técnicas surgirão em função da tática, de forma orientada e provocada, uma vez que é a tática que dá sentido à lógica do jogo, e não a técnica. Os níveis de relação citados pelo autor (p. 21) são: eu - bola, familiarização com a bola e seu controle; eu – bola –

alvo, atenção sobre o objetivo do jogo, finalização; eu – bola - adversário, conquista e conservação da posse de bola, perda parcial da liberdade de ação e movimentos (devido à ação adversária); eu – bola - colega, interrupção das ações adversárias com a ajuda de colegas (visão ampla da ação conjunta entre dois indivíduos); eu – bola – equipe - adversários, assimilação dos princípios do jogo, ofensivos e defensivos, com interação de ações contrárias e amistosas, além da própria ação mental e motora.

No Quadro 3, mostra-se as fases de aprendizagem do basquetebol propostas por Garganta (1995). Nessas, tem que se entender como acontece a compreensão da maioria dos praticantes no início da aprendizagem do basquetebol, que é o baixo nível de entendimento do jogo, onde os pré-adolescentes tentam a busca desordenada da posse de bola, a defesa visa à marcação da bola, a aglutinação, as subfunções, o individualismo, a não-ocupação de espaços vazios, os adversários livres de marcação, a não-ocorrência de aclaramento dos espaços de jogo, a verbalização exagerada, o não-entendimento do jogo, a ausência de linhas de passe, a ausência de passes, o jogo sem objetivo definido e, como consequência, a desorganização tática.

Quadro 3 - Fases de aprendizagem do basquetebol propostas por Garganta (1995).

FASES	Comunicação na Ação	Estruturação do Espaço	Relação com a Bola
1. Jogo Anárquico. Centralização da Bola Problemas na compreensão do jogo	Abuso da verbalização, sobretudo para pedir a bola	Aglutinação em torno da bola	Elevada utilização da visão central
2. Descentralização A função não depende apenas da posição da bola	Prevalência da verbalização	Ocupação do espaço em função dos elementos do jogo	Da visão central para a periférica
3. Estruturação Conscientização e coordenação das funções	Verbalização, comunicação gestual	Ocupação racional do espaço (tática individual e de grupo)	Do controle visual para o proprioceptivo
4. Elaboração Ações inseridas na estratégia da equipe	Prevalência da Comunicação gestual	Polivalência funcional. Coordenação das	Otimização das capacidades proprioceptivas

		ações táticas coletivas	
--	--	-------------------------	--

Fonte: Adaptado de Garganta (1995, p. 19).

No Quadro 3, apresenta-se o entendimento de Garganta (1995) sobre as fases que envolvem a aprendizagem do basquetebol e vale destacar que não se trata de uma periodização com datas prévias de aprendizagem, mas de uma estrutura temporal para a aprendizagem. O autor estruturou várias fases de aprendizagem, nas quais os alunos vão aprendendo de acordo com as necessidades que aparecem no jogo, como: a) fase de jogo anárquico, em que acontece a centralização em torno da bola e problemas na compreensão do jogo como um todo; b) fase de descentralização, na qual a função do jogador não depende apenas da posição da bola; c) fase de estruturação, na qual acontece uma melhor coordenação das funções; d) fase de elaboração, na qual as ações são inseridas nas estratégias da equipe. Ver Quadro 3.

Ainda nessa direção, Hadich (1997), em seus estudos analisando as metodologias centradas nas técnicas e centradas no jogo formal, citadas por Garganta (1995), pondera que devido à formação técnico-esportiva, os professores de Educação Física e técnicos de basquetebol vêem seus alunos como atletas e impõem aos mesmos regras imutáveis que se tornam restritas à reflexão dos alunos acarretando muitos abandonos precoces.

Sobre a utilização de determinadas técnicas pedagógicas no ensino do basquetebol, enfatizando o aspecto tático, Mahlo, (1998) cita que as técnicas específicas que são ensinadas nas aulas de Educação Física ou nas chamadas escolinhas de desportos são insuficientes para o aprendizado desse desporto em sua totalidade, e sugere que sejam levados em consideração quatro fatores: Percepção (sensibilidade e entendimento da ação ocorrida); *Solução Mental* (pensamento e conhecimento tático em que a pessoa desenvolve uma resposta ao estímulo da ação ocorrente); *Solução Motora* (qualidades físicas, habilidades específicas, nas quais a pessoa realiza uma ação em resposta à ação ocorrente, geradora do processo) e fatores psicológicos (motivação, concentração, espírito coletivo, determinantes da eficácia na forma como serão realizados nos diferentes estágios).

Pode-se, a partir dessa classificação, afirmar que a maior preocupação no ensino do basquetebol que segue a metodologia tradicional centrada no ensino da técnica mecanizada, tem sido a solução motora, como se a mesma se resumisse a esse ensino. Entretanto, todos esses fatores citados são importantes e devem ser transmitidos desde o início da aprendizagem do basquetebol. De acordo com a proposta de Garganta (1995), para ensinar basquetebol os procedimentos de ensino visam a desenvolver a capacidade de jogo e evitar que se torne pobre e mecanizada, reproduzindo os gestos dos adultos, no qual o objetivo do ensino está centrado nas ações técnicas motoras, tornando o jogo previsível, com grandes possibilidades de leitura das ações táticas por parte dos adversários.

Ainda em relação às propostas, Oliveira e Graça (1998), em Portugal, apresentam uma proposta teórica para o ensino do basquetebol objetivando o desenvolvimento de três domínios, a saber: a) social: no qual os alunos devem apreciar o jogo; b) estratégico: desenvolvimento das capacidades de tomada de decisões; c) técnico: a técnica deve ser utilizada no contexto do jogo com grau de dificuldade crescente e integridade física e psicológica na execução das habilidades. De acordo com Oliveira e Graça (1995), devem-se observar quais os pré-requisitos básicos dos alunos, tendo como referência a capacidade de receber, passar, driblar, lançar a bola e desmarcar. Em relação ao jogo de 5 contra 5, os pré-requisitos devem ser: capacidade de não centrar a bola, não aglomerar nos espaços, procurar a melhor linha de passe, driblar e fugir para espaços livres, passar a bola com facilidade, utilizar-se da comunicação verbal. Sendo assim, o ensino, na fase de aprendizagem inicial, visa a estabelecer ótima relação com o jogo em seu sentido amplo, isto é, visa a dominar os espaços da quadra de basquetebol, evitando aglomerações sem nenhum tipo de organização tática. Os alunos/jogadores jogam na frente da linha da bola, buscando interceptar o passe; quando ocorrer violações, o jogo deve continuar. Deve-se driblar, após a leitura das situações do jogo, passar a bola antes e depois do drible. O esquema defensivo deve ser individual.

A prioridade a ser trabalhada no ensino do basquetebol para os autores estrangeiros está centrada, portanto, em uma pedagogia tal que na aprendizagem

inicial deve-se buscar um melhor nível de jogo e, mediante esse pensamento, pode-se proporcionar melhoras em relação à intencionalidade, ao aclaramento, à criação de linhas de passe, etc. Pode-se observar também ganhos no setor defensivo, no qual a visão do jogador vai englobar tanto a marcação aos adversários, a ocupação do espaço da quadra quanto à marcação das linhas de passe do oponente.

Em contrapartida, as propostas de ensino dos autores brasileiros em relação às propostas dos autores estrangeiros diferem em suas metodologias e valorizam e priorizam o ensino da técnica. Por exemplo, a proposta de ensino do basquetebol de Cardoso (1987), técnica da seleção brasileira feminina do Brasil durante mais de 10 anos, propõe que no basquetebol os fundamentos sejam ensinados; primeiramente, as posturas corporais defensivas bem como seus fundamentos básicos de ataque individuais, para depois ser abordada uma movimentação tática de grupo e coletiva, seguindo o caminho inverso da metodologia proposta por Garganta (1995). Sobre esse aspecto, pode-se inferir que não foi encontrada nenhuma pesquisa longitudinal afirmando o efeito de uma aplicação prática e nem qual seria a melhor metodologia de ensino. Acredita-se que se deve sistematizar e organizar os conteúdos e os métodos e meios afins para garantir uma prática prazerosa e com equilíbrio na aplicação dos conteúdos, buscando evitar o abandono precoce da prática.

Autores brasileiros que propõem uma metodologia para o ensino do basquetebol são Ferreira e De Rose (1987), baseados em Daiuto (1974). Apresentam para a etapa de iniciação o ensino-aprendizagem do basquetebol na prática da seguinte forma: “Essa fase é considerada ideal para o ensino das habilidades motoras, aqui os métodos se diferem, mas a literatura apresenta metodologias contraditórias” p.28. Para os autores, nessa fase deve ocorrer a aprendizagem dos fundamentos simples, como o controle do corpo, o manejo da bola, o drible, os passes e os fundamentos individuais de defesa, arremessos de bandejas, jump em movimento, rebote (FERREIRA e DEROSE, 1987, p. 28). Esses autores apresentam o ensino baseado na técnica inicial e posteriormente à tática, ou seja, deve-se aprender primeiramente os fundamentos isolados do jogo e, posteriormente, em grupo e de forma coletiva, também seguindo um caminho inverso à maioria dos autores estrangeiros.

Outro autor brasileiro que trata da iniciação em basquetebol e apresenta como principal cenário de proposta a escola é Almeida (1998), para quem o ensino do basquetebol deve passar por duas fases distintas: a primeira, na qual chamam de aprendizagem inicial do basquetebol, e deve acontecer o desenvolvimento da coordenação grossa. Para o autor, não há divisão distinta entre as fases de coordenação grossa e fina, elas representam a estrutura básica do processo de aprendizagem motora, independentemente da idade e do nível motor inicial, mas se deve aguardar o desenvolvimento dos alunos para cobrar os movimentos mais refinados. O autor define a coordenação grossa como caracterizada pelo seguinte quadro de manifestação na execução do movimento: força excessiva, paradas que interrompe o movimento, insatisfação, movimento afoito, desarmônico e oscilante (ALMEIDA, 1998).

Ainda no Brasil, Oliveira e Paes (2002 e 2004) propõem o ensino de basquetebol apresentando suas propostas em muitos anos de aprendizagem antes de uma especialização mais estreita, visando a possibilitar aos professores universitários, aos treinadores e aos praticantes as técnicas na iniciação em basquetebol aliadas às ações táticas em três fases, em uma etapa que envolve de 4 a 6 anos de aprendizagem. Para os autores, o processo de ensino-aprendizagem, em cada nível de aprendizado, busca estimular nos alunos uma melhor compreensão da leitura do jogo para que possam reagir de forma imprevisível às ações imprevisíveis defensivas e ofensivas que são características do basquetebol (OLIVEIRA e PAES, 2002; 2004).

Esses autores, com base em experiências práticas principalmente com crianças e adolescentes em fase de formação, sugerem o ensino do basquetebol no qual não se descarta nenhuma forma de trabalho, que são os métodos e os meios, mas alertam que o ensino deve acontecer através de diferentes métodos: método de brincadeira, jogo pré-desportivo, grandes jogos, jogos possíveis, jogo de 5x5, exercícios individuais, circuito técnico e tático, método situacional com situações de vantagem, desvantagem e igualdade numérica, que são as situações de 1x1, 2x2, 1x2, 3x3, 4x4 e 5x5, em que as situações isoladas dos jogos são aprendidas com números reduzidos, estimulando sempre de forma diferente as capacidades coordenativas dos praticantes, podendo

iniciar a aula ou o treinamento pelo jogo de 5x5, já pensando em motivar os alunos/atletas. Em seguida utiliza-se outro método e, em seguida, retorna ao jogo outra vez.

Os autores ainda defendem que a técnica no basquetebol é praticada na aprendizagem inicial aos conceitos da tática, ou seja, aliando o “como fazer” à “razão de fazer”. A técnica individual – drible, passe –, a técnica de conjunto – drible, seguido de assistência, e a técnica coletiva, na qual ocorre a sincronização de todos os fundamentos, formam o conceito de tática de grupo e coletiva. Aprimora-se a técnica nas aulas e treinos, aliadas ao pensamento tático (Ensinar a ler o Jogo), da mesma forma, acontecem com a tática individual, de grupo e coletiva.

Com base nos estudos de Malho (s/d) e Greco (1998), utiliza-se a tática coletiva de 5x5 até 14 anos com vistas a oportunizar a todos sem exceção de vivenciarem todas as funções (posição na quadra de jogo ou posicionamento ofensivo e defensivo). Não se trata de trabalhar os conteúdos da técnica apenas pelo método situacional ou pelas situações de jogo, mas sim de utilizá-lo como um importante recurso, evitando o ensino somente pelos exercícios analíticos de 1x0 e 1mais 1 ou mais 2 em troca de passes, por exemplo, como visto anteriormente, podem não garantir o sucesso nas tomadas de decisão frente às situações de antecipação que ocorrem imprevisivelmente no jogo de basquetebol em fases mais especializadas. Por outro lado, só o método de jogo pode também não garantir a evolução ótima da técnica individual (OLIVEIRA e PAES, 2002; 2004).

1.3. Fase de automatização e refinamento da aprendizagem inicial e aprendizagem de novos conteúdos do basquetebol

Entende-se que, nesse momento do processo de iniciação ao basquetebol, que corresponde à faixa etária aproximada de 13 a 14 anos, correspondente às 7ª e 8ª séries do ensino fundamental, passa os atletas pela fase da pubescência nos sistemas funcionais orgânicos. No caso específico do basquetebol, essa fase corresponde, nos campeonatos das federações como nos clubes, à categoria mini/mirim. Deve-se

ênfatizar, no desenvolvimento dessa fase, para os alunos/atletas, a otimização da repetição mais sistemática com vistas à automatização e ao refinamento dos conteúdos técnicos e táticos aprendidos anteriormente e a introdução paulatina de novos conteúdos.

Nessa fase do processo, o jovem adolescente procura, por si só, a prática de uma ou mais modalidades desportivas por gosto, prazer, aplicação voluntária e pelo sucesso obtido nas fases anteriores. Neste sentido, os atributos pessoais parecem ser fundamentais para o aperfeiçoamento das capacidades individuais. A idade, o biotipo, além da motivação, são características determinantes para a opção por uma ou outra modalidade na busca da automatização e refinamento da aprendizagem dos conteúdos das fases anteriores, buscando mais tarde a especialização em uma só modalidade (VIEIRA, 1999).

Weineck (1991) reconhece que a seleção dos atletas adolescentes deve ser feita com base nas dimensões corporais e na qualificação técnica, além dos parâmetros fisiológicos e morfológicos. As condições antropométricas, além dos fatores afetivos e sociais, exercem uma influência significativa na detecção dos futuros talentos para o basquetebol. Desta forma, a preparação das capacidades técnico-táticas recebe uma parte relevante do treinamento. Contudo, considera-se o desenvolvimento dos atletas aliado a outros fatores, como o desenvolvimento das capacidades físicas. O objetivo é desenvolver, de forma harmônica, todas as capacidades, preparando os adolescentes para a vida e para posteriores práticas especializadas e/ou funções no jogo de basquetebol.

Gallahue e Ozmun (1995) pontuam que, nessa fase, acontece a passagem do estágio de aplicação para a utilização, a qual fica para o resto da vida. Nesse contexto, Krebs (1992) afirma que ocorre, nessa fase, um ensino por sistema parcialmente fechado (prática). Assim, o plano motor que caracteriza o movimento a ser executado, bem como as demais condições da tarefa, já estão prioritariamente definidos, e almeja-se o aperfeiçoamento. Isso significa que, a partir da aprendizagem de múltiplas modalidades, a prática motora é uma atividade específica. No basquetebol, por exemplo, deve-se buscar desenvolver nos indivíduos alguns requisitos relacionados às

demandas das tarefas específicas solicitadas pelas ações motoras por essa modalidade. O fenômeno, aqui, é a automatização do movimento, isto é, todas as aquisições que aconteceram de forma consciente e com muito gasto de energia podem, agora, ser executadas em nível subconsciente, com menor gasto energético, ou seja, de forma automatizada.

A partir de uma fundamentação teórica sobre as considerações gerais que envolvem o ensino do basquetebol na fase de automatização e refinamento da aprendizagem inicial, apresenta-se agora os conceitos e as possibilidades de ensino-treinamento da técnica e da tática no basquetebol na visão de alguns autores mais tradicionais da preparação desportiva.

Para Matveév (1977), no ensino da técnica deve-se considerar os seguintes aspectos: a assimilação e a ampliação da teoria do desporto em treinamento; a ampliação do arsenal de destrezas e hábitos motores favoráveis ao aperfeiçoamento do desporto em questão; e o aperfeiçoamento dos gestos desportivos específicos da modalidade eleita. No que diz respeito à tática, Boucherin *apud* Tubino (1979, p. 162) afirmou, com base nos estudos de Theodorescu, que:

a tática é a totalidade das ações individuais e coletivas dos atletas de uma equipe, a qual está organizada numa forma racional dentro do limite do regulamento e da desportividade, cujo objetivo é conseguir a vitória, levando-se em conta, por um lado, as qualidades e particularidades dos atletas e, por outro lado, as condições dos adversários.

Para uma melhor compreensão sobre a técnica e a tática aplicada ao jogo de basquetebol nessa fase, recorre-se em termos de conceitos aos estudos de autores mais contemporâneos, como Forquet (1972) e Konzag (1983) que dividiram a técnica e tática em individual e de grupo, tanto no ataque quanto na defesa, e Bota e Evulet (2001) que acrescentou que a técnica e a tática de equipe são ações coletivas, indicando os princípios de ações ofensivas que estão nas bases dos sistemas dos jogos desportivos coletivos – basquetebol: *posicionamento rápido, contra-ataque, ataque e defesa*. As ações táticas em grupos entre dois e três atacantes ou defensores com e sem bola são subordinações dos princípios técnicos do jogo. As ações

individuais com e sem bola são utilizadas somente por jogadas de um só jogador e se subordinam à tática individual.

Nos estudos estrangeiros, são encontrados estudos de Oliveira e Graça (1998), os quais preconizam que essa fase está no nível dois da aprendizagem do basquetebol. Para os autores, nessa fase do ensino do basquetebol, o aprendizado busca ocupar-se racionalmente do espaço, com dispositivo de ataque organizado, procurando manter a integridade coletiva. O jogo passa a ser estruturado, tendo a defesa-transição-ataque um mesmo objetivo organizacional. Acontece o equilíbrio entre as ações táticas individuais 1x1, grupo 2x2, 3x3 e de equipe 5x5. Melhora-se, conseqüentemente, o desenvolvimento dos sinais de comunicação corporal ou verbal, nos quais o aspecto defensivo é controlado pelo domínio da bola, jogador, adversário e cesta.

Garganta (1995), em seu estudo, indica que o nível de jogo deve ficar expresso nessa fase da seguinte forma: bom nível de jogo – busca por espaços vazios, ocupação de espaços vazios, movimentação provocada e consciente, manipulação ordenada da bola, marcação ao adversário, funções de posicionamento definidas, aclaramento espacial, comunicação gestual, funções definidas, retomada da posse de bola, linhas de passe, ações táticas preestabelecidas, busca ordenada ao objetivo do jogo, entendimento do jogo, e, como conseqüência, a organização tática.

No Brasil, são encontrados, nos estudos de Ferreira e De Rose (1987), que a fase de automatização e refinamento da fase anterior busca consolidar o período em que o aluno jogador deve possuir uma bagagem motora necessária para a realização dos gestos específicos do basquetebol de forma mais dinâmica e fluente. “O aprendizado desenvolve-se através dos exercícios, nos quais o gesto é global, consolidando mais uma evolução na aprendizagem” (FERREIRA e DE ROSE, 1987).

Ainda no que tange a essa fase, os autores enfatizam que:

o objetivo principal consiste em dar ao aluno/jogador a oportunidade de praticar os fundamentos aprendidos anteriormente em situações que se aproximam do jogo propriamente dito/competição. Em função disso, os exercícios são apresentados em maior grau de dificuldade no desenvolvimento dos fundamentos e acontece o aperfeiçoamento das capacidades físicas do basquetebol: resistência, força, velocidade,

flexibilidade, coordenação, equilíbrio dinâmico e recuperado, agilidade e ritmo através dos exercícios técnicos e táticos (FERREIRA E DE ROSE, 1987, p.8).

Um outro autor brasileiro que discute o ensino nessa fase é Almeida (1998), para o qual a coordenação fina é prioridade e é definida como “o praticante executa o movimento apreendido com poucos erros, manifestando-se da seguinte forma: movimento harmônico satisfatório, movimento fechado, o equilíbrio desejado ainda não é contínuo, há a necessidade de motivação para o progresso, (ALMEIDA, 1998).

Oliveira e Paes (2004), em sua abordagem, propuseram que, além das experiências anteriores, sejam apreendidas pelos atletas as situações de jogo, transição e sistemas ofensivos como também os exercícios sincronizados, cujo principal objetivo é proporcionar aos alunos a execução e a automatização de todos os fundamentos adquiridos, isolando algumas situações de jogo. Com base nesse pensamento, devem iniciar-se as organizações táticas, ofensivas e defensivas, sem muitos detalhes. As “situações de jogo” devem ser trabalhadas em 2x1, 2x2, 3x3 e 4x3, possibilitando aos alunos/atletas a oportunidade de praticar os fundamentos aprendidos em situações reais de jogo, com vantagem e desvantagem numérica.

Outro conteúdo específico nessa fase é a “transição”, entendida como contra-ataque no jogo de basquetebol. Paes (2001) define essa fase “como a passagem da ação defensiva para a ação ofensiva” (PAES, 2001, p. 113). Constatou-se que a evolução técnica e tática e as mudanças na regras do jogo de basquetebol transformaram a transição ou contra-ataque em objeto de estudo de várias escolas esportivas em todo o mundo. Assim, deve-se dar atenção especial aos aspectos fundamentais que envolvem o treinamento da transição ao ensinar basquetebol para adolescentes, pois estes aspectos, desenvolvidos com vantagem e desvantagem numérica, podem aperfeiçoar em reais situações de jogo a técnica, a tática, o físico e o psicológico dos alunos/atletas na busca da maestria, ou seja, da autonomia e do conhecimento teórico e prático sobre o contexto do jogo de basquetebol (OLIVEIRA e PAES, 2004).

Em relação às habilidades motoras, a fase de automatização e refinamento enfatiza a prática do que foi aprendido anteriormente no basquetebol e acrescenta as

situações de jogo, transição (contra-ataque) e sistemas táticos de defesa e ataque, os quais, aliados à técnica, visam ao aperfeiçoamento das condições gerais da formação do atleta, na qual os conteúdos de ensino equilibram-se entre exercícios e jogos com o objetivo de ensinar habilidades “técnicas específicas”, que são o modo de fazer aliado à “tática específica”, a razão de fazer.

O desenvolvimento das capacidades técnica e tática deve acontecer logo que a criança inicia as atividades do basquetebol em forma de brincadeiras nas ruas ou jogos recreativos na pré-escola e na 1ª a 4ª séries do ensino fundamental, e também a partir do momento que entra na 5ª e 6ª séries, aliadas aos outros jogos coletivos desportivos específicos. O próprio jogo coletivo basquetebol, por meio de seus conteúdos, tem a finalidade de aperfeiçoar a velocidade de reação, a coordenação e a flexibilidade que são valências físicas importantes, além da capacidade aeróbica dos pré-adolescentes nessa fase. Isso se torna necessário para uma preparação física e técnica e tática generalizada através de exercícios e jogos.

Na fase de automatização e refinamento dos fundamentos do basquetebol, os exercícios sincronizados e sistemas aprendidos e o desenvolvimento das capacidades físicas, volta-se para a automatização do que já foi conseguido anteriormente, fortalecendo a estrutura física, destacando as capacidades físicas específicas do desporto basquetebol (características biotipológicas). Como exemplo, a resistência de velocidade, muito utilizada no basquetebol, vai depender do biótipo de cada indivíduo.

De qualquer forma, para a prática técnica e tática do basquetebol, torna-se necessário dividir a preparação dos atletas em geral e especial, na qual a geral corresponde às necessidades básicas generalizadas através dos exercícios e jogos e a especial visa ao desenvolvimento, aproximando ao máximo das situações específicas dos gestos motores do basquetebol, de preferência na própria quadra de jogo.

Os estudos de Filin (1996) mostram a importância de periodizar e planejar o treinamento em relação às cargas, às horas e aos conteúdos de ensino, considerando o processo de evolução a longo prazo, a fim de não sobrepôr as cargas antes do tempo aproximado ao desenvolvimento geral dos jovens atletas. Deve-se programar o

ensino-treinamento de forma periodizada e planejada, a fim de se conseguir ganhos, potencializando o desenvolvimento de todas as capacidades técnica-tática, física e psicológica dos prováveis atletas. O Quadro 4 demonstra algumas sugestões na relação entre os percentuais de conteúdos que podem ser aplicados nas diferentes fases do processo de iniciação desportiva no basquetebol, no desenvolvimento da preparação geral e especial na qual norteia as futuras competições.

Quadro 4 – Distribuição percentual dos conteúdos da técnica e tática geral e especial na etapa de iniciação em basquetebol e suas fases de desenvolvimento.

Etapa de iniciação em basquetebol e suas fases de desenvolvimento	Preparação Geral	Preparação especial
Fase de conhecer brincando o jogo de basquetebol: a importância do aspecto lúdico	80%	20%
Fase de aprendizagem inicial dos sistemas e fundamentos do jogo de basquetebol	70%	30%
Fase de automatização e refinamento da aprendizagem inicial e aprendizagem de novos conteúdos	60%	40%

Fonte: Adaptado de Filin (1996).

Com base nos estudos de Filin (1996), a preparação técnica e tática geral, no basquetebol, pode ser desenvolvida tomando parte da aprendizagem, visando, principalmente, à velocidade de execução das ações motoras dos adolescentes após o pico da velocidade do crescimento que acontece de forma diferenciada para cada pré-adolescente, utilizando-se dos espaços da quadra de jogo para o desenvolvimento, além de exercícios adicionais em outros espaços, como salas de vídeo, entre outras. A preparação técnica e tática especial, por sua vez, pode ser desenvolvida juntamente com os exercícios e jogos situacionais, nos quais são treinadas as capacidades físicas em conjunto com a técnica-tática, reforçando a motivação e aumentando o interesse dos praticantes. O próprio jogo de basquetebol deve ser utilizado para manifestar as capacidades técnicas e táticas, em exercícios com curtos intervalos de tempo e em regimes máximos e submáximos, com a predominância da velocidade de execução durante a maior parte do tempo de treinamento (KIRKOV, 1984). As competições

também devem ser utilizadas para desenvolver as capacidades técnicas e táticas gerais e específicas, oportunizando aos atletas de basquetebol o aperfeiçoamento das capacidades técnicas e táticas em real situação competitivas.

No caso do ensino das habilidades (técnicas), como exposto anteriormente, os jogos e as brincadeiras, nas fases anteriores, objetiva a automatização da manipulação de bola, passe-recepção, entre outras e, no domínio corporal, agilidade, mobilidade, ritmo e equilíbrio, dando início à formação tática e ao aperfeiçoamento das capacidades físicas – coordenação, flexibilidade e velocidade – que constituem as bases para a fase de automatização e refinamento no basquetebol, preparando os alunos/atletas para a especialização e o treinamento específico da técnica e da tática nas fases posteriores.

Finalizando as discussões sobre a etapa de iniciação em basquetebol, Oliveira (2002) e Oliveira e Paes (2004) assinalaram que o ensino do basquetebol, seja na escola ou no clube desportivo, para a faixa etária de 11 a 12 anos, deve ser parcialmente aberto, no que concorda Krebs (1992), isto é, as correções dos erros da técnica dos movimentos das habilidades motoras, ou seja, os conteúdos do ensino são aplicados pelo professor e praticados pelos alunos, com pouca interferência nas correções dos gestos motores para não desestimular os menos habilidosos ou ao corrigir os erros o professor tem que entender que os erros fazem parte da aprendizagem e que as crianças não erram por querer. Na faixa etária de 13 a 14 anos, o ensino deve ser parcialmente fechado, segundo Krebs (1992), pois se inicia o processo de especificidade dos gestos do basquetebol, ou seja, a procura pela especialização. Contudo, entende-se que somente após os 14 anos de idade deve acontecer o ensino totalmente fechado, específico das funções do basquetebol, como a formação do jogador e também o aperfeiçoamento das capacidades motoras físicas e todos os sistemas táticos que a modalidade necessita. Entende-se que, nessa forma de ensino-aprendizagem, a técnica (habilidade motora) estará sendo desenvolvida em situações que acontecem na maior parte do tempo no jogo de basquetebol. A assimilação por parte dos alunos/atletas poderá ser beneficiada e, posteriormente, a prática constante poderá predispor a especialização dos gestos motores que

permanecerão para o resto da vida (GALAHUE e OSMUN, 1995).

De acordo com a literatura, no período de aproximadamente dois anos, consolida-se o início do sistema de preparação em longo prazo no basquetebol, pois é importante não se perder tempo para evitar a interrupção da aprendizagem, utilizando-se dos períodos sensíveis do crescimento, maturação e do desenvolvimento do organismo na elaboração das cargas de treinamento técnico e tático. Para Weineck (1991), além da ótima fase para aprender, na qual as diferenças em relação à fase anterior são graduais e as transições são contínuas, as capacidades coordenativas dão base para futuros desempenhos. Por outro lado, deve-se evitar a especialização precoce, como afirma Paes (1986), haja vista que pode levar ao abandono do basquetebol. Este mesmo autor, em seus estudos no Mestrado, entrevistou atletas da seleção brasileira de basquetebol, identificando que a maioria dos atletas que compuseram a seleção brasileira de basquetebol campeã pan-americana iniciou a prática em basquetebol após 12 anos de idade e especializaram-se somente entre 14 e 15 anos. Esse fato demonstra que se deve evitar a busca frenética e precoce dos resultados nas categorias inferiores, entendendo que os resultados superiores deverão ter maior importância, para o futuro atleta.

A partir desse período, começa então o processo de especialização e aprofundamento dos conhecimentos técnicos e táticos no basquetebol. A partir de 14–15 anos, as funções na quadra podem ser priorizadas, mas não especializadas ainda, e, por volta dos 16-17 anos, podem ser aperfeiçoadas em busca da posição do atleta para apenas uma ou no máximo duas funções nas competições. Esse assunto será apresentado a seguir.

2. Etapa de especialização em basquetebol e suas fases de desenvolvimento

Foi visto anteriormente assuntos relevantes sobre o ensino da técnica e da tática na etapa de iniciação em basquetebol e suas fases de desenvolvimento. Foram apresentadas as divergências e convergências de pensamentos de estudiosos no ensino dos conteúdos para cada fase. Abordam-se, a seguir, os aspectos relacionados

ao processo de preparação técnica e tática para as competições em busca dos resultados superiores e dos conteúdos da etapa de especialização em basquetebol e suas diferentes fases de desenvolvimento relacionadas às categorias de disputa bem como as idades que as caracterizam.

No entanto, para discutir a aplicação dos conteúdos específicos dos aspectos fundamentais da preparação técnica e tática dos atletas de basquetebol na etapa de especialização, fez-se necessário buscar a compreensão de autores de distintas áreas do desenvolvimento desportivo, como Krebs (1992), Zakharov e Gomes (1992), Bompa (1995), Filin (1996), Matveev (1997) e Paes (2001). E, no caso específico do basquetebol, os estudos de Daiuto (1974), Luz (1984), Ferreira e Rose (1987), Almeida (1998) e Oliveira e Paes (2004), entre outros.

Segundo Bompa (1995), a especialização dos gestos técnicos e táticos é inevitável quando se pensa em formação atlética, e para alcançar a alta performance os gestos próprios e específicos do basquetebol tomam grande parte do treinamento e das competições. Para Filin (1996), essa fase é a do aperfeiçoamento desportivo, e dá-se início à preparação geral e especial da técnica e da tática, voltadas para a especificidade do basquetebol. A idade de início de dedicação exclusiva deve acontecer aproximadamente entre 14 e 15 anos, destacando a idade aproximada para a opção pelo basquete. Pode-se desenvolver nos atletas a motivação e a dedicação que são fatores determinantes na fase de dedicação exclusiva nos treinamentos em basquetebol, seguidos pelas características físicas, apoio da família e incentivos dos técnicos. Corroborando com o assunto, autores como Krebs e Vieira (1999) e Paes (2001) afirmam ser o momento correto para iniciar a especialização em um determinado desporto coletivo, nesse caso específico o basquetebol.

Desse modo, a exemplo de como se procedeu na etapa de iniciação em basquetebol, e visando à melhor explanação, dividiu-se com base em outros modelos a etapa de especialização dos atletas de basquetebol em duas fases: a) fase de aperfeiçoamento inicial da técnica e da tática; b) fase de aperfeiçoamento profundo da técnica e da tática.

Apesar do entendimento de que as categorias mudam de Estado para Estado no Brasil, defende-se que cada fase dessa etapa, e como já visto na etapa de iniciação desportiva - basquetebol, tem suas características em relação à idade biológica, idade escolar, idade cronológica e as respectivas categorias disputadas nos campeonatos nacionais e internacionais, como pode se ver no Quadro 5.

Quadro 5 – Periodização do processo de especialização da técnica e da tática no basquetebol e os aspectos biológico, escolar, cronológico e as categorias de competição.

Idade biológica	Idade escolar	Etapa de especialização no basquetebol	Idade cronológica	Categorias basquetebol
Segunda Idade Puberal	Ensino médio	Fase de aperfeiçoamento inicial da técnica e da tática	15-16-17 anos	Infantil, Infante e Cadete
Final da Adolescência	Ensino superior	Fase de aperfeiçoamento profundo da técnica e da tática	18-19-20 anos	Juvenil e Sub-21

Fonte: Adaptado de Oliveira (2002 e 2004). As categorias de disputas nos campeonatos do ensino não formal, como os clubes e federações, variam suas idades de Estado para Estado. Neste estudo, os dados foram extraídos das disputas dos campeonatos no Estado de São Paulo.

Apresentou-se graficamente o desenvolvimento desportivo especializado da técnica e da tática, destacando a etapa de especialização dos atletas de basquetebol, com as suas respectivas fases, e também um exemplo para as categorias disputadas no basquetebol, tanto para o ensino formal quanto para o ensino não formal. Apresenta-se a seguir a fase de aperfeiçoamento inicial no basquetebol, fase que tem seu desenvolvimento de dois a três anos, dependendo do treinamento anterior dos adolescentes, das experiências em competições e seus respectivos níveis.

2.1. Fase de aperfeiçoamento inicial da técnica e da tática no basquetebol

A fase de aperfeiçoamento inicial no basquetebol corresponde ao ensino médio, também conhecido como “colegial”, o qual atende alunos/atletas entre 15 e 17 anos,

que estão passando pela segunda idade puberal e cursando o primeiro no do ensino médio. No caso do basquetebol, as competições são promovidas pelo ensino não formal, tais como pelas prefeituras, federações e confederações, na qual os alunos/atletas enquadram-se nas categorias infanto-juvenil e cadete e, em alguns Estados, infantil, infanto e cadete. Assim, torna-se viável distribuir em percentual os conteúdos da preparação técnica e tática ao longo dos anos de forma geral e especial com vistas às competições, conforme demonstra o Quadro 6.

Quadro 6 – Percentual da preparação técnica e tática geral e especial na etapa de especialização em basquetebol e suas fases de desenvolvimento.

Etapa de especialização em basquetebol e suas fases de desenvolvimento	Preparação Geral	Preparação Especial
Fase de aperfeiçoamento inicial da técnica e da tática	40%	60%
Fase de aperfeiçoamento profundo da técnica e da tática	30%	70%
Fase de resultados superiores da técnica e da tática	20%	80%

Fonte: Adaptado de Filin (1996).

De acordo com Filin (1996), tanto na etapa de iniciação quanto na especialização, deve-se distribuir as cargas de forma planejada e organizada a fim de se obter os melhores resultados na fase adulta. Dessa forma, as categorias infanto, cadete e juvenil são as principais fases para preparar tecnicamente e taticamente os atletas e finalizar a preparação em muitos anos. A literatura mundial sobre treinamento desportivo mostra que desde o início da prática sistematizada até o final da formação do jovem atleta a etapa dura em média de 8 a 12 anos e deve-se pensar nos resultados superiores como principal foco apenas na fase adulta. Gomes (2002) aponta que, nesse momento, a quantidade de horas de treinamento anual deve ser entre 600h e 1.000h, nas quais 60% do tempo é destinado à preparação específica dos conteúdos do treinamento e vão evoluindo até 80% na fase juvenil, pois a partir daí, o número de competições anuais são muito grandes quando se trata de nível internacional e não há muito tempo para a preparação geral que no basquetebol pode-se exemplificar como o ensino dos fundamentos básicos individuais de passes,

arremessos, bem como alguma função generalizada, ou seja, busca-se agora o melhor em cada função no jogo.

Abordam-se, nessa fase, primeiramente os aspectos que tratam da especialização técnica e tática no basquetebol marcada pelo aperfeiçoamento inicial, na qual a especialização é caracterizada pela dedicação exclusiva dos adolescentes nos treinamentos e competições do basquetebol visando à obtenção de resultados elevados. A especialização aperfeiçoada inicial dos adolescentes no basquetebol estabelece o direcionamento e a busca de resultados desportivos iniciais através do aperfeiçoamento físico, técnico e tático. Os percentuais dos pesos gerais e específicos das cargas assemelham-se a cada indivíduo em função da fase de desenvolvimento. As cargas horárias devem abarcar entre 600h e 1.000 h por ano, nas quais os atletas dedicam-se aos treinamentos e competições. No entanto, esses treinamentos não podem acarretar, aos alunos/atletas, prejuízos escolares (GOMES, 2002).

Para Krebs (1992), busca-se no movimento técnico, personalizá-lo. Nessa fase, o especializado (aluno/atleta) irá, passo a passo, ou, ainda, ano a ano, buscando, nos treinamentos e competições do basquetebol, atingir a perfeição nos aspectos técnicos e táticos. É por isso que as capacidades volitivas para suportar cargas físicas e psíquicas devem ser estimuladas. Sendo assim, fatores socioculturais envolvidos no processo de preparação dos atletas são decisivos. Entretanto, esses fatores estão reservados apenas para uma minoria dos alunos/atletas da população brasileira.

Schimidt (2001) postula que o sistema de preparação passa a ser totalmente fechado, no qual a especialização das ações motoras é inevitável, aperfeiçoando as ações físicas e técnicas para compor a tática individual de grupo e coletiva, bem como a preparação para as competições. Essa fase de aperfeiçoamento inicial é o início da especialização motora no basquetebol e procura ano a ano a obtenção dos resultados em nível estadual, nacional e internacional. A duração dessa fase coincide com os limites de idade ótima propulsora dos resultados da categoria infante-juvenil e cadete.

Para Almeida, essa fase é propriamente utilizada para o aperfeiçoamento do basquetebol e é a fase de estabilização da coordenação fina, conceituada pelo autor como:

O aluno aplica com sucesso o movimento aprendido, mesmo sob condições dificultadas. A execução do movimento aprendido apresenta em todas as características o aperfeiçoamento: a técnica é aperfeiçoada, há o acompanhamento dos acontecimentos táticos, e previne-se de dificuldades causadas pela imprevisibilidade do jogo (ALMEIDA, 1998, p. 20).

As tarefas de aperfeiçoamento inicial da técnica e da tática devem acontecer de forma mais detalhada, aliadas às estruturas táticas com situações específicas de 1x1, 2x2 e 3x3, fortalecendo, também, os aspectos físicos e psíquicos dos atletas de basquetebol. Além desse fator importante, Paes (1999) ressalva que a eficiência na execução de qualquer gesto técnico será melhor aplicado durante um jogo, se aliada às condições físicas de ótimas qualidades, bem como à compreensão tática. Desta maneira, a preparação das condições físicas dos atletas é objeto de preocupação, haja vista que constitui uma das bases para o aperfeiçoamento técnico-tático profundo, transformando o atleta adulto com prontidão para as competições de basquetebol na modernidade.

Os exercícios sincronizados e as situações de jogo de 1x1 até 5x5, utilizando-se de outras possibilidades para a resolução de problemas específicos, como o domínio do corpo e do espaço, pode facilitar o entendimento tático, o que é fundamental nessa fase, tanto individual como em grupo ou coletivo no basquetebol.

Os sistemas táticos ofensivos e defensivos do basquetebol aprendidos e praticados anteriormente sem muitos detalhes agora são aperfeiçoados e tomam grande parte das horas de treinamento de forma específica para cada função na quadra de jogo. O pensamento tático, não obstante, deve ser livre para desenvolver a criatividade junto às ações técnicas, nas quais a tática base é a resolução de problemas com base na movimentação corporal e espacial, utilizando-se da comunicação verbal e das inter-relações entre os jogadores.

2.2. Fase de aperfeiçoamento profundo da técnica e tática no basquetebol

A fase de aperfeiçoamento profundo corresponde, no ensino formal, ao ensino superior universitário, e pode atender atletas de 18 a 20 anos que estão na fase final

da adolescência em suas idades normais, bem como outros com idades mais avançadas. No caso do basquetebol, essa fase corresponde, nos campeonatos do ensino não formal, às categorias juvenil e sub-21. Trata-se, agora, nessa fase, dos conteúdos que delineiam o aprofundamento no basquetebol, devendo ocorrer a aproximação das cargas no treinamento da fase adulta.

Nessa fase da preparação, o treinamento direciona-se para as proximidades do modelo profissional, no qual o treinamento das capacidades físicas, técnico-tática e os conhecimentos teóricos sobre o basquetebol são passo a passo aperfeiçoados de forma aprofundada nos detalhes das competições ou sistema de competições. No período de aprofundamento e aproximação ao treinamento adulto, os atletas de basquetebol deverão estar com a base sólida já constituída nas fases anteriores. Caso isso não tenha ocorrido nos seus clubes, deve ser retomado no que diz respeito à preparação mais generalizada. Nessa fase, os resultados em competições internacionais, nacionais e estaduais parecem ser o grande objetivo das comissões técnicas, dos patrocinadores, dos técnicos e dos atletas.

Greco e Benda (1998) salientam que essa fase abrange o período de 18 a 21 anos. Os autores a consideram o momento crucial na transição do jovem para uma provável carreira desportiva, nesse caso para o basquetebol, pois são definidos os caminhos e visa-se ao desporto de alto rendimento, denominado profissionalização em função de ser um possível trabalho.

A fase de crescimento físico, nesse período, encontra-se quase finalizada, pois são determinados o biótipo corporal e os traços do perfil psicológico que constituem a personalidade, e que, somados aos outros fatores, levam ao alto nível do basquetebol. Sendo assim, o treinamento técnico e tático deve ser no maior nível de intensidade visando à elaboração de respostas rápidas diante das ações dos adversários (WEINECK, 2001).

Entende-se que leva-se muito tempo para a transmissão dos valores sociais promovidos pelos resultados obtidos em nível internacional, expondo os atletas ao público com muita responsabilidade. Assim, a otimização das capacidades físicas e técnico-tática é extremamente necessária. Matveev (1997) corrobora esse pensamento,

afirmando que essa fase é encontrada na maioria dos desportos, inclusive o basquetebol, no diapasão entre 17 e 20 anos. Esse período é o mais ativo da prática, pois nele acontece o florescimento das capacidades de compreensão, concentração e motivação para os resultados superiores, o que possibilita o treinamento de alto nível, caso suplementados pelos fatores complementares.

Gomes e Teixeira (1999) argumentam que, nessa etapa, os atletas dedicam-se entre 1.000 e 1500 horas de treinamento por ano, das quais 75% são destinadas aos conteúdos específicos. Pode-se afirmar, então, que no processo de preparação do jogador de basquetebol aumentam consideravelmente a parte da preparação especial e específica. O volume e intensidade total das cargas anuais devem ser aproximados e igualados aos aspectos competitivos durante os jogos preparatórios e nos treinamentos, ou seja, igual ou o mais próximo possível do modelo da competição (GOMES, 2000).

A etapa de especialização, segundo Dantas (1985), é enfatizada por muito treinamento físico, e julga-se então que as capacidades técnica e tática são desenvolvidas em função das competências físicas (Oliveira e Paes 2004). Estas podem ser desenvolvidas aliadas aos aparelhos especiais, fortalecendo os músculos específicos dos atletas em suas funções no jogo, por exemplo, os pivôs podem levantar uma serie de halteres no fundo da quadra e, em seguida, jogar dois contra dois. A resistência dos movimentos técnicos e a manutenção dos níveis de compreensão tática durante toda a competição devem manter as condições de velocidade nos jogos e, como o basquetebol deve ter caráter especial, a resistência aeróbia e anaeróbia deve ser altamente exigida e também deve ser treinada em situação real de competição nos estímulos de exercícios técnicos e táticos. Os atletas de basquetebol podem continuar seus desenvolvimentos com base nas fases anteriores, com os exercícios sendo trabalhados dentro da quadra ou campo de jogo, juntamente com os elementos técnicos e táticos que envolvem o jogo, e fora da quadra ou campo de jogo, nos aparelhos de musculação, buscando a preparação mais generalizada e física.

Para a preparação da técnica (fundamentos ou habilidades) do basquetebol nessa fase, Matveev (1980) e Filin (1996) destacam os exercícios gerais, que são

aqueles que não possuem semelhança com os principais gestos motores, e que devem ser treinados desde as fases anteriores por intermédio dos exercícios sincronizados, analíticos, jogos, entre outros – permanecem, porém, com destaque às exigências específicas das competições. Já os exercícios especiais – aqueles muito parecidos com os executados nas competições – representam, nessa fase, um meio que condiciona os melhores ritmos de crescimento dos resultados desportivos superiores em basquetebol. Esses exercícios (especiais) podem ser desenvolvidos no basquetebol, por exemplo, associando os elementos dos sistemas táticos através dos jogos coletivos e das situações de jogo 1x1, 2x3, 3x3 e 2x1, com inferioridade numérica tanto na defesa como no ataque e contra-ataque, para condicionar os atletas em situações reais de competição. As competições, por sua vez, promovem as reais condições de jogo, nas quais os aspectos psicofisiológicos são diretamente acionados. Somente com uma organização pedagógica planejada de treinamento dos conteúdos técnico-táticos pode ser possível aproximar níveis ótimos, quando os objetivos são os resultados superiores.

Os sistemas táticos, nessa fase, constituem os mais importantes instrumentos que o técnico tem para aprofundar os conhecimentos dos atletas de forma bastante detalhada, no que se refere às estratégias defensivas e ofensivas, direcionando e aproximando as leituras sobre as ações dos adversários, formando as competências necessárias para a fase adulta.

Além desses fatores, outros fatores complementares de alta relevância devem ser disponibilizados para a otimização do treinamento dos técnicos e preparadores em geral e dos resultados nas competições. Torna-se necessária, assim, a organização técnico-físico-material, ou seja, o apoio dos fatores que complementam a preparação dos atletas de basquetebol. Os atletas, nessa fase, treinam em centros ou clubes profissionais e devem contar com o apoio de médicos, fisioterapeutas, nutricionistas, preparadores físicos e psicólogos, além de outros influenciadores do processo, a fim de obter e manter os resultados superiores.

A etapa de preparação técnica e tática dos jovens atletas de basquetebol para as competições nacionais e internacionais inicia-se nesse momento e é marcada pela

dedicação exclusiva nessa modalidade durante muitos anos nas competições. Inicia-se nas escolas, passando pelos centros de treinamento, seguindo nas competições municipais, regionais, estaduais até ao encontro das nacionais onde uma minoria consegue atingir o nível para competir nas competições internacionais.

A diferença agora é que a preparação visa aos resultados superiores e o treinamento técnico tático deverá ser periodizado desde as categorias infante, cadete, passando pela juvenil até a sub-21, evitando perder tempo no aperfeiçoamento que só se consegue efetivamente através dos treinamentos intensos e nas competições. Parece que só o treinamento não é eficiente para elevar os atletas às máximas possibilidades competitivas, nas quais as competições organizadas em seqüência no processo de ensino poderá trazer maiores contribuições de performance. São elas as competições preparatórias, seletivas, modelares e as principais. No entanto, conseguirão ótimas performances se passarem por diferentes níveis de competições estaduais e nacionais durante todo o processo de preparação e, segundo Matveev (1997), é só na atividade competitiva que se manifestam as reais capacidades competitivas dos atletas. Sendo assim, a experiência em competições precisa ser planejada para que os atletas possam se preparar utilizando a própria atividade competitiva. Dessa forma, o nível técnico e tático irá ano a ano chegando ao melhor da forma desportiva. Assim, as seleções estaduais e nacionais precisam experimentar suas competências técnicas e táticas num processo de preparação que leva aproximadamente 5-6 anos até os resultados superiores, ou seja, os resultados de maior expressão para o País.

O processo de treinamento especializado, planejado e sistematizado no basquetebol tem duração média de seis a dez anos até atingir os melhores resultados na fase adulta, em competições de nível internacional. Nas categorias infante e cadete, isto se dá quando se trata de seleções nacionais que devem priorizar as seleções permanentes tanto estaduais como nacionais, a fim de melhor prepará-los para o nível internacional, segundo Oliveira e Paes (2002, 2003 e 2004), com base nos estudos de Matveev (1980), Zakharov e Gomes (1992) e Filin (1996).

Após a explanação sobre a pedagogia do desporto e as etapas de iniciação e

especialização dos atletas de basquetebol, é apresentada a seguir uma pesquisa de campo envolvendo os assuntos pertinentes à utilização dos conhecimentos baseados na aplicação prática de técnicos renomados do basquetebol brasileiro, bem como a análise do processo de ensino-aprendizagem de professores universitários Mestres e Doutores.

CAPÍTULO III

PROCESSO E OS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

1. O contexto da pesquisa

Esta pesquisa tem como principal objetivo. Explorar o conhecimento acumulado de técnicos brasileiros e professores do ensino superior em relação ao processo ensino-treinamento da técnica e da tática no basquetebol do Brasil. Esse processo de formação desportiva foi organizado em duas etapas, uma de iniciação e outra de especialização, considerando as teorias do processo de ensino-aprendizagem do desporto coletivo - basquetebol.

Entende-se que, com a aproximação das ciências aplicadas ao desporto no ensino superior, por meio dos professores universitários, com a cultura prática dos técnicos renomados de diversos clubes e das seleções nacionais, potencializam-se as discussões, melhora-se a qualidade do material teórico produzido sobre o ensino do basquetebol e apresenta-se uma contribuição teórica para o desporto brasileiro, além de promover uma repercussão positiva para a área do basquetebol no Brasil.

A etapa de iniciação desportiva é caracterizada pelo início da pré-adolescência por volta de 11 anos até o final da puberdade por volta dos 14/16 anos e a etapa de especialização, que percorre a partir dessas idades até aproximadamente 18/19 anos, Weineck (1999) e Bompa (2002). Ressaltando as diferenças entre meninos e meninas busca-se as formas mais modernas de preparação, proporcionando aos atletas as competências técnico-táticas atuais para atuarem na fase adulta em busca do sucesso desportivo. Essas etapas compreendem a aprendizagem de conteúdos diferenciados em diversas fases de desenvolvimento (OLIVEIRA e PAES, 2002 e 2004).

1.1. Procedimentos e o percurso escolhido para a realização da pesquisa de campo

Esta pesquisa caracteriza-se como sendo descritiva e exploratória e, de acordo com Thomas e Nelson (2002), tem como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno, ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis, utilizando técnicas padronizadas de coleta de dados que serão analisadas de forma quantitativa e principalmente de forma qualitativa. A pesquisa qualitativa para Thomas e Nelson (2002) tem como foco a essência do fenômeno, no qual a visão do mundo varia com a percepção de cada um e é altamente subjetiva e os objetivos primeiramente buscam a descrição, a compreensão e depois a busca dos significados. O pesquisador não manipula as variáveis por meio de tratamentos experimentais, interessando-se mais pelo processo do que pelo produto. O pesquisador observa e coleta os dados no campo, isto é, no ambiente natural. Já a pesquisa quantitativa usa medidas para testar hipóteses, ou busca padrões numéricos relacionados a conceitos cotidianos e entende-se que a pesquisa quali-quantitativa pode usufruir de dados qualitativos a partir da análise dos dados e pela interpretação e experiência do pesquisador inferindo ou não em dados quantitativos (THOMAS e NELSON, 2002).

Neste estudo, os dados quantitativos objetivam evidenciar melhor alguns padrões de respostas, contribuindo para o processo de análise qualitativa. Nessa perspectiva, analisar e quantificar os elementos caracterizados pela relação entre dois ambientes é o propósito.

1.2. Desenho do estudo

Esta pesquisa tem seu desenho de investigação dividido em dois ambientes. O ambiente (A) trata dos técnicos renomados que atuaram e/ou atuam na prática com iniciação e especialização de atletas do basquetebol brasileiro. O ambiente (B) trata de professores Mestres e Doutores que atuam com o ensino do basquetebol nas universidades brasileiras. Procedeu-se, por conseguinte, a uma investigação sobre o processo de ensino-treinamento de atletas de basquetebol no Brasil.

Quadro 7 – Ambiente A: Técnicos de basquetebol do Brasil

Ambiente (A)	Técnicos de seleções estaduais e nacionais que representaram e representam o Estado e o País entre 1980 e 2005
--------------	--

Quadro 8 – Ambiente B: Professores universitários

Ambiente (B)	Professores Mestres e Doutores que atuam com o ensino do basquetebol em universidades brasileiras
--------------	---

Assim sendo, o objetivo é explorar o conhecimento de técnicos renomados do basquetebol brasileiro, bem como de professores universitários Mestres e Doutores, visando contextualizar o processo de ensino do basquetebol tanto no ambiente universitário quanto por equipes nacionais.

1.3. Instrumento de medida

O instrumento de medida utilizado foi a entrevista semi-estruturada (Anexo III). Foram utilizadas fichas com dados pessoais atuais e um questionário com perguntas semi-estruturadas pré-elaborado. Para gravar os depoimentos, foi utilizado um minigravador e fitas cassete de 60 minutos, uma para cada técnico e professor entrevistado. As entrevistas foram gravadas em sua maioria na residência dos professores e técnicos e outras restantes nos locais de treinamento e de aulas. Posterior as explicações técnicas sobre o método, procedeu-se à coleta. A duração das entrevistas variou entre uma hora e meia a duas horas.

1.4. Estudo piloto

O estudo piloto caracterizou-se como sendo muito importante para corrigir

possíveis erros e para a validação e objetividade e também para melhorar as questões temáticas e adequá-las aos objetivos do estudo. Foram realizados vários estudos preliminares (OLIVEIRA e PAES, 2002; OLIVEIRA e PAES, 2003) com a tentativa da entrevista semi-estruturada e ambos os estudos foram publicados. Com base nesses estudos, estruturou-se o estudo piloto e foi utilizado com um técnico de renome internacional e um Professor Doutor universitário, para, enfim, adaptá-lo às exigências do presente estudo que faziam parte da população pretendida para responder às questões temáticas. As respostas foram examinadas para determinar se as questões eram claras, apropriadas e se estavam adequadamente formuladas. Após essa análise, o questionário foi corrigido e também o roteiro para as entrevistas do projeto final (Anexo III).

1.5. Definição dos participantes e os aspectos éticos da pesquisa

O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos da Universidade Estadual de Campinas, comprovado pelo Termo de Consentimento Livre e Esclarecido fornecido (Anexo VI)

Como procedimento da coleta de dados, as entrevistas foram gravadas e as perguntas apresentadas com antecedência ao entrevistado, não contendo caráter de invasão de privacidade, dizendo respeito somente a conceitos gerais e específicos do ensino e da preparação dos jovens atletas de basquetebol para as competições nacionais e internacionais.

As entrevistas, depois de gravadas, foram transcritas na íntegra para posterior análise. Então, foi possível contar com o conhecimento acumulado de parte dos técnicos profissionais que atuam e/ou já atuaram com o desporto, basquetebol nas mais diversas categorias de ensino, em nível nacional e internacional, bem como dos professores universitários que atuam com o ensino do basquetebol atualmente nas universidades brasileiras. Triviños (1987) assevera que as informações são destaques, sendo permitido o aperfeiçoamento das idéias por eles expostas, com suas próprias palavras gravadas. As entrevistas foram realizadas de acordo com a disponibilidade

dos sujeitos, em locais e datas sugeridas pelos mesmos, nos meses de março a julho de 2006.

1.6. Sujeitos do estudo

Os sujeitos do estudo foram onze professores com titulação de Mestres e Doutores que atuam com o ensino da disciplina que envolve a modalidade basquetebol em universidades brasileiras e 11 técnicos de basquetebol; sendo eles sete técnicos que já passaram ou estão nas seleções nacionais; e quatro técnicos pertencentes a equipes de relevância nacional na atualidade. Para melhor compreensão, é apresentado no Quadro 9 e 10 o contexto e o perfil dos entrevistados com seus nomes, profissão, formação acadêmica, universidades onde atuam, deixando claro que os sujeitos foram muito receptivos ao estudo assim que receberam o convite.

1.7. Contato com os entrevistados e os procedimentos da coleta de dados

Foi utilizado para contactar os informantes os meios virtuais, como e-mail, e o telefone e fax. O primeiro contato foi por e-mail (Anexo VII) no qual era explicado para os responsáveis da confederação brasileira, técnico, assessor de imprensa, bem como para os cientistas do desporto os motivos da pesquisa e justificando sua importância para o basquetebol nacional. Posteriormente, foram marcados horários e locais previamente determinados nos quais foi explicitado o roteiro da entrevista e procedida à coleta dos dados. As coletas foram realizadas no período de março a julho de 2006 nas cidades dos técnicos e dos professores universitários em local designado antecipadamente. Foram percorridos de avião, ônibus e carro aproximadamente 14 mil quilômetros até o final da coleta de dados.

Quadro 9 – Perfil dos sujeitos do ambiente A - Professores universitários envolvidos na pesquisa.

Professores Ms e Drs	Profissão	Formação Acadêmica
P1	Professor Universitário	Doutorado
P2	Professor Universitário	Doutorado
P3	Professor Universitário	Doutorado
P4	Professor Universitário	Doutorado
P5	Professor Universitário	Mestrado
P6	Professor Universitário	Doutorado
P7	Professor Universitário	Mestrado
P8	Professor Universitário	Mestrado
P9	Professor Universitário	Mestrado
P10	Professor Universitário	Doutorado
P11	Professor Universitário	Mestrado

Fonte: O estudo.

Quadro 10 – Perfil dos sujeitos do ambiente B - Técnicos renomados envolvidos na pesquisa.

Técnico	Profissão	Formação Acadêmica
T1	Técnico de basquetebol	Professor EF
T2	Técnico de basquetebol	Professor EF
T3	Técnico de basquetebol	Professor EF
T4	Técnico de basquetebol	Professor EF
T5	Técnico de basquetebol	Professor EF
T6	Técnico de basquetebol	Professor EF
T7	Técnico de basquetebol	Professor EF
T8	Técnico de basquetebol	Professor EF
T9	Técnico de basquetebol	Professor EF
T10	Técnico de basquetebol	Professor EF
T11	Técnico de basquetebol	Professor EF

Fonte: O estudo.

2. Procedimentos para analisar os dados da pesquisa

2.1. Análise qualitativa dos conteúdos: Análise de conteúdo

Para analisar os dados, utilizou-se a análise de conteúdo. Segundo Bardin (1977), esta pode ser definida como um conjunto de técnicas de análise de comunicação visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens.

A análise de conteúdo das entrevistas tem como objetivo descobrir o que está distante dos conhecimentos científicos “lá na cultura popular”, através dos conteúdos explicitamente manifestos, significando os conteúdos latentes, que interessam para a pesquisa e para o pesquisador. As latências podem ser entendidas como os aspectos que permanecem escondidos nas falas, que não se manifestam, estão ocultos, subentendidos, ou ainda, dissimulados nas respostas. Busca-se, assim, selecionar e inferir os aspectos e indicadores que interessa para melhor compreender o tema problematizado a ser pesquisado (BALBINO, 2005).

A técnica utilizada foi a análise diferencial de categorias, na qual serão definidos três tipos de categorias para analisar os conteúdos extraídos das entrevistas e, de acordo com Bardin (1977), devem proceder da seguinte forma: a) pré-análise; b) exploração do material; c) interpretação e inferência. Foram elaboradas as **categorias**, na qual a análise procedeu-se de forma individualizada e coletiva entre os técnicos e entre os professores universitários da seguinte forma: “*conteúdo de ensino-treinamento e metodologia de ensino-treinamento da técnica e da tática*” - **A exploração do material e a pré-análise:** tiveram seu início juntamente com a pré-análise, com destaque para a descrição analítica que baseia-se nos estudos aprofundados dos documentos que constituíram as partes essenciais e relevantes da investigação, nesse caso dos conteúdos das entrevistas e também orientados pelos objetivos gerais e específicos, bem como nos referenciais teóricos. Bardin (1977) reafirma que a descrição analítica funciona segundo procedimentos sistemáticos e objetivos de

descrição do conteúdo das mensagens.

Pré-análise e inferência individual: constituiu-se na organização do material, com o objetivo de determinar com quais estratégias seriam coletados e recolhidos os dados e como as informações seriam compostas para a posterior análise e inferência individual, com vistas a analisar os conteúdos extraídos das falas e quantificar parte deles, qualificá-los e encaminhá-los para a discussão coletiva e elaboração das teses do estudo.

A inferência e a interpretação individual e coletiva: aqui as reflexões foram elaboradas com o apoio das fases anteriores e dos materiais que construíram as fontes teóricas de informação. O objetivo final do estudo foi focar sua análise nos conteúdos latentes apresentados pelos documentos, no caso, dos conteúdos dos questionários e das entrevistas de onde se produziu as considerações individuais e coletivas e as sinalizações futuras. Essa análise comporta um feixe de relações e foi também graficamente apresentada através de uma palavra ou frase. “As comunicações são unidades de significações que se libera naturalmente de um texto analisado, segundo critérios relativos à teoria que serve de guia à leitura” (BARDIN, 1977, p. 195).

Ainda sobre esse assunto, Triviños (1987) afirmou ser possível aplicar essa técnica principalmente na pesquisa qualitativa, comprimindo e otimizando as relações sobre a ótica de um determinado fenômeno entre pesquisador e pesquisados. Segundo o autor, esse método tem uma história que remonta às primeiras tentativas que os homens realizaram para interpretar os textos sagrados, passando por sistematizações mais refinadas nos séculos XVII e XIX, na Suécia e na França, respectivamente. O método atinge sua maturidade quando, em 1948, Berelson e Lazarfeldt publicam uma obra sobre a análise de conteúdo, estabelecendo regras e os princípios da análise (TRIVIÑOS, 1987). A configuração em detalhes do método ocorreu em 1977, por meio da publicação de Bardin, *L'analyse de contenu*, no qual se fundamenta o processo de investigação deste estudo, a fim de validar sua investigação, como se vê a seguir.

2.2. Análise quantitativa dos conteúdos: Freqüência e percentual

Para a compreensão dos resultados quantitativos, foi utilizado a frequência e percentual dos dados, no que se refere às informações de natureza qualitativa. Foi extraído das falas dos entrevistados determinada quantidade de idéias que são convergentes e divergentes entre eles que, nesse caso, são os técnicos e professores universitários, amparadas pela literatura vigente e pela experiência do pesquisador. Thomas e Nelson (2002) pontuaram que, analisar quantitativamente dados qualitativos não significa apenas uma técnica de pesquisa, mas a sistematização científica de princípios e conceitos, e que “qualquer comunicação, isto é, qualquer transporte de significados de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações, visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos neste caso) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção e recepção (variáveis inferidas) destas mensagens, (BARDIN, 1977).

2.3. Estudos realizados na área da Educação Física utilizando o método de análise de conteúdo

Com o intuito de respaldar melhor a aplicação do método de análise de conteúdo na tese, buscou-se verificar outros estudos em nível de Mestrado e Doutorado os quais utilizaram esse método. Esses procedimentos foram aplicados no campo da pesquisa qualitativa em Ciências Sociais e, mais recentemente, em Educação Física por Paes (1989), Montagner (1999), Vieira (1999a), (Vieira1999b), Oliveira (2002) e Scaglia (1999; 2003) e Balbino (2005).

Paes (1989) entrevistou atletas, ex-atletas, técnicos de relevância nacional do basquetebol, com vistas à aprendizagem e à especialização precoce, identificando que alguns atletas que chegaram na seleção nacional se especializaram em basquetebol após 12 anos de idade. Um estudo em nível de Doutorado que investigou a pedagogia e a aprendizagem esportiva para a formação do atleta no qual foi utilizado tal método foi o de Montagner (1999), considerado como referência para esse processo de investigação a utilização e a adequação do método para a pesquisa qualitativa em

Educação Física para Tese de Doutorado. Vieira (1999a) entrevistou técnicos, atletas e dirigentes, buscando identificar o processo de abandono e Vieira (1999b) entrevistou técnicos, atletas e dirigentes, buscando identificar o desenvolvimento dos talentos paranaenses do atletismo.

Oliveira (2002) entrevistou atletas da seleção brasileira, antes da disputa do mundial nos Estados Unidos em 2002, com o objetivo de verificar como se deu a aprendizagem dos conteúdos técnicos e táticos na etapa de iniciação e na etapa de especialização em basquetebol. Scaglia (1999; 2003), na elaboração de Dissertação de Mestrado e Tese de Doutorado, respectivamente, originariamente utilizou o Método da Análise de Conteúdo, a qual se destina às pesquisas em Ciências Sociais, para entender a relação da aprendizagem desportiva e a pedagogia. Balbino (2004) entrevistou técnicos do desporto coletivo com sucesso em nível nacional e mostrou a relevância desse método, postulando ser o mais adequado para esse tipo de pesquisa, pois o Método da Análise de Conteúdo nessa ocasião possibilitou o contato e a extração de informações relevantes pelo pesquisador para o treinamento nos desportos coletivos por técnicos renomados desses desportos no Brasil. As informações foram utilizadas para a construção de uma pedagogia do treinamento em desportos coletivos orientadas diretamente da ação pedagógica prática dos pesquisados.

2.4. Elaboração do roteiro de perguntas

Em referência ao desenvolvimento teórico dos conceitos que envolvem o ensino e treinamento do basquetebol e da possibilidade e necessidade de tratamento pedagógico ao fenômeno dentro das características brasileiras, esta pesquisa foi pautada de acordo com a elaboração de métodos aplicáveis na experiência do pesquisador e dos técnicos que atuam na prática, bem como de profissionais que atuam com o ensino do basquetebol nas universidades no Brasil. Essas intervenções podem, por consequência, superar a questão metodológica da iniciação e do treinamento em basquetebol nos quais a problemática situa-se na maneira de

condução e de instruções pertencentes ao processo de iniciação e preparação dos atletas para as competições nacionais e internacionais. Segundo Balbino (2004), nessa fase da pesquisa o objetivo é trazer a discussão-problema em forma de pergunta, permitindo ao pesquisador objetivar e racionalizar a problemática, formulando perguntas claras e significativas, fazendo com que a pesquisa seja exeqüível (LAVILLE; DIONNE, 1999). As questões (Anexo III) formuladas inicialmente para a entrevista, em forma de perguntas avaliativas, seguem a organização apresentada na seqüência.

2.5. Transcrição e análise das entrevistas em grupo e coletiva

A transcrição das entrevistas foi na íntegra das informações obtidas num total de aproximadamente 88 horas de gravações, sendo que cada transcrição durou aproximadamente 4 horas num total de 352 horas de trabalho. Depois de manuscritas, foram digitadas e no final das digitações foram impressas totalizando aproximadamente 150 laudas. O material na íntegra não foi autorizado por todos os entrevistados para a elaboração de um livro texto, mas parte das informações foi utilizada para as discussões dos resultados orientadas pelas questões problemas do estudo no anonimato.

A organização do texto para as discussões dos dados teve uma seqüência definida pelas perguntas do roteiro básico (Anexo III) com destaque para os conteúdos dos manifestos que respondem às perguntas. Para a análise inicial das entrevistas, foi feito um estudo aprofundado dos dados coletados, em que há reconstrução dos conteúdos ainda em forma de perguntas e respostas. Isto originou a organização de um texto básico que é resultado do processo das análises e inferências, norteadas pelas teorias que compõem o corpo teórico, bem como ao objetivo de retratar na forma de síntese os conteúdos das falas individuais para apresentar e discutir os resultados. As normas selecionadas para a utilização das falas no corpo do trabalho foram baseadas em Oliveira (1998) (Anexo I). E para manter em sigilo as informações dos entrevistados e para não direcionar mais uma fala do que outra, utilizou-se a codificação de forma aleatória. Dessa forma, utilizou-se o T para os Técnicos e o P para os Professores universitários na seguinte ordem: T1, T2 até T11 ou P1, P2 até P 11.

As inferências nas entrevistas foram feitas a partir do corpo teórico, desenvolvido nos capítulos propostos, experiência do pesquisador e do orientador. A possibilidade concreta de transformar em linguagem científica as falas individuais de cada sujeito e posteriormente coletivas em interpretar as informações e apresentá-las, passou a ser a principal missão. Foram realizadas inferências mediante as informações analisadas do grupo e posteriormente da coletividade da amostra, resultado das

perguntas específicas. Em seguida, uma primeira fase de discussão diante das interpretações das informações coletadas, em grupo e coletivamente, trabalhou-se com as conclusões demarcadas pelas categorias analisadas, que têm o objetivo de compor a conclusão final, ou seja, a base para discorrer sobre as proposições, baseado nas discussões dos resultados das análises no qual são afirmadas conclusivamente as idéias iniciais.

2.6. Exposição visual da discussão dos dados

A descrição analítica e a inferência individual foram disponibilizadas em quadros com letra 10 e espaço simples, e os resultados coletivos estão visualizados em figuras gráficas. Algumas falas dos entrevistados foram utilizadas em forma de recortes no decorrer da discussão e se disponibilizam em letra 12, espaço simples, enquanto que as citações dos autores estão com letra 10 em espaço simples. Já as discussões dos dados foram disponibilizadas em letra 12, espaço 1,5.

CAPÍTULO IV

DESCRIÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS DA PESQUISA

Com o intuito de organizar a descrição, análise e a discussão dos resultados da pesquisa, os dados foram descritos e analisados de forma qualitativa e, posteriormente, indicados os resultados de forma quantitativa, seguidos da discussão visando a uma melhor compreensão. Na primeira parte, apresentam-se os resultados referentes ao ensino-treinamento dos conteúdos na etapa de iniciação desportiva - basquetebol e, na segunda, apresentam-se os resultados da etapa de especialização desportiva – basquetebol, segundo Oliveira e Paes (2004). Os dados coletados foram apresentados em forma de sentenças na íntegra das falas dos pesquisados e em alguns casos tabulados em quadros e gráficos, promovendo uma melhor visualização e, a partir desses, em um segundo momento, analisou-se os dados coletivos.

1. Etapa de iniciação: a ótica de técnicos e professores universitários em relação ao ensino-treinamento da técnica e da tática no basquetebol

Para a apresentação e discussão dos dados, foram apresentadas as questões temáticas em forma de categorias, a saber: a) **Conteúdos - fundamentos técnicos - técnica;** b) **Metodologia de ensino-treinamento dos fundamentos técnicos - técnica;** c) **Conteúdos - sistemas defensivos - Tática;** d) **Metodologia de ensino-treinamento dos sistemas defensivos - tática;** e) **Conteúdos - sistemas ofensivos - tática;** f) **Metodologia de ensino-treinamento dos sistemas ofensivos - tática.**

1.1. Conteúdos - fundamentos técnicos (técnica)

Nessa categoria, técnicos brasileiros e professores universitários postularam

sobre quais **fundamentos técnicos** devem ser ensinados e treinados nas fases iniciais do ensino do basquetebol, que abrangem as faixas etárias de 9-14 anos e passam pelas categorias pré-mini até aproximadamente a infantil. Seguem os dados, conforme transcrição.

Perfil dos conteúdos de ensino-treinamento dos fundamentos técnicos que os técnicos do basquetebol brasileiro destacam na etapa de iniciação.

T1... Controle do corpo, manuseio da bola, dribles, passes, arremessos de bandeja, rebotes, fundamentos individuais de defesa e ataque.

T2... Que devem ser todos os fundamentos básicos do basquetebol.

T3... Que tem que ser os fundamentos básicos do basquetebol.

T4... Que tem que ser os fundamentos individuais de defesa e ataque.

T5... A importância dos dribles e das fintas.

T6... A importância dos dribles, domínio corporal.

T7... Que são: domínio corporal, passes, dribles, todos os fundamentos de ataque e defesa.

T8... O drible, passe e arremessos, enfim todos os fundamentos.

T9... O giro, mudança de direção, parada brusca, que são domínios do corpo e ainda os dribles, passes e arremessos.

T10... Devem saber dominar o corpo, ter qualidade de saber parar, deslocar, ter equilíbrio, posicionamento e trabalho de perna.... depois domínio de bola que é o manejo da bola, depois passes e dribles, depois arremesso parado e em progressão, de bandeja.

T11... Que devem ser ensinados todos os fundamentos.

Perfil dos conteúdos que os professores mestres e doutores destacam no ensino dos fundamentos técnicos do basquetebol na etapa de iniciação

P1... Todos os fundamentos técnicos, mas o *jump* deve ser posterior.

P2... O domínio do corpo, o drible, os passes, os arremessos, o rebote e assim por diante, menos o arremesso em suspensão que deverá ser nas categorias posteriores.

P3... Todos os fundamentos do basquetebol, depois de uma análise maturacional de cada criança.

P4... Deve trabalhar todos os fundamentos e preocupar-se bastante com a coordenação motora.

P5... Todos os fundamentos, mas primeiro ensinar a correr.

P6... Manipulação da bola, controle da bola, drible, passes, depois tipos diversos de passes, receber e arremessar.

P7... Domínio de corpo, manipulação da bola, passes, drible, arremesso e rebote.

P8... Todos os fundamentos devem ser ensinados, porque são muito importantes.

P9... Início com controle da bola, domínio do corpo, baseado na metodologia do esporte coletivo, depois drible, passes e arremessos.

P10... Todos os fundamentos, principalmente passes e dribles.

P11... Devem ser ensinados todos os fundamentos.

Gráfico 1 – Distribuição das respostas coletivas em relação ao ensino-treinamento dos conteúdos – fundamentos técnicos.

Pode-se perceber, de acordo com os depoimentos dos técnicos, que são unânimes em afirmar que os fundamentos básicos do basquetebol devem ser ensinados na etapa de iniciação. Já entre os professores mestres e doutores universitários, 90,9% entendem que devam ser ensinados todos os fundamentos e 9,1% ainda acrescenta a idéia de que os fatores maturacionais podem influenciar na escolha dos fundamentos no momento do ensino. Parece que a prática dos fundamentos do basquetebol não há uma organização seqüencial no ensino, mas a maioria das opiniões reforça que todos os fundamentos devem ser ensinados na etapa de iniciação com exceção do arremesso em suspensão.

Como se pode ver, os fundamentos individuais de ataque têm sua importância durante todo o processo de iniciação da técnica e da tática dos jovens, mas nas fases iniciais da aprendizagem (10-12 anos) o jogo, as situações de jogo e os exercícios sincronizados parecem ser priorizados nas aulas e treinamentos porque são constituídos coletivamente, tais quais o jogo de basquetebol, e podem ser realizados no tempo e no espaço, adequando-os às ótimas capacidades de jogo e inteligência espacial, o que só se consegue em atividade de grupo e de forma coletiva, principalmente até aproximadamente 14 anos de idade.

Com base na maioria dos depoimentos dos entrevistados desta pesquisa e na literatura corrente sobre a preparação desportiva basquetebol, defende-se que nessa etapa a aprendizagem dos fundamentos do basquetebol aconteça de forma diversificada, quando se tratar de conteúdos e métodos, para evitar a prática fragmentada, no sentido de não ter seqüência nos conteúdos, estereotipada (repetição maçante) e desmotivante, causando estresse nos aprendizes e caracterizando a especialização precoce, principalmente em uma determinada função, como o pivô no basquetebol nunca ter jogado em uma outra função e evitando, principalmente, o abandono precoce.

Os conteúdos fundamentais podem ser desenvolvidos nessa etapa da aprendizagem, em conformidade com a literatura específica do basquetebol, devem ser: o domínio do corpo, a manipulação da bola, o drible, a recepção e os passes, os rebotes, as finalizações, os exercícios sincronizados, as situações de jogo, a transição,

as brincadeiras, os jogos pré-desportivos e o jogo de 5x5 (DAIUTO, 1974; BOSC & GROSSEORG, 1981; FERREIRA e DE ROSE, 1987; ALMEIDA, 1998; VILAS BOAS 2004 e OLIVEIRA e PAES, 2004). É unânime entre os autores a disposição desses conteúdos e uma descrição sobre eles será dada.

Primeiramente, o controle do corpo, que significa verificar as orientações corporais no espaço de jogo do basquetebol bem como os deslocamentos, as fintas, entre outros movimentos corporais. Já a manipulação da bola ou manejo da bola, que para Ferreira e De Rose (1987) é a capacidade de manusear a bola nas diversas situações de jogo, deve ser oferecida aos praticantes com a oportunidade de conhecer as diversas possibilidades de movimentos com a bola como rolar, tocar, quicar, segurar, lançar, trocar de mãos e movimentá-la em relação aos planos do corpo. O modo adequado de segurar a bola deve ser ensinado: com ambas as mãos com o objetivo de passar, driblar ou arremessar à cesta. A manipulação da bola, nessa fase, deve ocorrer com exercícios e jogos; os exercícios são individuais, de grupo ou com jogos de forma coletiva, nos quais os alunos ficam espalhados por locais previamente determinados nos campos de jogos. Ressalta-se que a variedade de jogos é muito importante para o desenvolvimento infantil.

Os passes e recepções - passe, no basquetebol, em conformidade com Oliveira e Paes (2004), constituem-se de lançamentos e recepções da bola entre os elementos que compõem o jogo, com a intenção de alcançar melhores condições da passagem da defesa para o ataque e o arremesso à cesta do adversário. Os passes podem ser executados com uma ou com ambas as mãos. Com uma das mãos: picado, à altura do ombro, por baixo, gancho e baixo; com ambas as mãos: altura do tórax, picado, acima da cabeça e baixo; passes especiais: por baixo das pernas e por trás do corpo.

O drible, citando Almeida (1998), é um movimento com a bola no qual os jogadores deslocam-se pela quadra com sua posse, quicando-a no chão sem cometer violações, ou seja, sem infringir as regras do jogo, como dribles ilegais ou dois dribles ou ainda andar com a bola. O drible é executado com a mão apoiada sobre a bola, os dedos apontando para frente, o tronco ligeiramente inclinado para frente, pernas e afastamento antero-posterior e, quando estiverem correndo, motivá-los a não olhar

para a bola. Há diversas maneiras de efetuar o drible: com a bola conduzida com o uso da mão direita ou esquerda, alto ou baixo; com troca de mão - drible com a direita e com a esquerda, alto ou baixo; driblando por trás do corpo; driblando por entre as pernas; driblando lateralmente, à direita e à esquerda; driblando com giros, direita e esquerda.

As finalizações são os diversos tipos de arremessos e, segundo Oliveira e Paes (2002), é o ato principal do ataque, efetuado com a finalidade de conseguir a cesta e marcar os pontos. Para Daiuto (1974), há múltiplas formas de arremessar: de *bandeja* – executado quando o atacante encontra-se em deslocamento nas proximidades da cesta adversária. É um tipo de arremesso que se caracteriza pela execução de dois tempos rítmicos, com impulsão em uma só perna, direita ou esquerda; arremesso com ambas as mãos no início, em função da cesta no basquetebol estar numa posição muito alta e não serem todos os locais de prática que possuem cestas adaptadas; depois, com uma das mãos - realizado quando o atacante estiver em deslocamento próximo da cesta, primeiramente, e depois, nas médias distâncias e, posteriormente, quando os alunos forem aumentando a força e a habilidade para arremessar, iniciar o *jump* e poder arremessar de distâncias maiores, por exemplo da linha de três pontos; *arremesso de jump* - realizado partindo de uma posição estática e também em deslocamento próximo à cesta no início e depois mais distante; há ainda o arremesso de gancho, muito utilizado pelos pivôs, que é um tipo de arremesso de curta que visa principalmente evitar o bloqueio (toco) dos adversários em função da distância que o mesmo proporciona ao atacante do adversário no momento do arremesso.

O rebote é o ato de recuperar a bola após um arremesso, não convertido tanto na defensiva quanto na ofensiva, segundo Ferreira e De Rose (1987). Por rebote defensivo, entende-se a recuperação da bola por um defensor após o arremesso não convertido do adversário. O rebote ofensivo é a recuperação da bola após o arremesso não convertido de um companheiro de equipe. Os jovens praticantes desde pequenos devem ser estimulados a se posicionar, utilizar a motivação para as disputas de espaços, a visão para acompanhar o deslocamento da bola, o corpo para proteger o

rebote defensivo e a participarem do rebote ofensivo, mesmo que não tenham sucesso, porque se entende que esse é um fundamento muito importante para futuras especializações e até para otimizar os resultados desportivos (BARRETO, 2001).

Os fundamentos sincronizados, de acordo com Oliveira e Paes (2004), têm como finalidade principal a execução dos conceitos apreendidos individualmente, de defesa e de ataque, de uma forma aproximada da situação real de jogo, ou seja, em grupo e coletivamente. A exigência, para o executante, deve ser maior do que nas fases de aprendizagem e automatização do que na primeira fase da iniciação, em função do domínio bilateral, da visão periférica, por ter que correr de frente e passar a bola de lado e, às vezes, para trás, uma vez que nos exercícios sincronizados são necessárias ações encadeadas que deverão ser executadas no tempo e no espaço adequados. Assim sendo, os profissionais devem entender a estrutura temporal da aprendizagem para aos poucos ir corrigindo os movimentos, haja vista que no início haverá muitos erros. Bosc e Grosgeorg (1981) observaram que pode levar de 2 a 5 anos para essas ações se desencadearem de forma sincronizada perfeita no tempo e no espaço, com a presença dos defensores, e essas ações envolvem o domínio do corpo, manipulação da bola, passes e recepção, drible de modo sincronizado entre os jogadores, exigindo funções dinâmicas com a posse ou não da bola, desenvolvendo o raciocínio, a tensão e a tomada de decisão, importantíssima principalmente para quem tem nas suas filosofias de jogo o contra-ataque.

As situações de jogo, para uma excelente obtenção do desempenho coletivo, são imprescindíveis para que os praticantes vivenciem situações próximas ao jogo. Essas situações devem ser experimentadas de forma progressiva de execução: um contra um (1x1), dois contra dois (2x2), três contra três (3x3), quatro contra quatro (4x4), cinco contra cinco (5x5), igualdade numérica, e dois contra um (2x1), três contra dois (3x2), quatro contra três (4x3), cinco contra quatro (5x4), com desigualdade numérica, em meia quadra e quadra inteira.

A transição, no basquetebol, caracteriza-se pela passagem do sistema defensivo para o ofensivo e vice-versa, exigindo dos jogadores raciocínio mais rápido e maior velocidade nas tomadas de decisões. Isto em função das mudanças nas regras, na

qual o atacante passou a ter menos tempo de passagem da defesa para o ataque, de 10 para 8 segundos, e de 30 para 24 segundos para realizar todo o ataque, tornando o jogo de basquete mais dinâmico. Essas modificações elevaram a transição a uma ótima possibilidade ofensiva no processo de ensino do jogo coletivo de basquetebol, pois a mesma pode surpreender os adversários após sua ação ofensiva. A transição pode ser utilizada pelos técnicos com a intenção de definir, o mais rápido possível, um lance após a requisição da bola. Nas fases iniciais da aprendizagem do basquetebol, devem-se aplicar exercícios sincronizados com vantagem e desvantagem numérica. Exemplo: 2x1, 3x2 e vice-versa. Busca-se construir hábitos motores de forma simplificada, sem posicionamentos predefinidos, muito complexos de execução nessa fase para serem executados pelos jovens iniciantes, deixando a complexidade total para as fases de especialização.

As brincadeiras e jogos pré-desportivos, as atividades diversificadas praticadas em forma de brincadeiras e os jogos pré-desportivos servem como suporte para o interesse em iniciar a aprendizagem do basquetebol. Pode-se asseverar que a diversificação de modalidades desportivas, no processo de desenvolvimento, equivale à etapa de iniciação na qual as experiências de movimento podem ser transferidas para a especialização dos gestos específicos do basquetebol no futuro.

O jogo de 5x5 é recomendado nessa fase para ensinar o posicionamento básico aos pré-adolescentes; estes devem ocupar os espaços livres na saída para o ataque, preparando-se, assim, para contra-ataques futuros com posições determinadas. A pretensão é ensiná-los a ler a defesa e a compreenderem como os adversários elaboram o equilíbrio defensivo. Os passes devem ser rápidos e os dribles velozes; deve-se estimular a ocupação dos espaços nos corredores central, esquerdo e direito da quadra de jogo, visando a finalizar por arremessos de bandeja de curta distância, primeiramente e, depois, por ataques armados. Torna-se relevante o ensino do jogo de 5x5 utilizando toda a quadra, inicialmente e, depois, meia quadra – uma questão de inteligência espacial.

Vejam os depoimentos de alguns técnicos e professores e as similaridades com a literatura do basquetebol:

“... eu acho que todos os fundamentos devem ser ensinados... o problema é como eles devem ser ensinados... é claro que alguns são mais complexos e aí a gente não consegue ensinar de forma adequada... por exemplo, eu acho o *jump* um movimento muito complexo a ser ensinado na iniciação porque ele depende de uma coordenação motora de membros inferiores... e que é muito difícil uma criança na iniciação executar... é mais fácil ela executar um movimento mais simples que o *jump*... agora, os outros fundamentos todos podem ser ensinados...” **(P1)**

Autores do basquetebol, como Paes (2001), e Oliveira e Paes (2004), apregoam que a aprendizagem dos fundamentos específicos do basquetebol deve acontecer aos 11 e 12 anos na idade cronológica, aproximadamente, correspondendo às 5.^a e 6.^a séries, e nessa primeira fase, os iniciantes devem ter uma vivência rica em movimentos passando por todos os fundamentos básicos e a aquisição básica dos fundamentos deve acontecer juntamente com o desenvolvimento psicomotor integral, para possibilitar a execução de tarefas mais complexas no futuro, principalmente nos aspectos da coordenação motora. No entanto, deve-se evitar a especialização precoce, ampliando a preparação multilateral. Já no período de desenvolvimento chamado fase de aprendizagem inicial e de refinamento da aprendizagem, que tem como alvo os alunos da 7.^a e 8.^a séries do ensino fundamental, com idade aproximada de 13 a 14 anos, deve-se reiterar os conteúdos assimilados anteriormente, automatizando-os e refinando-os, obtendo novos conceitos, os quais contemplam as situações de jogo, transição e sistemas ofensivos e defensivos.

Esta tese é confirmada pelo depoimento a seguir:

“... bom, na iniciação é muito importante fazer todo um trabalho em cima da coordenação, principalmente para o basquetebol e principalmente de 7 a 10 anos de idade, onde os garotos começam a dominar alguns fundamentos e também a saltar, pular... então, essa parte da coordenação é muito importante com e sem bola... nas categorias de mini-mirim, devem ser priorizados os fundamentos básicos como o passe, drible e todos os outros, e os movimentos básicos... temos que trabalhar os fundamentos nas categorias de base deixando o lado lúdico e o lado criativo das crianças se desenvolver...” **(T7)**

A partir da literatura disponível e dos recortes das entrevistas, os conteúdos para o ensino-treinamento dos fundamentos técnicos, na etapa que envolve as categorias pré-mini, mini, mirim e até infantil, podem ser trabalhados o domínio do

corpo e/ou o controle corporal definido, segundo Daiuto (1974), como a capacidade de realizar movimentos e gestos específicos do basquetebol, controlando o corpo no tempo e espaço exigidos pela dinâmica do jogo. Nessa fase, o desenvolvimento das capacidades motoras técnicas e táticas que visam a melhorar o controle corporal deve ser trabalhado com e sem materiais, mas é indicada a presença de diversos tipos de bolas e materiais alternativos com vistas a motivar os praticantes. Os movimentos devem ser direcionados da seguinte forma: corridas para frente, trás e lado, em diagonal, acarretando mudanças de direção, fintas, giros, paradas bruscas, saídas rápidas e diversos tipos de saltos através de jogos, brincadeiras e exercícios. Percebam uma entrevista que aponta convergências com a produção científica de Moacir Daiuto (1974):

“... eu ensinaria da seguinte forma... controle do corpo, porque ele precisa controlar o corpo dele... depois... o controle da bola ou o manuseio da bola de basquete, tamanho, peso, etc... depois o drible / então ensinaria o drible para ele... depois os passes porque ele tem companheiros no jogo... depois ele vai se aproximar da cesta... então ele precisa aprender os arremessos e nessa idade devem aprender a bandeja e os arremessos de média distância e dependendo da fase de desenvolvimento pode ser o *jump* / e se ele não conseguir saltar é importante o gesto técnico do arremesso... depois o rebote... paralelo a isso os fundamentos individuais da defesa principalmente o controle do corpo / porque na defesa você vai se deslocar sem a bola e precisa ter um bom domínio corporal...”(T2)

Nas fases iniciais do ensino, em idades aproximadas entre 9 e 14 anos, a literatura do ensino dos desportos coletivos, presente em autores como Greco (1998), Garganta (1998) e Oliveira e Paes (2002), argumenta que devem ser ensinados todos os fundamentos básicos das modalidades coletivas, relacionadas aos padrões motores do domínio do corpo, como saltar, girar, lançar, passar, driblar e arremessar. Por volta dos 11-12 anos é que devem ser incorporados os fundamentos mais complexos, como o corta luz parado, as fintas, o rebote parado com salto sem marcação e depois, nas situações de 1x1, a bandeja pelo lado esquerdo para os destros e para o lado direito para os sinistros ou canhotos e o arremesso em suspensão em curtas e médias distâncias, e esses fundamentos começam a acontecer de forma sincronizada, em que a interligação de um com o outro é denominada jogo (FERREIRA, 1997). Por volta dos

13-14 anos, fase que Daiuto (1974) já destacava como fase de automatização, na qual a maioria dos adolescentes, principalmente as meninas, já estão próximas de uma especialização mais estreita no basquetebol, e os fundamentos chegaram a sua complexidade na escala de aprendizagem, pode-se treinar o corta luz em movimento em situações de 1x1, 2x2 e 3x3, o gancho em 1x0 e 1x1 e o arremesso em suspensão com a mão dominante e não dominante, primeiro sem marcação e depois em situações de 1x1 e assim sucessivamente.

1.2. Metodologias de ensino-treinamento dos fundamentos técnicos (técnica)

É apresentado agora o perfil dos métodos que os técnicos do basquetebol brasileiro destacam no ensino-treinamento dos fundamentos técnicos do basquetebol na etapa de iniciação.

T1... Deve ser através de exercícios individuais para os de grupo e por fim coletivos ou o jogo de 5x5. O jogo pode ser um recurso lúdico, mas acha que deve ser uma estratégia pedagógica e não um instrumento principal no ensino.

T2... Deve ser através de exercícios individuais para os de grupo e por fim coletivos ou o jogo de 5x5. Para que elas tenham ótimas condições táticas na fase adulta.

T3...Do jogo para os exercícios individuais. Utiliza os jogos desportivos - para aprenderem melhor e com liberdade nas ações.

T4... Dos exercícios individuais para os de grupo e por fim coletivos ou o jogo de 5x5. Para que eles tenham boas condições de jogar na defesa e no ataque.

T5... dos exercícios individuais para os de grupo e por fim coletivos ou o jogo de 5x5. Você tem que treinar fundamento sempre.

T6... Dos exercícios individuais para os de grupo e por fim coletivos ou o jogo de 5x5. Se ele tiver os fundamentos bem treinados ele não terá muita dificuldade com a tática.

T7... Dos exercícios individuais para os de grupo e por fim coletivos ou o jogo de 5x5. Para ela já ir entendendo a importância dos fundamentos.

T8... Dos exercícios individuais para os de grupo e por fim coletivos ou o jogo de 5x5. Para que eles tenham um bom domínio das habilidades.

T9... Dos exercícios individuais para os de grupo e por fim coletivos ou o jogo de 5x5. Para ter um bom domínio das habilidades.

T10...Dos exercícios individuais para os de grupo e por fim coletivos ou o jogo de 5x5. Para que os fundamentos sejam bem aprendidos.

T11... Deve se utilizar principalmente do jogo de forma motivante. Em função da desistência que tem ocorrido ultimamente.

Perfil dos métodos que os professores mestres e doutores destacam no ensino dos fundamentos técnicos do basquetebol na etapa de iniciação.

P1... Os fundamentos devem ser aprendidos no jogo como principal instrumento. Colocar duas crianças uma de frente para outra passando a bola, isso é uma coisa que eu diria trivial, agora como é o comportamento desse fundamento em jogo.

P2... Todos os métodos devem ser utilizados. Julgo que deveríamos ter critérios específicos para a metodologia da fundamentação básica do basquetebol para essas categorias.

P3... Todos os métodos devem ser utilizados. Antes de pensar em fundamentos técnicos no ensino, devemos pensar qual é o grau de maturidade esportiva das crianças nessas fases para o ensino dos fundamentos.

P4... Através de exercícios individuais. Para que ela tenha um bom desenvolvimento das habilidades.

P5... Ensinar bem os fundamentos individuais e ensinar a jogar em trabalhos de grupo. Se você deixar a criança sozinha, ela não faz fundamentos de drible ou passe, ela vai direto para cesta, e quando ela está com mais um companheiro, ela quer jogar.

P6... Através de jogos com algumas regras básicas. Até por volta de 14 deve ser lúdico para não perder a oportunidade de valorizar todos e não desmotivar um ou outro.

P7... Os métodos que eu utilizo são jogos, brincadeiras onde estão inseridos os fundamentos. Defendo o jogo porque ele é muito importante para motivar os praticantes.

P8... Do jogo para os fundamentos. A criança quer jogar, então ensinamos os fundamentos enquanto elas jogam.

P9... Do jogo para os exercícios individuais, mas todos os métodos devem ser utilizados. Partindo do jogo, porque elas jogam para aprender e não aprendem para jogar.

P10... Dos exercícios para o jogo. Para que elas tenham uma ótima fundamentação.

P11... Do jogo para os exercícios. Em função dos interesses das crianças.

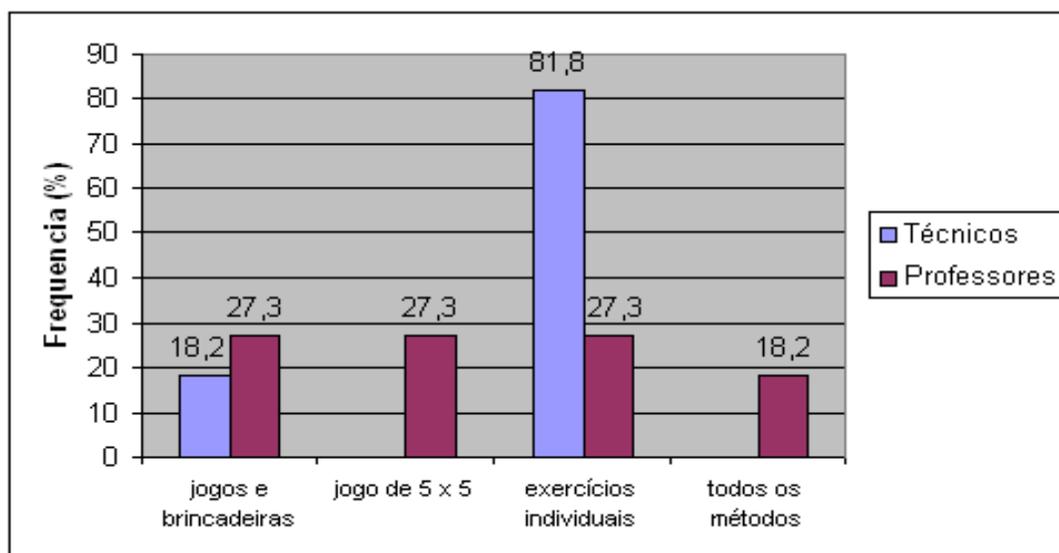


Gráfico 2 – Distribuição das respostas coletivas em relação aos métodos de treinamento dos fundamentos técnicos

Em relação aos métodos de ensino na etapa de iniciação, 18,2% dos técnicos defendem a importância dos jogos e brincadeiras, e 81,8% defendem a importância dos exercícios como principal método de ensino, porque assinalam que devem partir da técnica individual através dos exercícios analíticos para as técnicas de grupo e coletivas através dos métodos situacionais e de jogo. Os professores destacaram-se em 27,3% defendendo os exercícios como principal método e 27,3% defendendo a importância dos jogos e brincadeiras. Já 27% dos professores preconizaram que a aprendizagem dos fundamentos técnicos do basquetebol deve ocorrer principalmente por meio do jogo de 5x5 e 18,25% entendem que todos os métodos devem ser utilizados, apresentando diferenças e similaridades nas opiniões e nas justificativas da utilização das estratégias.

Segundo Ferreira (2000), são diversas as situações positivas que o jogo proporciona aos iniciantes e que podem levar o professor ou técnico a criar com maior realismo as diversas soluções existentes, para dar respostas aos problemas que são ocasionados pela imprevisibilidade do jogo de basquetebol. E, dessa forma, através do jogo, acredita-se que é possível oferecer o ensino aprendizagem da técnica e da tática

de forma mais motivante e equilibrada para os aprendizes. Para o autor, a essência da cooperação-oposição que é o jogo, só ele próprio consegue recriar o ambiente ecológico, no qual essa dinâmica se desenrola e também no contributo que oferece ao desenvolvimento dos valores de socialização dos jovens aprendizes e pelas riquezas que acontecem nas relações interpessoais e, ainda, se couberem críticas ao jogo, com apenas uma bola e um campo de jogo são resolvidos muitos problemas de estrutura física, realidade da maioria dos locais de prática, principalmente no cenário público. Pode-se, nesse período, utilizar os jogos como principal recurso pedagógico para o aprimoramento das capacidades físicas (domínio corporal), bem como para reiterar os gestos técnicos simples utilizados nos jogos: drible, lançamento, recepção e passe, sem exigir dos alunos/atletas a execução perfeita. A finalidade principal é estimular as crianças à prática, à iniciação ao esporte, nesse caso específico ao basquetebol. Confirma-se então que:

O jogo é uma fonte de prazer e não parece existir nenhum outro tipo de proposta de prática que, em si mesma, estimule um grau de satisfação tão elevado como aquele que as diversas situações de jogo despertam, sendo o prazer um argumento de peso que pode justificar a prática desportiva infantil (FERREIRA, 2000, p. 96).

A crítica principal está no descompromisso ao ensinar o jogo, no que tange ao elo dos conteúdos e das respostas de aprendizagem que vão ocorrendo. Sendo assim, cabe anotar algumas responsabilidades básicas, conforme apregoa Ferreira (2000). Deve-se ter uma gestão equilibrada dos tipos de *timing* das intervenções sobre o jogo: Quando parar o jogo? Que situações típicas do jogo merecem ser alvo de observação/intervenção? Que tipos de soluções devem ser introduzidas? Quais as soluções mais adequadas para cada um dos diferentes níveis de grupos que jogam? São questões que só podem ser resolvidas *a priori* com um cuidadoso planejamento e periodização dos conteúdos e métodos durante o processo de iniciação. Ensinar o jogo no próprio jogo requer uma sistematização e alternativas que auxiliem na resolução dos problemas concretos apresentados, de acordo com a estratégia de ensino selecionada e os “como e quando” apropriados (FERREIRA, 2000).

Seguindo esse raciocínio, apresentam-se outros estudos que defendem essa

tese, como os de Thies (1986), Shallenberger (1990), citados por Tavares e Faria (1996), e os de Barreto, (1993), citados por Ferreira (2000), os quais sugerem que os iniciantes de basquetebol devem aprender os fundamentos do basquetebol *jogando*. Estes autores asseveram que é no jogo e através dele que se encontra a motivação dos iniciantes para participarem de todo o processo de aprendizagem do basquetebol. Para os autores, o *jogo* é o fim à medida que ele é o próprio objeto de ensino e também a principal estratégia por se constituir no meio privilegiado através do qual há motivação do praticante. O entendimento de *jogo* nessa perspectiva vai ao encontro da necessidade de assumir essa capacidade como elemento nuclear de toda a aprendizagem do basquetebol, a qual se orienta pela qualidade da tomada de decisão, que é a base para se *saber jogar*.

Nesse contexto, o método de jogo e das situações de jogo parece ser predominante em relação aos exercícios analíticos nas fases iniciais da aprendizagem, principalmente para valorizar os aspectos motivacionais. Ainda nessa temática, Greco (1998-1999) corrobora esse pensamento pontuando que na etapa de iniciação esportiva os fundamentos devem ser aprendidos principalmente através do método situacional, no qual a resolução das tarefas se dá no contexto de jogo grupal 1x1, 2x2, 3x2 e 2x1. As opiniões dos professores universitários e dos técnicos nacionais, porém, diferem-se nos métodos de sua aplicação. Pode-se observar esse quadro metodológico para a etapa de iniciação nas divergências das opiniões extraídas das falas de técnicos e professores.

A seguir, alguns depoimentos que mostraram divergências nas opiniões:

“... o jogo pode ser um recurso lúdico... mas eu acho que deve ser uma estratégia pedagógica... não o instrumento principal no ensino...” **(T1)**

“... eu vejo assim que a questão de ensinar os fundamentos deve ser o como... eu acredito que eles têm que ser ensinados com relação direta com o que acontece no jogo... ensinar o fundamento puro e simplesmente como gesto técnico eu não vejo muita vantagem porque o gesto em si não é muito complicado... o complicado é você estabelecer relação desse fundamento com a maneira que ele deve ser executado durante o jogo... então / colocar duas crianças uma de frente para outra passando a bola... isso é uma coisa que eu diria trivial... agora... como é o comportamento desse fundamento em jogo?” **(P1)**

Autores do desenvolvimento motor, como Gallahue e Osmun (1995), defendem o desenvolvimento de movimentos fundamentais por intermédio das atividades motoras variadas objetivando o prazer, a alegria, a interação, sempre aprendendo novos movimentos básicos. Krebs (1992) caracteriza a primeira fase do processo de especialização motora como fase de estimulação motora, a segunda fase chama de fase de aprendizagem motora e a terceira fase de prática motora a qual, segundo o autor, devem ser diferenciadas em seus objetivos quando se trata de conteúdos.

Autores do treinamento desportivo, como Zakharov e Gomes (1992), entendem e apontam a relevância da variedade de movimentos com atividades diferenciadas, considerando esse momento do processo como etapa de preparação preliminar na qual a especialização inicial ocorre em seguida, salientando não existir idade ideal para tal especialização. Outro autor do treinamento desportivo que trata desse enfoque é Weineck (1991), o qual postula que as crianças, nessas faixas etárias, demonstram alto ímpeto para movimentos através de brincadeiras, ocupando-se de um grande número de jogos constituídos de maneira variada e múltipla. Sendo assim, parece que os fundamentos do basquetebol devem ser aprendidos através de uma variedade enorme de atividades em diferentes métodos e ainda respeitando as fases de desenvolvimento motor e cognitivo dos praticantes.

Seguem alguns depoimentos que apresentaram convergências nas respostas:

“... deve-se ensinar os fundamentos de forma recreativa naturalmente, através do jogo, dos joguinhos...” (T7)

“... em relação à **metodologia** utilizada para ensinar está baseada em P, G, F, que são pessoas que trabalham com basquete a partir de uma metodologia do ensino esporte coletivo... então discuto com os alunos e faço comparações entre os métodos tradicionais, analíticos e os globais, que partindo do jogo, eu jogo para aprender ou aprendo para jogar... então os fundamentos são distribuídos dentro do curso quando abordo aspectos técnicos, eu ensino para eles, conceitos da técnica e da tática e na prática do ponto de vista teórico eles vivenciam os métodos analíticos e globais, temos ainda o método parcial... inicio com controle da bola, domínio do corpo, baseado na metodologia do esporte coletivo, depois do drible, passe e arremessos, daí oferto para eles através do jogo os fundamentos analíticos e parciais... não defendo nenhum nem

outro método... defendo que o que existe são vantagens e desvantagens em cada método... eu gosto do método situacional que o G cita em sua obra "**Iniciação Esportiva Universal**", porque quando trabalhamos com fundamentos isolados eles aprendem como fazer e tem maior dificuldade para e porque fazer... então, mostro também que através do jogo podemos aprender o para que fazer e o que fazer... que é uma proposta de P e que você também aborda no seu livro..." (P9)

Nos depoimentos, fica evidente que os fundamentos são importantes, mas que o problema principal do ensino está nas metodologias de ensino. Os sujeitos (T7) e (P9), por exemplo, defendem as estratégias de ensino pautadas pelas metodologias dos jogos, todavia alertam que não se deve prender-se somente a um método. Já o sujeito (T9) esclarece que os fundamentos devem ser aprendidos principalmente através dos exercícios analíticos individuais, deixando o jogo como um recurso pedagógico e não como a estratégia principal.

Apesar das diferenças encontradas nos resultados, entendem-se que deve haver um planejamento e uma organização/periodização dos conteúdos e métodos de ensino dos fundamentos, considerando sempre a proporção da quantidade de tempo em cada sessão ou período, para os diferentes métodos, que são os jogos pré-desportivos, o jogo formal de 5x5, as situações de jogo, e, por fim, os exercícios analíticos, individuais, em duplas, em trios e ainda os circuitos que são utilizados, levando-se em conta as diferentes faixas etárias.

Neste sentido, parece que as experiências motoras técnica e táticas na etapa de iniciação podem ser generalizadas, devendo, no ensino-aprendizagem do basquetebol, prevalecer os conteúdos dos movimentos básicos, cujos métodos variam entre jogos, brincadeiras e exercícios, sendo que a porcentagem maior deve ser dos jogos e das brincadeiras, situações de jogo com igualdade, superioridade e com inferioridade numérica, até aproximadamente a categoria infantil, visando a manter o interesse dos praticantes que, nessa fase, têm o jogo como principal foco (ZAKHAROV e GOMES, 1992; MATVEEV, 1997).

1.3. Conteúdos – sistemas defensivos (tática)

Em relação ao ensino dos sistemas defensivos, e como se procedeu

anteriormente com os fundamentos técnicos do basquetebol, os técnicos brasileiros e os professores universitários foram questionados sobre quais sistemas defensivos devem ser ensinados nas fases iniciais do ensino do basquetebol, que abrange da categoria pré-mini até por volta da infantil, e quais os métodos que devem ser utilizados, bem como as estratégias pedagógicas.

Seguem as descrições dos resultados individuais e, posteriormente, as análises e inferências coletivas.

Perfil dos conteúdos que os técnicos destacam no ensino-treinamento dos sistemas defensivos do basquetebol na etapa de iniciação.

T1... Primeiro a defesa individual. Nas categorias de base, você na verdade não está ensinando defesa por zona, você está ensinando uma chavinha para ganhar o jogo.

T2... Eu acho que tem que ser dada as duas: defesas individual e por zona.

T3... A defesa individual. Nós temos é que preparar os jogadores fisicamente e tecnicamente para fazer qualquer tipo de defesa desde criança... na marcação individual, você vê apenas um lado do jogo.

T4... Primeiro a defesa individual. Porque entendo que a defesa individual amplia o repertório motor dos praticantes.

T5... Primeiro a defesa individual. Porque eu acho que a zona arruma o jogo para quem está assistindo e é bonitinho... mas tira a possibilidade dos atletas aprenderem a jogar a base do jogo que é o jogo de 1x1. Em função da defesa individual, desde garoto você obriga o atacante a se virar para sair da defesa.

T6... Primeiro a defesa individual, mas ele tem que aprender todas durante toda a iniciação. Porque se você precisar no jogo, ele terá que saber se é com ajuda ou com flutuação ou zona 2x3.

T7... Primeiro a defesa individual. Porque a zona só serve para ganhar o campeonato, mas eles não aprendem a defender.

T8... Primeiro a defesa individual. Porque nós entendemos que a menina vai aprender o passe, o drible e os arremessos de uma maneira mais difícil e se ela tiver uma defesa mais próxima acompanhando, ela... O que na zona não vai acontecer.

T9... Primeiro a defesa individual. Porque depois da individual facilita o trabalho das outras defesas.

T10... Primeiro a defesa individual. Porque nessas categorias a individual é fundamental.

T11... Definitivamente a defesa individual. Para não saturar os garotos.

Perfil dos conteúdos que os professores mestres e doutores destacam no ensino-treinamento dos sistemas defensivos do basquetebol na etapa de iniciação.

P1... A base é a individual, depois você teria as defesas por zona.

P2... Primeiro individual. Para melhorar o condicionamento individual.

P3... Individual depois zona. Primeiro a individual porque facilita a aprendizagem da zona.

P4... Individual primeiro, depois por setor. Porque a defesa individual é mais dinâmica.

P5... Individual. Porque a zona facilita os arremessos, mas não garante a aprendizagem.

P6... Primeiro a individual. Porque ela dá aos garotos a possibilidade de ampliar suas condições de movimentos.

P7... Primeiro a individual. A zona é concreta e a individual obriga a responsabilidade de marcar o seu de forma abstrata.

P8... Primeiro a individual. Porque melhora o condicionamento físico.

P9... Início pela individual. Porque entendo que depois facilita o ensino da zona.

P10... Começo pela defesa individual. A zona só é utilizada para fechar o garrafão e ganhar o jogo.

P11... Começo pela defesa por zona. Porque acho que ela dificulta mais o acesso do ataque adversário.

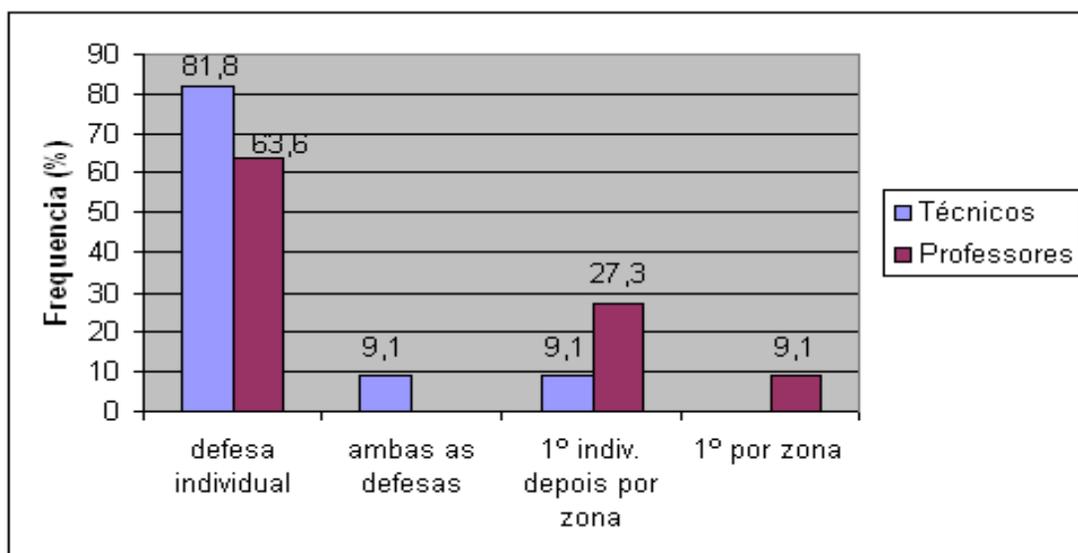


Gráfico 3 – Distribuição das respostas coletivas em relação ao ensino-treinamento dos conteúdos – sistemas defensivos

Neste estudo, percebe-se que 81,8% dos técnicos defendem que a defesa individual é o conteúdo principal do ensino nos sistemas defensivos para a etapa de iniciação. Já entre os professores, 63,6% a defendem. Quanto aos técnicos, 9,1% assinalaram que devem ser ensinadas ambas as defesas, tanto individual quanto por setor ou por zona, enquanto que nenhum professor defendeu ambas as defesas. No que diz respeito a ensinar primeiramente a individual e depois por zona, 9,1% dos técnicos concordam e 27,3% dos professores também entendem ser possível. Ambas as defesas devem ser ensinadas na etapa de iniciação, mas cabe ressaltar que inicialmente deve-se ensinar a defesa individual e depois por zona. E ainda 9,1% dos professores defenderam que por zona, primeiro, é mais interessante para o processo de aprendizagem.

Segundo Daiuto (1974), Ferreira e De Rose (1987), Hercher (1982), Araújo (1992) e Carvalho (2001), são vários os sistemas defensivos do basquetebol: defesas individuais, por zona, combinadas, mistas, pressionadas, destacando-se que todas apresentam vantagens e desvantagens. A maior preocupação neste estudo não são as vantagens e desvantagens dos sistemas defensivos, mas quando um ou outro sistema deve ser ensinado no processo de preparação em muitos anos. Para isso, entende-se

que se deve buscar uma sistematização dos conteúdos de ensino dos sistemas defensivos em muitos anos de preparação, com vistas a preparar os jovens jogadores nos aspectos defensivos com muita competência para atuar prioritariamente na fase juvenil e adulta, bem fundamentados nos quesitos defensivos.

O que se tem percebido, segundo Oliveira e Paes (2002), ao pesquisar atletas de seleção nacional sobre como foi o seu processo de aprendizagem dos sistemas defensivos, é que os atletas quando chegam à fase adulta têm dificuldades básicas defensivas para atuarem no basquetebol, que é jogado com velocidade, aliado ao fato de que muitas alterações operacionais ocorrem durante o jogo, em função da sua má iniciação defensiva. Preocupa-se, então, nas fases iniciais, em saber qual é o melhor momento do processo em que os sistemas defensivos devem ser ofertados e quais as estratégias de ensino que devem ser utilizadas para potencializar o ensino.

Neste sentido, explicitou-se a opinião de técnicos e professores do basquetebol nacional sobre qual defesa deve ser priorizada nas fases iniciais do ensino e percebeu-se muita similaridade nas respostas.

“... nessas categorias a individual é fundamental... o básico é você estabelecer o ensino dos fundamentos individuais e principalmente 1x1... o que nós estabelecemos como noções básicas de domínio de corpo... em cima disso ele vai aprender deslocamentos de defesa, aprender a ler qual a perna que está na frente do homem com a bola, e aí você vai progredindo de pequenos grupos de 1x1... até 5x5” (T10)

“... depois das noções gerais dos fundamentos - alguns sistemas... eu sempre ensinei a individual primeiro, depois você ensina que parte da quadra tem uma área e que cada um vai ter um espaço, com objetivo de proteger a cesta... deve-se tomar cuidado com a forma de cobrança e em relação ao vocabulário técnico...” (P6)

Oliveira e Graça (1998) afirmam que a defesa individual é um dos conteúdos dos sistemas defensivos no basquetebol que possibilita ampliar o desenvolvimento motor dos praticantes pela quantidade de movimentos que são executados, pela responsabilidade de marcar um determinado oponente, além de outros benefícios, como preparação futura para competições mais especializadas. Calatayud (2003), corrobora com a idéia e confirma a tese de que a defesa individual com ajuda já pode

ser trabalhada nas fases iniciais. De acordo com Mesquita (1997), já não faz mais sentido, na iniciação da defesa nas fases iniciais, discutir a forma pela qual a defesa deve ser ensinada. É aceito, segundo a autora, por todos que atualmente estudam e respeitam o jogo e a evolução da sua aprendizagem que a defesa individual é aquela que melhor serve para as melhorias motoras e os interesses dos praticantes. Podem ser discutidos os objetivos, os meios, assim como as estratégias utilizadas para ensinar as competências defensivas ao longo da evolução do jogo.

No basquetebol, muitos trabalhos têm defendido essa tese, como nos estudos de Barreto e Gomes (1989), Diniz (1997), Barreto (2003), entre outros que apontam que uma ótima defesa individual potencializa o futuro ataque em função da (roubada) recuperação da bola, o que possibilita na seqüência uma transição ofensiva mais rápida e eficiente. Parece que nos dias atuais, as propostas de defesa forte, seguida de transições rápidas, evitam o ataque de 5x5 posicionado, pois no basquetebol da atualidade não é mais uma boa estratégia, apesar de ser uma realidade, tendo em vista as mudanças nas regras, bem como o aumento na intensidade e velocidade do jogo. Isso implica que desde as fases iniciais do ensino, a defesa individual deve ser tratada como uma forte aliada da filosofia de ensino do basquetebol, conforme preconiza Barreto (2003). Para que isso ocorra nas fases posteriores de especialização, é relevante, na fase de conhecer o jogo de basquetebol brincando, promover-se a estimulação ao gosto pelo jogo e, na fase de aprendizagem inicial, a automatização dos conceitos básicos de defesa, devendo-se utilizar principalmente a defesa individual, como afirmaram alguns técnicos e professores confirmando a similaridade.

“... justifica-se a defesa individual em função da aglomeração, pela falta de compreensão do tempo e do espaço das crianças nessas fases iniciais... a defesa individual faz ele se perceber melhor no contexto do jogo... eu não acho que é a melhor defesa... eu penso que ela facilita o entendimento da criança porque ela tem a responsabilidade de marcar 1 jogador... ela, a criança, pensa em jogar, mas não domina muito bem os movimentos... ela vive um problema social que é o individualismo... e para você fazer uma defesa que utiliza-se de mais recursos e inteligência, como a defesa por zona..., ela teria mais dificuldade para aprender... tem que marcar individual sim, mas com delimitação do espaço porque ela quando é feita com uma equipe que é superior, ela terá desvantagens no aspecto físico e psicológico... penso que o mais importante em qualquer defesa é a visão que temos que ter, do adversário com a bola, sem bola, o pé de apoio, o equilíbrio, a postura, a

forma de marcar... então, temos que bater nos conceitos de defesa... postura e a mecânica talvez não seja o principal fator nessas idades, mas sim... a compreensão da antecipação, cobertura, ajuda, ou seja, o sentido de equipe... pensar em respostas e soluções que a criança consiga construir e deixar ela livre para entender o que está fazendo... com o avançar nas categorias e na idade, a defesa deve priorizar a inteligência na marcação, com atenção nos pontos fracos e fortes, observar o que o atacante faz de melhor e isso está mais no sentido da tática e da observação do espaço... eu acho que na categoria infantil deve começar com essa filosofia com as devidas proporções...” (P4)

Moreno (1989) e Bayer (1994) esclarecem que não há dúvidas de que a essência do jogo coletivo assenta-se funcionalmente em uma relação de cooperação-oposição, com vistas à obtenção dos objetivos que só uma das partes consegue obter: enquanto uns defendem e procuram não sofrer o cesto, os outros, ao mesmo tempo, procuram executar o cesto. Quando se trata de um jogo inicial, os autores consideram que a defesa não deve ser o principal objetivo do jogo, mas sim a cesta, para motivar os praticantes.

Um estudo que contribui com esse enfoque foi realizado por Diniz (2000), no qual mostrou que algumas equipes do campeonato paulista de mini-basquete feminino de 1999, sagraram-se vencedoras por 104 a 12, 100 a 04, entre outros resultados absurdos. Esse estudo desencadeou o seguinte questionamento para que se possa refletir sobre a importância dos sistemas defensivos na etapa de iniciação: Qual é a motivação das praticantes derrotadas para continuar na prática do basquetebol? Salienta-se que se devem priorizar nas fases iniciais as competições para a tomada do gosto pelo jogo e valorizar mais as ações ofensivas e não somente as defensivas, e ainda durante o processo de iniciação poderão ser invertidos tais conceitos, ou seja, o êxito ofensivo no início da prática pode significar a continuidade da criança no processo de treinamento.

Ainda outra similaridade em relação à defesa:

“... até o mini só trabalhamos com a defesa individual... porque nós entendemos que a menina vai aprender o passe, o drible e os arremessos de uma maneira mais difícil e se ela tiver uma defesa mais próxima acompanhando, ela... isso vai acontecer e daí ela vai aprender a tomar atitude... agora se a gente ensinar esses fundamentos com bastante espaço, porque a defesa por zona só libera espaço para arremessos e dificilmente ela vai treinar as assistências e as infiltrações e ela não estará preparada

para fazer isso na defesa por zona... nós durante o mini algumas vezes mais principalmente no final do ano nos torneios do mirim, nós ensinamos atacar contra zona porque essa é a nossa maior dificuldade... ela aprende individual o tempo todo e depois tem que jogar contra zona porque as equipes que jogamos nos marcam por zona... por isso, trabalhamos de vez em quando.... em minha opinião, todos os técnicos deveriam trabalhar até o mirim só a defesa individual... e só a partir do mirim deveria ser qualquer tipo de defesa. A gente vê que no mirim a menina já tem mais condições técnicas e confia mais nela mesma. Já é melhor na mão direita e na mão esquerda já faz uma bandeja diferente, com a esquerda por exemplo, já faz um jumpinho... então poderia, a partir daí, ver outros tipos de defesa... porque ela já se sente mais confiante para isso aí... eu acho importante as defesas pressionadas e já começamos no mini porque já tem competições e quando entra competições temos que ir na realidade do negócio de como é uma competição... e eu acho que deverá ser a pressão individual quadra inteira meia quadra... eu acho importante porque trabalha bastante com o psicológico da menina, ela já começa a viver situações adversas... se a gente ficar segurando muito essas situações, ficará mais difícil para ela aprender... até 12 anos nós trabalhamos meia quadra só... depois 13-14 já entramos com pressão quadra toda individual e não por zona..." (T8)

As respostas apontam uma preocupação de irem adequando os conteúdos defensivos à estrutura temporal da aprendizagem. Ao encontro desse pensamento, os estudos de Ferreira (2000) indicam que o papel do técnico, ao ensinar sistemas defensivos, deve considerar a forma como se opõe o ensino do ataque, e a construção das ações ofensivas deve ser o de ajustar ao conjunto de objetivos traçados para o processo em longo prazo. Assim, Mesquita (1997) postula:

... transporta-se o exemplo para o ensino do basquetebol do jogo de oponentes, onde julga-se que a idéia de condições facilitadas deve estar ligada às condições que favoreçam a realização de determinado tipo de comportamento. Julgamos que é uma orientação que a defesa deve ter no ensino das primeiras etapas do jogo. Não se aceita na defesa um papel facilitador sem contrapartidas, mas com base em compromissos defensivos objetivos e comportamentais. O que se pretende é favorecer o ataque na resposta às exigências que o nível de jogo vai tendo, e em simultâneo, criar as sólidas bases para, mais tarde, o ensino e treino da defesa se dirijam para solicitações competitivas que ela requer... (MESQUITA, 1997, p.99).

Nesse contexto, Oliveira e Graça (1998) corroboram essa idéia, entendendo que a defesa nas fases iniciais do ensino por si só já exercem uma grande influência no

contexto ofensivo, pois atingem um nível de agressividade que às vezes chega até ser violento, prejudicando o ensino em função do não domínio das técnicas do jogo de quem ataca. Naturalmente que essa ofensa é tão ingênua quanto à precariedade dos argumentos motores do ataque, porém cabe ressaltar que o objetivo do jogo para o iniciante é a realização do cesto.

As intervenções pedagógicas do ensino das defesas, quando o jogo ainda é anárquico, ou seja, pouca coisa acontece em relação ao bom nível de jogo, pode-se ensinar os fundamentos defensivos, mas que estes sejam sistematizados em longo prazo, com a compreensão de que não basta grande estratégia defensiva, como a marcação-pressão quadra toda somente para vencer as competições, haja vista também ser necessário que os jovens aprendizes tenham o entendimento dos conceitos defensivos, porque em fases mais avançadas, como no infante e no juvenil, o que poderá predominar são as leituras táticas que se fazem dos adversários aliadas a uma ótima fundamentação dos conceitos defensivos. Deve-se, então, estimular as interceptações de passes, a capacidade periférica de observação, a ajuda mútua, a cooperação, entre outras técnicas.

Com base nos estudos teóricos e nas experiências de técnicos e professores, parece que o posicionamento básico no ensino dos sistemas defensivos na etapa de iniciação tem predomínio na defesa individual e é a mais indicada. De acordo com a maioria dos entrevistados o sistema simples de defesa individual acarreta, nos alunos, condições generalizadas básicas, as quais, em futuros jogos, contribuirão para o rendimento das funções específicas no jogo de basquetebol. A defesa individual faz com que o defensor desenvolva o domínio corporal, a antecipação, o ritmo e a leitura das características ofensivas dos oponentes defensores, bem como o domínio espacial e os movimentos básicos de defesa.

Alguns procedimentos podem ser adotados pelos alunos, como posição básica (pés ligeiramente mais abertos que os ombros, corpo flexionado, movimentação para frente, para trás e para o lado), recuperação da bola (antecipar os passes), vibração com a defesa e vencer o atacante. Nos sistemas individuais, não se deve ter preocupação com sistemas complexos; ao contrário, devem ser ensinados aos alunos

os sistemas básicos, como a defesa individual simples (cada um marcando o seu oponente), encontrando, de preferência, um adversário com as mesmas características individuais dos alunos e, em seguida, levar o aluno a marcar oponentes com características diferentes das suas.

Ao defender o atacante com bola no início da aprendizagem, por volta de 10-11-12 anos, a defesa individual deve ser caracterizada pela limitação imposta a distância a dar ao atacante como, por exemplo, ensinar-lhe um posicionamento para que não seja facilmente fintado. Sendo o nível de jogo caracterizado pela leitura da possibilidade ofensiva e não pela roubada da bola, recomenda-se então eliminar a fobia dos alunos em retirar a bola do adversário; dar condições de leituras ofensivas por parte do jogador com bola, para a utilização precária que o drible, o passe e o lançamento ainda possuem por parte dos atacantes. Ao defender o atacante com bola na segunda fase da iniciação, deve-se proceder a um controle mais efetivo da ação do atacante com bola. Estando ultrapassada a dificuldade inicial do jogo no enquadramento ofensivo, da utilização primária do drible e do passe, o defensor procura distinguir a distância da bola ao cesto; as situações diferentes em que o atacante se encontra e ainda não driblou, se está em drible ou interrompeu o drible. Objetivamente, busca-se condicionar o posicionamento do atacante com bola. Nessa fase da aprendizagem, o defensor não só discrimina a distância da bola ao cesto, as diferentes situações do atacante com bola, mas também procura limitar os espaços por onde a bola deve transitar: fecha o corredor central e encaminha o atacante a driblar para as linhas laterais (MESQUITA, 1997).

Ao defender o atacante sem bola, cada jogador deverá marcar seu jogador responsável, e o jogador sem bola pode ser marcado da forma como o técnico optar, com maior proximidade ou afastamento do seu par direto ou oponente. No caso do atacante, caso a proximidade do defensor dificulte a recepção dos passes, existem argumentos para a introdução de aspectos ofensivos que o ensino da desmarcação supõe, com o objetivo da abertura de linhas de passes para os atacantes. Caso o defensor esteja afastado, a comunicação através do passe é mais óbvia pelos atacantes, facilitando a primária relação de cooperação que o jogo pode começar a ter.

Ao defender o atacante sem bola na segunda fase da iniciação, sendo o jogo de segundo nível de iniciação, caracterizado pela profundidade que o espaço em ataque já possui, começa a fazer sentido a introdução da colocação defensiva sobre a primeira linha de passe e diferenciá-la da segunda linha de passe. Trata-se das bases fundamentais para saber reconhecer marcação fechada e aberta. Na terceira fase da aprendizagem, a defesa do jogador sem bola orienta-se melhor porque já está definida a prioridade da ação sobre as diferentes linhas de passe, e também os conceitos de lado da bola e lado contrário da bola. Aparecem as primeiras preocupações do que mais tarde será a grande força coletiva da defesa individual: a ajuda defensiva. A utilização do termo orientado surge dado o fato de se pretender começar nessa fase a introdução às bases da ajuda defensiva: a bola que entra no cesto, que é fundamental, não a noção de onde ela está (MESQUITA, 1997; FERREIRA, 2000; FERREIRA, 2002).

1.4. Metodologias de treinamento dos sistemas defensivos (tática)

Perfil dos métodos que os técnicos destacam no ensino-treinamento dos sistemas defensivos do basquetebol na etapa de iniciação.

T1... Dos exercícios individuais para os de grupo e coletivo.

T2... A metodologia é das partes para o todo e do todo para as partes... “analítico-sintético-analítico”... Ou seja: do individual para o grupo e depois para o coletivo.

T3... Nessa fase nos preocupamos muito com os fundamentos individuais, em grupo e coletivos. Nós temos é que preparar os jogadores fisicamente e tecnicamente para fazer qualquer tipo de defesa desde criança.

T4... Através dos exercícios individuais... de grupo e coletivo. Porque entendo que os fundamentos individuais ampliam o repertório motor dos praticantes

T5... Através dos fundamentos individuais.

T6... De todas as formas. Porque se você precisar no jogo ele terá que saber se é com ajuda ou com flutuação ou zona 2x3.

T7... Independe. O que importa é que seja bem feito.

T8... Do exercício individual para grupos e coletivos. Porque nós entendemos que a menina vai aprender o passe, o drible e os arremessos de uma maneira mais difícil e que através de exercícios em situações de jogo isso melhora muito.

T9... Exercícios individuais de posicionamento e depois de grupo até o coletivo.

T10... Exercícios individuais de posicionamento, postura e depois através das situações de 1x1 até 5x5.

T11... Principalmente através de jogos. Para não saturar os garotos.

Perfil dos métodos que os professores mestres e doutores destacam no ensino dos sistemas defensivos do basquetebol na etapa de iniciação.

P1... Porque a aprendizagem da defesa no jogo é mais motivante, é claro que você não precisa trabalhar utilizando jogo de basquetebol com todas as regras, mas você precisa criar situações que leve ao jogo.

P2... Exercícios individuais e na seqüência os coletivos. Eu vejo que além de trabalhar melhor principalmente nessas faixas já se deve criar essa cultura de defesa no basquetebol.

P3... Depois de desenvolvida essa noção de defesa individual, posso incorporar a cooperação e os processos de cobertura definida nas defesas por zona.

P4... Os exercícios individuais, mas o jogo é muito importante. Em função da aglomeração, pela falta de compreensão do tempo e do espaço das crianças nessas fases iniciais.

P5... Sempre dos exercícios individuais para os de grupo e coletivo. Tenho certeza que qualquer outro tipo de defesa é defensiva coletiva... Primeiro elas devem aprender o que fazer individualmente.

P6... Brincadeiras – situações de jogo começando pelo 1x1, o jogo e os exercícios também. Porque cada um precisa saber das partes da quadra e que tem uma área e

que cada um vai ter um espaço, com o objetivo de proteger a cesta.

P7... O jogo para a criança é preciso para fluir a aprendizagem.

P8... Exercícios individuais depois através dos jogos. Precisamos melhorar bem a técnica dos movimentos.

P9... Exercícios individuais depois coletivos. Porque a criança aprende mais rápido com o concreto do que com o abstrato, sendo assim na defesa individual ela estará trabalhando no concreto.

P10... Através de exercícios e depois jogos. Porque através de exercícios individuais elas melhoram muito a condição tática.

P11... Primeiro através de jogos. Para motivar a prática das crianças.

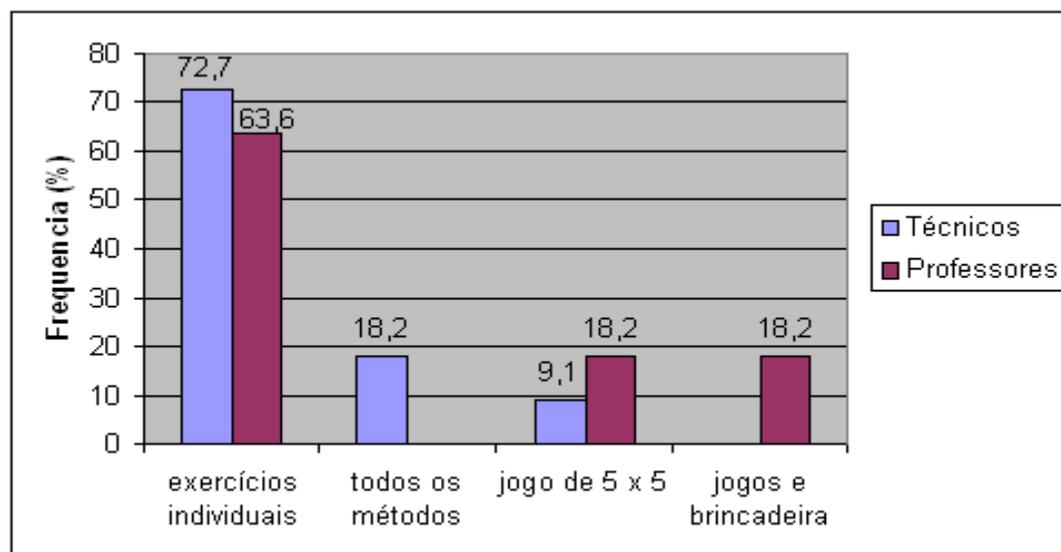


Gráfico 4 – Distribuição das respostas coletivas em relação à metodologia de treinamento dos conteúdos – sistemas defensivos.

Os resultados encontrados neste estudo sobre os métodos que devem ser utilizados no ensino dos sistemas defensivos mostraram similaridades nas opiniões entre técnicos e professores, evidenciando os exercícios como principal estratégia pedagógica na qual 72,7% dos técnicos entendem que estes são o principal método

para o ensino dos sistemas defensivos na etapa de iniciação e 18,2% deles destacaram a importância da utilização de todos os métodos durante o processo de iniciação. Já entre os professores, 63,6% também convergem para estas idéias e afirmam que o exercício é o principal método, enquanto 22,22% defendem o jogo de 5x5 e 11,11% as situações de jogo. Depois da explanação em números, alguns depoimentos sobre os métodos de ensino:

... 1x1+1 que é o desenvolvimento de marcar um homem com a bola e sem a bola, depois a mesma coisa no 2x2 e 2x2+1, e aí você vai progredindo nas noções de triângulo defensivo, ensinar a marcar o homem com bola e sem bola, observar o lado fraco da defesa, trabalhar na linha da bola, ajuda e recuperação, e todas as noções básicas de ensino da defesa, e ir progredindo até chegar 5x5, tanto $\frac{1}{2}$ quadra, como $\frac{1}{4}$ de quadra e quadra toda e também as situações de jogo 4x4, de 3x3, e a partir do infanto-juvenil nós incorporamos todos os tipos de defesa... defendo que o mais importante é aprender a defender individualmente primeiramente..." (T10)

Em relação aos métodos, Mesquita (1997) afirmou que a preocupação metodológica no ensino das defesas está centrada nas fases da aprendizagem, ou seja, a aquisição de argumentos ofensivos deve-se contrabalancear com argumentos defensivos. Deve-se equilibrar o nível das exigências do jogo, o que no campo prático significa possibilitar aos mais experientes defesas mais complexas e aos menos experientes defesas menos complexas, independente da idade cronológica, o que evidencia que o ambiente onde acontece a iniciação ao basquetebol pode levar a uma especialização precoce da aprendizagem em função das oportunidades.

São reproduzidas a seguir as opiniões de técnicos e de professores universitários e nelas observam-se as divergências de idéias na escolha das metodologias de ensino.

"... eu utilizo como método muitas brincadeiras, tipo pega-pega, um contra um com e sem bola, objetiva-se situar-se no espaço, locomoção... o ponto básico da defesa é que ele deve ficar entre a cesta e o adversário... é importante que os alunos compreendam o porquê fazer e não o fazer por fazer... utilizo o jogo também como método em todos os treinamentos... utilizo também exercícios em dois terços do treino, quando aplico o jogo de 5x5 pelo fato de ter mais jogadores, eu divido o tempo igual para todos, para que todos possam ficar satisfeitos com a prática e não fiquem injustiçados... sempre ensinei para eles que mesmo que não fossem bons atacantes, seriam bons

defensores... o sistema defensivo 2x1x2 por zona é mais fácil na compreensão dos iniciantes do que os outros sistemas e já podemos aplicá-los... não existe sistema defensivo sem falha e também não existe jogadores que não possam ser marcados, porque todos jogadores tem suas limitações, falava isso porque queria motivar os menores e os mais fracos fisicamente...” (P6)

“... Eu parto dos exercícios individuais de 1x1 até 5x5...” (T8)

”... os jogos são importantes nessas fases... e principalmente ensiná-los a marcar quem está sem a bola... o método é o da busca de resoluções de problema e não só o exercício em si... a defesa é físico, mas é muito mais inteligência do que físico... devemos estimular as inteligências múltiplas nessas fases... então primeiro uma base de movimentos e depois de forma mais específica para o basquetebol...” (P4)

Pode-se perceber que há convergências, porém há também divergências nas formas de trabalho, tanto entre técnicos quanto entre professores. Alguns professores universitários no Brasil dão maior ênfase aos métodos de exercícios, o que contradiz alguns referenciais como de Garganta (1995), porém alguns professores também entendem a importância de se ensinar os sistemas defensivos através de jogos, brincadeiras e situações de jogo. Ao analisar os depoimentos dos técnicos, constatou-se que eles não negam esses métodos, os de jogos, mas não os têm como prioridades e partem dos exercícios analíticos para as situações de jogo e posteriormente o jogo de 5x5. Entretanto, em sua maioria, postulam que a fundamentação através de exercícios individuais para defender é fundamental.

De acordo com Calatayud (2003), os métodos variam em suas prioridades durante todo o processo com vistas a facilitar o ensino e a motivação dos praticantes. Parte-se do jogo como principal instrumento de ensino dos sistemas ofensivos, transitando pelas situações de jogo e pelos exercícios analíticos. Acredita-se que não há métodos isolados, mas durante as sessões de ensino do basquetebol quanto mais inexperiente for o aprendiz mais tempo de jogo ele deverá ter em suas aulas.

1.5. Conteúdos – sistemas ofensivos (tática)

Em relação ao ensino dos sistemas ofensivos, e como se procedeu anteriormente com os fundamentos técnicos do basquetebol e com os sistemas defensivos, os técnicos brasileiros e os professores universitários foram questionados acerca de quais sistemas ofensivos devem ser ensinados nas fases iniciais do ensino do basquetebol, que abrangem da categoria pré-mini até por volta da infantil, e quais os métodos que devem ser utilizados como estratégias pedagógicas de ensino.

Perfil dos conteúdos que os técnicos destacam no ensino-treinamento dos sistemas ofensivos do basquetebol na etapa de iniciação.

T1... As jogadas complexas não levam a nada, na iniciação nem mesmo no alto nível. Porque tática em si não ganha jogo... Tática não faz cesta, a tática não passa a bola, a tática não marca... Tática do jogo no meu conceito é uma organização que o técnico dá a uma equipe... para que a equipe tenha uma ferramenta adequada e coletiva para trabalhar no jogo e que o jogador tem o direito e o dever de no momento que ele sentir que tem algo melhor que os movimentos da jogada ele pode fazer porque senão você engessa o time.

T2... Eu aqui vou confessar que prendia o jogador no sistema de ataque. Porque devemos evitar perder principalmente nessas idades a criatividade... Eu prefiro que as jogadoras sejam fominhas nessas idades do que elas ter um jogo omissos... Só que você tem que ir administrando.

T3... Penso que os sistemas táticos devem ser ensinados com bastante liberdade... Por exemplo, a equipe deve atacar com pelo menos 4 jogadores de frente para a cesta... E buscando apenas o servir e ir ou passe e siga... Aliados aos fundamentos simples de ataque como as fintas sem bola e com bola. Porque eu acho que damos uma noção muito grande, e isso vai ser melhor mais para frente, quando eles forem incluídos em sistemas de jogo mais fechados, mais rígidos... Eles vão conseguir permanecer nesses sistemas.

T4... Eu não acho que o sistema não é importante no basquetebol nessas fases... O importante é você saber jogar... eu posso jogar sem sistema e ter uma equipe jogando bem... Eu não gosto de táticas complexas, eu acho que elas precisam saber da técnica. Porque a terminologia não importa, mas o que elas precisam saber é que, quando estão de posse da bola precisam ter determinadas atitudes para ler o jogo; ou arremessa ou penetra, ou passa... E esse raciocínio é muito rápido de preferência antes dos 3 segundos... A partir daí, elas precisam saber que se elas penetrarem o que pode acontecer e o que elas devem fazer...

T5... O ataque tem que ser meio simples, ensinar fazer bloqueios para os arremessos,

ensinar bloquear aqui, chutar lá, correr para cá, fazer 4-5 movimentos de forma simples tipo passa e vai... acho que precisa mudar um pouco o que estamos fazendo. No basquete temos casos que o garoto desde o mirim sempre foi pivô, o R é um desses casos, e depois quando chegou no adulto ele não era tão alto e teve dificuldade para jogar porque só sabia jogar de costas para o cesto, então, tá errado pô.

T6... Ensino a todos na iniciação a atacar de forma livre, mas após o quinto ou sexto passe... Na iniciação, ou categorias menores tem que ter movimentações simples ofensivas e poucas movimentações estruturadas. Porque se você definir a bola depois do 5º ou 6º passe, todos jogadores vão pôr a mão na bola, aí você faz a defesa se desgastar e você cria um bom ambiente entre os atletas.

T7... É a rotação, onde todos jogam de frente para a cesta, e não priorizar o menino com 12, 13, 14 anos que já vai ser o pivô, o outro já vai ser armador e o outro já vai ser lateral. Então, naturalmente eles vão passando por todas as posições, primeiro jogando de frente para o cesto depois de costa para o cesto e a partir de 15 anos você começa a ir direcionando os jogadores para cada posição...

T8... Em relação ao ataque, não vamos falar em jogadas no ataque ou organizações ofensivas... Vamos falar em jogo livre... O que é jogo livre? ...o jogo livre tem algumas regras de ocupação do espaço, mas ele dá para a menina a liberdade para jogar. Porque a gente acredita que primeiro ela precisa se virar sozinha, saber jogar sozinha sem atrapalhar a outra é claro... E depois ela começa a jogar em dupla, em trios, e assim por diante mas, na cabeça dela nós entendemos que ela deva jogar livre.

T9... Devemos nos preocupar principalmente com os fundamentos individuais de ataque. Deve-se melhorar a qualidade de execução no treinamento, ao invés de se preocupar com o sistema a ser utilizado ou a jogada que ele vai fazer, o ideal é cobrar os fundamentos que ele vai fazer principalmente na etapa de iniciação da aprendizagem.

T10... Fundamentos individuais de ataque principalmente sem bola. Porque é muito importante, a situação de saber jogar sem a bola... Dentro da periodização do nosso clube, ensinamos primeiro que eles saibam jogar.

T11... O ataque deve ser através de conceitos ofensivos. Porque eles têm muitas dificuldades de transferência dos educativos.

Perfil dos conteúdos que os professores mestres e doutores destacam no ensino dos sistemas ofensivos do basquetebol na etapa de iniciação.

P1... Eu acho que deve ser baseado em movimentos simples... eu sou contra jogadas, aquelas coisas ensaiadas, estilo coreografia, daí se você sai um pouco não sabe mais o que fazer, a criança tem que ser trabalhada para saber pensar e não repetir algo em

seqüência, porque senão ela só vai aprender uma parte, por isso tem que haver trabalho relacionando com jogo, de novo aí o ataque em dupla, trio. Quando você estabelece uma coisa muito rígida, você treina aquela criança para fazer coisas rígidas, e se mudar ela não consegue fazer, eu não acho legal essa coisa de ensinar jogadas preestabelecidas, você tem que estabelecer conceitos, de passes e deslocamentos, e uma outra coisa importante nessa fase é a não especialização em termos de posicionamento.

P2... Em relação aos sistemas ofensivos, eu diria não só ensinados, mas desenvolvidos nos jovens... os aspectos da inteligência de jogo, a tática... obviamente para não dizer dos fundamentos técnicos que interferem. Porque nós temos que desenvolver nos jovens essa idéia do conjunto para o melhor jogo.

P3... Quanto mais aproximarmos o treinamento das situações que eles vão enfrentar durante o jogo, é lógico que ele vai entender melhor o jogo e resolver os problemas dessas situações, para fiscalizar ou assistir um outro jogador em diferentes locais, melhor será o ataque... terá uma melhor visão de jogo e não será só o armador. Porque creio eu que nessas fases os alunos precisam descobrir seus potenciais ofensivos...

P4... Primeiro no ataque é trabalhar quem está sem bola... Segundo eu tenho que ensinar o ataque facilitando as ações dos meus companheiros e, ao invés de eu ir ao encontro do meu parceiro, tenho que ir para o lado contrário..., ou seja, eu preciso facilitar o jogo de quem está com a bola, preciso saber desmarcar com fintas e evitar ficar parado porque senão facilita o trabalho defensivo. Porque na individual predomina a ação individual e na zona o coletivo.

P5... Primeiro temos que ensinar a atacar contra individual. Porque tudo isso eu aprendi fazendo cursos nos EUA e principalmente, lendo, e com base nisso sempre verifiquei o seguinte... você precisa fazer uma tática para eles jogarem, mas sem fundamentos e deslocamentos eles não conseguem realizar nenhum tipo de tática.

P6... Eu não trabalho com jogadas até 7ª e 8ª séries, todo dia tem jogo... e no jogo eu passava conceitos de ataque, tipo olhar se tem alguém livre e em melhores condições que você, então passe ao invés de perder tempo, se não der para passar, drible com a bola. Porque defendo a importância de motivar todos nessas faixas etárias.

P7... Nessas categorias eu não falo de posição, ensino a jogar 1x1, depois 2x2, depois 3x3 e sempre dou jogo de 5x5, porque é motivante para os praticantes. Porque entendo que é mais motivante para quem aprende.

P8... Deveria ensinar os garotos a fazer cesta, porque este é o grande barato do jogo... no segundo momento, ensiná-los como jogar sem bola, e posicionamentos para receber a bola em melhores condições, porque é aí que desenrola o jogo. porque gosto muito de jogo livre, e penso que nesta categoria deveria ser o mais utilizado.

P9... O importante é ensiná-los a fazer a leitura do jogo e essa é importante para que ele viva as diferentes posições.

P10... Ensino eles a jogar se movimentando e passando para os companheiros. Porque primeiro tem que se respeitar as condições físicas e técnicas de quem vai executar, então armadores laterais e pivôs deverão ter características próprias para executar tais funções no jogo.

P11... Através de movimentações simples com todos abertos.

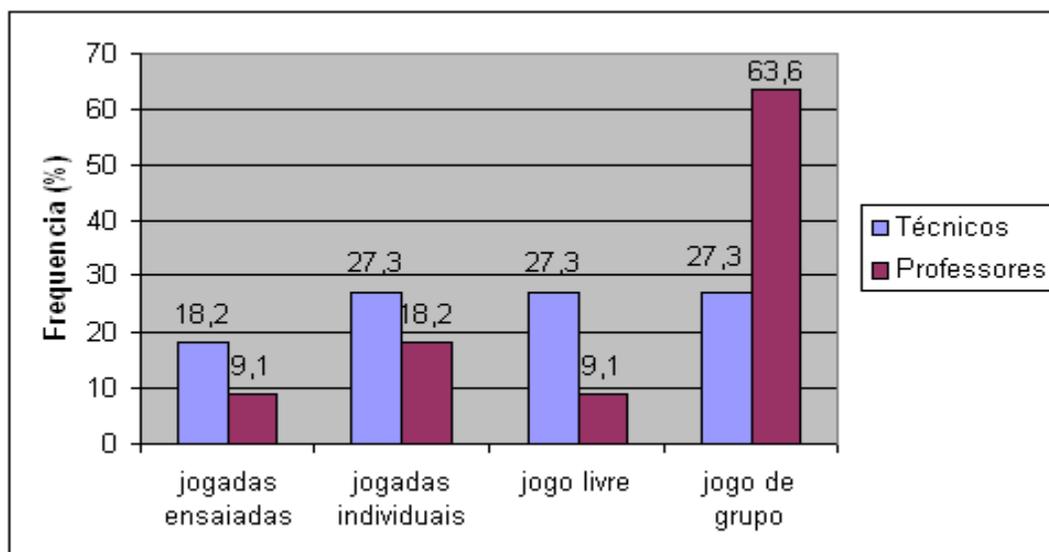


Gráfico 5 – Distribuição das respostas coletivas em relação ao ensino-treinamento dos conteúdos – sistemas ofensivos

Antes de discutir os dados, salienta-se que as jogadas ensaiadas são estratégias que os técnicos utilizam para conseguir a demarcação. (As jogadas individuais são jogadas de um jogador contra um adversário, como 1x1 na posição de pivô). O jogo livre dá oportunidade à movimentação da bola entre todos os atacantes na qual todos podem atacar quando estiverem em condições favoráveis no ataque. E o jogo de grupo são situações isoladas de 2x2 ou 3x3, na qual os outros jogadores não participam das ações ofensivas durante parte do jogo e depende de cada técnico. No que diz respeito aos conteúdos de ensino dos sistemas ofensivos do basquetebol na etapa de iniciação, pode-se verificar que os técnicos e os professores citam vários conteúdos. Entre os técnicos, por exemplo, 18,2% sugerem que as jogadas devem ser preestabelecidas, 27,3% que as jogadas devem ser individuais, 27,3% que deve haver jogo livre e 27,3% pontuam que deve ser mediante jogos de grupo. Já os professores assinalam que apenas 9,1% dos conteúdos devam acontecer através de jogadas

preestabelecidas, 18,2% defendem os conteúdos através de jogadas individuais, e a maioria (63,6%) assevera que devem ser os jogos de grupo. Pode-se afirmar que os conteúdos de ensino dos aspectos ofensivos do basquetebol não se limitam ao jogo de 5x5 nem tampouco aos fundamentos individuais, e que o trabalho de dupla e de trios é muito valioso nessa etapa.

De acordo com os resultados deste estudo e das proposições literárias para o ensino do desporto em geral, e ao transportarem-se tais conhecimentos para o ensino dos sistemas ofensivos do basquetebol, pode-se preconizar que são vários os sistemas de ataque (ofensiva). Nas fases de iniciação, todavia, nas quais se destacam a aprendizagem e a automatização dos gestos motores, o ensino das estruturas de ataque deve partir das premissas de sistemas simples, como ataque contra defesa individual simples, e o ataque contra apenas alguns sistemas por zona, tais como 2:1:2, 3:2 de forma simplificada, valorizando o ataque individual.

Jogar contra sistemas, seja individual ou por zona, deve ser simples e objetivo, sendo que o quesito individual é elaborado em função da equipe, adequando as potencialidades e possibilidades individuais na resolução dos problemas ocasionados pela ação dos adversários. Não são recomendadas jogadas complexas, mas sim jogadas simples, utilizando movimentações nos espaços vulneráveis da zona, o que pressupõe que os técnicos e os professores de basquetebol podem ensinar os iniciantes a “jogar e não a fazerem jogadas complexas de execução, por exemplo jogar em grupos de 2x2 ou 3x3 e até mesmo o jogo de 1x1 se for o caso”.

Na seqüência, alguns depoimentos mostrando esses aspectos e as diferenças e similaridades nas idéias:

“... eu acho que o sistema não é tão importante no basquetebol... **o dá e segue**... isso deve ser aprendido desde o mini... a criança ou o pré-adolescente aprende isso... ou ele passa ou executa outro movimento;- qual? ele precisa saber!! ou ele penetra... ou ele passa e vai fazer um corta-luz..., ou passa e faz uma finta de corpo para entrar e receber a bola outra vez... ou ele faz a finta e volta para receber... defendo isso como tese e em meu trabalho prático também é assim, e eu uso nas idades de formação e até no adulto, que eu chamo de **jogo livre**, que é em cima de movimentos... que são os princípios que norteiam o ataque...” (T4)

Parece que ao invés de jogadas complexas de execução, o mais importante é ensinar os princípios básicos de ataque e devem ser assimilados pelos alunos, entre os quais: as formas de receber a bola e posicionar-se olhando a cesta; utilizar o corpo e as técnicas básicas do passe, drible e lançamentos (arremessos); explorar os espaços de curta, média e longa distância em relação ao alvo; passar a bola entre todos os jogadores antes da finalização; utilizar a comunicação verbal para a resolução de problemas; aceitar a disputa e os erros; aprender a formar 1x1 e 2x2, formando em seguida o conceito coletivo; motivar todos a participar no controle ofensivo, que é o jogo sem bola, freqüentemente.

“... o mais importante da aprendizagem nessa fase é a mudança de ritmo, saída rápida, parada brusca, os cortes, as fintas... primeiro temos que ensinar a atacar contra individual... na minha estratégia de ensino, eu começo o ataque quando elas estão na defesa e esse ensino é baseado em princípios, buscando desenvolver a criatividade do jogador, e quando você está ensinando a defesa, você já está dizendo o que a ofensiva faz, aí precisa de muito trabalho técnico individual...” **(P5)**

No que diz respeito a esse assunto, Daiuto (1974) advertiu que os conteúdos ofensivos que devem ser ensinados são o que ele chamou de “sistemas de ofensiva em conjunto”, citando ainda o contra-ataque, o ataque contra zona e o ataque contra individual. No que tange ao contra-ataque, o autor apregoa que o mesmo deve partir das seguintes situações de jogo: rebote defensivo, interceptação dos passes, depois de cesta obtida ou sofrida, no caso de bolas de fora da quadra, depois de bola ao alto e após lances livres. Isso significa que o contra-ataque é um dos conteúdos dos sistemas ofensivos do basquetebol. Posteriormente, o autor cita que o corta luz é um importante conteúdo ofensivo cujo principal objetivo é impedir ou dificultar a livre movimentação dos defensores adversários durante o jogo. Em seguida, o autor destaca os sistemas ofensivos contra defesas homem a homem e por zona, ressaltando ser possível tentar o contra-ataque em todas as situações, e alertando, todavia, que nem sempre isso será possível, tornando-se então necessário o ataque armado em meia quadra, o qual teria a missão de vencer as defesas já organizadas em situações, nesse

caso individualmente. O autor discorre acerca de várias formas de ataque contra sistemas armados de defesa homem a homem e por zona: 2-3, 3-2, 4-1, 1-3-1, 1-2-2. Ainda para o autor, cada sistema poderá ser utilizado contra individual e por zona e dependerá das características das equipes adversárias.

Continuando, Ferreira e De Rose (1987) postulam que a tática ofensiva aparece como uma forma de facilitar o objetivo do jogo e seus conteúdos são: a) de acordo com números de pivôs – pivô simples, pivô duplo, pivô triplo, rotatividade; b) segundo o posicionamento inicial dos atacantes 1-3-1, 1-4, 2-3; c) conforme as formas de defesa do adversário - individual, zona, pressão, mista, combinada; d) em conformidade com o contra-ataque.

Ainda sobre esse assunto, Bunker & Thorpe (1982) apresentam um modelo de ensino do basquetebol para a etapa de iniciação considerando **a ação pedagógica em quem joga**. Kirk & Macphail (2002), com base no modelo da **ação pedagógica em quem joga**, apontam os conteúdos de ensino do basquetebol, destacando os valores que transcendem os conteúdos da técnica e da tática como conceito de jogo, pensamento estratégico, tomada de decisão, técnica motora adaptativa, percepção dos objetivos de cada sessão, tipos de jogadas e participação indireta quando não estiver com a posse da bola, ou seja, *jogar sem a bola*. Pode-se perceber que não se deve, ao ensinar basquetebol, centrar o ensino apenas nos conteúdos técnicos do jogo, mas principalmente em quem joga e esses são os conceitos imprescindíveis para a iniciação ao jogo de basquetebol.

Doolittle & Girard (1991) e Godoy (2002), corroboram estes estudos e sugerem que as jogadas que fazem parte da planificação das sessões de ensino devem ser constituídas como uma fonte de problemas a serem resolvidos pelos aprendizes e compreendidas durante um processo de ensino. E com o decorrer do tempo esses problemas serão minimizados, mediante a utilização correta e enquadrada das ações técnicas, envolvendo os aprendizes nas tomadas de decisão que são mais importantes para o basquetebol.

Torna-se valioso perceber quais conteúdos outros técnicos e professores entendem que devem ser apreciados nessa etapa do processo de iniciação para a

ofensiva.

“... em relação ao ataque não vamos falar em jogadas no ataque ou organizações ofensivas... vamos falar em jogo livre... o que é jogo livre? ... o jogo livre tem algumas regras de ocupação do espaço, mas ele dá para a menina a liberdade para jogar... ela não tem a situação de fazer jogadas... a gente aqui até o mini não ensina nem corta-luz – já no mirim, começamos a ensinar o corta-luz... porque a gente acredita que primeiro ela precisa se virar sozinha, saber jogar sozinha sem atrapalhar a outra é claro...” **(T8)**

“... a criatividade é muito importante, acompanhada de deslocamentos, o motivo é que no basquete só tem uma bola e os outros 4 jogam sem bola e por isso é preciso se deslocar, então temos que montar um sistema ofensivo... primeiro ele vai jogar muito tempo para desenvolver a criatividade dele, aqui o corta luz é importante para facilitar o trabalho dele e aí você deve observar como se movimentam para receber a bola, e quando ele receber a bola, ele deve criar alguma coisa apesar de você não ter ensinado nada ainda...” **(P5)**

Fica evidente nos depoimentos que os conteúdos de ensino dos sistemas do basquetebol são muitos, porém ainda não estão claros na literatura quando se trata de organização em longo prazo nas competições clubísticas, nem tampouco para o ensino do basquetebol no contexto escolar, local onde está a maioria das crianças que aprendem os primeiros movimentos do basquetebol. Os conteúdos aqui apresentados pelos técnicos e professores dão uma idéia melhor do que se deve ensinar, quando se trata de formação de equipes de basquetebol e do que se pode utilizar na escola através do ensino educacional do basquetebol. Não obstante, torna-se imperativo rever alguns conceitos da literatura em relação aos conteúdos de ensino dos sistemas ofensivos do basquetebol durante a etapa de iniciação porque na prática percebe-se que a busca incessante pelos resultados precoces, em função das muitas mudanças que o mundo sofreu nas últimas décadas, exigindo dos técnicos resultados rápidos até por uma questão de sobrevivência, obriga a repensar o que é ideal e o que é real.

No que diz respeito aos conteúdos e às estratégias pedagógicas de ensino na etapa de iniciação, pode-se extrair da literatura e das discussões dos resultados da pesquisa algumas informações importantes e realizar algumas sínteses, por exemplo, os objetivos para o ensino-treinamento dos sistemas ofensivos na etapa de iniciação

contra sistemas individuais devem contemplar a compreensão do ataque em todas as posições na quadra, independentemente de sua função no jogo.

1.6. Metodologias de ensino-treinamento dos sistemas ofensivos (tática)

Perfil dos métodos que os técnicos destacam no ensino dos sistemas ofensivos do basquetebol na etapa de iniciação.

T1... Através de exercícios, o jogador de basquete precisa ser submetido a muitos exercícios, que o obrigue a prestar atenção em vários pontos ao mesmo tempo... aí não num ponto só... principalmente nas fases de iniciação... é claro que você tem que dosar o grau de dificuldade compatível com o nível de habilidade dos jogadores, se você colocar em um nível muito alto poderá desmotivar os jogadores.

T2... Dos exercícios para o jogo.

T3... Através dos fundamentos individuais de grupo e coletivo.

T4... Dos fundamentos individuais para os exercícios de grupo até os coletivos.

T5... Deve ter exercício todo dia, mas principalmente o jogo, porque o garoto vai lá para jogar.

T6... Ensinar bem os fundamentos individuais depois de grupo e coletivo.

T7... Dos fundamentos individuais para os grupos e coletivo.

T8... Exercícios individuais de grupo e coletivo.

T9... Através de todo tipo de recurso áudio-visual, partindo dos exercícios individuais para os de grupo e coletivo.

T10... No aspecto metodológico, existem exercícios que daremos ênfase à defesa, e outros que daremos ênfase ao ataque, depende do objetivo da seção.

T11... Através de muito coletivo.

Perfil dos métodos que os professores mestres e doutores utilizam no ensino dos sistemas ofensivos do basquetebol na etapa de iniciação.

P1... O jogo é o principal método.

P2... Do jogo para os exercícios.

P3... Eu iniciaria, ou melhor, ensinei de forma global... interrompendo a prática e evidenciando as situações que são criadas e trabalhando a tona, os alunos/atletas as possíveis soluções.

P4... Nas situações de jogo de 1x1, 2x2, 3x3, que é para os americanos o jogo dentro do jogo.

P5... Exercícios sincronizados, buscando desenvolver a criatividade do jogador, e quando você está ensinando a defesa, você já está dizendo o que a ofensiva faz, aí precisa de muito trabalho técnico individual.

P6... Eu sempre trabalhei com exercícios buscando o conjunto, eles aprendiam os fundamentos e em seguida eu começava a combinar o passe com drible, depois com arremesso, através de exercícios 2x2 sem defesa, que eu chamo de combinação de fundamentos... porque entendo que o jogo é a combinação de vários conhecimentos... depois o 2x1, e ia progredindo até chegar o 5x5.

P7... Há uma discussão em pauta que é ensinar pela tática ou ensinar pela técnica, por um autor chamado Cloud Bayer, e é uma disciplina que dou na faculdade... eu faço os dois: através do jogo eu explico como abrir os espaços, explicando que o jogo acontece com 80% sem a bola na mão, e eles precisam aprender a jogar sem a bola, aprender a passar e se movimentar para recebê-la... outra coisa muito importante são os fundamentos, tanto para mão esquerda, quanto para mão direita: saber driblar, controlar a bola, a tática é importante para ele *saber o que fazer*, mas ele precisa dos fundamentos para *saber como fazer*.

P8... Devemos ensinar os deslocamentos sem posse de bola e mostrar através de diferentes exercícios, e situações de jogo, como eles deveriam jogar sem a bola e não só se preocupar com a bola.

P9... Defendo os exercícios de passar e ir, os sincronizados, utilizando figuras geométricas de triângulos, quadrados, círculo, estrela, para que aí sim ele desenvolva o raciocínio tático.

P10... Através de exercícios e depois jogos. Através dos exercícios eles melhoram os fundamentos e depois melhoram na tática.

P11... Principalmente através do jogo. Através dos jogos eles se motivam para jogar.

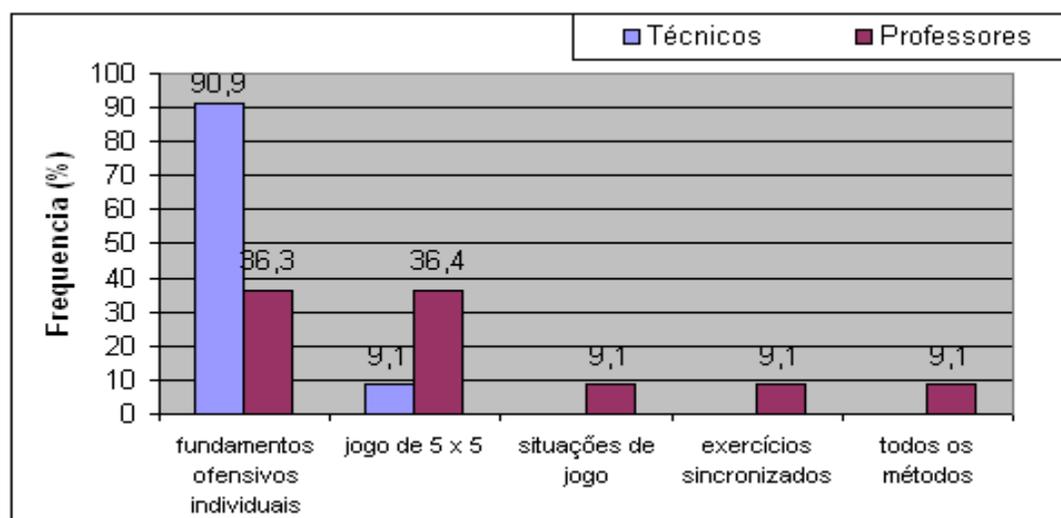


Gráfico 6 – Distribuição das respostas coletivas em relação à metodologia de treinamento dos conteúdos – sistemas ofensivos

Com relação aos métodos de ensino dos conteúdos dos sistemas ofensivos do basquetebol na etapa de iniciação, observa-se que 90,9% dos técnicos têm nos exercícios analíticos individuais suas principais ferramentas de trabalho. Já os professores apresentam outros números: 36,4% defendem os exercícios analíticos individuais, 36,4% defendem o jogo de 5x5, 9,1% as situações de jogo, 9,1% os exercícios sincronizados e 9,1% acreditam que todos os métodos devem ser explorados na iniciação. Com esses resultados, pode-se assinalar que há diferenças e similaridades no âmbito das porcentagens, porque parece que os técnicos vêm nos exercícios, o principal método de ensino e os professores, apresentam muitas possibilidades, deixando claro que todos os métodos são válidos para essa etapa. Objetiva-se nesse momento observar os depoimentos dos técnicos e professores sobre essa temática.

“... o principal é trabalhar com **exercícios sincronizados**, os exercícios sincronizados são os mais importantes, aquela tática de correr para cá e para lá, pode ser parada na primeira bola que o atleta receber... às vezes, o técnico fica fora gritando “vamos armar”, mas o que ele deve dizer é “vamos acalmar” para retornar a posição inicial e tentar os deslocamentos visando deixar alguém em condição de arremesso...” (T5)

“... bom, é muito importante você ensinar o ataque como se faz na Europa, principalmente na Iugoslávia que é a **rotação**, onde todos jogam de frente para a cesta, e não priorizar o menino com 12, 13, 14 anos que já vai ser o pivô, o outro já vai ser armador e outro já vai ser lateral... então, naturalmente eles vão passando por todas as posições, primeiro jogando de frente para o cesto depois de costa para o cesto e a partir de 15 anos você começa a ir direcionando os jogadores para cada posição... através de exercícios individuais depois de grupo e por fim através do jogo coletivo...” (T7)

Depois de estudar algumas literaturas que tratam do ensino do basquetebol em diferentes possibilidades pedagógicas Hercher (1982), Greco e Benda (1998), Garganta (1998), percebeu-se que os métodos de ensino para o basquetebol na etapa de iniciação ou categorias menores devem ser oferecidos nas experiências práticas em situações de jogo, também em 1x1–2x2–3x3, e, ainda, os jogos não-formais e as brincadeiras para estimular o gosto pela prática do basquetebol devem ser concebidas como uma possibilidade a mais de ensino, pois esses métodos podem propiciar aos alunos o conhecimento e a aprendizagem dos fundamentos básicos do basquetebol jogando, considerando seus valores relativos e absolutos, e também aprenderem de acordo com suas possibilidades materiais (locais de aprendizagem), e aos 13-14 anos automatizarem o aprendizado pela motivação adquirida anteriormente, e experimentar novos métodos de forma mais detalhada e complexa em busca da especialização, caso seja de interesse dos praticantes do “basquetebol”. Em seguida, alguns depoimentos que vão ao encontro dessas idéias.

“... há uma discussão em pauta que é ensinar pela tática ou ensinar pela técnica, por um autor chamado Cloud Bayer... eu faço os dois: através do jogo eu explico como abrir os espaços, explicando que o jogo acontece com 80% sem a bola na mão, e eles precisam aprender a jogar sem a bola, aprender a passar e a se movimentar para recebê-la... outra coisa muito importante são os fundamentos, tanto para mão esquerda, quanto para mão direita: saber driblar, controlar a bola, a tática é importante para ele saber o que fazer, mas ele precisa dos fundamentos para saber como fazer...”

como eu trabalho dessa forma, não falo em jogadas, o que eu ensino para eles são as movimentações e o corta-luz... dependendo do nível do campeonato, e se eu acho que tenho condição de ganhar, apesar de não ser minha primeira intenção nessas categorias, aí faço jogadinhas de ataque, mas eles têm toda autonomia de ataque... nessas categorias eu não falo de posição, ensino a jogar 1x1, depois 2x2, depois 3x3 e sempre dou jogo de 5x5, porque é motivante para os praticantes...” (P7)

Coutinho (2001), com base nos estudos de Wissel (1998), afirmou existir dois métodos de ensino que são procedimentos adotados para ensinar determinadas tarefas. No basquetebol, geralmente adotam-se dois métodos distintos, dependendo do grau de dificuldade exigido pelo conteúdo. São eles: a) método global, que consiste em aprender o conteúdo do basquetebol em seu contexto integral, no qual os conteúdos são compreendidos realizando-os como uma integração das partes; b) método por partes, “*Método do todo-parte-todo*”, no qual a aprendizagem acontece primeiramente de forma global, depois parcial e, posteriormente, global novamente. Apesar de existirem o método de jogo e o método de exercícios, pode-se pontuar que na etapa de iniciação ambos os métodos devem ser utilizados, porém o que ainda está confuso na literatura é quando e para quem. O jogo é o melhor método porque motiva os praticantes. Outros asseveram que os exercícios é que dão um suporte técnico que posteriormente será utilizado nas ações táticas.

Griffin *et al.* (1996), ao pensarem nos métodos de ensino dos sistemas ofensivos do basquetebol, remetem ao binômio decisão/execução, com prioridade para o “que fazer” (aferência tática) ou para o “como fazer” (destreza técnica). Ainda sobre esse assunto, Mitchel *et al.* (1994) e Cusshion (2002) assinalam que se devem dotar os aprendizes de várias oportunidades para melhorarem a sua prestação desportiva através de interações mais apropriadas entre a técnica e a tática. Neste sentido, os conteúdos de aprendizagem na etapa de iniciação devem ser encorajados por destrezas específicas do basquetebol no momento em que se reconhecer o valor da técnica no contexto do jogo. Isso significa que o método de jogo, na visão destes autores, quando se trata de etapa de iniciação são mais prestativos para a formação técnica e tática em basquetebol. Supõe-se, então, que, posteriormente em uma fase mais especializada, os exercícios individuais poderiam ser mais apropriados devido à mecanização provocada pela repetição, que seria importante para o componente

técnico e tático para as competições superiores.

Busca-se a seguir discutir e inferir os resultados individuais e coletivos sobre o ensino-treinamento dos fundamentos técnicos e dos sistemas defensivos e ofensivos na etapa de especialização em basquetebol considerando a argumentação científica e as experiências de técnicos e professores de basquetebol.

2. Etapa de especialização: análise das entrevistas sob a ótica de técnicos e professores universitários em relação ao ensino-treinamento da técnica e da tática

A etapa de especialização em basquetebol compreende o ensino do basquetebol em duas fases de desenvolvimento: *fase de aperfeiçoamento inicial* e *fase de aperfeiçoamento profundo*, às quais caracterizam o treinamento na adolescência que compõe as categorias disputadas nos campeonatos estaduais, nacionais e internacionais e são infante, cadete, juvenil e sub-21. A etapa de especialização desportiva pode ser definida pela passagem das experiências da etapa de iniciação desportiva, generalizada e diversificada, para o treinamento especializado, específico e próprio, nesse caso do basquetebol.

Foi analisada a ótica dos técnicos e professores sobre o treinamento dos fundamentos do basquetebol na etapa de especialização com base nas categorias **conteúdos e fundamentos técnicos**.

2.1. Conteúdos – fundamentos técnicos (técnica)

Perfil dos conteúdos que os técnicos destacam no treinamento dos fundamentos na etapa de especialização.

T1... Muda a forma e a intensidade do treino, por exemplo, o drible deverá ser ensinado de acordo com as situações de jogo... ele deverá bater a bola em alta velocidade, mudar de direção rapidamente, mudar de mão e desenvolver o drible nas situações de jogo. Porque ele precisa saber olhar as suas ações e as dos outros e ter uma vivência em todas as funções para ele também lidar com as diferenças.

T2... Os fundamentos não podem ser abandonados. Tem jogadoras que chegam à seleção e não sabem fazer um trabalho de perna para se livrar do marcador.

T3... Temos que detectar e treinar os elementos (fundamentos) técnicos nas situações do plano tático. Porque eu acho que nas categorias infante, cadete, juvenil e sub-21, os atletas já devem estar voltados para as competições.

T4... Agora o ensino dos fundamentos irá depender da periodização. Porque a hora que eu colocar 5x5 elas sabem fazer as partes das jogadas... esse é o método por partes – então eu quebro as jogadas em pedaços e dou os exercícios especiais durante a fase pré-competitiva para depois chegar ao ataque de 5x5 que é o todo.

T5... Agora os fundamentos são treinados mais fortes e devem entrar na parte tática. Porque o cara já passou pelo mais difícil, que é o aprendizado chato dos fundamentos.

T6... Os fundamentos não mudam, desde a iniciação até a NBA, porque são os mesmos fundamentos, só que a forma de execução deve ser analisada para cada categoria... a execução dos fundamentos nessa etapa devem ser mais rápidos, mais ágeis... você tem que mostrar e fazer seus atletas entenderem, e se eles não entenderem não vão executar... porque você é o técnico e você pressiona e grita... o mais importante é que eles entendam o porquê de estarem fazendo aquilo.

T7... Agora os fundamentos nessa etapa devem ser bem mais específicos né... porque por mais que você seja competitivo, você ainda não sabe ser jogador desde o infantil.

T8... A partir das estatísticas, feitas através das filmagens e das atletas estudando, é que trabalhamos os fundamentos. Se nós pensarmos nessas fases de cadete e infante-juvenil em só ser campeã e passar por cima dos fundamentos técnicos, a menina terá carreira curta... e no adulto, caso chegar, terá dificuldades para jogar.

T9... Nessa etapa, não posso pensar só na parte tática, preciso continuar os movimentos com qualidade, mas é claro que agora eles serão trabalhados de forma mais específica. Não adianta treinar os fundamentos parquinho porque no jogo não vou utilizá-los dessa forma, no entanto a parte técnica deve acontecer dentro da parte tática.

T10... O que muda agora no ensino dos fundamentos é a forma de cobrança, que é a exigência em relação à execução..., agora você precisa evoluir em relação à complexidade, e também aumentar a cobrança em relação aos erros e/ou violações que acontecem no jogo... Devemos treinar assim porque as(os) atletas estão chegando nas categorias de cima muito mal fundamentadas.

T11... Agora os fundamentos devem ser muito mais fortes e intensos. Porque eles no jogo se motivam e você vai parando o jogo e ensinando os educativos.

Perfil dos conteúdos que os professores mestres e doutores destacam no treinamento dos fundamentos técnicos na etapa de especialização.

P1... Agora os fundamentos devem ser cobrados, tem que ser dado uma atenção maior nos detalhes, mas sempre no foco do jogo... e aumentar a intensidade do trabalho, senão não tem jeito porque quando o atleta chega no juvenil, aí ele realmente deve estar numa condição diferente, ou vira atleta ou pratica como lazer.

P2... Agora eu vejo que a ênfase maior está nos fundamentos técnicos individuais de defesa... entendo que os atletas já possuem a concepção do jogo de basquetebol.

P3... O que mudar é a intensidade, mais vezes, mais rápido, mais número de repetições.

P4... Os fundamentos técnicos agora devem ser mais apurados para ele fazer uma bandeja de costas, e a intensidade é bem maior na prática dos exercícios.

P5... Começam a aparecer as diferenças e você precisa saber fisiologicamente o que ele precisa, então você tem que fazer todos seus fundamentos nos treinamentos em cima da preparação física específica do basquetebol.

P6... O que muda agora é a intensidade do treinamento, mas os conteúdos são os mesmos, muda também a quantidade de vezes que você treina por semana, e a forma de cobrança que você deve realizar.

P7... Agora é treinamento, outra conversa, aperfeiçoar o fundamento, agora o cara tem que executar o fundamento de forma eficaz e eficiente, para que ele possa desenvolver o fundamento da forma como é executado no jogo.

P8... O que muda é que já são especializados os movimentos.

P9... Agora é treinamento para se atingir o alto nível.

P10... Agora é mais velocidade e depende de cada garoto.

P11... Acho que agora deve ser mais intenso.

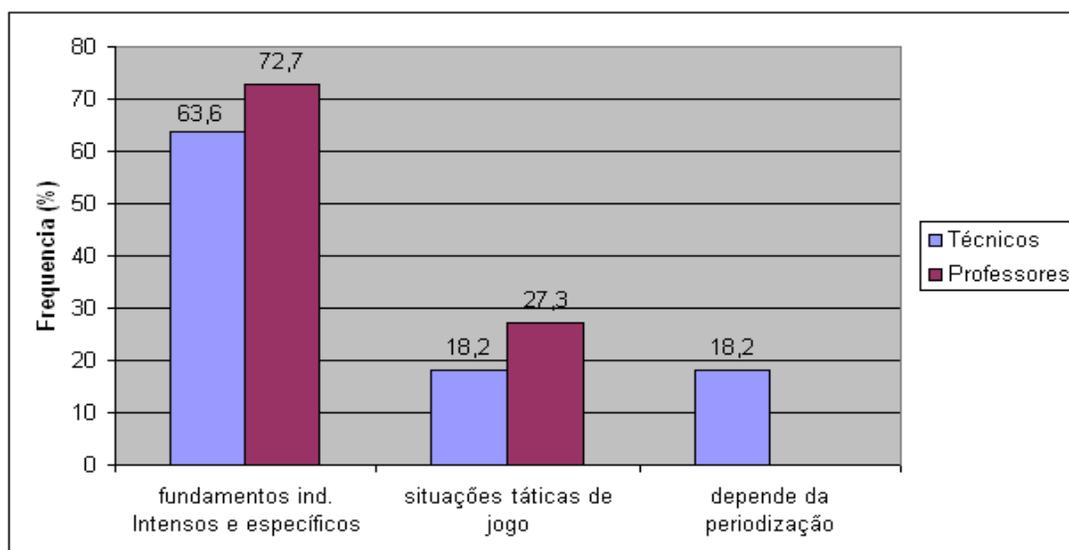


Gráfico 7 – Distribuição das respostas coletivas em relação ao treinamento dos conteúdos – fundamentos técnicos.

Os resultados obtidos no estudo apontam que 63,6% dos técnicos citam como principais conteúdos de treinamento os fundamentos individuais específicos, que podem ser de defesa e ou de ataque. Um total de 72,7% dos professores também sugere esses conteúdos para a etapa de treinamento e 18,2% dos técnicos destacam as situações de jogo como principais conteúdos a serem treinados, enquanto que 27,3% dos professores entendem que as situações de jogo devem ser priorizadas no treinamento e 18,2% dos técnicos entendem que isso dependerá da periodização do treinamento.

Os resultados indicam que os conteúdos dos fundamentos técnicos que os entrevistados utilizam nos treinamentos são em sua maioria exercícios de desenvolvimento das habilidades individuais de forma analítica. De acordo com os depoimentos, devem ser treinados todos os fundamentos diferenciados para cada jogador, oscilando entre exercícios individuais, de grupo e coletivos, durante o processo de treinamento, sendo que o que muda é principalmente o aumento da intensidade e o número de repetições em relação à etapa de iniciação. Alguns depoimentos sugerem isso.

“... você tem que ensinar todos os fundamentos, por exemplo, em relação aos passes, eles precisam ser treinados em todos os tipos, em movimento, por exemplo... o drible deve ser em velocidade intensa, sempre com a esquerda e a direita, para que os jogadores desenvolvam os dois lados; você tem que trabalhar o jogador sem bola para que ele aprenda corretamente, por exemplo, fazer o corta-luz ou o bloqueio, por exemplo... se seu companheiro de ataque for sair para o lado direito ou esquerdo, o jogador sem bola deve saber realizar o corta-luz, porque são detalhes técnicos decisivos nessa fase...” **(T6)**

Neste sentido, encontrou-se na literatura especializada do treinamento desportivo, descrita por Zakharov (1992), Matveev (1997) e Gomes (2002), a existência de três sistemas de preparação desportiva que devem ser levados em consideração na fase especializada e vão ao encontro dos resultados: a) sistema de competições; b) sistema de treinamento; c) sistema de fatores complementares. O sistema de fatores complementares dependerá de cada cenário de atuação do técnico. Saliencia-se que não é o objetivo principal deste estudo, mas cabe ressaltar que o Brasil é muito grande e que as diferenças sociais existentes nos diferentes Estados devem ser respeitadas, sempre oferecendo o basquetebol de competição, compreendendo as limitações financeiras de cada região. Em relação ao sistema de competições, toda a preparação desportiva juvenil deve ser periodizada e planejada nos seus conteúdos, meios e métodos de treinamento, a fim de diminuir os erros que por virtude possam acontecer na preparação, de acordo com Filin (1996). O sistema de treinamento, que envolve a preparação desportiva mais restrita, porém mais importante, segundo Matveev (1997), deve valorizar os seguintes aspectos: preparação técnica, tática, psicológica, social e moral dos atletas durante o processo de preparação. Abaixo, outro depoimento sugere essa importância.

Apresentam-se agora algumas pesquisas realizadas por estudiosos referentes a quais conteúdos são utilizados no treinamento dos fundamentos técnicos que devem fazer parte da etapa de especialização, os quais são tidos como sendo as fases de aperfeiçoamento inicial e profundo no basquetebol.

Em relação aos conteúdos no treinamento dos fundamentos técnico do basquetebol nas fases de especialização, Oliveira e Graça (1998), Paes (1998-1999) e Greco (1998) assinalam que esses fundamentos devem ter caráter específico para cada função exercida na quadra e devem ser utilizados vários métodos de trabalho

para aperfeiçoá-los, como as situações de jogo, o drible, o manejo de bola e do corpo, os exercícios sincronizados, os fundamentos em superioridade e inferioridade numérica 3x2, 2x1, 4x3 específicos para ala, armador e pivô, os passes, os arremessos e o rebote. Deve haver para os autores uma periodização e uma organização metodológica durante o treinamento dos conteúdos objetivando as competições (OLIVEIRA e PAES, 2004). A seguir, depoimentos que confirmam essa tese:

“... agora o treinamento dos **fundamentos** vai depender da periodização... aí eu pergunto como é que eu vou preparar minha equipe para jogar daqui a um mês que é minha realidade hoje... então você sempre no Brasil terá dificuldades para estruturar os conteúdos de forma ideal, porque as equipes são montadas rapidamente e temos pouco tempo para elaborar uma periodização correta... agora se você tem tempo para fazer o trabalho é diferente... (...) mas, mesmo assim, eu acho que essa periodização tem que ser dividida em 3 etapas... no que diz respeito ao ataque.” (T4)

Com base nos depoimentos dos técnicos e professores e da literatura nacional e internacional pesquisada, foi possível estabelecer para a etapa de especialização em basquetebol os seguintes conteúdos para as fases de aperfeiçoamento e aprofundamento dos fundamentos do jogo de basquetebol: a) os conteúdos devem acontecer através da “técnica com bola de forma complexa”, que é o domínio corporal, a recepção de bola, receber, segurar, parar e manipular, com diferentes variações, por exemplo, altura, peso, força, direção, distância, efeito, uma ou duas mãos; b) dribles com ambas as mãos, por trás do corpo, por entre as pernas, de gancho, longo, com efeito, ombro, peito, por cima da cabeça, picado, após drible e após finta; c) passe alto, baixo, lado, costas, trocando de mãos, só direita, só esquerda, especiais, entre as pernas, por trás do corpo e com giros; d) Arremessos com a mão esquerda e direita, gancho, curta, média e longa distância, parado, saltando, após drible, após receber passes, bandeja esquerda e direita; e) rebote ofensivo, defensivo, sem marcação, com marcação, após marcação, após conta-ataque e com ou sem a posse de bola; f) a “técnica sem bola” que é o corta-luz com braços cruzados à frente do peito, de frente e de costas; g) fintas sem bola em L,V, giros pela frente e por trás, e as corridas em diferentes ritmos e direções (HERCHER, 1982).

“... para elaborar melhor o nosso planejamento de ensino dos fundamentos técnicos e táticos, nós trabalhamos com estatísticas onde mapeamos o que as jogadoras fazem nos treinos e nos jogos e aí a gente bate muito em cima dos fundamentos nos treinamentos... a correção é maior... deve-se buscar ter poucos erros... busca-se atingir metas...” (T8)

Neste estudo, percebe-se a preocupação dos entrevistados com o processo de treinamento em muitos anos nos aspectos fundamentais da preparação técnica no basquetebol em aperfeiçoar todos os fundamentos em um alto grau de dificuldade e de acordo com as competições. Em relação à preparação técnica no basquetebol, são poucos os estudos que tratam dessa questão, principalmente considerando a preparação em muitos anos, conforme preconiza Oliveira (1987). Quando se trata de periodizar o treinamento técnico, é fundamental entender que existe a técnica geral e a especial, e no processo de treinamento especializado dos jogadores de basquetebol, implica em aperfeiçoar e aprofundar os conhecimentos adquiridos sobre os fundamentos do jogo, respeitando o princípio da unidade de preparação geral e especial no processo de treinamento, seja em uma sessão ou em um ciclo de 4-8 anos de preparação (MATVEEV, 1997).

No Brasil, as competições em basquetebol não estão sendo, nem em âmbito nacional nem em estadual, organizadas com a participação de diferentes orientações científicas, talvez por falta de organização, talvez por falta de condições financeiras, ou ainda devido à falta de políticas de promoção da modalidade, como postula Diniz (2000). Mas, de qualquer forma, onde elas existirem o treinamento deve ser planejado e periodizado, a fim de potencializar o desempenho dos atletas porque nessa fase o treinamento é intenso e os atletas passam por uma periodização sistemática durante toda a temporada competitiva. Pode-se perceber essa preocupação nas falas de um dos entrevistados.

“... aí sim, agora eles estão na especialização, mas o pensamento é o mesmo, tudo deve ser relacionado à competição, agora os fundamentos devem ser cobrados, tem que ser dado uma atenção maior aos detalhes, mas sempre no foco do jogo... e aumentar a intensidade do trabalho, senão não tem jeito porque quando o atleta chega no juvenil, aí ele realmente deve estar numa condição diferente, ou vira atleta ou

pratica como lazer...” (P1)

Observa-se que a periodização é fundamental nessa fase da vida atlética, na qual os conteúdos são treinados de forma geral e especial, dependendo do calendário desportivo. No entanto, sabe-se que não basta apenas planejar e periodizar, deve-se saber também o que ou quais conteúdos devem ser aplicados e por quê. Para Ibanez (2001), os fundamentos que devem ser cobrados e treinados com mais intensidades são drible, passes, arremessos, rebotes, situações de jogo, exercícios sincronizados e sistemas de ataque e defesa, na função específica de cada jogador da equipe exercida no sistema de jogo, em função das funções dos jogadores no basquetebol atual.

Para Lima (2001) e Lopes (2003) a partir da fase de identificação com o basquetebol, acontece uma mudança no estilo de vida dos atletas em função da dedicação exaustiva aos treinamentos e competições, haja vista que o treinamento especializado requer requisitos psicológicos, como determinação e persistência, mas é sabido que a pedagogia do profissional é um dos principais fatores para a continuidade dos jovens no processo de treinamento, tese esta embasada nos estudos de Balbino (2005), o qual defendeu que a ação pedagógica transcende o método. De qualquer forma, fica exposto aqui que não basta a experiência prática, esta deve ser aliada aos conhecimentos científicos, sempre buscando atualizações constantes.

2.2. Metodologia de treinamento dos fundamentos técnicos (técnica)

Perfil dos métodos que os técnicos destacam no treinamento dos fundamentos técnicos na etapa de especialização.

T1... Agora os fundamentos técnicos devem ser aplicados nas situações de jogo.

T2... Exercícios individuais em situações competitivas.

T3... Nas situações de jogo.

T4... Exercícios individuais de grupo e coletivo.

T5... Deve acontecer no jogo.

T6... Exercícios em situações de jogo, individuais.

T7... Bom, são os mesmos fundamentos, mas de uma forma mais competitiva, mais intensa, seria a carga de treinamento onde você já aumentaria o número de repetições.

T8... Iniciamos as sessões de treinamento pelo método analítico... Exemplo no arremesso... Primeiro, ela aprende ou treina sozinha acertando posição de braços e pernas;... depois, vamos para as situações de jogo onde ela aprende a preparar para a outra arremessar... Situações de 3x2, etc.... Agora os fundamentos para nós no jogo é a estatística.

T9... Dentro das situações de jogo ou da parte tática.

T10... Exercícios individuais.

T11... Através do jogo principalmente.

Perfil dos métodos que os professores mestres e doutores destacam no treinamento dos fundamentos técnicos na etapa de especialização.

P1... Primeiro, individualmente, depois, em dupla, trio e coletivamente, ou seja, dos exercícios analíticos para as situações de jogo. Porque arremessar 500 bolas de forma parada não leva a nada, porque no jogo isto não acontece, dificilmente você arremessará livre no jogo.

P2... Devemos ir migrando do aspecto do jogo para a metodologia dos exercícios tomando maior parte nos treinamentos. Porque estamos da metade para frente de um funil... esse funil tem como fim a fase adulta... ele já tem estrutura física, psicológica, social... ele já possui meta... foco... e claramente já está definido na modalidade... e onde ele quer chegar.

P3... Deve ser através de muito exercício. Porque o jogo precisa ser mais intenso.

P4... Deve-se mesclar entre exercício e jogo. Porque a parte técnica é dependente desses fatores dos aspectos físicos e é nessa intensidade que ela deverá ser apurada.

P5... Exercícios individuais específicos para pivô, armador lateral. Porque eles devem aprender este tipo de coisa, porque é a etapa de especialidade dele, se ele é armador, vamos trabalhar os exercícios que melhorem sua condição de armador.

P6... São as situações de jogo, porque os resultados desportivos são muito

importantes, sendo assim todo trabalho deve ser feito nas atividades que se aproximem do jogo.

P7... Devemos treinar nas situações de jogo. Porque para que ele seja bom jogador ele deve ser bem fundamentado e cada dia fazer um pouquinho mais, e é muito importante que ele entenda o jogo.

P8... Faço muito trabalho de situações de 3x3. Porque não dá mais para fazer o treinamento em um ritmo que não seja de jogo... eu acredito muito na especificidade do treinamento. Porque agora é jogar para vencer as competições.

P9... Devem ser exercícios que se aproximem do jogo. Porque se aproximam das competições principais.

P10... Através de exercícios e jogos. Porque só com bons fundamentos e exercícios é que isso acontece.

P11... Através do jogo. Porque no jogo eu consigo melhorar os fundamentos, mas precisamos agora de exercícios também.

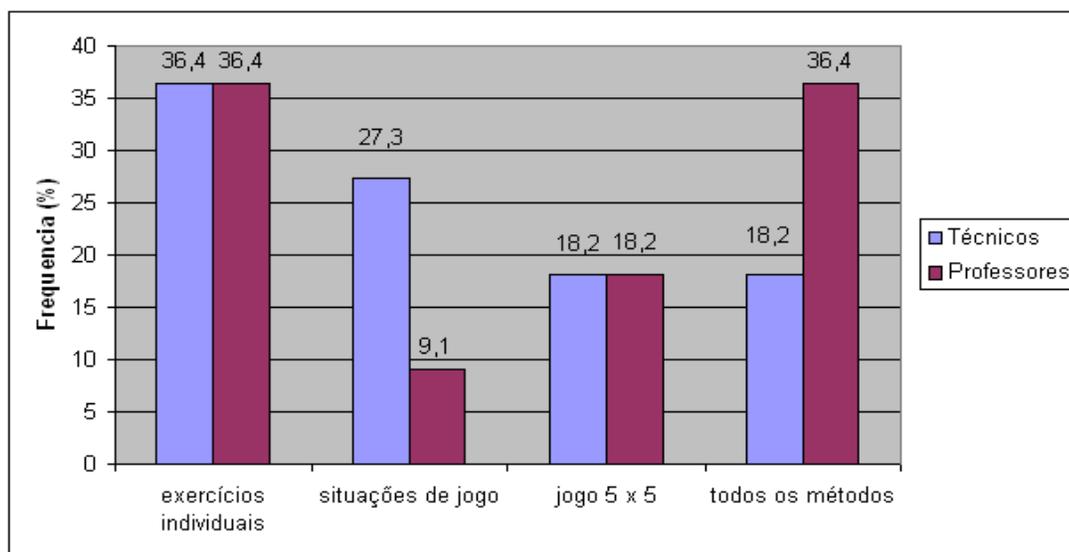


Gráfico 8 – Distribuição das respostas coletivas em relação à metodologia de treinamento dos conteúdos – fundamentos técnicos.

Verifica-se nos resultados que 36,4% dos técnicos defendem, como principal método de treinamento, os exercícios individuais, 27,3% defendem as situações de jogo como prioritárias e 18,2% acreditam no método de jogo de 5x5 como principal

estratégia, assim como 18,2% relataram que preferem utilizar todos os métodos durante o processo de treinamento. No caso dos professores, 36,4% defendem os exercícios individuais como prioridade metodológica nos treinamentos, 9,1% entendem que devem ser as situações de jogo, 18,2% defendem o método de jogo 5x5 e 36,4% acreditam que se deve trabalhar com todos os métodos.

Fica evidente que não existe um só método de treinamento para a aplicação dos conteúdos do basquetebol na etapa de treinamento especializado. Os resultados são claros e demonstram que técnicos e professores convergem em suas idéias e se preocupam com as metodologias de treinamento. Talvez o que poderia ser discutido é quando e o porquê da escolha de algum ou outro método, em que a periodização do treinamento seria o segredo. Vislumbra-se, a seguir, o que a literatura traz sobre esses conceitos metodológicos e suas formas de aplicação.

Greco (1998) e Paes (1999) pontuam que os métodos de treinamento para desportos coletivos podem ser desenvolvidos através de exercícios analíticos, exercícios de transição e exercícios sincronizados, além das situações especiais, tais como as leituras dos valores individuais, por meio do *método situacional* 1x1, 2x2, 3x3, ou das situações de jogo 2x1, 3x2, 4x3 ou do *método de jogo* (5x5), considerado o mais próximo da competição principal, como amistosos e/ou competições preparatórias. Esse método poderia ser denominado método pré-competitivo e, quando for competições principais, o método é o competitivo e pós-competitivo. Além desses métodos, Gomes (2002) sugere os métodos de influência verbal, que são a explicação, a conversa, o comando, as indicações corretivas, a análise verbal, a inter-relação e co-educação e também método de influência demonstrativa, que é subdividido em visuais, que são os materiais didáticos, os filmes sobre exemplos motores, cartazes, desenhos e esquemas, em auditivos, que são o estímulo musical, as palmas, os apitos, os sinais de agora, foi e já, e em sinestésicos, que são os exemplos dos parceiros, do técnico para a execução correta dos movimentos, ajuda para o arremesso, drible, passe, fintas, entre outros.

Assim, os métodos de treinamento, no basquetebol, podem ser utilizados para aperfeiçoar a técnica dos movimentos repetindo-os muitas vezes. Todavia, a cada dia o

técnico deve ser criativo e elaborar novas formas de treino por intermédio de diversos meios, pois técnicas complicadas são mais fáceis de serem apreendidas se forem executadas em sua complexidade, como acontecem nas competições, e para isso torna-se necessária uma multivariada de movimentos. Deve-se criar, explicar, demonstrar e orientar, que são tarefas importantes para os agentes do processo, além dos *feed-backs* constantes (GALLATI, 2002).

Ao analisar algumas falas sobre a aplicação dos métodos de treinamento pelos entrevistados, pode-se perceber diferenças no pensamento de como se deve treinar os conteúdos técnicos fundamentais do basquetebol:

“... depende da periodização... por exemplo... na... **Pré-temporada**... onde você prioriza a preparação física – e a técnica individual... **Temporada a**... onde os atletas entram em exercícios mais específicos sem abandonar totalmente a primeira etapa onde trabalharam os exercícios físicos específicos, e o aprimoramento técnico individual...**Temporada b**... onde você entra no treinamento de técnicas coletivas que são os exercícios tipo a) específicos e b) especiais... os específicos são exercícios do pivô, armador, lateral individualmente de 3x2 de trio, de dupla... os especiais são uma parte dos princípios da defesa e ataque... exemplo, os exercícios de 3x3 ou 4x4 são direcionados para os movimentos preestabelecidos que serão parte das jogadas... então, eu não faço 3x3 sem objetivos, elas recebem orientações de o que fazer e para que fazer tais movimentos já mais padronizados... pedaços da jogada... e aí a hora que eu colocar 5x5 elas sabem fazer as partes das jogadas... esse é o método por partes – então eu quebro as jogadas em pedaços e dou os exercícios especiais durante a fase pré-competitiva para depois chegar ao ataque de 5x5 que é o todo...”(T4)

As respostas vão ao encontro das preocupações teóricas do treinamento desportivo na qual a literatura especializada mostra que, no treinamento dos sistemas defensivos de qualquer desporto coletivo em fase de treinamento especializado, devem ser considerados os períodos de preparação geral, especial, competitivo e pós-competição, quando se trata de uma ou mais temporadas (ZAKHAROV e GOMES, 1992; FILIN, 1996). Abaixo, um outro depoimento com raciocínio diferente, porém convergente no pensamento:

“... os principais **métodos** são as situações de jogo, porque os resultados desportivos

são muito importantes, sendo assim todo trabalho deve ser feito nas atividades que se aproximem do jogo, principalmente nos trabalhos coletivos... no início do treino já aliamos trabalho físico e técnico... defendo esse método porque o jogador deve ser preparado para reagir de acordo com a situação que vai acontecer no jogo...” (P6)

De acordo com os depoimentos, parece que se deve buscar nos treinamentos um aperfeiçoamento da aprendizagem adquirida até esse momento do processo, aperfeiçoando e aprofundando os conhecimentos com vistas às competições, direcionando os jogadores e aproximando-os dos melhores resultados no basquetebol, nos quais a técnica dos fundamentos deve ser realizada com e sem bola, com e sem marcação, individual, em grupos e coletivamente, ou seja, aliada à tática. Os métodos de trabalho devem estar racionalmente ligados aos períodos de diferentes momentos das competições, sinalizando a importância da periodização dos conteúdos-fundamentos técnicos durante esses períodos.

2.3. Conteúdos – sistemas defensivos (tática)

Perfil dos conteúdos que os técnicos destacam no treinamento dos sistemas defensivos na etapa de especialização.

T1... As defesas deverão ser em conjunto porque mesmo as individuais no basquete são em conjunto em função dos conceitos de ajuda, cobertura... as defesas por zona devem ser opções táticas.

T2... Nós trabalhamos com 2, às vezes 3 tipos de defesa... um sistema, base e alguns sistemas alternativos... você tem que definir um sistema base... O nosso sistema base é a individual...

T3... Devem ser treinados de forma individual muito agressiva... a forma é com ajuda, com troca pressionado nos cantos da quadra, enfim, com formas diferentes para mudar a forma normal de jogo...

T4... É a mesma coisa e na verdade no meu treinamento dou mais ênfase à defesa... a minha filosofia de jogo é que o basquete começa da defesa para o ataque... eu tenho que ter boa defesa e a partir da defesa eu vou jogar em contra-ataque... uma equipe ideal para mim é aquela que faz 60% das cestas em contra-ataque, 20% de transição e 20% de jogo armado...

T5... Defesa individual é prioridade.

T6... É a mesma coisa, mas você não deve passar todas as defesas de uma vez para os garotos, eu cometi muito esse erro... se os garotos não aprenderem na etapa de 13 a 15 anos eu vou ter que retomar isso... daí muitos treinadores optam por marcar zona porque lhes dá o resultado mais rápido.

T7... Bom, eu acho que tem que ser passado todos os tipos de defesa, mas a gente tem que dar prioridade, principalmente para a parte individual, para as defesas por zona.

T8... Agora é assim... Continuamos a defesa individual como base até a juvenil... Só que já trabalhamos outros tipos de defesa... eu gosto muito da 2:1:2 e também da pressão zona 1:2:1:1, onde trabalhamos muito com box...

T9... A opção da defesa que você vai ter vai depender da característica da equipe adversária e da sua equipe.

T10... Agora na defesa é a forma do ensino dos fundamentos defensivos... e a forma de cobrança, que é a exigência em relação à execução.

T11... Todos os tipos de defesa.

Perfil dos conteúdos que os professores mestres e doutores destacam no treinamento dos sistemas defensivos na etapa de especialização.

P1... Agora que estão na categoria cadete e infanto-juvenil, o atleta tem que saber defender em todas situações, aí todas variações de defesa individual, defesa por zona em todas variações.

P2... A defesa hoje é individual, mas sua concepção é coletiva... o coletivo prevalece através de trocas e de coberturas.

P3... Deve ser treinado em todas as defesas e possibilidades na quadra.

P4... Agora ele deverá saber todos os sistemas tanto individual quanto por zona.

P5... Você deve continuar os princípios defensivos, só que agora mais específicos, é o aperfeiçoamento da ação individual com e sem bola, se o jogador estiver com bola, o defensor precisa saber tudo que ele possa fazer.

P6... Nessa fase deve ser trabalhado todos os sistemas, o mais importante é saber o potencial de sua equipe, ou seja, se sua equipe é rápida, você pode defender individual se é muito grande por zona... Mas a defesa mais completa é a individual... utilizo muito trabalho de defesa em $\frac{1}{2}$ quadra, nos exercícios de 1x1, 2x2, até chegar

em 5x5.

P7... Devem ser treinados todos os sistemas defensivos.

P8... Todos os sistemas de defesa.

P9... Deve-se utilizar mais aquele que se adapte a sua equipe.

P10... Agora vai depender da sua equipe.

P11... Eu acho que são defesas que você vai necessitar no jogo.

Gráfico 9 – Distribuição das respostas coletivas em relação ao treinamento dos conteúdos – sistemas defensivos

Em relação aos conteúdos de treinamento dos sistemas defensivos do basquetebol, pode-se perceber nos resultados que 81,8% dos técnicos defendem que todas as defesas devam ser treinadas e 18,2% entendem que o treinamento das defesas vai depender da periodização do treinamento. Entre os professores, 63,6% defendem que devam ser treinados todos os tipos de defesa individual e 36,4%, que devem ser treinadas todos os tipos de defesa, seja ela individual ou por zona e que vai depender da fase de treinamento implicando rever os conceitos da periodização do treinamento.

Nos depoimentos de alguns técnicos e professores abaixo, há as diferenças de pensamento em relação ao treinamento das defesas na etapa de especialização:

“... agora é assim... continuamos a defesa individual como base até a juvenil... só que já trabalhamos outros tipos de defesa... eu gosto muito da 2:1:2 e também da pressão zona 1:2:1:1, trabalhamos muito com box... em função das estatísticas... aí elas já estão com boas noções para marcar e a individual é que dá a base para tudo... são anos de prática na individual e aí fazemos a defesa zona de acordo com os adversários, mas pode ser qualquer uma... na semana, de 5 treinos, 2 dias eu dedico ao trabalho individual de defesa por função no jogo... pivô de um lado lateral e armador do outro... e outros 3 dias aos trabalhos mais específicos, que pode ser o contra-ataque, pode ser o ataque de 5x5, pode ser a defesa...” (T8)

Nota-se, de acordo com os depoimentos, que nas fases de treinamento especializado devem ser ensinados, praticados e aperfeiçoados, nos mínimos detalhes, todos os sistemas e estratégias táticas. Não é diferente para o basquetebol nas fases de aperfeiçoamento inicial, na qual os atletas necessitam vivenciar todas as defesas durante o processo de treinamento, porém abrem-se exceções, quando as competições se aproximam. Há também, em função talvez do fator mercadológico, a necessidade do resultado desportivo de curto prazo nessas categorias que compõem a etapa de especialização como infante e cadete, juvenil e sub-21, fase esta que é anterior à fase final do processo de especialização denominada nesse estudo como fase de aperfeiçoamento inicial e aperfeiçoamento profundo.

Alguns entrevistados referem que os jogadores já têm suas funções definidas no jogo e não há necessidade de treinar todas as defesas, o técnico opta por um sistema ou outro em função das características de suas equipes e também em função do calendário dos campeonatos. Comprovam-se essas idéias nos depoimentos, porém mostram-se as diferenças de pensamentos estratégicos:

“... nessa fase deve ser trabalhado todos sistemas, o mais importante é saber o potencial de sua equipe, ou seja, se sua equipe é rápida, você pode defender individual, se é muito grande por zona... porque não importa o técnico trabalhar todos os tipos de defesa, o importante é saber o que ele tem na mão para escolher o tipo de defesa..., mas a defesa mais completa é a individual... utilizo muito trabalho de defesa em ½ quadra, nos exercícios de 1x1, 2x2, até chegar em 5x5... no trabalho individual, trabalho a postura de defesa, resistência muscular, localizada de membros inferiores, deslocamentos e entendo que o técnico tem que ser uma pessoa presente para motivar

os atletas, para que eles entendam a importância da defesa...” (T6)

Carvalho (2001) e Barreto (2003) afirmam que, na defensiva por zona ou setor, os jogadores detêm a responsabilidade de marcar uma determinada área conforme a posição da bola, isto é, os ajustes defensivos são realizados em conformidade com a movimentação da bola e apresenta sete sistemas de defesa por zona, segundo o posicionamento na quadra de jogo: (2:1:2); (1:3:1); (1:2:2); (2:2:1); (1:1:3); (2:3); (3:2).

Ibáñez, (2000) destaca que a defesa por zona é uma das opções táticas que os técnicos podem utilizar com o objetivo de dificultar e neutralizar certas ações das equipes adversárias. Quando se trata do treinamento das defesas por zona, a leitura do posicionamento tático deve ser feita da linha do meio da quadra para o fundo. Torna-se importante, nas fases de especialização em cada tipo de defesa por zona, treinar os movimentos dos jogadores para as ajudas em profundidade e amplitude. A inter-relação de espaços defensivos e a orientação dos jogadores são ajustes que devem acontecer no interior dos conceitos de jogo dos atletas. Esse procedimento é feito pelos métodos dos técnicos e deve ser treinado incessantemente (PRIMO, 1986; SMITTH, 1988).

“... é a mesma coisa... e na verdade no meu treinamento dou mais ênfase à defesa... a minha filosofia de jogo é que o basquete começa da defesa para o ataque... eu tenho que ter boa defesa e a partir da defesa eu vou jogar em contra-ataque... uma equipe ideal para mim é aquela que faz 60% das cestas em contra-ataque, 20% de transição e 20% de jogo armado... então, se eu tenho como meta filosófica trabalhar somente 20% de jogo armado, então não posso perder tanto tempo em táticas... então, me preocupo com defesa e contra-ataque na maior parte do tempo e jogo de transição caso eu não consiga resolver no contra-ataque... agora, o sistema de ataque armado é rápido 5, 7, 10 segundos, no máximo 12... devemos preparar as jogadoras, sempre é claro, tentar o rebote ofensivo, mas pelo menos duas já pensando na defesa no balanço defensivo pós ação ofensiva... sempre da preparação individual dos fundamentos individuais de defesa até a formação de 5x5.”(T4)

Segundo Ferreira e De Rose (1987), cada defesa por zona possui pontos de vantagens e desvantagens, detalhados a seguir: vantagens – dificulta o adversário se

aproximar da cesta, facilita a organização defensiva, facilita a organização defensiva quanto ao posicionamento de acordo com as características dos jogadores, facilita a organização para as transições ofensivas; desvantagens – em função do prévio posicionamento, facilita a organização do ataque; quando pouco treinada pode confundir os posicionamentos entre dois ou mais jogadores, oportuniza arremessos de média e longa distância e facilita a troca de passes.

Quando optar pelos sistemas de defesa individual nas fases de treinamento especializado, estes podem ser classificados para o treinamento de várias formas, porém com os detalhes técnicos e suporte físico de qualidade. Apresentam-se cinco das diferentes formas de defesa individual: 1) defesa individual simples; 2) defesa individual com ajuda; 3) defesa individual com flutuação; 4) defesa individual com troca de marcação; 5) defesa individual com antecipação (DAIUTO, 1974; SMITH, 1988). Cada uma delas será explicitada.

Ferreira e De Rose (1987) apontam que na defesa individual simples o defensor fica de costas para a cesta e de frente para o atacante no posicionamento básico. Com a movimentação dos adversários, cada defensor deve acompanhar seus atacantes, evitando perder a visão da cesta e dos demais jogadores. Na defesa individual com ajuda, o defensor deve manter o posicionamento básico, mas se houver infiltração de um ou outro atacante, ele deve posicionar-se rapidamente e tentar impedir a ação do adversário, caracterizando a ajuda. Em seguida, deve retornar o mais rápido possível a sua marcação de origem, assim que seu companheiro de equipe se recuperar. Na defesa individual com flutuação, o defensor, quando não estiver marcando o atacante com a posse de bola, deve aproximar-se da cesta, mantendo a visão no jogador com a posse da bola, no seu marcador e na cesta.

“... você deve continuar os princípios defensivos, só que agora mais específicos, é o aperfeiçoamento da ação individual com e sem bola, se o jogador estiver com bola o defensor precisa saber tudo que ele possa fazer... então, a primeira coisa é impedir que ele faça o arremesso, aí precisa tomar uma posição favorável... se ele pode me driblar ou fintar e cortar para o cesto, então preciso de outra atitude e não posso ir afoito para cima dele porque aí ele me corta... mas tem os que não driblam e não cortam, então isso são fatores específicos que você vai fazer e treinar de acordo com quem vai jogar... em síntese, deve-se evitar arremessos, corte e passe ou o bom

passé... devemos ensinar muito bem esses 3 princípios...” (P5)

Torna-se necessário, então, ajustar seu posicionamento com a movimentação dos atacantes. Na defesa individual com troca de marcação, os defensores procedem à troca de marcação, principalmente quando acontece o corta-luz. Deve-se fazer essa troca sempre que os jogadores tiverem as mesmas características físicas. A troca de marcação é uma opção tática, todavia apresenta dúvidas entre os defensores; deve ser, portanto, muito bem orientada. Na defesa com antecipação, o defensor deve antecipar a linha do passe buscando impedir que os atacantes recebam a bola. Esse tipo de defesa facilita o passe *back-door*, ou seja, a finta e a corrida por trás do jogador que facilita o passe em profundidade; deve-se, por conseguinte, além de tudo, utilizar a visão periférica para antecipar e interceptar os passes (CÁRDENAS, 2003).

Parece que as características que devem ser desenvolvidas nos jogadores de basquetebol em relação à defesa individual nos treinamentos e nos jogos de basquetebol, no que tange à defesa individual, é ensinar os defensores a estar entre o atacante e a cesta. Quando o atacante estiver com a bola, manter a distância de um braço, mas quando o atacante estiver sem a posse de bola, poderá criar a linha de passe para, quando possível, antecipar e interceptar os passes e não perder de vista a ajuda aos companheiros. Deve-se também evitar faltas desnecessárias, levando o atacante para a lateral e fundo da quadra ou para o lado de menor habilidade. Também deve-se estimular os atletas a vencerem as disputas com os adversários, motivando os mesmos a vibrarem com a defesa, aceitando as disputas por meio de treinamento sob regime de inferioridade numérica e com dificuldades que não acontecem nas competições, utilizando-se ainda das comunicações verbal e gestual (FERREIRA e DE ROSE, 1987).

Ferreira e De Rose (1987) acentuam ainda que, como nos sistemas por zona, cada sistema individual tem suas vantagens e desvantagens, das quais podem ser citadas algumas: vantagens – estimula o desenvolvimento das habilidades individuais, permite colocar frente a frente jogadores em condições similares, define responsabilidades, é adequada para qualquer tipo de adversário, dificulta os passes e

arremessos de média e longa distância, agride psicologicamente o adversário e exige maior desgaste físico do adversário; desvantagens – exige um condicionamento físico adequado ao sistema de defesa, permite o jogo de um contra um e de grupos 2x2, 3x3, facilita as infiltrações, permitindo arremessos de curta distância, dificulta a organização do contra-ataque, requer fundamentação básica defensiva aprimorada, facilita os bloqueios dos adversários e provoca maior número de faltas.

Para Ferreira e De Rose (1987), as defesas mistas nada mais são do que a combinação das defesas por zona com as defesas individuais. Nessa ocasião, um ou dois jogadores marcam individualmente e os outros marcam por zona. Deve-se, no entanto, usá-las para anular um ou mais jogadores adversários que possuem grande porcentagem de acerto na maioria das competições. O objetivo de quem marca individualmente é impedir que o passe chegue ao atacante. Caso isso ocorra, os que estão posicionados na zona devem fazer a cobertura (FERREIRA e DE ROSE, 1987). Pode, por exemplo, criar situações surpresas, como posicionar a equipe por zona e a partir do momento em que acontecer o primeiro passe para as laterais, por exemplo, o sistema passa a ser individual no jogador que receber a bola e os outros jogadores, sem a posse de bola, são marcados sem serem pressionados, pressionando-se somente o jogador com a posse de bola. É claro o técnico pode ser criativo e utilizar várias formas de sistemas com surpresa, principalmente com jovens atletas.

A defesa por pressão é utilizada por muitos técnicos em todo o mundo. Ela pode surpreender os adversários em boa parte do jogo. Deve ser utilizada, principalmente quando a equipe estiver com desvantagem numérica no placar, para cansar os principais jogadores adversários, induzir a equipe adversária a cometer violações, atrasar a organização ofensiva dos adversários, recuperar rapidamente a posse de bola, abalar as estruturas psicológicas dos adversários e evitar que os atacantes joguem nos locais de maior aproveitamento (CARVALHO, 2001).

Na defesa individual pressionada, cada defensor é responsável por um jogador adversário. Ela pode ser realizada em quadra inteira, três quartos de quadra, meia quadra e um terço de quadra. O objetivo principal é a recuperação rápida da bola e o atraso da organização ofensiva dos adversários. Para realizar esse tipo de marcação,

os jogadores devem estar muito bem preparados física e psicologicamente, além de possuírem um trabalho coletivo intensivo. Deve-se utilizá-la principalmente quando converter uma cesta ou quando for bola morta. Deve-se também evitar o uso dessa defesa após arremessos não convertidos, em função da não organização, acarretada pela ação ofensiva (DAIUTO, 1974).

A defesa pressionada por zona é utilizada para forçar os adversários a cometerem passes errados, permanecerem mais que cinco segundos com a bola, pressionados nos cantos da quadra. Existem vários tipos de defesa por zona e serão exemplificadas algumas: (2:2:1); (1:2:2); (1:3:1); e (1:2:1:1). As defesas são definidas por regiões, às quais podem ser na quadra inteira, em três quartos de quadra, em meia quadra e/ou um terço de quadra, em que cada jogador possui um local ou região preestabelecida para iniciar a ação defensiva. Em seguida, de acordo com as movimentações do ataque, devem acontecer as coberturas, com o intuito de recuperar a bola e/ou provocar o erro do adversário (OLIVEIRA e PAES, 2004).

Devem-se utilizar as defesas por pressão, tanto por zona como individual, após intensa preparação psíquica para evitar surpresas, visto que as marcações por pressão exigem alto desempenho e determinação por parte dos jogadores, além de um grande desgaste físico. Deve-se lembrar que os adversários de alto nível de preparação também treinam esses sistemas e podem utilizar as deficiências para tornar os sistemas vulneráveis e é por isso que se recomenda desde o início do treinamento especializado a preparação psicofisiológica para defender (CARVALHO, 2001).

Na defensiva por zona ou setor, os jogadores detêm a responsabilidade de marcar uma determinada área conforme a posição da bola, isto é, os ajustes defensivos são realizados em conformidade com a movimentação da bola e apresenta sete sistemas de defesa por zona, segundo o posicionamento na quadra de jogo (2:1:2); (1:3:1); (1:2:2); (2:2:1); (1:1:3); (2:3); (3:2). Segundo Daiuto (1974) e Ferreira e DeRose (1987) a defesa por zona possui pontos de vantagens e desvantagens, detalhados a seguir: vantagens – dificulta o adversário de se aproximar da cesta, facilita a organização defensiva, facilita a organização defensiva quanto ao posicionamento de acordo com as características dos jogadores, facilita a organização

para as transições ofensivas; desvantagens – em função do prévio posicionamento, facilita a organização do ataque, quando pouco treinada, pode confundir os posicionamentos entre dois ou mais jogadores, oportuniza arremessos de média e longa distância e facilita a troca de passes.

2.4. Metodologia de treinamento dos sistemas defensivos (tática)

Perfil dos métodos que os técnicos destacam no treinamento dos sistemas defensivos na etapa de especialização.

T1... O Método é o jogo... Porque os técnicos e os jogadores precisam entender que todos os sistemas têm vantagens e desvantagens e quando o técnico pede para marcar linha do passe, por exemplo, e se o jogador for cortado, vai acontecer por causa dessa estratégia e aí o técnico precisa ter coerência do que ele está cobrando... se ele está pedindo alguma tarefa, ele precisa saber das dificuldades... essa compreensão entre técnicos e jogador é a segurança do bom trabalho... estamos marcando a zona 2x3 fechado, porque nós não queremos a cesta dentro do garrafão e se sair uma cesta de 3 pontos não dá para reclamar do jogador.

T2... Principalmente as situações de jogo em 1x1 para depois as coletivas. Dependendo do adversário, você vai ver se você faz com ajuda, meia quadra com agressividade, pela linha de passe... mas você tem que ter um sistema verdadeiro... Se for zona pode ser 3:2, 1:2:2 ou a *mach-up*, aquela zona que você vai igualando.

T3... Individual e depois em grupo e coletivo. Porque hoje é importante desenvolver nos atletas a confiança e a vontade de ganhar... Eu falo para os meus atletas que 50% é com o técnico, mas os outros 50% é com eles mesmos.

T4... Sempre da preparação individual dos fundamentos individuais de defesa até a formação de 5x5. Porque se eu tenho como meta filosófica trabalhar somente 20% de jogo armado, então não posso perder tanto tempo em táticas ofensivas.

T5... Através de sistemas. Depois de 15-16 anos você deve colocar táticas defensivas mais sofisticadas, aí o garoto já pensa diferente, tem outro pique, já tá condicionado para defender ao jogar.

T6... Através de sistemas. Eu falo que você não deve pular etapas porque tem um garoto que entra na sua equipe e não sabe tudo isso, e você como técnico tem que trabalhar tudo isso para que quando precisar de uma ou outra que adapte a sua equipe você possa utilizá-la.

T7... Através de sistemas. Porque acho que deveria ser obrigatória a defesa individual e a proibição da zona estática em categorias abaixo de 15 anos.

T8... Na semana, de 5 treinos, 2 dias eu dedico ao trabalho individual de defesa por função no jogo... Pivô de um lado, lateral e armador do outro... Os outros 3 dias aos trabalhos mais específicos, que pode ser o contra-ataque, pode ser o ataque de 5x5, pode ser a defesa. Porque trabalhamos em função das estatísticas.

T9... O importante é conseguir fazer a leitura do jogo, não basta ter um bom componente físico apenas, para executar um bom deslocamento e ter um bom posicionamento vou precisar fazer a leitura do jogo. Porque não vai conseguir fazer isso... se ele não souber isso desde as categorias de base, dificilmente vai conseguir na categoria adulta, ou vai levar mais tempo.

T10... Mais intenso na forma de cobrar. Porque quando vamos jogar fora do Brasil, o que a gente vê hoje em certas categorias é que os jogadores brasileiros, principalmente das categorias juvenil e adulto acham que não precisam mais treinar fundamentos defensivos.

T11... Através de exercícios educativos e jogo. Porque agora ele precisa se exercitar muito nos exercícios para melhorar as condições físicas.

Perfil dos métodos que os professores mestres e doutores utilizam no treinamento dos sistemas defensivos na etapa de especialização.

P1... Os métodos de treinamento são a mesma coisa, tem que criar situações de trabalho individual de 1x1, 2x2, 3x3, até chegar no 5x5. Porque quando eu era técnico, uma coisa que eu gostava de fazer e dava certo era treinar defesa com inferioridade numérica, por exemplo, um ataque de 5x4 defensores, porque assim você aumenta a velocidade da defesa, nesse caso, é claro, defesa por zona, pode até ser feito também contra individual.

P2... Devemos treinar as defesas de forma coletiva. Porque eles devem ter consciência que a defesa premia o ataque e se temos um bom ataque, antes teremos que ter uma boa defesa.

P3... Principalmente nas situações de jogo. Porque se eles estiverem motivados, se submeteriam a treinamentos mais fortes. ... devemos dizer a eles: vocês conseguem sempre.

P4... Através dos sistemas. Porque eu acho que os atletas agora precisam muito da parte teórica... eles precisam estudar o basquetebol... entender para quê e por quê marcar, saber quais são os tipos de defesa... saber as características dos adversários.

P5... Dos exercícios individuais aos conceitos coletivos. Porque precisamos ensinar aos jogadores todos os conceitos de defesa e o que pode acontecer no jogo.

P6... Muito trabalho individual e depois nos sistemas. Porque não importa o técnico trabalhar todos os tipos de defesa, o importante é saber o que ele tem na mão para escolher o tipo de defesa.

P7... Através dos sistemas. Porque nessa fase o sistema que você vai escolher para o jogo deve ser um ponto forte, e o meu é uma defesa individual pressionada..., mas de repente pego um time que sai desse tipo de defesa, aí eu preciso saber quais pontos fracos dessa equipe: se ela joga com um pontuador só, joga com pivô, quer dizer, precisamos conhecer todos os sistemas, não significa que você tem que treinar todos os sistemas, mas os seus atletas devem conhecer os conceitos de todos os sistemas, porque no jogo você pode adaptar.

P8... Devem-se dar muitos exercícios de defesa. Porque a defesa só é aprimorada com exercícios.

P9... Busco aqueles que se aproximam do jogo. Porque é no jogo que conseguimos melhorar as defesas.

P10... Através de exercícios e de jogos. Porque os exercícios dão base para a boa defesa.

P11... Através de exercícios e das situações de jogo. Porque eu vi muitas jogadoras que são muito mal fundamentadas.

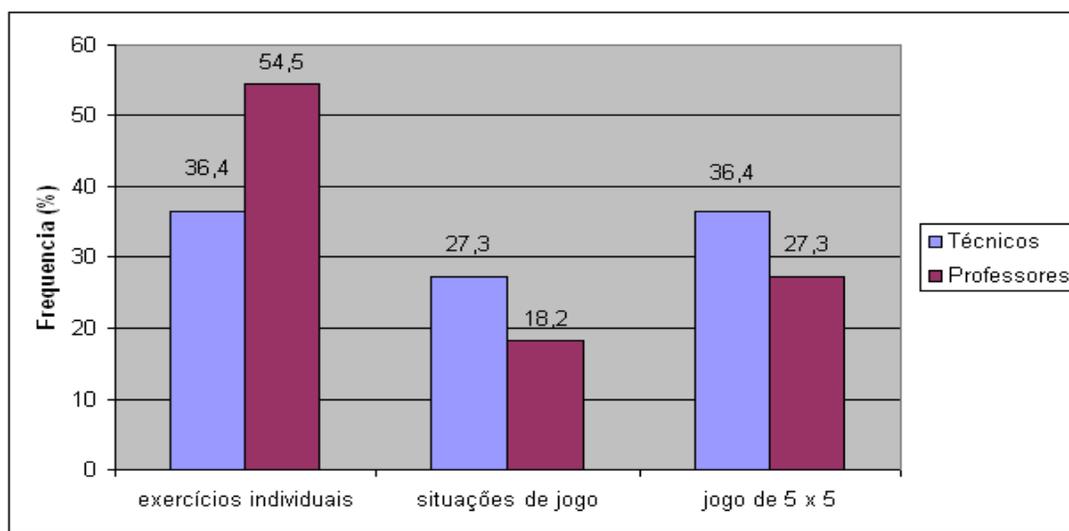


Gráfico 10 – Distribuição das respostas coletivas em relação à metodologia de treinamento dos conteúdos – sistemas defensivos

No que diz respeito aos métodos de treinamento dos sistemas defensivos na etapa de especialização, 36,4% dos técnicos defendem a predominância dos exercícios individuais, 27% defendem a predominância das situações de jogo e 36,4% dos técnicos entendem que o principal método é o jogo de 5x5. Entre os professores, 54,5% defendem que o principal método são os exercícios individuais, 18,2% que são as situações de jogo e 27,3% que é o próprio jogo de 5x5.

Pode-se postular que há convergências e divergências em função dos números obtidos entre o que técnicos e professores pensam acerca das metodologias para o treinamento dos sistemas defensivos para o basquetebol na especialização dos atletas. No campo prático, a busca pelos resultados precoces tem afastado muitos atletas no período da especialização, conforme apregoam Oliveira e Paes (2001, 2002 e 2003). Essa preocupação já vem de muito longe com os estudos de Paes (1986 e 1989). Devem-se oferecer para os jovens os conteúdos dos sistemas defensivos de forma planejada e organizada em longo prazo. Desde a categoria infante até a juvenil deve haver uma subdivisão rigorosa e metodológica dos métodos gerais e especiais até a sub-21 para aplicação dos conteúdos de treinamento. São mais de cinco anos de trabalho e eles precisam ter todos os conteúdos, independentemente dos campeonatos que estão disputando, para que possam na fase adulta enfrentar o cenário internacional e nacional com conhecimento adquirido e aprendido, e não decorado. No entanto, todos os métodos de treinamento devem ser utilizados, com prioridades nas diferentes fases (IBÁNÉS, 2000).

Essas divergências e convergências aparecem em alguns casos nas respostas dos entrevistados:

“... é a mesma coisa... sempre da preparação individual dos fundamentos individuais de defesa até a formação de 5x5.” (T4)

“... realizar treinamento com outras equipes e de preferência mais fortes... simulação em relação às situações reais de jogo... o grau de exigência deve ser maior, mas de

acordo com as possibilidades dos jovens...” (P3)

“... os métodos de treinamento são a mesma coisa, tem que criar situações de trabalho individual de 1x1, 2x2, 3x3, até chegar no 5x5... porque quando eu era técnico, uma coisa que eu gostava de fazer era treinar defesa com inferioridade numérica, por exemplo, um taque de 5x4 defensores, porque assim você aumenta a velocidade da defesa, nesse caso, é claro, defesa por zona, pode até ser feito também contra individual e você cria mecanismos de cobertura para que eles aprendam agir rápido, daí você cobra daquele ou de outro que não pode ficar livre, ou do lado da bola ninguém pode ficar livre. Eu pedia para que eles deixassem alguém sobrar lá, são estratégias que você vai criando para dar à defesa noção de cobertura...” (P1)

Percebe-se que não há uma uniformização para o processo em longo prazo e sim que é sempre para vencer as competições de forma imediata. Percebe-se ainda que nos métodos de treinamento propostos por Oliveira e Paes (2004), que são exercícios analíticos, sincronizados, em situações de jogo, e o jogo, além do método competitivo fundamentado em Zakharov e Gomes (1992), é utilizado por professores e técnicos, mas não foi percebido nas respostas uma preocupação com a formação técnica e tática em longo prazo, nesse caso com os métodos que estão relacionados aos sistemas defensivos.

2.5. Conteúdos – sistemas ofensivos (tática)

Perfil dos conteúdos que os técnicos destacam no treinamento dos sistemas ofensivos na etapa de especialização.

T1... Eu digo para os jogadores que o jogador que estiver no ataque sem a bola tem mais importância do que quem estiver com a bola, porque o jogador que estiver com a bola precisa ter muitas opções, por exemplo, ele tem 4 jogadores para passar e a cesta como alvo... então, se ele tiver sempre 5 opções ele estará privilegiado... agora se 1 jogador não se movimenta e não se coloca para receber a bola, ele passa a ter só 4 e se ele tiver apenas 2 jogadores lhe dando condições de passe, ele terá apenas 3 opções... e se você tiver um time que não se movimenta, o seu time poderá cometer muitos erros, pois ele só terá o alvo com boas ou más condições de atacar.

T2... Agora as funções das jogadoras têm que estar definidas e deve-se jogar em cima de sistemas... Dentro do sistema tem que ter liberdade...

T3... Eu defendo que não devemos copiar táticas ou estratégias.

T4... Não há jogadas, era só jogo livre... o que tinha era princípios que quando elas chegavam no adulto, elas já sabiam.

T5... O basquete brasileiro tem que ser jogado em velocidade – contra-ataque, deve chegar agredindo... Quando jogar com equipes européias, ele não pode ficar armando o jogo. O argentino copiou o europeu e deu certo, porque a cultura é muito parecida com os europeus.

T6... Eu defendo o princípio que a bola tem que passar por todos, mas dentro de um sistema, e quando você receber a bola em condição ofensiva de ataque, e quando surgir a oportunidade de você finalizar depois da bola ter sido passada por todos eles, todos ficam mais seguros na decisão e criam um ambiente mais positivo no grupo ou na equipe.

T7... Ah! Eu acho que você já pode ir incorporando as coisas táticas, movimentação, sistemas, *passing game*, triângulo, algumas jogadinhas, mas o que a gente vê muito é os treinadores ficarem muito tempo do treinamento nessa parte tática.

T8... Trabalhamos o jogo com três abertas e 4 abertas, porque elas já tem a noção de espaço e daí a gente coloca as situações de um corta-luz, por exemplo, do pivô ou no armador... a partir daí vai depender de quem está com a bola e quem está agindo... Tem que agir junto com o outro que está fazendo... eu ensino para elas um princípio da movimentação, o restante é o jogo livre.

T9... Na minha equipe tenho a jogada 1, e esta é para meu armador, e não necessariamente ele precisa definir e aí vai depender da habilidade que ele tem e da leitura do jogo.

T10... O que muda agora no ensino dos fundamentos ofensivos é a forma de cobrança, que é a exigência em relação à execução... porque se você já está consolidado em relação à aprendizagem, aos fundamentos, agora você precisa evoluir em relação à complexidade do jogo.

T11... O que muda agora é a velocidade de passes e leituras que se devem fazer da defesa do adversário.

Perfil dos conteúdos que os professores mestres e doutores destacam no treinamento dos sistemas ofensivos na etapa de especialização.

P1... Agora os fundamentos ofensivos devem ser cobrados, têm que ser dada uma atenção maior aos detalhes, mas sempre no foco do jogo.

P2... O ataque precisará ter coletividade, o que muitas equipes ainda não têm.

P3... No treinamento dessas fases, temos que fazer com que os atletas treinem 3 horas por dia jogando 1 ou 2 vezes por semana e que eles ainda fiquem com vontade de chegar logo o próximo jogo ou treino.

P4... Ele deve trabalhar em todas as posições... com isso, o armador terá a experiência de jogar de pivô e o pivô de jogar de lateral e o lateral de armador, para que eles valorizem as outras funções e ajudem-se, movimentando para receber a bola.

P5... Os detalhes ofensivos nessa etapa são decisivos, mas não pode ser na hora do jogo.

P6... Mesmo agora nos 15/17 anos não faço muitas jogadas para não impedir a liberdade deles de criar.

P7... Tem que potencializar e saber seus pontos fortes, se teu time é extremamente competente para arremesso de 3, você vai montar um sistema que permita o arremesso de 3, se você tem bons pivôs, você vai tentar criar espaços para que os pivôs recebam a bola e joguem 1x1.

P8... Gosto de começar pelo 1x1 e vou progredindo até o 5x5.

P9... Agora o ataque precisa de movimentos organizados.

P10... Agora tem que trabalhar em conjunto com muito mais intensidade.

P11... O que muda eu acho que é a forma como acontece na competição.

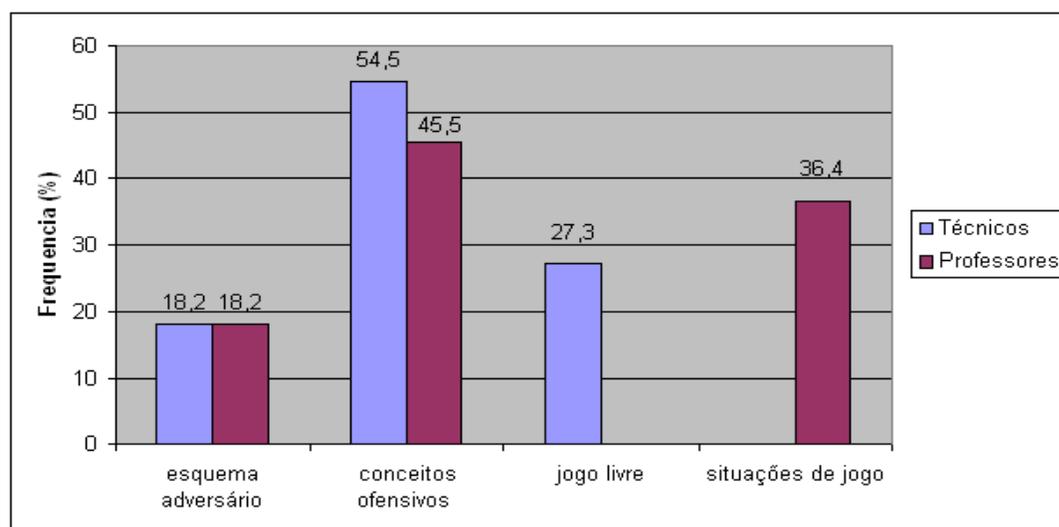


Gráfico 11 – Distribuição das respostas coletivas em relação ao treinamento dos conteúdos – sistemas ofensivos

De acordo com os resultados, pode-se perceber que 18,2% dos técnicos preparam suas equipes para competirem nos aspectos ofensivos. Dependendo de como se comportam as equipes adversárias, 54,5% dos técnicos entendem que a prioridade nos sistemas ofensivos deve ser dada aos conceitos do ataque. Já 27,3% dos técnicos defendem o jogo livre para as fases de formação ofensiva. Os técnicos não opinaram em relação às situações de jogo. Os professores mostraram-se diferentes em relação aos técnicos no caso da ofensiva, na qual 18,2% falaram sobre a preparação em cima do esquema das outras equipes. No entanto, 46,6% defendem

que os conceitos ofensivos são prioridades na preparação. Os professores não opinaram sobre o jogo livre. Por outro lado, 36,4% destacaram as situações de jogo como ótimas possibilidades de preparação para as competições juvenis. Ainda outros professores entendem que devem ser utilizadas todas as possibilidades de trabalho, porém nos diferentes momentos da preparação. Esse fato se dá na medida em que se entende melhor o conceito de ataque. Mas, a opinião de alguns técnicos e professores a respeito dos conteúdos ofensivos pode conferir se há muitas diferenças nas respostas:

“... eu defendo que não devemos copiar táticas ou estratégias... devemos ensinar os fundamentos individuais em grupo e coletivamente... porque devemos treinar o sistema na capacidade de cada jogador que temos em mãos... e isso significa que devemos iniciar no início da especialização dos atletas no basquetebol, senão não há sistema que dê certo...” **(T3)**

Parece que nas fases juvenis os técnicos e professores ainda não estão satisfeitos na atualidade com as competências técnicas dos atletas, e advertem para uma boa preparação multilateral dos conceitos ofensivos, mas preocupam-se também com procedimentos estereotipados, valorizando apenas a preparação individual. Isso fica claro quando a maioria defende a importância de se trabalhar os conceitos que estabelecem as relações interpessoais no jogo de basquetebol.

“... tem que potencializar e saber seus pontos fortes, se teu time é extremamente competente para arremesso de 3, você vai montar um sistema que permita o arremesso de 3, se você tem bons pivôs, você vai tentar criar espaços para que os pivôs recebam a bola e joguem 1x1...” **(P7)**

Pode-se perceber que há diferenças e similaridades nas respostas, mas, de acordo com Jackson (1997), a leitura que os jogadores conseguem fazer a partir de uma situação-problema que acontece durante o jogo só é possível se eles atuarem num ‘uníssono’, ou seja, compreenderem que “um precisa do outro” para realizar suas ações ofensivas.

Esses conceitos de ataque, é claro, quando se trata de jovens atletas, devem ser

pensados na medida em que muitos erros acontecem até mesmo porque muitos estão em fase de aperfeiçoamento e ainda não conseguem compreender a totalidade do jogo, mas seria interessante que, desde a categoria infanto-juvenil, devesse se desenvolver nos jovens atletas a capacidade de resolução de problemas, ocasionados pelo jogo a partir da leitura das situações-problema. O que isso significa é que não se trata de mecanizar movimentos tipo “passa a bola para um lado e corre para o outro, recebe um corta-luz de outro, gira para o fundo e recebe a bola outra vez”. Trata-se de que, quando iniciar alguma movimentação, observar se será possível realizar os movimentos ou não e caso não der, criar uma outra situação que resolva o problema sem ferir os laços movimentais que são produzidos num determinado sistema de ataque, seja ele quatro aberto, três aberto, cinco aberto ou contra defesa por zona.

Vejam outros depoimentos que retratam esse assunto:

“... ele deve trabalhar em todas as posições... com isso, o armador terá a experiência de jogar de pivô e o pivô de jogar de lateral e o lateral de armador, para que eles valorizem as outras funções e ajudem-se, movimentando para receber a bola...” **(P4)**

No basquetebol dos dias atuais, antes de se pensar em conteúdos de treinamento, torna-se importante saber quem está treinando. Os jogadores na atualidade jogam por funções no jogo e são numerados tais como: número 1- que é o armador fixo; 2- é ala, armador ou escolta; o 3- é o ala pivô; o 4- é o pivô móvel; e o 5- é pivô fixo. As funções atuais dos jogadores de basquetebol são definidas e enumeradas de um a cinco. Entende-se que no Brasil é muito difícil jogar com jogadores com essas características, mas quando se tratar de seleções nacionais infanto e juvenil, essas formas podem ser possibilidades úteis de preparar os jogadores para a fase adulta em competições internacionais. Dessa forma, os conteúdos de treinamento dos sistemas ofensivos deverão seguir o raciocínio de quem joga e não do jogador ideal.

Vidal (1991) afirmou que tais funções, no basquetebol, foram estabelecidas há muito tempo; entretanto, ainda há técnicos que não observaram os avanços na questão da organização das equipes para as disputas, especificamente as que envolvem os

campeonatos nacionais, pois estas configuram-se em bases para as seleções nacionais. Para o autor, muitas equipes de maior destaque mundial sempre trabalharam com doze jogadores, sendo três jogadores número cinco, dois número quatro, quatro número três e três número três. Vidal (1991) acreditou nessa formação em 1987 e conseguiu um feito inédito ao vencer os Estados Unidos em Indianápolis. Isso significa que a presença de jogadores altos no basquetebol está carente para tais funções e é preciso um modelo de seleção de talentos para o basquetebol, apesar de que as competições podem ser os melhor locais para a recruta inicial.

Em relação a esse assunto, porém pensando nos sistemas ofensivos contra defesas por zona, Ibánês (2000), baseado em autores espanhóis, defende que os objetivos do ataque devem centrar-se nas rápidas movimentações da bola, fazendo com que os defensores desequilibrem o bloco defensivo, criando oportunidades para os arremessos, para as penetrações e para o jogo com os pivôs. O drible contra zona deve, também, ser utilizado para chamar a atenção da cobertura, seguido de um passe para um companheiro livre, porém não deve ser repetitivo porque depende das qualidades dos atletas que compõem as equipes. O autor destaca quatro princípios básicos para as fases iniciais de especialização: ter paciência para concluir as finalizações; provocar o desequilíbrio defensivo; após realizar um passe cruzado, realizar outro passe cruzado, quebrando a organização defensiva; colocar a bola nos pontos vulneráveis que cada defesa por zona possui, através das movimentações e posicionamentos nos espaços livres.

Graça, Tavares, Oliveira e Janeira, (1991) destacaram a importância de valorizar as situações especiais de jogo. Pode-se afirmar que no basquetebol, apesar de ainda ignoradas por muitos técnicos, elas fazem a diferença no início e até em final de partida e precisam ser treinadas constantemente para evitar surpresas. Dessa forma, são exemplificadas algumas dessas situações porque também há a preocupação aqui com esses problemas..

Alguns técnicos e professores destacam a importância de situações especiais para essa fase e essas situações na literatura são:- *Situação de bola ao alto*: no início de cada partida, o árbitro levanta a bola para que dois jogadores a disputem-na e

iniciem o jogo. Nessa situação, podem ser criadas opções para levar vantagem sobre os adversários, proporcionando uma situação de cesta mais rápida através de uma aproximação e um contra-ataque que desde o início demonstrará uma tentativa de controlar o jogo. Caso a percepção for de perder a bola ao alto, deve-se posicionar de tal forma que os jogadores evitem as situações inversas, levando uma cesta imediata que pode elevar o moral do adversário. *Situação de reposição de bola na lateral e no fundo, triângulo defensivo*: essa situação tem feito várias equipes perderem a posse de bola por erros de passes e estourar o tempo de posse de cinco segundos para repor a bola em jogo. Deve-se, contudo, preparar movimentações especiais utilizando-se de jogadas ensaiadas com bloqueios e movimentações rápidas para então repor a bola em jogo. *Saída de marcação sob pressão*: nessas situações, que ocorrem sobre defesas por pressão, seja individual ou por zona, deve-se preparar os jogadores nos aspectos físicos e técnico-táticos, evitando o drible excessivo, a não utilização de passes balão, a leitura do posicionamento defensivo dos adversários, a utilização de passes picados, a movimentação nos espaços livres, a utilização do corta-luz e a utilização verbal e gestual.

“... ah! Eu acho que você já pode ir incorporando as coisas táticas, movimentação, sistemas, *passing game*, triângulo, algumas jogadinhas, mas o que a gente vê muito é os treinadores ficarem muito tempo do treinamento nessa parte tática... ficam dando movimento de várias jogadas, exigindo isso, onde deveria ser mais livre...” (T7)

De acordo com os estudos de Carvalho (2001), e do programa de educação esportiva da América “Ensinando basquetebol para jovens”, para se treinar os sistemas ofensivos primeiramente deve-se considerar os números que tem sido destacado sobre as posições dos jogadores nas quadras. O número um representa o armador fixo e o dois representa o armador de ajuda e ou/escolta. O armador é o jogador responsável por organizar os sistemas ofensivos da equipe, devendo possuir características físicas velozes nos fundamentos, particularmente no drible e passe. O armador, quando possuir características ofensivas, pode ser benéfico para a coletividade do time, porém deve também ser bom em dar assistência, ser paciente, manter bom relacionamento

com os companheiros de equipe e com os técnicos, possuir boa visão de jogo, domínio espacial, arremessos de longa distância, infiltrações nos espaços vulneráveis dos sistemas adversários, consciência no equilíbrio defensivo, inteligência de antecipação e tomada de decisão frente aos adversários.

O número três representa os alas ou laterais e podem-se distinguir as funções da seguinte maneira: alas ou laterais de velocidade e força altos e medianos. Nessa função, pode-se jogar explorando o contra-ataque, como o jogo próximo à cesta. O número três pode ser utilizado para efetuar bons passes para os pivôs, realizar arremessos de média e longa distância, pode ser também estimulado a ser bom infiltrador, e ainda ter a capacidade de rebotear, fazer corta-luz, visto ainda que é o maior responsável pelos contra-ataques e pelo equilíbrio defensivo. Deve, portanto, deter o domínio dos fundamentos para o ótimo jogo com e sem a bola.

Os números quatro e cinco representam os pivôs fixos e móveis. Estes normalmente são altos e fortes. O número cinco joga na maior parte do tempo de costas para a cesta; já o número quatro normalmente tem a liberdade para jogar fora do garrafão, explorando os arremessos de média e longa distância, quando necessário. Ambos devem possuir percepção visual e tátil, elaboração rápida nas respostas motoras para as tomadas de decisão, excelente capacidade de saltos, extrema habilidade para recepção dos passes, ótima capacidade para realizar fintas e giros com ambas as mãos, bons arremessos de curta e média distância, e, sobretudo, serem exímios reboteadores (OLIVEIRA e PAES, 2004).

Embasados nos estudos de Oliveira e Paes (2004) sobre o ataque contra sistemas por zona, parece que o aperfeiçoamento e o aprofundamento dos conhecimentos teóricos dos atletas para realizarem a leitura do jogo, ou seja, ler e entender o posicionamento defensivo dos adversários com vistas a uma melhor tomada de decisão é evidente, por exemplo, quando os adversários defendem nos sistemas 1:2:2 e 2:1:2, tornando-se possível montar o ataque de acordo com a defesa e explorar os pontos vulneráveis que cada sistema possui. Outro exemplo: a defesa 1:2:2 tem característica ímpar, pois o primeiro número é ímpar e normalmente o jogador que marca na parte superior do garrafão é o que define; já o sistema 2:1:2 caracteriza-se

por um sistema par, pois o primeiro número é par e normalmente esses dois jogadores marcam paralelamente na parte superior do garrafão.

O objetivo, nessa maneira de ataque, é desigualar o posicionamento ofensivo diante das movimentações defensivas para facilitar as infiltrações, os arremessos e o jogo com os pivôs. Pode-se utilizar, ainda, o corta-luz na zona para facilitar os arremessos. Na movimentação da bola, os passes devem penetrar a zona com firmeza. Pode-se utilizar também os passes picados, escolher o melhor momento para os arremessos, buscar incessantemente a segunda chance após arremessos não convertidos através do rebote ofensivo e, caso não recuperar a bola, equilibrar rapidamente o sistema defensivo (transição ataque/defesa) (CARDOSO, s/d).

2.6. Metodologia de treinamento dos sistemas ofensivos (tática)

Perfil dos métodos que os técnicos destacam no treinamento dos sistemas ofensivos na etapa de especialização.

T1... Eu divido o jogo ofensivo dos jogadores assim... a primeira parte é tentar o contra-ataque... a segunda é tentar a transição final – trailer;... depois o jogo de 5x5 meia quadra... sistema de jogadas... só que deixo para o jogador o poder de decisão, e tem jogador que tem bom poder de decisão tática e outros não... no jogo só de 5x5 para o estilo brasileiro não é vantagem ao contrário do europeu... aí eles dizem que na Europa eles marcam muito... é que eles gostam das táticas corretas e jogar 5x5... o basquete brasileiro é um jogo de velocidade, mas não podemos ficar só na velocidade para não ficar um jogo de malucos... tem hora que temos e devemos ensinar os jogadores a lidar com as situações táticas na hora certa... Porque os movimentos sem bola darão ao homem da bola muitas opções e aí ele poderá fazer o que for melhor...“ou vai para a cesta ou passar para os melhores posicionados para fazerem os arremessos.

T2... Exercícios ofensivos individuais para depois em situações de grupo e completar o coletivo... Porque todo mundo quer copiar o que fazem os americanos, os espanhóis... essas equipes criam seus sistemas porque tem jogadores para realizá-los... então... Não existe sistema para jogadores, o que existe é jogador para o sistema. Então, as movimentações que passamos nas seleções são baseadas no aproveitamento estatístico e nas características de cada jogador.

T3... Devemos ensinar os fundamentos individuais em grupo e coletivamente... Porque devemos treinar o sistema na capacidade de cada jogador que temos em mãos... e isso significa que devemos começar no início da especialização dos atletas no basquetebol

senão não há sistema que dê certo.

T4... Método de conceitos ofensivos individuais e de grupos para atuarem no jogo livre. Porque nós formamos um grupo de trabalho e trabalhamos muito tempo juntos... e foi uma filosofia que deu certo, um projeto que cientificamente deu certo, ou seja, é uma tese que tenho hoje... agora o País inteiro teria que trabalhar nesse sentido... o País precisa de uma filosofia de jogo, ou seja, o cara que trabalha no Amazonas tem que ter a mesma filosofia porque a hora que uma atleta de lá vier para cá ou para as seleções brasileiras, os técnicos não teriam dificuldades para trabalhar.

T5... Principalmente as situações de jogo de 1x1... Porque para vencer internacionalmente temos que ter um volume de jogo maior porque se nós pararmos para armar o jogo, vamos perder, porque temos poucos jogadores internacionais bons que vão atuar na seleção.

T6... Hoje o meu trabalho na equipe adulta é o jogo 5x5 em meia quadra... Porque o Brasil jogou 50 anos na transição, assim era a melhor maneira de jogar, só que hoje em dia todos são super-atletas... os nossos jogadores devem ser trabalhados em situações rápidas, mas, e eu falo para minha equipe, que se tiver em uma situação rápida e você fizer a cesta, e na outra continua fazendo, agora se você teve uma situação rápida e não teve sucesso, na próxima não pode fazer a mesma coisa.

T7... Através dos fundamentos individuais e de grupo. Porque o que deve ser feito é desenvolver os conceitos de ataque e não jogadas. Se eu trabalhar com conceitos para desenvolver no atleta o entendimento da leitura do jogo, ele vai aprender qualquer tipo de ataque e como deve ser feito.

T8... Através das situações de jogo. Porque a tomada de decisão é muito mais da menina do que da situação que colocamos para ela... *“você vai passar ali e depois vai lá e depois volta aqui”*. Aí fica um monte de robôs na quadra.

T9... Devo criar movimentos para propiciar condição onde eu quero que o melhor arremessador consiga arremessar... Vou criar um movimento para dar condições a ele de receber a bola livre e utilizar melhor a habilidade que ele tem. Porque você deve evitar os movimentos que sejam previsíveis, porque senão todos saberão como você vai jogar.

T10... Principalmente os fundamentos ofensivos individuais para ter melhor compreensão da sua utilização na hora do jogo.... Porque eles só vão executar bem os fundamentos, treinando todos os dias, e infelizmente no Brasil, quando chegam nessas categorias, os jogadores acham que não precisam mais treinar estas habilidades, e é aí que os jogadores erram durante o jogo... é justamente na fase de aperfeiçoamento que se tem que consolidar os hábitos de treinar as habilidades que são fundamentais para o jogo.

T11... Através de educativos e das situações de jogo... No jogo moderno está difícil

fazer cesta porque a ordem agora é não deixar fazer cesta.

Perfil dos métodos que os professores mestres e doutores destacam no treinamento dos sistemas ofensivos na etapa de especialização.

P1... Principalmente o método de jogo... Particularmente não gosto de nada analítico, defendo muito o aspecto global... Em alguns momentos o analítico é importante para aperfeiçoar o treinamento. Mas no geral as coisas devem ser feitas no global, porque não adianta repetir por repetir... por exemplo, dar 500 arremessos por treino, é legal, mas não adianta nada repetir se estiver fazendo errado, o importante são as correções para fazer o certo, aí sim o analítico é importante... então eu penso que mesmo 500 arremessos deverão ser feitos em posições variadas, com dificuldades, porque arremessar 500 de forma parada não leva a nada, porque no jogo isto não acontece, dificilmente você arremessará livre no jogo... você deve arremessar em desequilíbrio com 2 pessoas marcando... daí o treinamento tem que ser mais metódico.

P2... Devemos aprimorar as técnicas individuais... na seqüência estender para a coletividade em função dos sistemas defensivos que estão cada vez mais exigentes... Porque penso que precisamos mudar a nossa cultura de jogo... precisamos quebrar certos paradigmas de jogo individual.

P3... Independente da forma, valorizar os aspectos motivacionais... Porque devemos dizer a eles “você conseguem sempre” e eles conseguirão.

P4... Independente da forma, deverá ser muito mais intenso... Porque o meu conceito de formação de jogadores é com 18/19 anos porque é aqui que eles estão formandos fisicamente e não existe mais a maturação precoce que supre os outros aspectos principalmente o aspecto técnico e tático.

P5... Competitivo nos detalhes individuais... Penso assim porque fiquei nos EUA com John Wooden, e aí ficava sempre do lado dele ouvindo o que ele falava e só perguntava quando tinha dúvida, aí fui no treino dele antes do jogo final e eu vi ele dizer para os jogadores “tudo que vocês aprenderam aqui, será utilizado no jogo”, ou seja, não ensinava nada naquele momento, a não ser como jogava a outra equipe.

P6... No ataque eu trabalho 1x1, 2x2, 3x3, baseado nas situações de jogo, o corta-luz eu trabalho o tempo inteiro, muitas fintas, *back-door*, e em ½ quadra. Porque acredito que o jogador tem que ter autonomia de movimento.

P7... Eu defendo nessa etapa o jogo semilivre, semi-rígido, Ele tem início com a movimentação dos atletas, eles já sabem mais ou menos os possíveis movimentos e eles vão utilizar os movimentos decorrentes das situações de jogo... Porque qual é o melhor sistema ofensivo?... O que melhor couber na sua equipe, essa é a melhor resposta.

P8... Através de muitos exercícios individuais e depois vai progredindo até o jogo... Porque sem exercícios não dá para aperfeiçoar o ataque.

P9... No próprio jogo vamos treinando os conceitos de ataque... Porque no jogo a motivação é muito maior.

P10... Através de exercícios e de jogos. Porque precisamos de uma ótima fundamentação a exemplo do arremesso da Hortência.

P11... Através de exercícios... Sem a fundamentação correta fica muito difícil jogar bem taticamente. Eu me lembro que fui muito bem fundamentada.

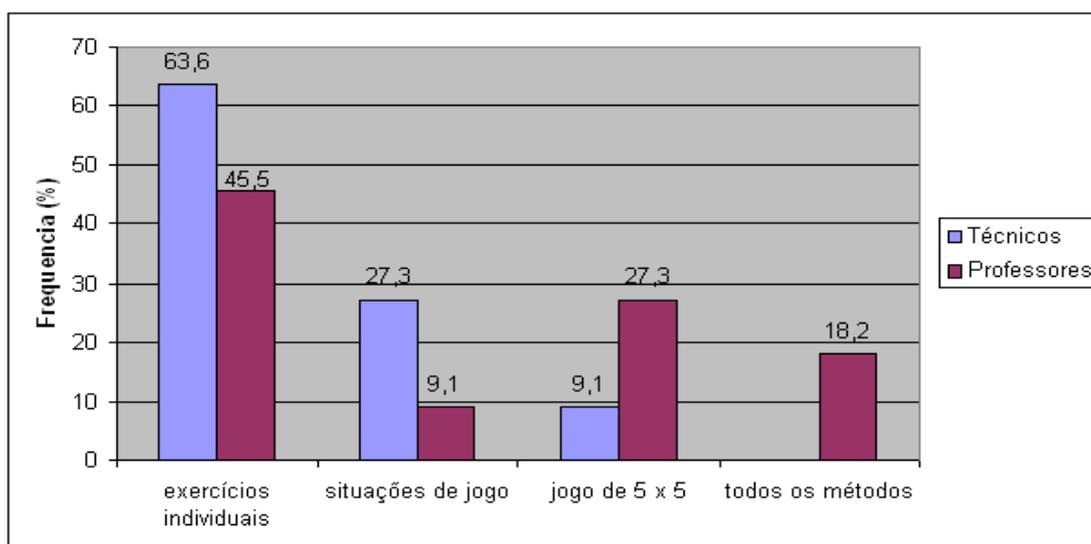


Gráfico 12 – Distribuição das respostas coletivas em relação à metodologia de treinamento dos conteúdos – sistemas ofensivos

De acordo com os resultados do estudo, pode-se perceber que 63,6% dos técnicos defendem os exercícios individuais como principal método de ensino dos sistemas ofensivos, enquanto 27,3% acreditam ser melhor utilizar as situações de jogo e 9,1% preferem o jogo de 5x5. Já entre os professores, 45,5% defendem que é prioridade utilizar exercícios analíticos individuais, enquanto 9,1% defendem as situações de jogo. Por outro lado, 27,3% defendem a própria competição de 5x5 como prioridade para o aperfeiçoamento das ações ofensivas. E ainda, 18,2% afirmaram que

todos os métodos devem ser utilizados durante o processo de trabalho.

No que diz respeito aos métodos de treinamento dos sistemas ofensivos na etapa de especialização, os técnicos e professores também não são homogêneos quanto ao que se pudesse chamar de ideal. O que se viu é que muitos acreditam no jogo, outros nos exercícios, já outros nas situações de jogo. Como se mostrou anteriormente, os métodos de jogo nas fases iniciais do ensino do basquetebol, por volta dos 11-12 anos, parecem ser os principais métodos, porém, no treinamento especializado, vai realmente depender das competições e do planejamento e da periodização do treinamento, segundo Paes (2001), Greco (1998), Zakharov e Gomes (1992). Esse assunto será discutido utilizando-se das falas de alguns técnicos e professores:

“... os métodos são conceitos ofensivos individuais e de grupos para atuarem no jogo livre e quando você traz isso desde o infante... tudo melhora para a fase adulta...” **(T4)**

“... particularmente não gosto de nada analítico, defendo muito o aspecto global... em alguns momentos o analítico é importante para aperfeiçoar o treinamento, mas no geral as coisas devem ser feitas no global, porque não adianta repetir por repetir... por exemplo, dar 500 arremessos por treino, é legal, mas não adianta nada repetir se estiver fazendo errado, o importante são as correções para fazer o certo, aí sim o analítico é importante... então eu penso que mesmo 500 arremessos deverão ser feitos em posições variadas, com dificuldades, porque arremessar 500 de forma parada não leva a nada, porque no jogo isto não acontece, dificilmente você arremessará livre no jogo...” **(P1)**

Parece que há diferenças nas falas dos entrevistados indicando mais prioridade para métodos analíticos e outros para métodos de jogo. Sendo assim, recorreu-se à literatura que trata desse assunto para maiores esclarecimentos. De acordo com Graça *et al.* (1991), treinar jovens atletas para a compreensão dos sistemas ofensivos no basquetebol envolve um planejamento e uma periodização dos meios e métodos por muitos anos de trabalho. O ataque deve ser realizado fazendo uso, de forma adequada e racional, dos fundamentos básicos individuais em grupo e de forma coletiva, apreendidos pelos atletas nas fases anteriores, em uma ação conjunta da equipe, por

intermédio de movimentações em busca dos espaços livres para as penetrações e arremessos.

Objetiva-se, então, desenvolver nos atletas um maior controle da ansiedade, que pode ser através de diferentes estratégias teóricas e práticas e/ou até com apoio de especialistas da área de psicologia do esporte, na busca de melhor compreensão dos movimentos para efetuar a finalização, busca incessante de espaço vulnerável no sistema defensivo dos adversários, provocar o desequilíbrio para efetuar penetrações nos espaços, movimentar a bola de um lado para o outro com o objetivo da participação de todos e também para achar espaços no sistema defensivo do adversário, jogar com passes no coração da zona, ou seja, com os pivôs e insistir na busca do rebote, antecipando a ação dos defensores. E todos esses aspectos devem acontecer de forma geral, especial e competitiva. Alguns depoimentos vão nessa direção:

“... eu, a H, o P, a M e o H de preparador físico... sentávamos juntos e até o infantil era jogo livre... não há jogadas, era só jogo livre... o que tinha eram princípios que quando elas chegavam no adulto, elas já sabiam... a gente acabou fazendo uma escola de basquete no Brasil... hoje as jogadoras que jogam comigo e que começaram conosco não têm problema para trabalhar, apesar de que eu, a H, o P e a M termos personalidades diferentes, tínhamos a mesma filosofia de jogo... porque nós formamos um grupo de trabalho e trabalhamos muito tempo juntos... e foi uma filosofia que deu certo, um projeto que cientificamente deu certo, ou seja, é uma tese que tenho hoje... agora o País inteiro teria que trabalhar nesse sentido... o País precisa de uma filosofia de jogo, ou seja, o cara que trabalha no Amazonas tem que ter a mesma filosofia porque a hora que uma atleta de lá vier para cá ou para as seleções brasileiras, os técnicos não teriam dificuldades para trabalhar...” (T4)

Parece que uma filosofia de trabalho é um caminho longo a percorrer para cada técnico, mas torna-se necessário quando se pensa em trabalho em longo prazo. Segundo Jackson (1997), atacar contra qualquer sistema defensivo envolve muito mais do que uma estratégia, envolve a visão de jogo que cada técnico possui, além das experiências já vividas e do potencial que suas equipes possuem indo ao encontro às falas de Balbino (2005), nas quais o autor afirmou que a pedagogia do técnico professor transcende o método. Em função disso, parece que o treinamento tático

baseado no não egoísmo entre os atletas pode ser um caminho importante para incutir nos jovens a responsabilidade de jogar em conjunto, aspecto fundamental de acordo com os depoimentos dos entrevistados.

Assim sendo, entende-se que se deve atacar contra a marcação individual, seja qual for: simples, com ajuda, com antecipação, com flutuação ou com pressão. É necessário que os jogadores dominem muito bem os fundamentos ofensivos com e sem bola, porém acreditem uns nos outros. As jogadas ensaiadas são possibilidades adotadas por muitos técnicos, todavia, uma filosofia de ataque pode estar atrelada ao bom funcionamento do trabalho coletivo, buscando a movimentação constante da bola — *Flow-Ball* (que é a movimentação constante da bola em busca de espaços para arremessos e infiltrações dos jogadores) —, fazendo com que o jogo flua naturalmente, trazendo melhores resultados, principalmente quando os jogadores são orientados por conceitos defensivos detalhados tecnicamente, fortalecendo suas estruturas táticas (CARVALHO, 2001).

Segundo Hercher (1983), a movimentação da bola e dos jogadores depende dos fundamentos básicos aprendidos nas fases iniciais para atingir ótimas performances no basquetebol especializado. Na posse da bola, os atletas precisam dominar as fintas de várias formas, para recepcionar a bola, correr de diferentes maneiras, posicionarem-se nos espaços livres, possuir boa técnica de bloqueio ou corta-luz, ter velocidade ótima de reação, parada brusca, e saídas rápidas em diferentes direções, frente, costas, de lado, com mudança de ritmo associadas às rotações e giros. Com o domínio desses fundamentos básicos, com ou sem a posse da bola, pode ser que as movimentações ocorram com maior facilidade.

Ainda sobre esse assunto, Oliveira e Graça (2001) afirmaram que jogar com a bola não significa jogar individualmente 1x1. No ataque contra a defesa individual, é necessário jogar individualmente, mas também em grupo 2x2, 3x3 e coletivamente 5x5, além do controle do corpo nos espaços de jogo, da técnica dos passes e dribles. Outras condições podem ser observadas na ofensiva individual, entre estas, manter posição básica ao recepcionar a bola, olhando para a cesta, sendo uma constante ameaça ao defensor; apreender a explorar os pontos fracos dos defensores; apreender

a antecipar as ações rapidamente nas soluções motrizes; ampliar sempre o repertório ofensivo de longa, média e curta distância; não jogar parado ou demasiadamente desinteressado pelas ações coletivas; jogar de forma a movimentar-se continuamente, tanto com quanto sem a posse de bola. Almeja-se, então, a movimentação rápida e não organizada dos jogadores, criando ou procurando sempre espaços para os arremessos e infiltrações, com ou sem o corta-luz, utilizando sempre os pivôs com passes e bloqueios.

Depois das experiências das fases anteriores com o treinamento dos conteúdos e com os métodos de jogos e exercícios de transição, os atletas devem compreender a importância do contra-ataque para o jogo de basquetebol contemporâneo. Após acontecer a finalização do ataque adversário, independentemente da cesta convertida ou não, ou de uma bola recuperada, deve-se adotar uma filosofia para o contra-ataque (CARVALHO, 2001). Abaixo, o depoimento de um técnico sobre esse pensamento:

“... o basquete brasileiro tem que jogar em velocidade – contra-ataque, deve chegar agredindo... quando jogar com equipes européias, ele não pode ficar armando o jogo. O argentino copiou o europeu e deu certo, porque a cultura é muito parecida com os europeus... os muitos jogadores argentinos jogam na Europa, e quando se juntam para a seleção, eles têm patriotismo muito forte, eles ganharam medalha olímpica e não quiseram ser recepcionados pelo presidente porque era uma pessoa não eleita pelo povo...” (T5)

De acordo com o técnico e para melhor dialogar sobre esse assunto, que sem dúvidas pode ser o segredo do sucesso de muitas equipes, recorre-se aos estudos de Carvalho (2001). Ele defendeu uma filosofia para o contra-ataque que mostrou muitos avanços em seus conceitos, pois busca-se partir com a posse de bola para a cesta adversária, com a maior rapidez possível e com segurança, buscando a vantagem numérica e o êxito ofensivo, antes que a equipe adversária recomponha-se.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizar as idéias propostas inicialmente neste estudo, no qual se objetivou de forma geral explorar o conhecimento acumulado de técnicos da elite do basquetebol brasileiro e professores do ensino superior em relação ao processo ensino-treinamento da técnica e tática no basquetebol do Brasil e, de forma específica, contextualizar os conteúdos e as estratégias metodológicas utilizadas por eles no ensino-treinamento dos fundamentos técnicos (técnica) e dos sistemas defensivos e ofensivos (tática), nas diferentes categorias do basquetebol no Brasil, como pré-mini, mini, mirim, infantil, infante, cadete, juvenil e sub-21, foi possível apresentar alguns resultados e tecer algumas considerações e posteriormente apresentar indicativos pedagógicos para o ensino da técnica e da tática para as diferentes categorias, considerando os conteúdos e os métodos propostos pelos técnicos e professores, com respaldo da literatura especializada.

Sendo assim, primeiramente busca-se responder às questões levantadas inicialmente para o estudo: Qual a ótica de técnicos e professores universitários (Mestres e Doutores) em relação ao processo ensino-treinamento da técnica e tática no basquetebol do Brasil? Quais são os conteúdos e as estratégias pedagógicas que poderiam ser utilizadas no ensino-treinamento dos aspectos técnicos e táticos para as diferentes categorias do basquetebol no Brasil, ou seja, pré-mini, mini, mirim, infantil, infante, cadete, juvenil e sub-21?

No que diz respeito ao ensino-treinamento dos fundamentos técnicos (técnica), na etapa de iniciação, ficou evidente nas entrevistas que todos os fundamentos básicos do basquetebol devem ser ensinados, tais como: o domínio do corpo, manipulação de bola, passes-recepção, dribles, arremessos, o rebote e, principalmente, as capacidades coordenativas. No entanto, foi detectada também, principalmente na ótica de professores, a importância de se realizar avaliações da maturação biológica, para aplicação das cargas de treinamento mais compatíveis com as capacidades dos praticantes. Os fundamentos, segundo os pesquisados, devem ser ensinados e treinados em diferentes métodos, tendo na ótica dos técnicos os

exercícios como o principal método, ficando evidenciada a importância da ótima fundamentação individual para futuras práticas de grupo e coletivas e, na ótica dos professores universitários, percebeu-se o jogo como o principal instrumento pedagógico para o início do processo de aprendizagem, tendo em vista seu valor motivacional.

Com relação aos sistemas defensivos (tática) na etapa de iniciação, percebeu-se que foi mais evidenciada a defesa individual, tanto pelos técnicos quanto pelos professores. As principais justificativas estiveram em torno do domínio do espaço, da responsabilidade pessoal, da quantidade diferenciada de movimento que esta defesa promove nos defensores e dos pré-requisitos básicos defensivos que esta defesa proporciona para qualquer outro tipo de defesa que, por opção dos técnicos e professores, possam ser incorporadas no decorrer do processo de ensino-treinamento das defesas. Tanto nas entrevistas como nos estudos teóricos pode-se perceber sugestões para estimular os jovens atletas a interceptação dos passes adversários, a preparação da visão periférica, a ajuda aos companheiros, enfim a solidariedade. No que diz respeito aos métodos de ensino-treinamento na etapa de iniciação para as defesas, parece que as evidências encontradas indicam para exercícios individuais, de grupo e, posteriormente, coletivos, na opinião dos técnicos, e jogo, situações de jogo e, posteriormente, exercícios, na ótica dos professores universitários. Muitos técnicos apontaram que os exercícios devem ter prioridade para melhorar as condições individuais dos atletas preparando-os para defesas mais complexas de forma coletiva. Já entre os professores, muitos afirmaram que os jogos e as situações de jogo promovem uma interação e uma motivação melhor na prática dos sistemas defensivos que para os aprendizes é muito importante nessa etapa.

No que tange ao ensino-treinamento dos sistemas ofensivos (tática) na etapa de iniciação, verificou-se em muitas entrevistas, tanto dos técnicos como dos professores, que os conteúdos são diversos, mas, preferencialmente, devem ser ensinados os deslocamentos no espaço de ataque, os fundamentos básicos de passes, dribles, fintas, cortes, arremessos, quando estiverem com a bola e muitos movimentos de desmarcação quando estiverem sem a bola, principalmente para a recepção e ajuda

aos companheiros de equipe (jogo sem bola). Ficou evidente em vários depoimentos que devem ser evitadas as jogadas muito complexas de execução, tendo em vista que os fundamentos de ataque são mais valiosos do que jogadas estereotipadas para essa etapa do processo. Com relação aos métodos de ensino-treinamento, parece que as opiniões se repetem quando relacionadas aos fundamentos técnicos e aos sistemas defensivos. Isto se deu porque muitos técnicos continuaram a defender os exercícios como principal método de ensino, enquanto os professores insistiram nos métodos de jogos. De acordo com muitos técnicos, a fundamentação ofensiva deve partir de fundamentos individuais que só se consegue a partir de muitos treinamentos em forma de exercícios analíticos. Já os professores continuaram a defender os jogos principalmente em situações de jogo 1x1, 2x2, afirmando facilitar o aprendizado e a motivação dos praticantes.

Em síntese, defende-se o ensino dos conteúdos e a utilização dos métodos de treinamento do basquetebol na etapa de iniciação com base na **resolução dos problemas** a partir da compreensão tática do jogo. Sendo assim, não significa que são descartados os métodos analíticos, mas pode-se organizar a quantidade e a estruturação dos métodos para a etapa de iniciação, em que o ensino dos conteúdos do basquetebol baseia-se na compreensão do jogo como um todo e nas experiências anteriores com base na cultura dos aprendizes no jogo. Dessa forma, torna-se importante iniciar a aprendizagem jogando e experimentando diversos métodos com conteúdos diversificados em suas exigências motoras e psicológicas. No quadro 11 - a seguir mostra-se a distribuição dos conteúdos e métodos de ensino-treinamento para as diferentes fases de aprendizagem na etapa de iniciação em basquetebol orientados pelas etapas de preparação geral e especial (MATVEEV, 1997).

Quadro 11 – Distribuição dos conteúdos e métodos de ensino-treinamento para as diferentes fases de aprendizagem na etapa de iniciação em basquetebol, segundo a preparação geral e especial

Etapa de iniciação em basquetebol	Fase de conhecer brincando o jogo de basquetebol: a importância do aspecto lúdico	Fase de aprendizagem inicial dos sistemas e fundamentos do jogo de basquetebol	Fase de automatização e refinamento da aprendizagem inicial ao jogo de basquetebol e aprendizagem de novos conteúdos
Conteúdos	Conhecimento de todos os fundamentos básicos do basquetebol. Defesa individual e ataque com predomínio nas movimentações livres nos espaços	Aprendizagem de todos os fundamentos básicos do basquetebol. A defesa é principalmente a individual já com aprendizagem dos sistemas por zona . O ataque é orientado pelos conceitos de ataque	Automatização de todos os fundamentos básicos do basquetebol. A defesa tem prioridade na individual mas, podem-se ensinar todos os tipos de defesa por zona. O ataque é orientado por movimentação ofensiva mais complexas
Metodologia de Ensino-Treinamento	Principalmente os jogos pré-desportivos e jogos	Principalmente o jogo de 5x5 e as situações de jogo em vantagem numérica	Principalmente as situações de jogo em vantagem e desvantagem numérica seguidas do jogo de 5x5 e dos exercícios individuais
Tipo de preparação	Atividades motoras generalizadas – 90% Atividades motoras especializadas – 10%	Atividades motoras generalizadas – 80% Atividades motoras especializadas – 20%	Atividades motoras generalizadas – 70% Atividades motoras especializadas – 30%

Quando se tratou da etapa de especialização, que envolve uma prática mais sistematizada, tanto nos treinos como nas competições, pode-se dizer que, com base nas entrevistas, não há limites etários que confirmem uma determinada tese, ou seja, afirmar que a idade ideal seria, por exemplo, 12 anos para uma especialização mais

estreita no basquetebol. O que se pôde confirmar é que dependerá de muitos fatores que não foram objetivos diretos deste estudo, tais como: o ambiente de prática, a genética, a competência profissional, o interesse pela modalidade do praticante, entre outros. No entanto, quando se trata de conteúdos e métodos, há indícios de idades ou categorias que possam se estabelecer critérios e atividades sistematizadas e periodizadas em muitos anos de trabalho. Sendo assim, buscou-se nesse momento concluir, na ótica dos técnicos e professores, quais conteúdos e estratégias pedagógicas devem ser priorizadas para o ensino-treinamento do basquetebol na etapa de especialização.

Em relação aos fundamentos técnicos (técnica), tanto técnicos como professores, em sua maioria, confirmaram que devem ser treinados todos os tipos de fundamentos existentes no basquetebol da maneira mais intensa e complexa possível, tendo nos exercícios individuais e de grupos a principal estratégia de trabalho. Nesta etapa, os fundamentos individuais são decisivos para a compreensão da tática de grupo e coletiva, segundo a opinião da maioria dos técnicos. Os professores também, em sua maioria, advertem sobre a importância do treinamento intenso e veloz, além da complexidade de movimentos e ainda defendem a importância do jogo para potencializar os fundamentos em situações competitivas.

Os sistemas defensivos na etapa de especialização, segundo a ótica dos entrevistados, devem ser treinados de acordo com as capacidades individuais elencadas em cada equipe. No entanto, em sua maioria entendem que todos os sistemas devem ser aperfeiçoados nesta etapa. A opção por um ou outro sistema vai depender dos adversários e do potencial técnico e físico de cada equipe, além de outros fatores complementares. A maioria dos entrevistados defendeu as defesas individuais como principal conteúdo, porém observam que as outras possibilidades defensivas (zona, combinadas, pressão) podem ser utilizadas de acordo com a necessidade do jogo. Os métodos de ensino-treinamento das defesas, para a maioria dos técnicos, devem ser os exercícios individuais e de grupos tendo o jogo coletivo uma possibilidade, mas não a principal estratégia de trabalho. Entre os professores, as opiniões se dividiram, tendo os exercícios individuais e de grupos se assemelhando em

nível de importância ao jogo coletivo de 5x5, no processo de preparação defensiva.

Quando se tratou de sistemas ofensivos, pôde-se verificar que houve muitas diferenças nas filosofias dos técnicos e no pensamento dos professores universitários. Os técnicos, em sua maioria, defenderam que o ataque deve ser dependente da tipologia dos jogadores que eles tiverem durante a temporada. Em relação aos conteúdos, muitos defenderam jogadas preestabelecidas, outros o jogo livre com base nos fundamentos ofensivos, outros as situações de jogo em 1x1, 2x2, também conhecido como jogo de grupo. Entre os professores, parece que a filosofia de jogo deve estar atrelada também aos jogadores que os técnicos dispõem, porém são mais concisos em defender as situações de 1x1, 2x2, 3x3 como principal conteúdo para se ensinar o ataque. Os métodos de ensino-treinamento variaram, porém a maioria dos técnicos continuou a enfatizar que os exercícios individuais e de grupos dão a base para futuras organizações táticas mais complexas que provavelmente acontecerão, caso necessário, na fase adulta. Neste sentido, pôde-se perceber que a maioria dos professores defendeu principalmente os exercícios de grupo seguidos dos exercícios individuais, como principais métodos de trabalho para a preparação ofensiva, não ignorando as jogadas de 5x5 em alguns momentos do processo, porém defenderam que não deve ser a principal estratégia de trabalho.

Em síntese, defende-se para a etapa de especialização, o treinamento dos conteúdos do basquetebol através do equilíbrio dos métodos que percorre duas fases: a de aperfeiçoamento e a de aprofundamento desportivo no basquetebol, com base na **inteligência tática – leitura do jogo**. Para isso, desde a etapa de iniciação, pode-se estimular os praticantes a resolução dos problemas “porque fazer e não somente a tarefa motora do como fazer”. Sendo assim, não significa que se descarta os métodos que buscam a “repetição” dos exercícios analíticos, mas recomenda-se a compreensão da estruturação dos métodos para a etapa de especialização, no qual treinamento dos conteúdos do basquetebol baseia-se na racionalidade da divisão dos conteúdos e métodos respeitando-se os princípios científicos da preparação desportiva e da periodização do treinamento. Entende-se que, nessa etapa, a proporção dos exercícios, que visam à repetição dos gestos técnicos do basquetebol, podem tomar a maior parte do treinamento, porém recomenda-se utilizá-los, prioritariamente, nas

situações de jogo, em função da leitura que estas promovem, ou seja, dificuldades encontradas em função da atitude dos adversários e que, posteriormente, poderão ser utilizadas nas situações de 5x5 das competições.

No quadro 12 - mostra-se a distribuição dos conteúdos e métodos de ensino-treinamento para as diferentes fases de aprendizagem na etapa de especialização em basquetebol orientados pelas etapas de preparação geral e especial (MATVEEV, 1997).

Quadro 12 - Distribuição dos conteúdos e métodos de ensino-treinamento para as diferentes fases de aprendizagem na etapa de especialização em basquetebol, segundo a preparação geral e especial

Etapas de especialização em basquetebol	Fase de aperfeiçoamento inicial	Fase de aperfeiçoamento profundo	Fase de resultados superiores
Conteúdos	Treinamento intenso de todos os fundamentos do basquetebol. A defesa individual tem prioridade mas, dependerá da equipe atual e dos adversários. O ataque poderá ser provido por jogadas mais elaboradas, sem perder a criatividade individual	Prática sistemática de todos os fundamentos do basquetebol. A defesa individual tem prioridade, mas dependerá do potencial da equipe atual e dos adversários. O ataque poderá ser provido por jogadas mais complexas	Prontidão para resultados superiores
Metodologia de Ensino-Treinamento	Exercícios em grupos individuais e por fim coletivos	Exercícios individuais em grupos e por fim coletivos	Prontidão para resultados superiores
Tipo de preparação	Atividades motoras generalizadas – 60% Atividades motoras especializadas – 40%	Atividades motoras generalizadas – 40% Atividades motoras especializadas – 60%	Atividades motoras generalizadas – 20% Atividades motoras especializadas – 80%

Pode-se dizer que os objetivos gerais e específicos deste estudo foram atingidos

quando, inicialmente, pretendeu-se explorar o conhecimento acumulado de técnicos brasileiros e professores do ensino superior em relação ao processo ensino-treinamento da técnica e tática no basquetebol do Brasil e contextualizar os conteúdos e as estratégias metodológicas utilizadas por eles no ensino-treinamento dos fundamentos técnicos (técnica) e dos sistemas defensivos e ofensivos (tática), nas diferentes categorias do basquetebol no Brasil, tais como:- pré-mini, mini, mirim, infantil, infante, cadete, juvenil e sub-21.

Este estudo foi delimitado a técnicos que possuem reconhecimento nacional e/ou internacional e professores universitários com titulação de Mestre/Doutor, caracterizados como valores reconhecidos pela cultura de onde vivem e atuam. No entanto, sugere-se que outros estudos sejam realizados com outras amostras no sentido de contribuir para o ensino da técnica e da tática para o basquetebol do Brasil.

O sistema de treinamento desportivo envolve a preparação física – técnica – tática - psicológica e social dos atletas de uma determinada cultura. Porém, este estudo limitou-se à produção científica da técnica e da tática e buscou orientar, embasado nas entrevistas de técnicos e professores, o processo ensino-treinamento dos fundamentos técnicos, dos sistemas defensivos e ofensivos e também as estratégias pedagógicas em um período que abrange o início da prática na modalidade basquetebol até o início da fase adulta que visam aos resultados superiores.

Após as considerações finais deste estudo, entende-se que não se trata de um material que se encerra por si só e, sendo assim, sugere-se ainda que outros estudos sejam realizados sobre o processo ensino-treinamento em basquetebol tanto nas questões técnicas e táticas, assim como em outros fatores, a saber: a preparação física, psicológica e social dos atletas de basquetebol no Brasil.

Embasados na literatura e nas entrevistas com os técnicos e professores universitários, foram geradas indicações pedagógicas de um conjunto de fatores que envolvem o ensino-treinamento dos fundamentos técnicos e táticos do basquetebol, bem como os métodos de trabalho para as diferentes fases do processo de ensino-treinamento. Seguem os indicativos para a etapa de iniciação e especialização em basquetebol e suas fases de desenvolvimento

INDICATIVOS PEDAGÓGICOS PARA O ENSINO-TREINAMENTO TÉCNICO E TÁTICO DO BASQUETEBOL

1. Etapa de iniciação em basquetebol e suas fases de desenvolvimento

A **etapa de iniciação** em basquetebol passa por três fases de desenvolvimento neste estudo: a) fase de conhecer o jogo de basquetebol; b) fase de aprendizagem inicial dos fundamentos e sistemas; c) fase de automatização e refinamento da aprendizagem inicial da técnica e da tática e aprendizagem de novos conteúdos do basquetebol. Cada Estado do País em suas federações possuem seus torneios e campeonatos em diferentes categorias. Aqui são indicativos pedagógicos de métodos e conteúdos com base nas disputas considerando as categorias do Estado de São Paulo, porém podendo ser adaptados para outros Estados.

Primeiramente os técnicos podem tecer seus objetivos avaliando inicialmente a cultura geral dos seus aprendizes, ou seja, nome, escolaridade, equipes que já jogou, localização da moradia, entre outros parâmetros. Pode-se utilizar o jogo para motivar os alunos e diagnosticar as necessidades de cada um deles nas questões técnica e tática e, a partir daí, estabelecer os objetivos gerais e específicos para cada fase do processo.

1.1. O ensino-treinamento dos conteúdos – fundamentos técnicos e as estratégias pedagógicas

Para a categoria **pré-mini**, pode ser ensinado, principalmente, o domínio corporal, a manipulação de bola, os passes, a recepção, os dribles os rebotes e as

finalizações. Os principais métodos devem ser as brincadeiras e os jogos pré-desportivos, seguido do jogo formal e das situações de jogo e alguns exercícios analíticos. As competições devem ser utilizadas como método secundário em forma de eventos e/ou festivais, agregando-se aos valores educacionais fundamentais.

Para as categorias **pré-mini e mini**; pode ser ensinado, principalmente, o domínio corporal, a manipulação de bola, os passes, a recepção, o drible, a finalização, o rebote, os fundamentos sincronizados e as situações de jogo. Os principais métodos devem ser o jogo de 5x5, depois as situações, seguido dos exercícios sincronizados, e depois ainda os exercícios analíticos já em forma de circuitos. As competições devem ser utilizadas como facilitadoras do ensino e, principalmente, como motivadoras da prática das crianças, agregando-se aos valores educacionais fundamentais.

Para as categorias **mirim e infantil**, pode ser ensinado, predominantemente, o domínio corporal, a manipulação de bola, os passes, a recepção, o drible, a finalização, o rebote, o arremesso em suspensão e os fundamentos sincronizados, as situações de jogo e a transição entre os sistemas defensivos e ofensivos. Os principais métodos devem ser as situações de jogo, os exercícios sincronizados e depois o jogo de 5x5, e, por fim, os exercícios analíticos podendo utilizar-se de circuitos. As competições devem ser utilizadas como facilitadoras do ensino e como fator motivacional à continuidade e não como fim único no resultado desportivo, com valorização dos aspectos educacionais fundamentais.

1.2. O ensino dos conteúdos – sistemas defensivos e as estratégias pedagógicas

Para a categoria **pré-mini**, recomenda-se ensinar, principalmente, a defesa individual simples em meia quadra. Como métodos, principalmente as brincadeiras e os jogos pré-desportivos e, depois, o jogo de 5x5.

Para as categorias **mini e mirim**, recomenda-se o ensino, principalmente, da defesa individual simples em meia quadra e quadra inteira e as defesas por zona simples. Em relação aos métodos, principalmente o jogo de 5x5, seguido das situações

de jogo e dos exercícios sincronizados e analíticos.

Para as categorias **mirim e infantil**, recomenda-se principalmente a defesa individual simples, com ajuda, cobertura em meia quadra e quadra inteira e as diferentes formas de defesas por zona. No que diz respeito aos métodos, principalmente as situações de jogo, seguidas do jogo de 5x5 e dos exercícios sincronizados e analíticos.

1.3. O ensino dos conteúdos – sistemas ofensivos e as estratégias pedagógicas

Para as categorias **pré-mini**, recomenda-se principalmente os fundamentos coletivos globais, depois os fundamentos em grupo, e por fim individuais contra defesas individual e por zona. (Visa aos jogos e ao jogo de 5x5). Os principais métodos são as brincadeiras, os jogos pré-desportivos e, depois, o jogo de 5x5 e as situações de jogo e, por último, os exercícios analíticos e sincronizados.

Para as categorias **mini e mirim**, recomenda-se principalmente os fundamentos em grupo, depois de forma global, por fim, individual contra defesas individual e por zona (Visa ao jogo e às situações de jogo e aos exercícios individuais). O principal método é o jogo de 5x5, seguido das situações de jogo e dos exercícios sincronizados e analíticos.

Para as categorias **mirim e infantil**, recomenda-se principalmente os fundamentos individuais, depois em grupo e, por fim, de forma coletiva contra defesas individual e por zona (Visa ao jogo, às situações de jogo e aos exercícios individuais). O principal método é a situação de jogo, seguido do jogo de 5x5 e dos exercícios sincronizados e analíticos.

Indicações pedagógicas para o ensino dos conteúdos e para a utilização dos métodos para a fase de conhecer o jogo de basquetebol e aprendizagem dos conteúdos básicos do jogo;- categorias pré-mini e mini. Seguem as seguintes recomendações:

- ▶ Verificar as características culturais do basquetebol e dos aprendizes, ou seja, a apresentação do jogo
- ▶ Verificar as condições básicas para jogar 5x5
- ▶ No jogo de 5x5 evitar a aglomeração à volta da bola e comportamentos que visam a contrariar a aglomeração
- ▶ Ensinar o primeiro nível de construção do jogo em meia quadra individual simples e

zona 2x1x2 e 1x2x2

► Ensinar o reconhecimento dos espaços ofensivos e defensivos em meia quadra e quadra inteira

► Ensinar os primeiros conceitos com a técnica defensiva e ofensiva

► Ensinar a transição do jogo da defesa para o ataque e do ataque para a defesa

► Ensinar as bases das situações de jogo em igualdade numérica de 3x3, 2x2, 1x1

teórica e prática

► Desenvolver nos alunos o domínio do corpo no espaço de jogo sem bola: deslocar o corpo nos espaços de jogo; saídas rápidas; paradas bruscas; mudança de direção; giros e fintas; pequenos saltos: as fintas corporais sem bola;

► Ensinar a manipulação da bola com ambas as mãos; formas de segurar; formas de receber

► Ensinar os passes e recepção; passar com as duas mãos; passar com a mão direita; passar com a mão esquerda 1+ 1, 1+2, parado e com deslocamentos; por cima da cabeça; na altura do peito; na altura do ombro; picado; estilo boliche ou por baixo

► Ensinar dribles; com a mão direita em diferentes movimentos corporais: - frente; com a mão esquerda - lateral; com troca de mãos e de costas; básicos para driblar no jogo

► Ensinar a finalizar parado e com uma perna à frente; direita; esquerda; bandeja direita e esquerda (meia quadra)

► Ensinar os rebotes ofensivo e defensivo com salto sem oponente (1 x 0) e depois com oponente 1x1 com ambas as mãos; direita; esquerda

► Trabalhar os conteúdos técnico e tático em circuito: todos os fundamentos são praticados de forma simultânea na quadra buscando aperfeiçoá-los nos quais os exercícios e jogos são controlados pelo tempo de execução predeterminado

► Trabalhar as situações de jogo (igualdade numérica) 1x1; 2x2; 3x3; corta-luz parado; no armador; no lateral; no pivô

► Ensinar as fintas defensivas e ofensivas; individual em grupo e coletivamente

► Ensinar os fundamentos sincronizados (de técnica ofensiva e técnica defensiva); 1mais1; 1mais 2; 1 mais 3

► Priorizar o ensino do jogo de 5x5 defesa e ataque; meia quadra individual e zona 2x1x2; 1x2x2 - quadra inteira individual e zona 2x3; 3x2

A proporção em percentagem do tempo de treinamento em relação aos métodos varia em cada categoria. Por exemplo, no jogo 5x5 recomenda-se utilizar 30% do tempo total das aulas nesta fase. Já no jogo pré-desportivo, 10%, e no jogo situacional 1x1 ao 5x4, 25%, e nos exercícios, circuito técnico-tático - analíticos 1x0 - sincronizados 1+4, 1+1, 1+2, 1+3, 20%, e nas avaliações e preparação teórica, 10%, deixando ainda para as situações especiais de jogo 5% do tempo total. Em relação às competições escolares e nos clubes, indica-se 4 competições no ano, sempre com objetivos de aprendizagem e valores educacionais fundamentais.

Indicações pedagógicas para o ensino dos conteúdos e para a utilização dos métodos, na fase de automatização e refinamento da aprendizagem inicial e aprendizagem de novos conteúdos do basquetebol mirim e infantil. Seguem as recomendações:

- Ensinar as funções dos jogadores na quadra 1, 2, 3, 4, 5 (apenas para se situarem)
- Ensinar as situações de jogo de 2x1 e 3x2 com o corta-luz parado e depois em movimento
- Ensinar o sistema ofensivo; individual em grupo e coletivo; o ataque contra sistemas individuais; o ataque contra sistemas por zona; as situações especiais de jogo ofensivo
- Ensinar o sistema defensivo individual em grupo e coletivo;- a defesa por zona;- a defesa individual;- a defesa combinada;- a defesa individual pressionada;- a defesa pressionada por zona, em situações especiais de jogo defensivo
- Ensinar o contra-ataque;- numerado (por posição preestabelecida);- de acordo com as situações defensivas
- Ensinar o domínio corporal sem bola; saídas rápidas;- paradas bruscas: com um dos pés à frente; com o pés paralelos;- mudança de direção;- giros;- fintas;- corridas em diferentes direções: costas, lado e frente;- saltos sobre um pé;- saltos sobre dois pés
- Ensinar a manipulação de bola (formas de segurá-la);- com ambas as mãos em cima da cabeça;- na altura do peito, ambas as mãos;- na altura do joelho, tronco flexionado

ambas as mãos;- ao lado do corpo esquerdo mão esquerda;- ao lado do corpo direito mão direita;- com a mão direita em baixo da bola (altura do peito);- com a mão esquerda em baixo da bola (altura do peito);- por entre as pernas;- por trás do corpo;- ao redor do pescoço;- girar no dedo;- tapas fortalecer os dedos firmeza na manipulação da bola;- lançar e segurar;- driblar e segurar;- diversas formas; todos esses exercícios utilizando a bola a medicinibol de borracha, de tênis

▶ Ensinar os dribles na altura da cintura e tronco flexionado; com a mão direita ir e vir; com a mão esquerda ir e vir; com troca de mãos; de lado esquerda e direita; de costas esquerda e direita; dribles alto, baixo, de lado, de costas, de frente; por entre as pernas; por trás do corpo; por entre as pernas seguido de giro pela frente e por trás; por trás do corpo seguido de giro pela frente e por trás do corpo

▶ Ensinar os passes e recepção; na trança 1+2 1+3 1+4; em 1+1 em velocidade máxima (laterais e centro da quadra); em 1+2 velocidade máxima (laterais e centro da quadra); na trança de 5; 1+2 e chegada de +2; 1+3 e chegada de +1

▶ Ensinar as finalizações; parado, com uma perna à frente do corpo;- com a mão direita; com a mão esquerda; bandeja esquerda e direita (meia quadra); lances livres; em movimento constante; gancho esquerda e direita; curta, média e longa distância; após passe, disputa passes; após drible; após fintar adversário; com ambos os pés à frente

▶ Ensinar o rebote defensivos e ofensivos; com ambas as mãos; direita somente; esquerda somente; após ataque organizado; após contra-ataque; no jogo de 1x1, 2x2, 3x3, 4x4, 5x5

▶ Ensinar o corta-luz ofensivo e a defesa do corta-luz; parado; no armador; no lateral; nos pivôs; no jogo de 2x2, 3x3 5x5 em movimento; no contra-ataque

▶ Ensinar as situações de fundamentos sincronizados; idem aos passes 1mais 1, 1 mais 2, 1 mais 3; na trança em 3, 4, 5 pessoas

▶ Ensinar as situações de jogo; igualdade, quadra inteira, inferioridade numérica; 1x1, 1x2, 2x1, 2x2, 3x2, 3x3, 4x3, 5x4, 6x5, 7x6

▶ Ensinar o jogo 5x5 defesa e ataque mais complexos; meia quadra e quadra inteira; defesa individual: - com transição defesa e ataque; com flutuação; com antecipação; com troca de marcador; com combinada *box*, *mach-up*, *diamante*; defesa zona 1x3x1, 2x2x1, 1x1x3, 1x2x1x1, 1:2:2; defesa pressionada quadra toda 1/3 quadra

▶ Ensinar as situações especiais de jogo; bola ao alto, lateral e no fundo bola; saída das defesas pressão; zonas individuais

▶ Ensinar a defesa do contra-ataque; na transição; com superioridade numérica, igualdade e inferioridade; na elaboração do ataque no contra-ataque; sem território

específico; com território específico; com número inferior; com número superior; com igualdade numérica

► Ensinar a fundamentação específica para cada função e treinamento técnico-tático em circuito; todos os fundamentos podem ser praticados de forma simultânea na quadra buscando aperfeiçoá-los na qual os exercícios e jogos são controlados pelo tempo de execução predeterminado

A proporção em percentagem do tempo de treinamento para a fase de automatização em relação aos métodos varia em cada categoria, conforme a fase de conhecer o jogo e aprendizagem dos fundamentos básicos e sistemas defensivos e ofensivos. Por exemplo, para a fase do jogo 5x5, recomenda-se utilizar 35% do tempo total das aulas nesta fase. Já os jogos pré-desportivos, apenas 5%, e os jogos situacionais 1x1 ao 5x4, mantêm-se 25%, e os exercícios circuito técnico-tático - analíticos em 1x0 - sincronizados 1+4, 1+1, 1+2, 1+3 agora é de 15%, e as avaliações e preparação teórica, mantêm-se em 10%, deixando ainda para as situações especiais de jogo 10% do tempo total. Em relação às competições escolares e nos clubes, indica-se 6 competições no ano, sempre com objetivos de automatizar a aprendizagem e dar continuidade aos valores educacionais fundamentais.

A seguir, apresentam-se os indicativos e recomendações pedagógicas para o treinamento dos conteúdos e a utilização dos diferentes métodos para a etapa de especialização em basquetebol e suas fases de desenvolvimento com respaldo da literatura e das entrevistas com técnicos e professores universitários.

2. Etapa de especialização em basquetebol e suas fases de desenvolvimento

A **etapa de especialização** em basquetebol neste estudo passa por duas fases de desenvolvimento que antecede a fase adulta: a) fase de aperfeiçoamento inicial; b) fase de aperfeiçoamento profundo da técnica e da tática. Cada fase desta deve possuir seus conteúdos e métodos que são indicados a seguir. Como visto na etapa de iniciação, cada Estado do País em suas federações possuem seus torneios e campeonatos em diferentes categorias. Aqui são indicativos pedagógicos de métodos e conteúdos com base nas disputas no Estado de São Paulo.

Primeiramente, os técnicos podem tecer seus objetivos para essa etapa, embasados no calendário das competições e, além do calendário do sistema de competições de cada Estado ou País, a aproximação da vida do atleta ao treinamento profissional. Para elaborar a periodização dos aspectos fundamentais do sistema de treinamento, que são a preparação física, técnica, tática e psicológica da vida dos atletas, recomenda-se que se elaborem as etapas de preparação, que são: **preparação geral, especial e competitiva e utilize-se de diferentes meios e métodos**. A organização das cargas de treinamento em basquetebol para as fases de aperfeiçoamento inicial e profundo dependerá da etapa de preparação e deve-se ter em mente que as competições determinam a forma desportiva na qual o treinamento deve ser programado com base nessas. A organização dos conteúdos e dos métodos de treinamento para a fase de aperfeiçoamento e aprofundamento tem como principal enfoque o aspecto técnico-tático dos adolescentes podendo considerar uma ou mais funções que o jogo permite.

2.1. O treinamento dos conteúdos – fundamentos técnicos e as estratégias pedagógicas

Para as categorias **infanto e cadete**;- recomenda-se predominantemente o domínio corporal, a manipulação de bola, os passes, a recepção, os dribles, as finalizações, as fintas, o corta-luz em movimento, os rebotes, os fundamentos sincronizados, as situações de jogo, a transição, os sistemas defensivos e ofensivos em fase de aperfeiçoamento. Os principais métodos são as situações de jogo, seguidos de exercícios analíticos e sincronizados e por fim o jogo de 5x5. As competições devem ser utilizadas em nível municipal até a internacional como resultado desportivo em fase de aperfeiçoamento desportivo.

Para as categorias **juvenis e sub-21**;- recomenda-se predominantemente o domínio corporal, manipulação de bola, passes, recepção, drible, finalização, fintas, corta-luz em movimento, rebote, fundamentos sincronizados, situações de jogo, transição, sistemas defensivos e ofensivos, em fase de aprofundamento. Os principais

métodos são os exercícios analíticos e sincronizados, seguidos das situações de jogo e por fim o jogo de 5x5. As competições devem ser utilizadas em nível municipal até o internacional como resultado desportivo em fase de aprofundamento desportivo.

2.2. Treinamento dos sistemas defensivos – Fase de aperfeiçoamento inicial e profundo

Para as categorias **infante e cadete**;- recomenda-se todos os tipos de defesa individual em meia quadra e quadra inteira, todos os tipos de defesa por zona em meia quadra e quadra inteira, e todos os tipos de defesa pressão e combinadas e em situações especiais em forma de conhecimento e aperfeiçoamento. Os principais métodos são as situações de jogo, seguidos de exercícios analíticos e sincronizados e por fim o jogo de 5x5. As competições devem ser utilizadas em nível municipal até o internacional como resultado desportivo em fase de aperfeiçoamento desportivo.

Para as categorias **juvenis e sub-21**;- recomenda-se todos os tipos de defesa individual em meia quadra e quadra inteira, todos os tipos de defesa por zona em meia quadra e quadra inteira, e todos os tipos de defesa pressão e combinadas em forma de aperfeiçoamento e aprofundamento. Os principais métodos são os exercícios analíticos e sincronizados, seguidos das situações de jogo e por fim o jogo de 5x5. As competições devem ser utilizadas em nível municipal até o internacional como resultado desportivo em fase de aprofundamento desportivo.

2.3. Treinamento dos sistemas ofensivos – Fase de aperfeiçoamento inicial e profundo

Para as categorias **infante e cadete**;- recomenda-se todos os fundamentos de ataque em grupo, individuais e de forma coletiva em meia quadra e quadra inteira. Quando for a meia quadra, evitar jogadas muito demoradas e valorizar todas as funções. Devem-se utilizar poucos movimentos e contra-ataques. Os principais métodos são as situações de jogo, seguidos de exercícios analíticos e sincronizados e por fim o jogo de 5x5. As competições devem ser utilizadas em nível municipal até o internacional como resultado desportivo em fase de aperfeiçoamento desportivo.

Para as categorias **juvenis e sub-21**;- recomenda-se todos os fundamentos de ataque individuais em grupo e coletivamente em meia quadra e quadra inteira. Quando

for a meia quadra, valorizar as potenciais individuais no contexto da tática e, principalmente, o contra-ataque. Os principais métodos são os exercícios analíticos e sincronizados, seguidos das situações de jogo e por fim o jogo de 5x5. As competições devem ser utilizadas em nível municipal até o internacional como resultado desportivo em fase de aprofundamento já visando aos resultados superiores.

Indicações pedagógicas para o ensino-treinamento dos conteúdos e da utilização dos métodos para a fase de aperfeiçoamento da técnica e da tática em basquetebol;- categorias infante e cadete. Seguem as seguintes recomendações:

- ▶ Discutir e ensinar aos atletas as características e cultura do basquetebol moderno: apresentação dos métodos de treinamento e as fases de aperfeiçoamento na periodização e sua relação com o calendário de competições
- ▶ Treinar o Jogo de 5x5, de forma geral, especial e competitivo em fase de aperfeiçoamento inicial
- ▶ Treinar e discutir com os atletas os detalhes das regras para jogar 5x5 na atualidade em fase de aperfeiçoamento
- ▶ Treinar e discutir com os atletas o nível elevado de construção do jogo de 5x5 em meia quadra e quadra inteira, individual e por zona: O jogo livre (*Passing Game*, jogo sem bola) em fase de aperfeiçoamento
- ▶ Treinar os detalhes máximos da técnica defensiva e ofensiva no jogo individual de grupo e coletivo em fase de aperfeiçoamento
- ▶ Treinar a transição do jogo de defesa para o ataque e do ataque para a defesa no mais alto nível de eficácia em fase de aperfeiçoamento
- ▶ Treinar jogo de 1x1, o jogo de 2x2, o jogo de 3x3 em fase de aperfeiçoamento
- ▶ Treinar o domínio do corpo no espaço de jogo (a inteligência espacial) em fase de aperfeiçoamento
- ▶ Treinar as fintas corporais com e sem bola em fase de aperfeiçoamento
- ▶ Treinar a manipulação da bola com ambas as mãos em fase de aperfeiçoamento
- ▶ Treinar os passes e recepções em fase de aperfeiçoamento
- ▶ Treinar as infiltrações com bola visando à cesta e as assistências em fase de aperfeiçoamento

- ▶ Treinar os dribles em fase de aperfeiçoamento
- ▶ Treinar as finalizações em fase de aperfeiçoamento

- ▶ Deve-se treinar o rebote ofensivo e defensivo em fase de aperfeiçoamento

- ▶ Treinar os fundamentos realizados de forma sincronizada no mais alto nível de exigência em fase de aperfeiçoamento

- ▶ Treinar o corta-luz em sincronia com os movimentos do jogo ataque e contra-ataque em fase de aperfeiçoamento

- ▶ Treinar as situações de jogo de 2x1 e 3x2 com o corta-luz em movimento em fase de aperfeiçoamento

- ▶ Treinar o sistema ofensivo e defensivo; individual em grupo e coletivo em fase de aperfeiçoamento da seguinte forma: na ofensiva; ofensiva contra sistemas individuais;- ofensiva contra sistemas por zona; ofensiva contra defesas pressionadas; em situações especiais de jogo. E a defensiva por defesa por zona, pressionada na zona e a individual: combinada e pressionada em meia quadra e quadra toda

- ▶ Treinar o contra-ataque em fase de aperfeiçoamento;- numerado ou de acordo com as situações defensivas

A proporção em percentagem do tempo de treinamento para a fase de aperfeiçoamento em relação aos métodos varia em cada categoria, conforme a aprendizagem dos fundamentos básicos e sistemas defensivos e ofensivos. Por exemplo, para essa fase do jogo 5x5, recomenda-se utilizar 20% do tempo total dos treinamentos nesta fase. Já os jogos pré-desportivos, apenas 5%, e os jogos situacionais 1x1 ao 5x4, mantêm-se 20%, e os exercícios em circuito técnico-tático - analíticos em 1x 0 - sincronizados 1+ 4, 1+1, 1+2, 1+3, agora é de 40%, e as avaliações e preparação teórica, mantêm-se em 5%, deixando ainda para as situações especiais de jogo 10% do tempo total. Em relação às competições escolares e nos clubes, indica-se 7-10 competições no ano, sempre com objetivos de aperfeiçoar os conteúdos aprendidos e dar continuidade aos valores educacionais em níveis médios.

Indicações pedagógicas para o ensino-treinamento dos conteúdos da utilização dos métodos para a fase de aprofundamento da técnica e da tática em basquetebol;- categorias juvenil e sub-21. Seguem as recomendações:

- ▶ Discutir e ensinar aos atletas as características e cultura do basquetebol moderno: apresentação dos conteúdos, métodos de treinamento, calendário de competições aos atletas e a periodização do treinamento
- ▶ Treinar o Jogo de 5x5, de forma geral, especial e competitivo em fase de aprofundamento
- ▶ Treinar as regras detalhadas para jogar 5x5 na atualidade em fase de aprofundamento
- ▶ Treinar no mais alto nível de construção do jogo de 5x5 em meia quadra e quadra inteira, individual e por zona: o jogo livre (*Passing Game*, jogo sem bola) em fase de aprofundamento
- ▶ Treinar os detalhes máximos com a técnica defensiva e ofensiva no jogo individual e de grupo em fase de aprofundamento
- ▶ Treinar a transição do jogo da defesa para o ataque e do ataque para a defesa no mais alto nível de eficácia em fase de aprofundamento
- ▶ Treinar o jogo de 1x1, o jogo de 2x2, o jogo de 3x3 em fase de aprofundamento
- ▶ Treinar o domínio do corpo no espaço de jogo (a inteligência espacial) em fase de aprofundamento
- ▶ Treinar as fintas corporais com e sem bola em fase de aprofundamento
- ▶ Treinar a manipulação da bola com ambas as mãos em fase de aprofundamento
- ▶ Treinar os passes e recepções em fase de aprofundamento
- ▶ Treinar as infiltrações com bola visando à cesta e as assistências em fase de aperfeiçoamento
- ▶ Treinar os dribles em fase de aprofundamento
- ▶ Treinar as finalizações em fase de aprofundamento
- ▶ Treinar o rebote ofensivo e defensivo em fase de aprofundamento
- ▶ Treinar os fundamentos realizados de forma sincronizada no mais alto nível de exigência em fase de aprofundamento
- ▶ Treinar o corta-luz em sincronia com os movimentos do jogo ataque e contra-ataque

em fase de aprofundamento

- ▶ Treinar situações de jogo de 2x1 e 3x2 com o corta-luz em movimento em fase de aprofundamento
- ▶ Treinar o sistema ofensivo e defensivo, individual em grupo e coletivamente em fase de aprofundamento da seguinte forma;- a) ofensiva;- contra sistemas individuais; contra sistemas por zona; ofensiva contra defesas pressionadas; em situações especiais de jogo e b) defensiva: por zona; individual; combinada; individual pressionada; pressionada por zona
- ▶ Treinar o contra-ataque em fase de aprofundamento;- numerado e de acordo com as situações defensivas

A proporção em percentagem do tempo de treinamento para a fase de aperfeiçoamento em relação aos métodos varia em cada categoria conforme a aprendizagem dos fundamentos básicos e sistemas defensivos e ofensivos. Por exemplo, para essa fase do jogo 5x5, recomenda-se utilizar 25% do tempo total dos treinamentos nesta fase. Já os jogos pré-desportivos, apenas 5% e os jogos situacionais 1x1 ao 5x4, mantêm-se entre 15%/20%, e os exercícios em circuito técnico-tático - analíticos em 1x0 - sincronizados 1+4, 1+1, 1+2, 1+3, agora é de 30%, e as avaliações e preparação teórica, mantêm-se em 5%/10%, deixando ainda para as situações especiais de jogo 10% do tempo total. Em relação às competições escolares e nos clubes, indica-se 10-12 competições no ano, sempre com objetivos de aprofundar os conhecimentos adquiridos anteriormente e dar continuidade aos valores educacionais em níveis superiores.

Ao finalizar as conclusões e as recomendações, afirma-se que só foi possível chegar a esses indicativos apoiado na extração das falas dos entrevistados e da literatura estudada nos diferentes meios de comunicação.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. B. **Basquetebol**. Rio de Janeiro: Sprint, 1998.

ARAÚJO, J. M. **Basquetebol: Preparação técnica e tática**. Porto: Editora Feirense da Federação Portuguesa, 1992.

ASTRAND, P. O. **Crianças e adolescentes**: desempenho, mensurações, educação. *In*: Revista Brasileira de Ciência do Movimento. Vol. 6, n.º 2, São Caetano do Sul, FEC do ABC, 1997.

BALBINO, H. F. **Jogos desportivos coletivos e os estímulos das inteligências múltiplas: Bases para uma proposta em Pedagogia do Esporte**. Dissertação de Mestrado, Campinas, 2001.

_____. H. F. **Pedagogia do treinamento: Método, procedimentos pedagógicos e as múltiplas competências do técnico nos jogos desportivos coletivos**. Tese de Doutorado, Campinas, 2005.

BARBANTI, V. **Treinamento físico**: bases científicas. São Paulo: CLR Baliero, 2001.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BARRETO H. **Ensino do basquetebol no ambiente de jogo**; Tendências atuais da investigação em basquetebol Faculdade de ciências do desporto Universidade do Porto, 2001.

_____. H. **Orientações para a aprendizagem situação crítica: defensor do atacante com bola**: novos horizontes para o treino do basquetebol. Portugal, Lisboa: FMH, 2000.

_____. H. GOMES, M. **A concretização de uma unidade didática em basquetebol**. Lisboa: IDAF, 1989.

BAYER, C. **O ensino dos desportos coletivos**. Paris: Vigot, 1994.

GRAÇA; TAVARES; OLIVEIRA; JANEIRA *In*.. **Ciências integradas na prática do desporto**. v. 2. FCDEF, p. 35-46. *In*: Graça; Tavares; Oliveira; Janeira. Perspectiva integrada e progressiva de formação de jogadores de basquetebol, 1991.

BERGAMO, V. R. **O perfil físico e técnico de atletas de basquetebol: contribuições para identificação e promoção do talento múltiplo em basquetebol feminino**- Tese de Doutorado, Unicamp- Campinas, 2003.

BOAS, M. S. V. **Basquetebol. Brincando e aprendendo: da iniciação ao aperfeiçoamento.** Maringá: Editora da Dental Press, 2004.

BÖHME, M. T. S. **O treinamento a longo prazo e o processo de detecção, seleção e promoção de talento.** Revista Brasileira de Ciência do Esporte. v. 21, n.2/3. p. 4-10, 2000.

BOMPA, Tudor O. **Treinamento total para jovens campeões.** 1.^a ed. São Paulo: Manole, 2002.

_____. **Periodização: teoria e metodologia do treinamento.** 4.^a ed. São Paulo: Phorte, 2002.

BORIN, J. P. **Explorando a intensidade de esforço em atletas de basquetebol, segundo tipos de fundamentos e posições:** estudo a partir de equipe infanto-juvenil do campeonato paulista de 1996. Dissertação de Mestrado, Unicamp- Campinas, 1997.

BOSC & GROSGEORG. **El treinador de Baloncesto conocimientos teóricos, tácticos y pedagógicos.** Himano Européia S/A, Barcelona España, 1981.

BOTA, I.; COLIBABA -EVULET, D. **Jogos desportivos coletivos:** teoria e metodologia. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

BRANDÃO, E., JANEIRA, A. M. **Guia do basquetebol em Portugal** Editora da FCDE _ UP, 2000.

BRONFENBRENNER, V. **Examining lives in context: Perspectives on the ecology of human development** (In: moen et al. eds) Washington American Psychological Association, 1995. 675 p. Cap. 18, p. 599-618.

BUNKER, D.; THORPE, R. **A model for the teaching of games in the secondary schools.** The Bulletin of Physical Education, 18:5-8, 1982.

CAMPBELL L. *et al.* **Ensino e aprendizagem por meio das inteligências múltiplas.** 2.^a ed., Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

CARDENÁS, D. **O processo de ensino da tática coletiva numa perspectiva construtivista.** Madri: Madri INEF, 2003.

CARDOSO, M. H. **II Basquetebol: da iniciação ao alto nível:** Jornada paranaense de Educação Física. Cetepar, Curitiba, 1987, Apostila xerocopiada.

CARDOSO, J, Antonio Maria M. **Basquetebol na escola.** Recife: Secretaria da Educação de Pernambuco, s.d.

CALATAUYD, F. **La defensa de ayuda em la iniciacion.** La formacion y el rendimiento

em baloncesto; II congresso Ibérico de baloncesto, Ed Godoy-copegraf, ISBN 846884222-2 Cáceres–Espanha, 2003, Anais.

CARMO, H. e FERREIRA, M. M,(1998) **Metodologia de Investigação – Guia para a Auto Aprendizagem**. Lisboa: Universidade Aberta, 1998.

CARVALHO, W. **Basquetebol: Sistemas de ataque e defesa**. Sprint: Rio de Janeiro, 2001.

CBB: **Confederação Brasileira de Basquetebol. Basquetebol de base** . www.cbb.br, 2006.

CONGRESSO . M. **O melhor basquetebol do mundo: 18 artigos dos melhores técnicos da década de 70/80** edições ISEF, 1978.

COSTA. M. P. **O fenômeno de abandono do contexto esportivo pelos atletas de basquetebol depois dos jogos da juventude de 1999**. Monografia de Graduação. Maringá, 2004.

COUTINHO. N. F. **Basquetebol na escola: da iniciação ao treinamento-** Editora Sprint- Rio de Janeiro, 2001.

CUSHION, C. **Re-thinking, teaching and coaching games**. The new P.E. & Sports Dimension. Department of Sport Sciences, Brunel University United Kingdom, 2002.

DAIUTO, M. **Basquetebol: Metodologia do Ensino**. São Paulo: Ed. Esporte e Educação, 1974.

DANTAS, E.H.M. **A prática da preparação física**. 4.^a edição, Rio de Janeiro: Editora Shape, 1995.

DARIDO, S. C., CHRISTOFOLETTI, J. **Análise do desempenho da jogadora Hortência: Aspectos desenvolvimentistas**. *In: XIX Simpósio Internacional de Ciências do Esporte: Saúde e Desempenho*. Anais... São Caetano do Sul-SP`, 1994, p. 197.

DELGADO. M.A. **Analisis de las concepciones o teorías implícitas del deport em três âmbitos diferenciados de practica del baloncesto**. La formacion y el rendimiento em baloncesto; II congresso Ibérico de baloncesto, Ed Godoy-copegraf, ISBN 846884222-2 Cáceres–Espanha, 2003, Anais.

DINIZ, J. A; **Estudo integrado das condições de aprendizagem e da intensidade das atividades do basquetebol nas aulas de educação física**. Dissertação de Mestrado . Universidade Técnica de Lisboa, 1997.

DINIZ, A. **O basquetebol paulista: análise crítico-pedagógica sobre sua iniciação** Dissertação de Mestrado . Universidade Estadual de Campinas, 2000.

DOOLITTLE, S.; & GIRARD, K. A dynamic approach to teaching games in elementary. P.E. Journal of Physical Education, Recreation and Dance, 62:57-62.

ELLIOTT. B, MESTER. J. **Treinamento no esporte**: aplicando ciência no esporte. Editora Phort, Guarulhos-São Paulo, 2000.

FERNANDEZ, M. Delgado, SAINZ, A. Gutierrez e GARZON, M. J. Castillo. **Treinamento físico-desportivo e alimentação: da infância á idade adulta**. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed, Paidotribo Editorial, 2002.

FERREIRA. A P.; FERREIRA, V.; PEIXOTO, C. E.; VALOSSOVITCH, A. **Gostar de basquetebol: ensinar a jogar e aprender jogando**. Editora da FMH Cru Quebrada Lisboa, 2004.

_____. A. P. **Ensinar os jovens a jogar**. a melhor solução da aprendizagem da técnica e da tática. Rev. Treino Desportivo. 20. p. 35-41. 2000.

FERREIRA, A.; DE ROSE, D. **Basquetebol: técnicas e táticas: uma abordagem didático-pedagógica**. São Paulo: EPU Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

FILIN, V.P. **Desporto juvenil**: Teoria e metodologia / Adaptação científica Antonio Carlos Gomes – 1.ª edição, Londrina: Centro de informações esportivas, 1996.

FORQUET. J. **Como se hacer um jogador de baloncesto**. Editorial Sintesis-Barcelona, 1972.

FRIGATO, R. P. D. **A importância da relação interpessoal entre professor-aluno, técnico atleta no processo de iniciação desportiva e treinamento universitário na modalidade desportiva Basquetebol**. Monografia de Graduação. F.E.F. Unicamp, Campinas, 2000.

GALATTI. R. L; **Pedagogia do esporte: discutindo o processo de ensino aprendizagem na modalidade basquetebol** Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação, Unicamp, Campinas-São Paulo, 2002.

GALLAHUE, D. L., OSMUN, J. C. **Understanding Motor development: Infants, Children, Adolescents, Adults**, Dubuque: BROWM & BENCHMARK PUBLISHERS, 1995, p. 570.

GARDNER, H. **Estruturas da mente: a teoria das inteligências múltiplas**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1994.

_____. **Inteligências múltiplas: a teoria na prática.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

_____. **Inteligências: um conceito reformulado.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

GARGANTA, J. **Para uma teoria dos jogos desportivos coletivos.** In: GRAÇA, A.; OLIVEIRA, J. (Eds). O ensino dos jogos desportivos coletivos. 1. ed. Porto: Universidade do Porto, 1995.

GARGANTA, J. **Para uma teoria dos jogos desportivos coletivos.** In: GRAÇA, A.; OLIVEIRA, J. (Eds.). O ensino dos jogos desportivos coletivos. 3. ed. Lisboa: Universidade do Porto, 1998.

GODOY, S. J. I.; GARCIA, M. M: **Novos horizontes para o treino do basquetebol.** Editora da FMH, Lisboa, 2002.

GOLEMAN, D. **Inteligência emocional.** Rio de Janeiro: Objetiva, 1994.

GOMES, A. C. **Treinamento Desportivo: Estruturação e periodização.** Porto Alegre: Artmed, 2002.

_____. TEIXEIRA, M. **Esportes: projeto de treinamento.** Londrina-PR: CID, 1997.

_____. **Treinamento Desportivo: Princípios, meios e métodos.** 1 ed. Londrina-PR: Editora Treinamento Desportivo, 1999.

GRAÇA, A.; OLIVEIRA, J. (Orgs.) **O ensino dos jogos desportivos.** Segunda edição Porto: Universidade do Porto, 1995.

GRAÇA, A.; OLIVEIRA, J. **O ensino do basquetebol.** In: GRAÇA, A.; OLIVEIRA, J. (Eds). O ensino dos jogos desportivos coletivos. Porto: Universidade do Porto, 1998.

GRANELL, J, CERVERA, V. R: **Teoria e planeamento do treinamento desportivo-** Editora Artmed – Porto Alegre, 2003.

GRECO, P. J.; BENDA, R. N. **Iniciação esportiva universal: da aprendizagem motora ao treinamento técnico.** Belo Horizonte: UFMG, 1998.

GRIFFIN, L. **Tactical approaches to teaching games: improving net/wall game performance.** Journal of Physical Education Recreation and Dance, 67:39-42.

GROSSER, M.; BRÜGGEMANN, P.; ZINTL, F. **Alto rendimento deportivo: Planificaci3n e Dessarollo.** Barcelona: Martinez Roca, 1989.

GUEDES, D. P., GUEDES, J. E. R. P. **Crescimento, composi3o corporal e desempenho motor de crian3as e adolescentes.** S3o Paulo: Balieiro, 1997.

HADICH, P. M. J. **O esporte no contexto escolar**. Trabalho de Conclusão de Curso em Ed. Física - Faculdade de Educação Física da Unicamp, Campinas, 1997.

HAHN, E. **Entrenamiento com niños**: teoria: práctica, problemas específicos. Barcelona: Martinez Roca, 1989.

HERCHER, W. **Basquetebol**. Editora Estampa, Lisboa, 1982.

[HTTP//www.efdeportes.com](http://www.efdeportes.com) Revista digital – Buenos Aires, Argentina, 2005.

JACKSON, P. **Sacred hoops: spiritual lessons of a hardwood warrior**. New York, NY. Hyperion, 1995.

KIRK, D. & MACPHIL. **Teaching fames for understand and situated learning**. Journal of Physical Education, 2002.

KIRKOV, D. V. **Entrenamiento del basquetebolista**. Buenos Aires: Stadium, 1984.

KONZAG, I. **A formação técnico-táctica nos jogos Desportivos Colectivos**. Revista Kinesis, n.º 10, p.45-49, 1992.

KRAUSE, J. **Coaching basketball**. Indianapolis, Indiana: Master Press.S/d

KREBS, R. J. **Da estimulação à especialização motora**. Revista Kinesis, n.º 9, pág. 29-44, 1992.

LA ROSA. A. F. **Treinamento desportivo: carga, estrutura e planeamento** - Editora Phort São Paulo, 2001.

LAKATOS, E. M. & Marconi, M. A. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo, Atlas, 1985.

LIMA. T. **Basquetebol : Saber treinar aprende-se**. Editora da CEFD, Lisboa, 2001.

_____. T. **Como que então quer ser treinador**: Basquetebol da aprendizagem a competição: Editora da CEFD, Lisboa, 2001.

LOPES. J. F. L. **Análise dos motives que levam crianças de até quatorze anos á pratica do basquetebol**: Monografia de Graduação, Maringá, 2003.

LUZ, N. **Manual do basquetebol**. Araçatuba, 1984.

MALINA, R. M. **Physical growth and biological maturation of young athletes**. Exercise and sport science reviews. v. 22, p. 389-433, 1994.

_____. R. M. BOUCHARD, C. **Growth, maturation, and physical activity.** Champaign: Human Kinetics, 1991.

MATVEEV, L. P. **Fundamentos del entrenamiento deportivo.** Madrid: Mir 1980

_____. L.P. **Treino desportivo: Metodologia e Planejamento,** F.M.U. Phorte Editora, Guarulhos, 1997.

_____. L.P. **Educação física escolar teoria e metodologia.** Grupo palestra sport. Rio de Janeiro, 1997.

MAHLO, F. **O acto táctico do jogo.** Lisboa, Compendiun, s/d.

MAHLO, F. **Los métodos generales de la formacion de la accion táctica.** Buenos Aires (1977).

MELHEM. A. **Brincando e aprendendo basquetebol.** Editora Sprint. Rio de Janeiro, 2004.

MESQUITA, J. **A pedagogia do treino a formação em jogos desportivos coletivos.** Lisboa: Livros Horizontes, 1997.

MICHEL, S. **tactical awareness as a developmentally appropriate focus for the teaching of games in elementary and secondary.** Physical Education, 51:21-28.

MONTAGNER, P. C. **Esporte de competição x Educação “O caso do Basquetebol”** Universidade Metodista de Piracicaba: Dissertação de Mestrado, 1993.

_____, P. C. **A formação do jovem atleta e a pedagogia da aprendizagem esportiva.** Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas , 1999

MOREIRA. A: **Basquetebol: sistema de treinamento em bloco – organização e controle:** Dissertação de Mestrado, Unicamp – Campinas, 2002.

MORENO, J. **Baloncesto y entrenamiento.** 2.ed. Barcelona: Paidotribo 1989

MUSCH. E. A.; MERTEND, B. **L’enseignement des sports collectifs: une conception élaborée à l’ISEP de 1.^a Université de Gand,** Révue de l’Education Phisique, 31, 7-20, 1991.

NAHAS, M. V. *et al.* **Crescimento e aptidão física relacionada à saúde em escolares de 7 a 10 anos – um estudo longitudinal.** Revista Brasileira de Ciência do Esporte. v. 14, n. 1, p. 7-17, 1992.

NASCIMENTO R.J. **Uso das tecnologias da informação e comunicação na formação de professores de educação física e desporto: Estudo experimental num modulo de basquetebol.** Tese de doutorado. Universidade técnica de Lisboa. Faculdade de Motricidade humana. 2003

OLIVEIRA, M. **Desporto de base.** São Paulo, 1998.

OLIVEIRA, P. R. **O efeito posterior duradouro de treinamento (EPDT) das cargas concentradas, investigação a partir de ensaio com equipe infanto-juvenil e juvenil de voleibol:** Tese de Doutorado, Campinas, 1997.

_____. P. R. ARRUDA, M. **Crescimento, desenvolvimento e aptidão física.** Campinas, São Paulo: CODESP, 2000.

OLIVEIRA. J. C. **O ensino do basquetebol: gerir o presente ganhar o futuro:** Editora Caminho, Lisboa, 2001.

OLIVEIRA.V. Paes. R. R **O processo do desenvolvimento do talento:** O caso do basquetebol. XII Congresso Brasileiro de Ciência do Esporte, Caxambu, Anais... p. 198. 2001.

_____. V. **O processo de ensino dos jogos desportivos coletivos: um estudo acerca do basquetebol.** Dissertação (Mestrado) Mestrado em Educação Física, Unicamp, 2002.

_____. V. Paes. R. R **O processo do desenvolvimento do talento:** um estudo no basquetebol, Arquivo Ciências da Saúde Unipar 7 (1) Jan/abril, Umuarama-Paraná, 2003a.

_____. V. Paes. R. R [http// www.pedagogiadobasquete.com.br](http://www.pedagogiadobasquete.com.br) desenvolvido em Maringá-Paraná pela K2 comunicação, 2003b.

_____. V. Paes. R. R **Iniciação em basquetebol dos atletas brasileiros que disputaram o mundial nos Estados Unidos em 2002** La formacion y el rendimiento em baloncesto; II congresso Ibérico de baloncesto, Ed Godoy-copegraf, ISBN 846884222-2 Cáceres–Espanha, 2003c, Anais.

_____. V. Paes. R. R **Treinamento dos atletas brasileiros: reflexos no mundial dos Estados Unidos em 2002** La formacion y el rendimiento em baloncesto; II congresso Ibérico de baloncesto, Ed Godoy-copegraf, ISBN 846884222-2 Cáceres-Espanha, 2003d, Anais.

_____. V. Paes. R. R **Ciência do Basquetebol:** pedagogia da iniciação a especialização Editora Midiograf, Londrina-Paraná, 2004a.

_____. V. Paes. R. R **Preparação física no Basquetebol:** pedagogia da iniciação a especialização Editora Midiograf, Londrina-Paraná, 2004b.

_____. V. Paes. R. R **Pedagogia da iniciação esportiva: um estudo sobre os jogos desportivos coletivos**, revista digital www.efdeportes.com ano 10 n 71 abril, Argentina, 2004c.

_____. V. Paes. R. R **Treinamento dos atletas do Brasil; reflexos no mundial dos Estados Unidos de 2002** revista digital www.efdeportes.com ano 10 n 77 abril, Argentina, 2004d.

_____. V. Paes. R. R. **A pedagogia do esporte repensando o treinamento técnico e tático nos jogos desportivos coletivos**. Pedagogia do esporte: contextos e perspectivas Editora Guanabara koogan, Rio de Janeiro, 2005.

PAES, R. R. **Aprendizagem e competição precoce: “O caso do Basquetebol”**, Universidade Metodista de Piracicaba: Dissertação de Mestrado, 1989.

_____. R. R. MONTAGNER, P. C. **Apostila de Basquetebol**. Faculdade de Educação Física da Unicamp, 1998.

_____. R. R. **Aprendizagem e competição precoce: o caso do basquetebol**. Campinas: Ed. da Unicamp, 1996.

_____. R. R. **Esporte competitivo e Espetáculo esportivo: Fenômeno esportivo e o III Milênio**. Piracicaba, Unimpep, p. 33-39. 2000.

_____. R. R. **A periodização no treinamento desportivo**. 1.^a ed. São Paulo: Manole, 2001.

_____. R. R. **Educação Física Escolar: o esporte como conteúdo pedagógico no ensino fundamental**. Canoas: Ed. ULBRA, 2001.

_____. R. R. **Esporte Educacional**. I, II Congresso Latino Americano de Educação Motora. Anais... p. 109-113, Foz do Iguaçu, 1998.

PRIMO, J. C. **Baloncesto la defensa**. Barcelona: Ediciones Martínez Rola, 1986.

RINALDI. I. P. B. **A ginástica como área de conhecimento na formação profissional em educação física: encaminhamentos para uma reestruturação curricular**- Tese de Doutorado, Unicamp- Campinas, 2005.

SCHIMIDT, R. A. **A aprendizagem motora**. São Paulo: Movimento, 1993.

_____. WRISBERG, C. A. **Aprendizagem e performance motora: uma abordagem da aprendizagem baseada no problema**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

SMITH, D. **Baloncesto, ataques y defensas múltiples**. Madrid: Editora Pia Tereña, 2001.

SMITH, D. **Multiple offense and defense**. New Jersey, NJ. Prentice Hall. 2001.

TANI, G. **Aspectos básicos do esporte e a Educação Motora**. I, II Congresso Latino Americano de Educação Motora. Anais... 115-123, Foz do Iguaçu, 1998.

_____. *et al.* **Educação Física Escolar: Fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista**. São Paulo: EPU, 1998.

TANNER, J. M. **Crescimento físico**. In: CARMICHAEL, L.; MUSSEN, P.H. Manual de psicologia da criança. São Paulo: Edusp, v.1: Bases biológicas do desenvolvimento, 1975.

TAVARES, F.; FARIA, R. **A capacidade de jogo como pré-requisito do rendimento para o jogo**. De Thies 1986 e Shallenberger 1990. Portugal: Centro de estudos em jogos coletivos FCDEF, 1996.

TAVARES, F.; JANEIRA, M. A.; GRAÇA, A.; PINTO, D.; BRANDÃO, E. **Tendências actuais da investigação em basquetebol**, Editora da UP, Porto, 2001.

TEIXEIRA, E. R. K. S. **Estudo sobre o treinamento das capacidades físicas para o basquetebol feminino**: Uma proposta teórica: Monografia de Graduação, Londrina, 2003.

TEODORESCU, L. **Problemas de teoria e metodologia nos jogos desportivos**. Lisboa: Livros Horizonte, 1984.

THOMAS, J. NELSON, J. K. **Métodos de pesquisa em atividade física**: Trad. Ricardo Petersen. 3. ed. – Porto Alegre: Artmed, 2002.

TRIVINOS, A. N. D. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**. 1987.

UGRINOWISTCH, C. **American Sport Education program**: ensinando basquetebol para jovens. 2.^a ed., São Paulo, 2000.

VENDRAMINI, A. C. **Projeto pedagógico de iniciação esportiva do Centro de Excelência de Basquetebol do Paraná**: Apostila do Curso de Mestrado; Disciplina de Pedagogia do Esporte, Campinas, 2002.

VIDAL, Ary. **Basquetebol para vencedores**. Porto Alegre: Rigel, 1991.

VIEIRA, J. L. L. **O processo de abandono de talentos do atletismo do estado do Paraná: Um estudo orientado pela teoria dos sistemas ecológicos**: Tese de Doutorado, Santa Maria, 1999a.

VIEIRA, L. F. **O processo de desenvolvimento de talentos paranaenses do atletismo: Um estudo orientado pela teoria dos sistemas ecológicos**: Tese de Doutorado, Santa Maria, 1999b.

WEINECK, J. **Biologia do esporte**, Editora Manole, São Paulo, 1991.

_____ **Treinamento ideal**. São Paulo: Ed. Manole, 1999.

WISSEL, H. **Baloncesto – aprender y progressar**. Barcelona: Paidotribo, 1998.

WOODEN, J. **They call me coach**. John Wooden. Chicago, Illinois: Contemporary Books Inc., 1988.

ZAKHAROV, A. **A ciência do treinamento desportivo/ Adaptação técnica** Antonio Carlos Gomes, 1.^a edição, C.J. Grupo palestra sport, 1992.

ANEXOS

ANEXO I

NORMAS GERAIS DE TRANSCRIÇÃO (OLIVEIRA, 1998)

- pausa (exceto a que recebe outra marcação): ...
- quebra do fluxo textual: /
- comentário paralelo: - -
- alongamento silábico: ``
- entonação enfática: **MAIÚSCULA**
- interrogação: ?
- fragmento incompreensível: ()
- suposição de audição: (**palavra**)
- comentário do transcritor, com indicação de tosse, risos, voz, etc: (())
- turno assaltado ou interrompido: (.....)
- citação de fala de outro ou estrangeiro: “ ”
- sobreposição de fala: palavra
- entonação, admitindo-se combinações: ►
- siglas e iniciais de nomes próprios: **MAIÚSCULA**

Restam, ainda, as seguintes observações

- repetições em análise, encontram-se negritadas;
- números são transcritos por extenso;
- não se usa ponto final ou de exclamação, os dois pontos, o ponto e a vírgula são marcados genericamente pela pausa
- não se marca o ritmo da frase;
- formas ouvidas como né e pra foram admitidas e mantidas;
- omite-se a identidade dos informantes como o uso da inicial de cada um deles: P distinguem-se os pontuadores discursivos: *eh* (fático), *e* (aditivo) e *é* (continuativo);
- os marcadores conversacionais transcrevem-se em posição central.

ANEXO II

MATRIZ ANALÍTICA DA ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

Categoria	indicadores	elementos	informações	questões
Processo de iniciação no basquetebol	1. Fase de conhecer o jogo de basquetebol	Pré-mini	Conteúdos e métodos pedagógicos	Onde? Qual? Quais? Por quê?
	2. Fase aprender os sistemas e os fundamentos do basquetebol	Mini Mirim	Conteúdos e métodos pedagógicos	O quê? Como?
	3. Fase de automatizar e refinar a aprendizagem e aprender novos conteúdos do basquetebol	Infantil	Conteúdos e métodos pedagógicos	
Processo de especialização no basquetebol	1. Fase de aperfeiçoamento inicial	Infante e cadete	Conteúdos, Métodos pedagógicos	Onde? Qual? Quais?
	2. Fase de Aprofundamento	Juvenil e Sub-21	Conteúdos e métodos pedagógicos	Por quê? O quê? Como?

Fonte: Adaptado de Vieira, (1999).

ANEXO III

ROTEIRO DA ENTREVISTA COM OS TÉCNICOS E PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS DO BASQUETEBOL BRASILEIRO

Rol de perguntas para os técnicos e professores universitários de basquetebol sobre a etapa de iniciação (aprendizagem do basquetebol)

1) Em relação ao ensino dos fundamentos técnicos do basquetebol.

Em sua opinião, para a etapa de iniciação às categorias pré-mini, mini, mirim e infantil

Roteiro

Quais conteúdos devem ser ensinados?
Por que devem ser ensinados esses conteúdos?
Quais métodos devem ser utilizados?
Por que a utilização desses métodos?

2) Em relação ao ensino dos sistemas defensivos do basquetebol.

Em sua opinião, para a etapa de iniciação às categorias pré-mini, mini, mirim e infantil

Roteiro

Quais conteúdos devem ser ensinados?
Por que devem ser ensinados esses conteúdos?
Quais métodos devem ser utilizados?
Por que a utilização desses métodos?

3) Em relação ao ensino dos sistemas ofensivos do basquetebol.

Em sua opinião, para a etapa de iniciação às categorias pré mini, mini, mirim e infantil

Roteiro

Quais conteúdos devem ser ensinados?
Por que devem ser ensinados esses conteúdos?
Quais métodos devem ser utilizados?
Por que devem ser utilizados esses métodos?

Rol de perguntas para os técnicos e professores universitários de basquetebol sobre a etapa de especialização (preparação dos atletas)
--

1) Em relação ao treinamento dos fundamentos técnicos do basquetebol.

Em sua opinião, para as categorias infante, cadete, juvenil, sub-21 e adulto.

Roteiro

Quais conteúdos devem ser treinados?
Por que devem ser treinados esses conteúdos?
Quais métodos devem ser utilizados para treinar esses conteúdos?
Por que devem ser utilizados esses métodos?

2) Em relação ao treinamento dos sistemas defensivos do basquetebol.

Em sua opinião, para as categorias infante, cadete, juvenil, sub-21 e adulto.

Roteiro

Quais conteúdos devem ser treinados?
Por que devem ser treinados esses conteúdos?
Quais métodos devem ser utilizados para treinar esses conteúdos?
Por que devem ser utilizados esses métodos?

3) Em relação ao treinamento dos sistemas ofensivos do basquetebol.

Em sua opinião, para as categorias infante, cadete, juvenil, sub-21 e adulto.

Roteiro

Quais conteúdos devem ser treinados?
Por que devem ser treinados esses conteúdos?
Quais métodos devem ser utilizados para treinar esses conteúdos?
Por que devem ser utilizados esses métodos?

ANEXO IV
MATRIZ ANALÍTICA DOS DADOS DOS PROFESSORES
MESTRES E DOUTORES DAS UNIVERSIDADES
BRASILEIRAS

Professores Mestres e Doutores	Nom e	Fon e	Profissã o	Formação Acadêmica	Universidad e atual	Publicaçã o Nacional	Publicação Internaciona l
P1							
P2							
P3							
P4							
P5							
P6							
P7							
P8							
P9							
P10							
P11							

ANEXO V
MATRIZ ANALÍTICA DOS DADOS DOS TÉCNICOS
RENOMADOS DO BASQUETEBOL BRASILEIRO

Técnicos	Nome	Fone	Profissão	Formação Acadêmica	Título nacional	Título internacional mais relevante
T1						
T2						
T3						
T4						
T5						
T6						
T7						
T8						
T9						
T10						
T11						

ANEXO VI

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Normas de Pesquisa envolvendo Seres Humanos:

Resolução 196/96 - Conselho Nacional de Saúde.

In: Ministério da Saúde/Fundação Nacional da Saúde.

Informe Epidemiológico do SUS. Suplemento 3, ano V, n. 2 abril a junho, 1996.

Projeto – “A pedagogia do esporte discutindo o processo de iniciação e preparação do atleta do desporto coletivo- basquetebol”

Pesquisadores: Prof. Ms Valdomiro de Oliveira e Prof. Dr. Roberto Rodrigues Paes.

Eu, _____, RG _____,
residente na cidade _____ Estado _____ no
e n d e r e ç o
_____ Bairro _____

tenho pleno conhecimento que as informações colhidas a meu respeito poderão ser utilizadas para investigações referentes à preparação de atletas de basquetebol. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, para elaboração de Tese de Doutorado, feita através de entrevista semi-estruturada para que os pesquisadores possam discorrer sobre o assunto acima declarado. Os procedimentos para a aplicação da pesquisa envolvem:

- i) Participação do sujeito na entrevista, com respostas abertas a perguntas previamente elaboradas.

Considero-me suficientemente informado do tema que envolve a pesquisa. Declaro concordar em dar informações a meu respeito, sabendo que está garantido o esclarecimento do que quer que julgue necessário a respeito e que receberei cópia deste termo. Declaro permitir a divulgação de meu nome como sujeito da pesquisa, na condição de que estará assegurado o sigilo pessoal quanto aos dados obtidos, na omissão da autoria específica das respostas, não sendo associado meu nome de maneira direta às mesmas, bem como a liberdade de recusar a participar ou retirar o consentimento, em qualquer momento, sem penalização e prejuízo.

Assinatura

____/____/____
Data

Em caso de dúvida, recusa ou reclamação recorrer a:

Prof. Ms. Valdomiro de Oliveira ou Prof. Dr. Roberto Rodrigues Paes

Faculdade de Educação Física – Unicamp

Fone (19) 3788 6601

Comitê de Ética em Pesquisa – FCM/Unicamp Fone (19) 3788-8936

ANEXO VII
CARTA EXPLICATIVA E SOLICITAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO
PARA REALIZAÇÃO DE PESQUISA ENCAMINHADA À
CONFEDERAÇÃO DE BASQUETEBOL

Senhor Edio Alves, Supervisor Geral da CBB;

Venho através dessa comunicação solicitar de Vossa Senhoria e da Presidência da CBB a autorização para entrevistar os técnicos das seleções brasileiras femininas e masculinas do Brasil, para conclusão de uma Tese de Doutorado na Unicamp. O objetivo da pesquisa é desenvolver um material didático pedagógico para o ensino e a preparação dos atletas de basquetebol no Brasil para as competições nacionais e internacionais no que diz respeito à preparação física, técnica, tática e psicológica em diferentes faixas etárias, bem como nos diferentes cenários de ensino do basquetebol por todo o Brasil. A minha tese é que: Se a academia ou a universidade elaborar um material didático pedagógico para ensinar e treinar o basquetebol com a ajuda dos treinadores de elite, com certeza as universidades e os treinadores de todo o Brasil serão beneficiados pela junção da teoria e da prática. Os meios de divulgação seriam, além da tese, o site www.pedagogiadobasquete.com.br bem como o site da CBB, além de artigos e até um livro didático, no qual constará o nome de todos os técnicos participantes e do apoio da CBB. No anseio de iniciarmos o projeto o mais rápido possível, aguardamos a autorização dos senhores

Professor Mestre Valdomiro de Oliveira e Professor Doutor Roberto Rodrigues Paes

ANEXO VIII
CARTA EXPLICATIVA AUTORIZANDO A REALIZAÇÃO DA
PESQUISA CONCEDIDA PELA CONFEDERAÇÃO DE
BASQUETEBOL

Prezado Senhor Valdomiro

Em resposta, informamos que a CBB não se opõe à pretensão de Vossa Senhoria. Contudo, há que se respeitem as disponibilidades dos membros da Comissão Técnica, os quais terão toda a liberdade para decidir como melhor atender aos interesses de seu trabalho de Tese de Doutorado.

Sem mais no momento,
Saudações

Edio José Alves
Secretário Geral
Confederação Brasileira de Basketball

